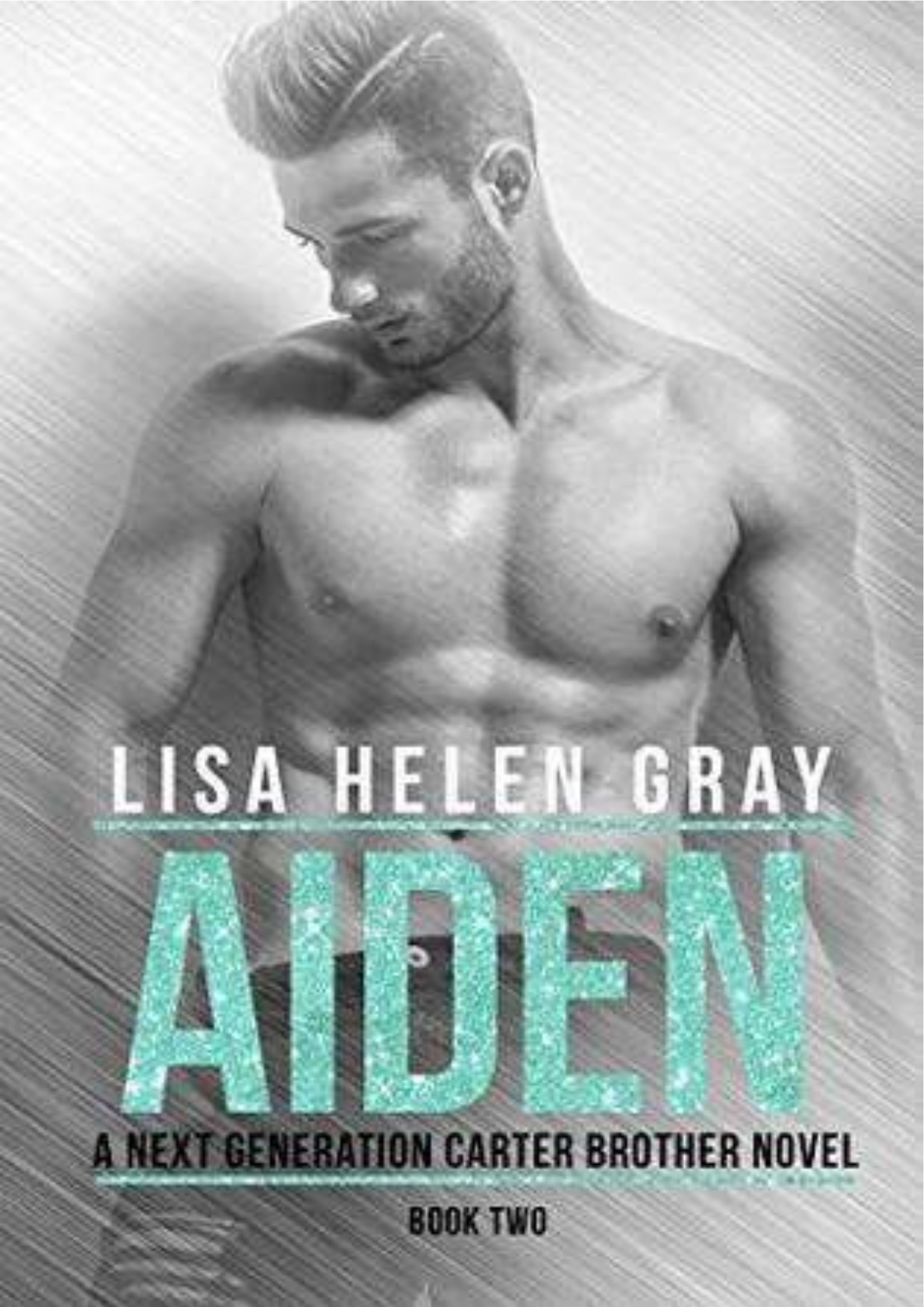




LISA HELEN GRAY

AIDEN

A NEXT GENERATION CARTER BROTHER NOVEL

BOOK TWO





PEGASUS LANCAMENTOS
APRESENTA

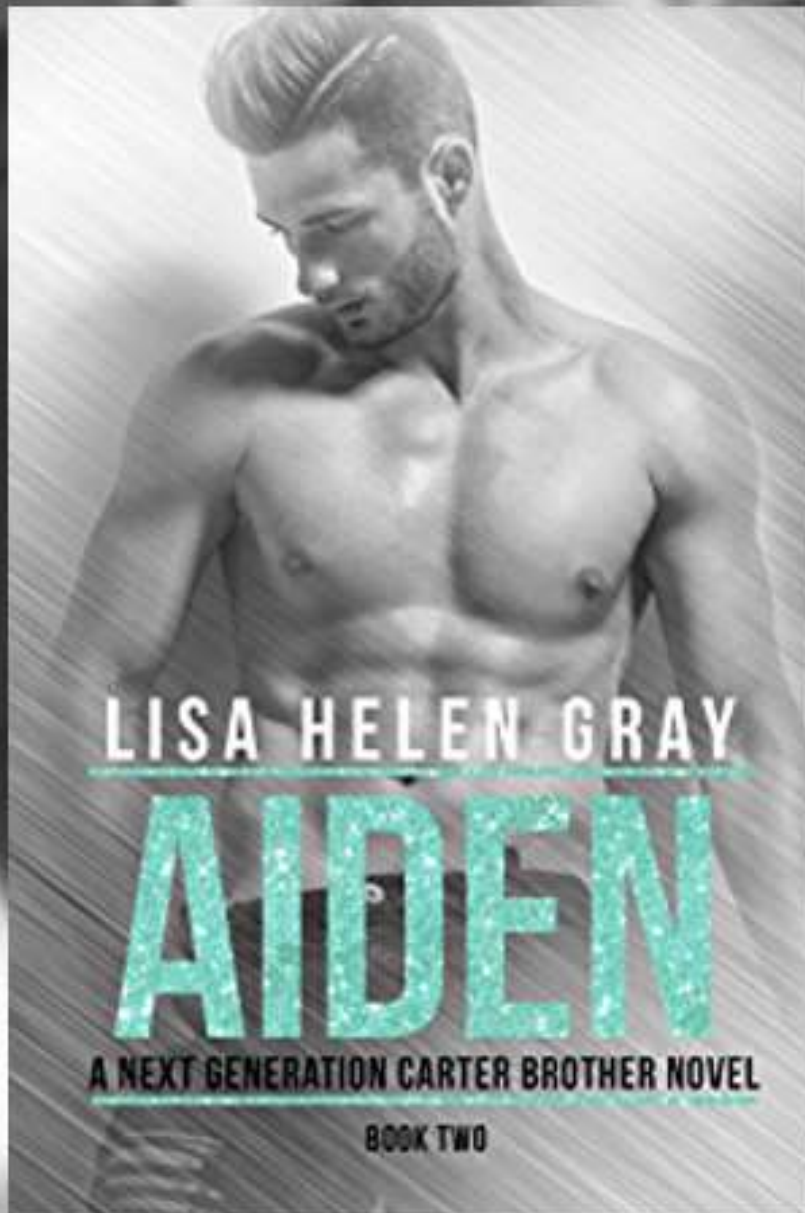
LISA HELEN GRAY

AIDEN

A NEXT GENERATION CARTER BROTHER NOVEL #2



A NEXT GENERATION CARTER BROTHER NOVEL



A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização, converse com a moderação.

Se você gosta dos livros do PL ajude!! Quem gosta, respeita nosso grupo!

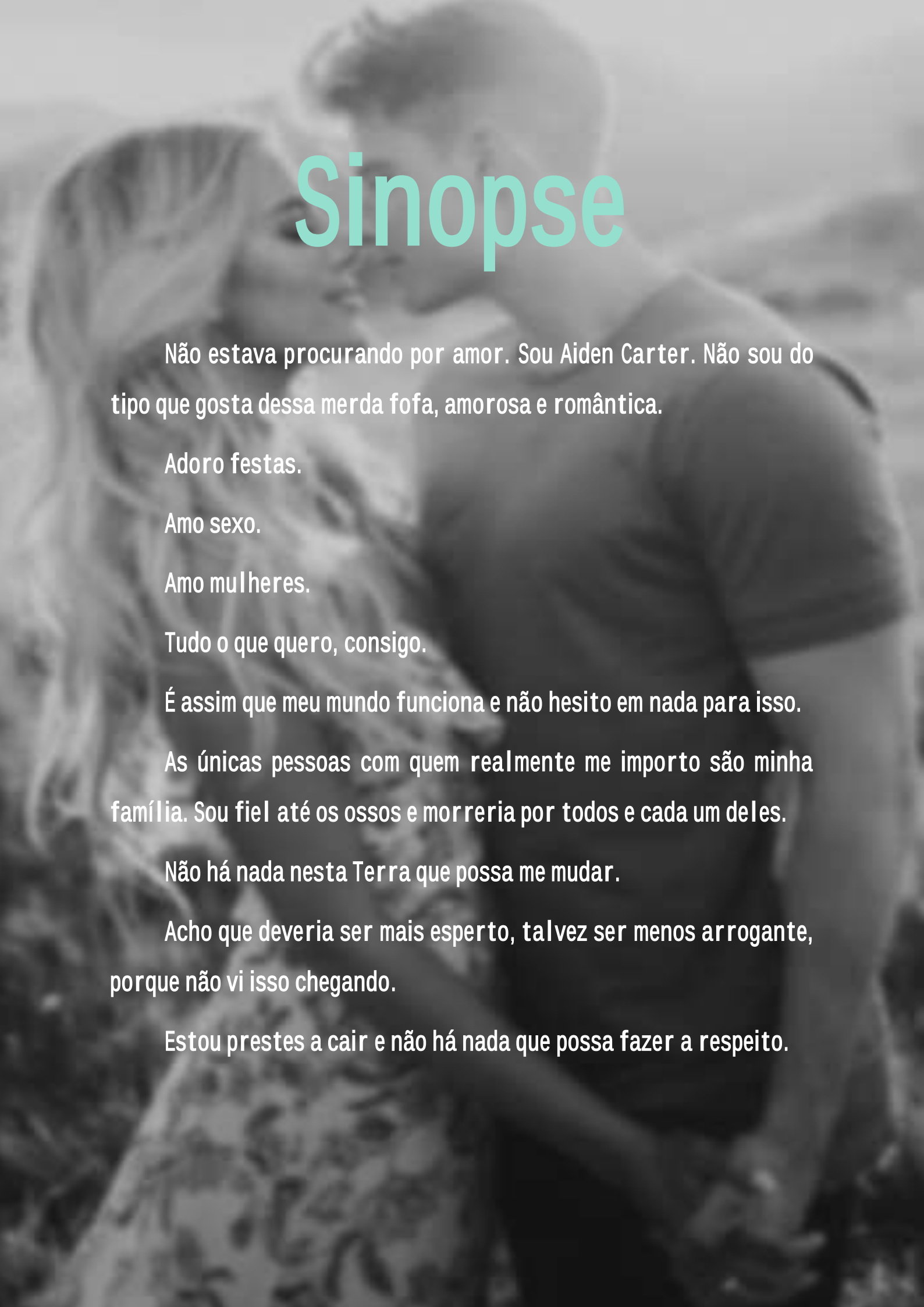
Não publique diretamente no Face, não expondo o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro no idioma original



PEGASUS LANÇAMENTOS



Sinopse

Não estava procurando por amor. Sou Aiden Carter. Não sou do tipo que gosta dessa merda fofa, amorosa e romântica.

Adoro festas.

Amo sexo.

Amo mulheres.

Tudo o que quero, consigo.

É assim que meu mundo funciona e não hesito em nada para isso.

As únicas pessoas com quem realmente me importo são minha família. Sou fiel até os ossos e morreria por todos e cada um deles.

Não há nada nesta Terra que possa me mudar.

Acho que deveria ser mais esperto, talvez ser menos arrogante, porque não vi isso chegando.

Estou prestes a cair e não há nada que possa fazer a respeito.

CAPÍTULO UM

Aiden

A vida tem um jeito de derrubá-lo e ter certeza de que você acertou todas as pedras pelo caminho. Algumas horas atrás, meu maior problema era fazer os pedreiros da minha vizinha pararem de trabalhar e dar à minha ressaca uma chance de se recuperar.

Mas então um telefonema mudou minha vida para sempre. Nada mais seria o mesmo.

Por quê?

Porque sou pai.

Algo que não sabia até que o médico me ligou e disse que eu tinha uma filha, que a mãe morreu durante o parto e que precisava ir ao hospital para buscá-la. Como se estivesse me pedindo para pegar um pacote.

Tudo isso me trouxe ao presente, onde perdi a noção de quanto tempo fiquei sentado no gramado da frente da vizinha, imaginando o que faria com um bebê.

Um bebê.

Eu não sabia nada sobre criar um bebê. Estou surtando agora. Minhas irmãs poderiam me ajudar, foram babás quando adolescentes e Lily é professora.

Alguém limpa a garganta, mas não viro a cabeça.

— Sinto muito, mas você está bem?

A voz é suave, quase angelical e me pergunto se estou sonhando. Isso deve ser um sonho, porque não posso ser pai. Fiz dezenove anos a apenas cinco minutos. Tenho muito a fazer antes mesmo de pensar em crianças. Não há como cuidar de uma, quanto mais criá-la.

A voz angelical sussurra na minha cabeça mais uma vez. — Você está sentado em um canteiro de urtigas.

Quero gritar e dizer a ela que tenho problemas maiores para me preocupar, mas não consigo virar, não posso me forçar a falar.

— Por favor... você está bem? Pode me olhar?

Pneus trituram o cascalho antes que o som pare. Uma porta abre, em seguida passos ecoam pelo jardim.

Não quero isso. Tudo com que precisei me preocupar quando acordei essa manhã foi tirar a mulher da minha cama e conseguir um pouco de paz e tranquilidade para que pudesse voltar a dormir.

— Aiden. — Ouvindo a voz da minha mãe, olho para cima. Ela corre até mim, seu rosto tenso com preocupação e seus olhos vidrados. — Está tudo bem, nós estamos com ele.

Minha vizinha deve ter saído, porque alguns instantes depois ouço a porta fechar. Olho para meu pai e hesito com sua expressão. Em vez de mostrar a mesma preocupação que minha mãe está sentindo, sua expressão é assassina e sei que estou prestes a receber um sermão sobre como sou estúpido e imaturo.

Não há nada que ele diga que possa me fazer piorar.

— Aiden, venha, precisamos ir ao hospital.

Levanto-me com as pernas trêmulas e me viro para olhar minha mãe nos olhos.

— Sou pai. Não posso ser pai. O que devo fazer?

Antes que ela possa falar, meu pai está me sacudindo parecendo pronto para dar um soco no meu rosto. Eu não posso culpá-lo. Estraguei tudo. E quando um Carter se atrapalha, estragam tudo muito bem.

— Você vai ao hospital pegar sua filha e levá-la para casa. Irá criá-la, cuidará dela, a amará e terá certeza de que não lhe faltará nada. Você se meteu nisso, garoto, com certeza fará o certo por ela. É apenas um bebê.

Ele me empurra para trás e pisco, notando pela primeira vez que estou chorando.

— Eu sei que ela é. Sei que errei, mas não sei nada sobre bebês. Você não pode ficar com ela?

Mamãe suspira, mas meu pai? Sim, ele parece chateado e não me incomoda em esquivar quando seu punho acerta o lado do meu queixo. Eu mereço.

— Você é um homem de merda, Aiden. Nós não vamos mais consertar seus erros. Está sozinho com este. Ajudaremos da melhor forma possível, mas você é responsável por um pequeno ser humano agora. — Ele passa os dedos pelos cabelos olhando para o céu como se procurasse por respostas.

— Eu sei. — Sussurro esfregando meus olhos. Nunca choro e Landon colocando pimenta na minha bebida não conta. Aquela merda foi quente.

— Vamos para o hospital. Então, podemos começar de lá. — Diz minha mãe.

Eu concordo me movendo até ficar ao seu lado.

— Eu nem tenho nada para ela.

Meu pai me ouve e suspira.

— Podemos passar na Mother Care no caminho de casa. Liguei para Maddox e pedirei que traga sua caminhonete.

Eu gemo, passando a mão pelos meus cabelos. — O que eu devo dizer a eles?

Meu pai me dá um olhar duro.

— Que você fodeu e que isso é o que acontece quando não se cuida. Tenho certeza que depois de ouvirem, pensarão duas vezes antes de pular na cama com uma estranha.

Mamãe dá um olhar de aviso ao pai antes de se virar para mim. Sua expressão suaviza quando esfrega meu ombro. — Por que você não pega uma camisa e nos encontra no carro?

Eu olho para meu peito nu. Porra, estou tão feliz que a garota desta manhã já tenha saído. Assim mamãe pode conversar com papai sobre a minha situação.

Assentindo novamente, sigo em direção às escadas que levam ao meu apartamento, quando a mão do meu pai me impede. Ele parece despedaçado, ferido.

— Sinto muito por bater, Aiden. Apenas não queria isso para você. Queria que todos vocês trabalhassem em suas carreiras, viajassem. Não queria isso, mas aconteceu.

Acaricio seu ombro dando-lhe um pequeno sorriso. Meu pai nunca colocou a mão em nenhum de nós, nem mesmo quando nos metemos em encrenca fazendo coisas idiotas que poderiam nos matar. Sim, recebemos uns tapas na cabeça algumas vezes, Maddox mais do que os outros. Nosso pai gritando era o suficiente para ouvirmos e obedecermos. Na maioria das vezes.

Então, eu sei que quando me bateu, foi por medo, não por ódio. Além disso, o vi bater de verdade em alguém e sei que agora ele se segurou. A última vez que socou alguém, foi para valer. O cara mereceu por beliscar a bunda da minha mãe. Mas essa é outra história.

— Tudo bem, pai. Eu sabia que esta não seria a melhor notícia para você receber. Volto em um minuto.

Minhas palavras saem com um suspiro no final quando ele me puxa para um abraço batendo nas minhas costas.

— Você conseguirá fazer isso. Ajudaremos, mas ela é sua filha, não nossa.

Aceno novamente, ainda me sentindo entorpecido pela revelação e subo as escadas.

*** **

O som de bebês recém-nascidos gritando ecoa pelo corredor enquanto o médico nos leva a um quarto particular.

Meus pais ficam comigo, mas parece um borrão. E se não fosse pela minha forte dor de cabeça e estômago revirando, pensaria que estava na cama, em casa, sonhando.

— Sentem-se.

Nós sentamos, a cadeira range sob meu peso. Quando estou acomodado, olho diretamente para o médico careca e vou direto ao ponto.

— Como sabe que ela é minha? Eu nunca fiz um teste de DNA.

Piedade enche seus olhos quando ele clica em seu computador.

— Acompanhei a Srta. Giles desde o começo de sua gravidez. Sabia que poderia haver várias complicações durante o parto, então ela planejou com antecedência para garantir que seu bebê tivesse um lar. Ela disse que pegou uma escova de dentes sua, está no arquivo. No teste que fizemos, o DNA dessa escova revelou uma compatibilidade. Bem, se quiser outro teste de DNA, podemos fazer hoje. No entanto, você foi listado como seu contato de emergência e como pai do bebê.

Esfrego meu rosto sentindo os pelos ásperos no meu queixo não barbeado. Minha mente nublada ao som da voz da minha mãe e meu pai fazendo perguntas, logo viaja de volta para quando Casey apareceu na minha porta. Lembro de ter perdido a escova de dentes naquela noite. Tenho uma tendência a andar por aí

enquanto escovo os dentes, se estou com pressa e largá-la em qualquer lugar.

— Ela?

Balanço a cabeça e olho para o meu pai, lágrimas enchendo meus olhos. Não posso deixá-las cair, não agora, não na frente de um estranho.

— Sinto muito, o que?

Ele descansa a mão no meu ombro, apertando suavemente.

— Ele nos levará para ver o bebê e fazer um teste de DNA. É apenas um cotonete.

Aceno ficando de pé e esfregando minha mão suada na perna. Minha mãe pega minha outra mão enquanto saímos da sala.

Sei que deveria perguntar o que perdi, o que falaram, mas no momento, estou fazendo tudo o que posso para não hiperventilar. Estou prestes a conhecer minha filha. Meu bebê.

O médico abre uma cortina e no segundo que faz isso, meus olhos se concentram no bebê chorando, chutando em uma pequena cama. Ela está vestida com um conjunto rosa e um gorro que parece grande demais para sua cabeça.

Caminho em direção a ela e antes que saiba, estou de pé na frente do berço. No segundo em que a olho sei que é minha.

Ela tem meu nariz, a mesma cor e forma dos meus olhos e até tem uma cabeça com cabelos castanhos escuros. Ela é linda e por alguns momentos, não consigo respirar. Ela é

minha. Realmente minha. Meu coração explode, cheio de emoção. Essa linda menina é minha.

É demais e quase caio de joelhos quando eles cedem, mas felizmente meu pai está lá para me pegar. Ele me segura, apoiando-me contra o peito enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Ela é tão pequena. — Falo olhando para minha filha.

Meu pai ri dando tapinhas nas minhas costas. — Ela tem pulmões fortes, com certeza.

— Está com fome. Você gostaria de fazer isso?

Eu me viro para a enfermeira que não percebi chegar e aceno com a cabeça, minha garganta inchando.

— Sente-se e a pegarei para você.

Minha bunda pousa na única cadeira no pequeno cubículo e sem tirar os olhos dela, vejo a enfermeira carregá-la.

Eu a seguro em meus braços como vi em filmes. Estou tremendo muito, com medo de machucá-la, mas no momento em que está em meus braços, nada mais importa. Faria qualquer coisa para protegê-la, para mantê-la segura.

Ela parece perdida, tão pequena e rosada contra meus braços. E se acalma, seus olhos se abrem maravilhados, seu corpo se acomodando contra o meu com algumas fungadas. O amor que sinto por ela já é intenso. Eu a conheço há dois minutos e já é dona de mim.

A enfermeira me entrega uma pequena garrafa de vidro, o bico parece grande demais para o meu bebê.

— Isso a sufocará. — Digo.

A enfermeira ri, mas estreito meus olhos nela que fica séria.

— Tudo ficará bem, juro. Apenas esfregue o bico contra o lábio inferior e ela fará o resto.

Não acreditando, olho para minha mãe. Está chorando baixinho e quando percebe que estou olhando, esperando por sua aprovação, ela concorda. — Está tudo bem, Aiden. Juro.

Não há ninguém em quem confie mais do que minha família, então faço como a enfermeira instruiu e observo como minha garotinha suga como se não tivesse sido alimentada antes.

Papai ri de pé ao meu lado, dando uma olhada melhor.

— Ela com certeza está com fome.

— Puxou ao pai. — Sussurro ainda espantado que esse pequeno ser é meu.

— E ao avô. — Mamãe acrescenta antes de rir.

Papai ofega. — Oh, meu Deus, eu sou um avô. Sou muito jovem para ser avô.

— Cale a boca. — Mamãe fica mais perto, sua voz baixa para não perturbar a bebê. — Ela é tão linda, Aiden. E você é natural.

Eu olho de volta para minha garota, sorrindo. — Eu não sei sobre isso, ela parece fazer tudo sozinha.

— Eu sairei para ver onde Mason está.

Minha cabeça se agarra a isso. — Você pode lhe pedir um cobertor? Talvez rosa? As mãos dela estão um pouco frias.

— Eu posso fazer isso.

— E talvez roupas. Ela tem uma mancha no peito.

Papai ri, seus olhos ternos e não mais cheios de raiva como estavam.

— Eu também farei isso. Compraremos o restante amanhã. Hoje, podemos apenas pegar o essencial, ok?

— Sim.

— Qual é o nome dela? — Pergunta mamãe, que ainda está se movimentando pela sala.

Ela olha para a enfermeira esperando uma resposta à sua pergunta, tristeza enchendo seus olhos.

— A mãe faleceu antes que pudéssemos conseguir um nome. Ela nunca mencionou um antes também, então deixamos em branco.

— A família dela foi informada?

Antes que possa contar à minha mãe, a enfermeira responde.

— Infelizmente, ela não tinha nenhum parente próximo.

Os olhos de minha mãe arregalam novamente quando olha para o bebê.

— Você pode dar ao necrotério meu nome, número e endereço? Providenciaremos o enterro dela. Deve ter alguém que se importe com o que aconteceu.

— Pegarei um formulário para você preencher e eu mesma pedirei. Partiu meu coração saber que ela não tinha ninguém.

— Ela nos tem. — Digo triste. Casey pode não ter sido mais que uma garota para mim, mas não era uma má pessoa pelo que lembro daquela noite. Ela parecia um pouco perdida, procurando por um bom momento.

Uma enfermeira entra trazendo uma cadeira para mamãe enquanto a outra sai. Ela puxa para mais perto de mim e passa o dedo na bochecha da minha filha.

— Ela é realmente linda. Como a chamará?

Eu não pensei nisso. Não sei por que, mas presumi que ela já teria um.

— Tequila?

Mamãe olha para mim com horror e sorriso.

— Você não pode chamar seu bebê assim.

— Relaxe, estou brincando.

— Você precisa colocá-la para arrotar.

— Fazer o que com ela? — Pergunto horrorizado com o som disso.

Ela ri da minha expressão.

— Coloque seu rosto assim. — Diz, em seguida, coloca a mão sob o queixo da minha filha. Quase empurro mamãe para longe quando parece que ela está pegando seu rosto, mas olho mais de perto e percebo que ela não está pressionando. — E se a segurar assim, quando a sentar no seu colo, pode esfregar suas costas e tocá-la.

Eu faço o que ela diz, o dedo tremendo por conta do medo de deixá-la cair.

— Tudo bem?

— Sim, embora talvez tente segurar um pouco mais forte. Você precisa fazer com que ela arrote, caso contrário, causará uma dor severa em sua barriga.

Jesus Cristo. Eu vou quebrá-la se bater nela com mais força. Ela é delicada, mas também não gosto de pensar nela com dor, então ouço minha mãe.

— E quanto a Sunday?

— Sunday? — Pergunta mamãe.

Eu rio.

— O nome dela. E quanto a Sunday? Apenas Sunday. — Encolho os ombros. Além disso, o único nome que gostaria de usar é o da minha Nana, Mary, mas sei que Faith sempre quis dar esse nome a sua filha.

A expressão de mamãe suaviza.

— Acho que perfeito. Adorei.

— Sunday Carter. — Murmuro.

— E o nome do meio dela?

Eu dou-lhe um olhar atônito. — Pareço o Google? Eu não sei. Casey, então ela pode ter alguma coisa da mãe?

Os olhos da minha mãe brilham com mais lágrimas.

— Perfeito. Sunday Casey Carter.

Olho para Sunday, sabendo sem dúvida, que nunca amarei ninguém ou algo mais. Não importa o que a vida nos faça daqui em diante, prometo fazer tudo para fazê-la feliz.

NEXT GENERATION
CARTER BROTHER #2

AIDEN

CAPÍTULO DOIS

Aiden

Meu pequeno apartamento está abarrotado com minha família. Nós apenas voltamos há uma hora e eles já montaram um berço, trouxeram um pequeno cesto para dormir até que ela seja grande o suficiente para ficar no berço, uma banheira e um tapete de plástico que não usarei. Mamãe disse que é para trocá-la, mas, olhando para ele, não há como colocar Sunday ali. É de plástico e frio. Eu não a deixarei passar por isso.

Apenas a colocarei em um cobertor. Não me importo se ela mijar ou vomitar. Sei como usar a máquina de lavar roupa agora.

Fico feliz em tê-la em casa, onde pertence. O hospital queria mantê-la mais um dia para monitorá-la e realizar um teste de emergência de DNA, já que eu não sabia que o primeiro foi realizado. Foi um longo dia.

Maddox, meu primo mais velho, se aproxima sentando ao meu lado enquanto todo mundo desfaz as sacolas que trouxeram.

Assim que a notícia vazou, todos saíram e compraram as coisas que Sunday precisaria. Nem preciso sair amanhã graças à minha família.

Tenho sorte de ter todos eles. Nós sempre ficamos juntos, mas o que fizeram por mim e minha filha hoje à noite, aceitando-a sem conhecê-la... vai além.

— Então... você tem uma filha.

Rio de sua expressão, observando-o como se ele não soubesse o que pensar.

— Sim.

— Você parece natural. Quando seu pai ligou, pensei que com certeza estaria uma bagunça, totalmente em pânico.

Encolho os ombros sem encontrar seus olhos. — Eu fiquei. Paralisei. Mas melhorei.

Mamãe ri atrás de mim tocando Maddox nos ombros.

— Não lhe dê ouvidos. Ele perdeu completamente o juízo.

Maddox ri, o punho batendo no ar. — Eu sabia.

— Porra! Aqui. — Liam geme, entregando-lhe uma nota de vinte.

— Você apostou contra mim? — Pergunto apavorado. Bem, algo assim. Eu faria o mesmo se fosse um deles, mas meio que me pegou desprevenido, ouvindo que apostaram em mim.

Maddox me dá um olhar sério. — Claro que sim. Que tipo de família seríamos se não fizéssemos?

Um sentimento azedo entra no meu estômago.

— Você apostou que eu falharia com ela?

Mamãe suspira e Maddox parece surpreso.

— Claro que não. Nós fizemos apostas, mas, Aiden, você consegue. Tem muito apoio para falhar. Além disso, não deixaremos.

— Mas você acha que eu falharia? — Pergunto sentindo meus olhos queimarem enquanto mantenho a minha filha segura.

— Não, nós não achamos. — Diz Faith, aproximando-se com seu namorado, Beau. — E se alguém pode fazer isso, é você. Veja como está bem. Eu? Estaria enlouquecendo.

Sorrio para a mentira da minha irmã. Ela já saberia o que fazer. Eu a amo por tentar me fazer sentir melhor.

— Obrigado. Mas ainda estou descobrindo. Faz apenas quatro horas.

— Filho, está incrivelmente bem. Não se preocupe se o pânico surgir. E se tiver alguma preocupação, estamos aqui.

— Preciso ir. Trabalho amanhã cedo. — Explica Charlotte, indo em direção ao nosso amontoado. — Posso segurá-la antes de ir?

Meus braços se flexionam instantaneamente. — Agora não. Ela acabou de dormir.

Charlotte faz beicinho. — Posso vir amanhã depois do trabalho?

Eu concordo.

— Ok.

— Devemos ir também. — Mamãe anuncia e o pânico aparece.

— Agora? — Eu pergunto.

Ela ri, passando os dedos pela minha cabeça. — Sim. Você ficará bem, mas deixarei meu telefone ligado, apenas por precaução.

— Ok.

— Espere! — Grita tio Max e o olho quando Sunday se mexe.

— Sério? — Rosno.

Ele revira os olhos. — Ela se acostumará com isso, confie em mim. Hayden não dormia a menos que houvesse ruído.

— Claro! — Respondo.

— Bem, de qualquer forma, quero que todos vocês deem uma olhada em Sunday. Quero que saibam que isso é o que acontece quando se faz sexo. Hayden, é por isso que *you* não pode fazer sexo. Sou muito jovem e sexy para ser chamado de vovô.

— Oh, meu Deus! — Hayden rosna agarrando o braço de Madison. — Vamos, vamos antes que ele comece a desenhar diagramas.

— Estou falando sério. Não quero nenhum neto.

Minha mãe apenas balança a cabeça para ele antes de se virar para falar comigo. — Estarei aqui amanhã. Deixei instruções na cozinha sobre como fazer uma mamadeira.

Eu me levanto, segurando Sunday em meus braços. — Obrigado por tudo, mamãe. Não sei o que faria se você não tivesse vindo. E obrigado pessoal, por todas as coisas que nos trouxeram. Realmente gostei.

Mamãe me abraça, tomando cuidado com Sunday. Quando se afasta, seus olhos estão cheios de lágrimas novamente, fazendo-me rir.

— Eu te amo. Cuide dela. — Ela encara a sala, batendo palmas. — Ok, pessoal, vamos embora.

Eu me despeço enquanto caminho com todo mundo. Quando todos saem, vou para a cozinha, pego as instruções para usar o esterilizador e para o monitor que anexaram ao berço.

Como se ter um filho não fosse assustador o suficiente, então jogam tudo isso em você, o que é suficiente para me dar um aneurisma.

Uma batida na porta me assusta. Eu gemo, olhando para minha filha adormecida. — Aposto que é a vovó vindo para outro beijo.

Movendo-me para porta, não me incomodo em verificar o olho mágico. Fico surpreso ao encontrar Mary, minha senhoria, na porta.

— Ei, Mary, o que a traz aqui a esta hora da noite?

Ela olha para mim com os olhos arregalados. — Isso é um bebê?

Meus olhos se voltam para Sunday, cujo rosto está amassado, a boca em um beicinho bonitinho, soprando uma bolha.

— Sim.

— Quem deixou um bebê para você cuidar? — Diz ela, mechas de seus cabelos grisalhos se soltando de seu coque alto.

Não me ofendendo, sinalizo para ela entrar. Posso entender suas dúvidas. Na semana passada, matei o peixe dela que deveria manter alimentado. Senti-me mal, mas longe dos olhos, longe do coração. Já nem me lembrava dele.

— Ela é minha.

— O que você quer dizer com ela é sua? Como conseguiu um bebê? — Pergunta, sua voz aguda.

Respondo. — Eu a peguei hoje.

— Bem, você não a comprou em uma loja, então perguntarei novamente: onde você conseguiu ela?

Eu rio, curvando-me um pouco para que a pequena mulher possa dar uma olhada mais de perto. O rosto de Mary amolece quando estende a mão e passa um dedo pela sua bochecha.

— Aparentemente, engravidei uma garota. — Faço uma pausa, minha garganta se fechando. — Morreu durante o parto. Pelo que os médicos me disseram, ela sabia que era uma grande possibilidade.

Ela ofega, sua mão indo para a garganta. — Oh! Pobre garota. Como você chamou esse pequeno tesouro?

Meu peito se enche de orgulho. — Eu a chamei de Sunday, porque foi o dia em que ela nasceu. Entre nós, me senti um pouco pressionado em dar um nome a ela. Mas realmente gosto dele. Encaixa nela. E então, usei o nome de sua mãe, Casey, como nome do meio.

Ela sorri. — É um nome bonito e forte. Pelo menos você não a chamou de Gaga ou Britany.

Faço uma careta em desgosto. — Sim, não quero que minha filha sofra bullying na escola.

Ela ri. — Como se alguém fosse tocar em um fio de cabelo dela tendo você como pai.

— Entre.

— É tarde e preciso ir alimentar meus gatinhos. Estava apenas preocupada quando vi todos aqueles carros lá fora. Não queria me intrometer, então esperei que todos fossem embora.

— Sinto muito se estacionaram em sua garagem novamente. Eles tiveram que descarregar um monte de coisas e queriam estar mais perto das portas.

Ela concorda.

— Deixo meu carro na garagem. Sou muito velha para dirigir. Prefiro caminhar ou pegar um táxi de qualquer maneira. Antes de ir embora, Bailey, nossa vizinha, veio me visitar quando saí. Ela deixou um bilhete, perguntando se você estava bem. Mencionou urtigas? Eu vim conferir, mas quando vi todos os carros do lado de fora, pensei que deveria esperar. E você me conhece. Estou ficando velha.

Eu bufo. — Mary, não fale maluquices. Você ainda está no auge. E se fosse dez anos mais nova, ficaria com você.

Ela ri batendo levemente no meu braço. — Ah, você.

Encolho os ombros. — Apenas dizendo a verdade. —

Respondo piscando.

— Eu o deixarei levar essa pequenina para cama. Aproveite a paz enquanto puder.

— O que quer dizer? — Pergunto em pânico.

Ela olha para mim, então bufa balançando a cabeça. — Garoto, bebês choram. Eles o mantêm acordado a noite toda. Droga, se você puder fazer xixi em paz, eu lhe darei uma medalha.

Sem entender, encolho os ombros deixando passar o comentário. — Ficaré tudo bem.

— Já que acabei de descobrir sobre Sunday, não tenho nada para você. Comprarei algo quando for para cidade, mas você, garoto, pode ter três meses de aluguel grátis.

Surpreso, apenas posso balançar a cabeça. — Não precisa fazer isso, Mary. É muito gentil e generoso da sua parte, mas é demais.

Ela me dá um olhar severo que me faz recuar. — Não seja rude. É um presente e você não devolve presentes. A menos que seja um presente feio. Então esqueça essa merda. Virei amanhã para ver se precisa de alguma coisa. Coloque-me no serviço de babá também, por favor. Eu amo bebês.

Ainda muito atordoado e com um pouco de medo da mulher, aceno. — Ok, obrigado por isso e por verificar.

— Sempre. Você é como da família agora. Cuidamos um do outro. — Ela me diz, antes de sair fechando a porta silenciosamente atrás dela.

Sozinho novamente, vou para o meu sofá mantendo Sunday em meus braços. Mamãe me avisou para não a segurar quando ela estiver dormindo, mas não consigo colocá-la no berço. Matou-me ter que deixá-la quando precisei colocá-la em seu assento do carro. Eu queria mantê-la em meus braços, estava com muito medo de que se soltasse algo ruim acontecesse.

Depois de ler as instruções, aprendi o suficiente para poder esterilizar as mamadeiras pela manhã. Ainda bem que tinha minha mãe aqui hoje, ela me ajudou a praticamente fazer tudo.

Ela sempre foi minha rocha, toda minha família é. Estaria perdido se não os tivesse em minha vida.

Sunday se agita em meus braços. Olho para baixo e começo a balançá-la. — Ei, dorminhoca. Você não viu suas tias e tios. Tem muitos deles. — Meus primos até se declararam tios e tias, não querendo o título de primo em segundo grau. Eu não faria de outra maneira. — Você será uma grande parte de suas vidas.

Ela começa a chorar. Sentindo-me um pouco sobrecarregado, levanto-me, balançando-a para frente e para trás enquanto vou para cozinha.

Eu pego a mamadeira que mamãe fez e abro a tampa antes de dar à minha garota o que quer. Ela se acomoda instantaneamente tomando seu leite. Eu rio, volto para a sala de estar para me sentar.

Faço os movimentos certos alimentando-a até que termina a mamadeira, em seguida a coloco para arrotar. Estou terminando quando ela vomita tudo sobre minha perna.

— Bem, merda. — Murmuro arfando um pouco com a visão. Todos na nossa família têm dificuldades quando se trata de vômito. Vê-lo, ouvi-lo e mesmo cheirar, faz com que nossos reflexos sejam ativados. Perdi a conta do número de vezes que um de nós viu o outro vomitar e depois acabou vomitando.

Entro no meu quarto, onde colocaram as coisas e a levo para o trocador. Ela começa a chorar e o pânico me consome. Quero segurá-la perto de mim, mas preciso tirar suas roupas sujas também.

— Vamos lá, menina, acalme-se para que papai possa te trocar.

Apenas dizer papai é bizarro. Nunca me imaginei com crianças. Agora fui premiado com uma e não posso acreditar que fui estúpido o suficiente para nunca querer isso. Esse sentimento de pertencer, de amor incondicional é uma bênção. Mas o vínculo que compartilho com Sunday é algo que nunca senti antes. É algo que não pode ser descrito, apenas sentido e compartilhado.

Desfazendo todos seus pequenos botões, puxo as pernas para fora do seu macacão. Ela chora mais alto, suas pernas magras e rosadas fazendo força.

Esfrego a mão pelo meu rosto, já me sentindo exausto antes de puxar os braços para fora das mangas. Em seguida, as pernas dela e no minuto em que abro os botões, paro, sentindo-me desesperado com o que fazer.

Não há como a cabeça dela passar naquele minúsculo buraco.

— Porra!

Ela chora mais alto.

Oh, Deus. Eu não posso fazer isso. Ela está em dificuldade e eu não consigo sequer trocá-la.

Eu puxo um dos braços para fora, estremeando com o quão apertado é o ajuste e rezando para não quebrar. O outro é mais fácil, então me movo para cabeça. Seguro o pescoço suavemente puxando até que o tecido range antes de tirá-lo delicadamente sobre sua cabeça delicada.

Seu corpo inteiro está vermelho junto com seu rosto, enquanto ela chora no meu apartamento. Olho ao redor procurando as fraldas, entro em pânico quando não consigo ver o pacote que observei mamãe arrumar.

— Oh, Deus!

Eu a puxo em meus braços e ela relaxa um pouco, seus gritos se transformando em fungadas.

— Vamos lá, vamos encontrar essa fralda. — Saio do meu quarto, verificando a sala da frente e a sala de estar, mas não as vejo. Pronto para ligar para minha mãe, volto para o quarto, meus olhos indo para o trocador. Lá estão ao lado, empilhadas entre todas as outras coisas de bebê. Suspiro com alívio pegando uma e também um pacote de lenços umedecidos.

Mamãe trocou sua fralda no hospital me mostrando tudo o que eu precisava fazer. Assisti em pânico enquanto ela trocava rapidamente Sunday, seus movimentos não eram tão gentis quanto os meus. Minha garota não gostou, nem um pouco.

Foi a primeira vez que quis gritar com a minha mãe. Ela leu minha expressão, porém, explicou que bebês não gostam que mexam no seu bumbum. É a sensação do ar frio batendo em sua pele sensível que deixa desconfortável. Quanto mais rápido você fizer isso, mais rápido será para ela.

Eu a deitei na toalha que pedi para a minha irmã colocar aqui, para que Sunday não precisasse deitar no trocador frio. Assim que solto o velcro, ela peida tão alto que ecoa pelo quarto silencioso. Olho para Sunday com surpresa imaginando como algo tão alto saiu de alguém tão pequena. Seguro a fralda contra a barriga dela, esperando.

— Oh, Deus, não.

Espero alguns minutos observando minha garota chupar seu punho. Acontece novamente, o som distinto dela enchendo sua fralda.

— Você não podia ter feito isso enquanto todas as mulheres da minha família estavam aqui? — Pergunto, inclinando a cabeça para o meu ombro e respirando fundo.

Alguns minutos depois e ela está chorando novamente. Eu levanto a fralda longe de sua barriga e o cheiro me atinge.

Engasgo, movendo a cabeça. Meus olhos queimam e engasgo novamente. É horrendo. Como alguém tão bonita pode produzir algo tão detestável e de cheiro ruim?

— Deus, Sunday, isso é uma confusão de cocô. — Digo a ela enquanto a levanto de volta.

Mais uma vez, engasgo, mas desta vez a náusea sobe pela minha garganta. Eu me viro e me inclino sobre a lixeira bem a tempo de esvaziar meu estômago.

Uma toalha me chama a atenção quando fico de pé. Limpo minha boca com isso antes de envolvê-la ao redor da boca e nariz, encaro minha filha de frente.

Eu tenho controle.

Eu posso fazer isso.

Tento ser o mais rápido, mas cinco minutos e percebo que não tenho a mesma habilidade que minha mãe. Ela fez isso parecer tão fácil. Não é. Essa merda é difícil para caralho.

Espero ter colocado sua fralda corretamente, pego um novo conjunto de roupas das novas gavetas. Escolho um conjunto da Minnie Mouse cor de rosa e volto para o trocador. Eu a coloco de volta, passando pelo processo de colocar o body na cabeça dela.

Seus braços entrando são um assunto diferente. O primeiro entra, mas o segundo... é como se eu fosse quebrar o braço dela. Não há como as mães colocarem isso em seus filhos sem causar algum dano. Seu braço nem se dobra dessa maneira.

— O que os fabricantes estavam pensando? — Resmungo recuando um pouco para dar uma olhada. Deve haver um jeito de se encaixar. Vi mamãe fazer isso sem esforço. Ela não faria caso contrário, certo?

Respiro fundo, volto, puxando o tecido o máximo que posso sem rasgá-lo e coloco o braço dela.

Suas pequenas pernas e braços ondulam freneticamente, então relaxo tomando isso como um bom sinal. Eu a abotoo antes de vestir o restante. Abro todos os botões antes de puxar um dos braços, sorrindo quando vejo que tem luvas.

Então, eles pensaram em algo.

Eu a levanto, puxo ao redor de seu corpo para o outro braço passar, quando percebo que não parece certo. Há um pedaço extra de tecido no topo que parece que não deveria estar lá.

Gostaria de saber se existem manuais de instruções para isso...

Pego meu telefone, digito no Google sobre como colocar um macacão em um bebê e franzo a testa.

— Merda, esse é o caminho errado.

Rapidamente puxo o braço para fora levantando o macacão na minha frente, depois olho de volta para o meu telefone.

Ah, isso explica tudo.

Puxo o seu braço correto, então levanto e enrolo ao redor dela para puxar o outro, murmurando: — Eles devem tornar os bodies mais fáceis.

Eu puxo pelo seu corpo e passo uma perna, e depois a outra.

O Google salva o dia.

Levei um tempo para finalmente abotoar os botões direito, mas faço, e quando termino tenho orgulho de mim mesmo.

Eu a levanto na minha frente, radiante.

— Veja, nós conseguimos.

Minhas famosas últimas palavras.

Ela joga vômito em todo o meu peito e nela mesma.

Sim, talvez eu não tenha tanto controle depois de tudo.

CAPÍTULO TRÊS

Aiden

Não posso fazer isso. Minha filha está em minha vida a menos de vinte e quatro horas e já estou falhando com ela.

Lágrimas descem pelo meu rosto. Estou com sono e totalmente exausto. Leve-me para uma bebida a noite toda e estou pronto para ir. Mas uma noite com uma menina... não. Estou totalmente ferrado.

Como as mulheres fazem isso, depois se levantam e continuam como se o mundo não tivesse implodido ao seu redor? Elas merecem medalhas.

Uma batida na porta me faz pular do sofá, meus olhos turvos de sono. Não percebi que adormeci.

Quase bato de cara quando abro a porta. Minha mãe está lá, com a boca aberta e os olhos arregalados, não há qualquer dúvida da minha aparência, antes do meu pai entrar na frente dela. Ele ri e estreito meus olhos indo em sua direção, querendo mandá-lo embora.

Não estou no clima. Parece que não dormi por vários dias. Quando ele anda para o lado, minha mãe entra em cena novamente, seu rosto suave, mas as linhas de preocupação ainda estão ao redor de seus olhos. Ela parece um anjo com o sol brilhando atrás dela e agora, um anjo é o que eu preciso.

— Mamãe, graças a Deus.

Eu saio do caminho para deixá-la entrar, deixando a porta aberta quando Madison, Hayden e meu tio Max param.

— O que na terra aconteceu aqui? — Mamãe grita.

Eu me viro e a encaro, incapaz de encontrar seu olhar quando deixo escapar tudo.

— Sunday não dormiu. Bem, dormiu quando estava em meus braços, mas no segundo em que a coloquei no berço começou a chorar.

— É por isso que você tem garrafas, fraldas sujas e xícaras de café espalhadas pelo lugar? — Papai diz olhando ao redor.

Estreito meus olhos. — Sim! E se você está aqui apenas para tirar sarro de mim, vá embora. Não dormi nem um minuto e estou pronto para arrancar meus cabelos. — Dou a ele um último olhar de aviso antes de falar com minha mãe. — Como você faz isso? Mostre-me.

Ela ri, tirando Sunday dos meus braços. Mesmo depois que ela me manteve acordada a noite toda, quero pegá-la de volta, segurá-la perto de onde ela pertence. Esfrego meu peito, odiando o sentimento estranho de vazio.

Ela entrega Sunday para o papai dando a ele um olhar severo que diz: comporte-se, antes de avaliar a bagunça.

— Hm, Aiden, por que há uma pilha de roupas dela num canto?

Eu passo a mão pelo meu rosto.

— Ela continuou vomitando. Foi ruim. E teve diarreia, mamãe. Sujou as costas e as pernas. Não estava preparado para isso e acabei vomitando nela. — Respiro, passando os dedos pelos meus cabelos. — Basicamente, ela estava vomitando.

Ela se aproxima pegando a de cima. — É apenas um pouco de baba aqui, Aiden.

Levanto minhas mãos. — Eu não queria que ela ficasse com frio.

— Por que você não colocou um babador nela?

Eu olho ao redor me perguntando do que ela está falando. — O que é um babador?

Ela revira os olhos, geme e entra no meu quarto. Volta segurando um lenço. — Isso é um babador. É para colocar no pescoço dela.

Observo enquanto ela envolve o pescoço da minha garota, abrindo os botões na parte de trás. Bem, merda. Quem sabia? Encolho os ombros timidamente.

— Eu pensei que fosse para o cabelo dela.

Ela ri. Max, Madison e Hayden entram assobiando com a bagunça.

— Parece que você fez uma festa sem nós. — Resmunga Hayden com os olhos irradiando alegria.

Estreito os meus.

— Não estou com humor para qualquer merda. Eu não dormi.

Ambas as garotas levantam as mãos em sinal de rendição.

— Você não quer ouvir o que aconteceu com Maddox na noite passada, então? — Max pergunta.

Viro-me para ele.

— O que houve com ele? — Pergunto intrigado. Maddox é um dos primos mais velhos, mas você nunca acreditaria nisso. O cara é uma criança por completo. Como consegue administrar um negócio bem-sucedido, ninguém sabe, mas ele consegue e os clientes esperam meses para contratar Maddox e sua equipe.

Madison ri.

— Ele me ligou esta manhã para pedir para buscá-lo na delegacia. Eu não queria me levantar, então liguei para mamãe e papai. Eles vão buscá-lo.

— Ele foi preso?

— Não sabemos a história completa. Estamos esperando que ele chegue aqui para descobrir. Mamãe disse que queria vir e ver se precisava de alguma coisa.

Sento-me ao lado do meu pai no sofá, vendo mamãe pegar as mamadeiras e levá-las para cozinha. As garotas seguem o exemplo. Estou cansado demais para discutir, para dizer que farei isso em um minuto. Coloco a cabeça no encosto do sofá, fechando os olhos.

— Noite difícil, hein?

Eu não me incomodo em abrir meus olhos para responder à pergunta de Max quando ele senta ao meu lado, deixando-me imprensado entre ele e papai.

— Ela não parava de chorar. Toda vez que a fazia dormir, a colocava no berço e tudo começava novamente. — Faço uma pausa abrindo os olhos e me virando para meu tio. — Você viu as roupas que eles fazem para colocar nos bebês? Deveriam ter um rótulo dizendo perigo. Senti como se fosse quebrá-la.

— Os bebês são flexíveis. Demora muito para quebrar um osso, filho. Você fez bem. Ela parece em paz. — Papai sussurra. Meus lábios se contraem quando ele passa o dedo pela bochecha dela olhando amorosamente. — Faz tanto tempo desde que tivemos um bebê na família.

Eu gemo. — Bem, vamos rezar para não me seguirem e virar uma tradição.

— O que você quer dizer? — Pergunta ele afastando os olhos da Sunday.

— Bem, de acordo com vovô, a tia Denny engravidou primeiro, depois Harlow e você seguiu o exemplo, tentando preencher o mundo com os seus.

Papai grunhe, mas Max suspira, inclinando-se para a frente.

— Não. Hayden não fará sexo. Apenas sobre o meu cadáver. E tão fofa quanto Sunday é, não estou pronto para ser avô. Acabei de fazer Liam e Hayden se mudarem. Posso finalmente fo... quer dizer, ter tempo sozinho com minha esposa. Não quero ser chamado a toda hora para cuidar do meu neto. Ainda não.

— Então, você deixa sua única filha se mudar, para onde você não pode ver com quem ela sai ou não? — Papai pergunta, seus lábios se contorcendo. — Você nunca foi brilhante.

Preciso admitir, ele tem um ponto.

— Estou aqui. — Hayden grita da porta da cozinha.

Max olha para ela, os olhos arregalados e levemente em pânico, o dedo apontando para ela. — Estou falando sério, Hayden: se transar ou arrumar um namorado, eu o mato. Não quero que você tenha filhos ainda.

— Quer relaxar? Um, eu não tenho namorado no momento. — Ela diz e sinto tio Max relaxar no sofá, totalmente aliviado. — E dois, eu tomo pílula desde os quinze anos, pergunte à mamãe.

Com isso, ela volta para a cozinha, deixando Max boquiaberto como um peixe.

Eu e papai o observamos esperando pela inevitável explosão que acontecerá em três... dois... um...

— Eu vou matá-la! Nós discutimos isso. *Nós discutimos isso!* — Ele rosna, levantando e pegando o celular do bolso de trás, esquecendo completamente do resto de nós o observando. — Nós concordamos que deixá-la tomar pílula seria dar um sinal verde para fazer sexo.

— Quando você combinou isso? — Papai pergunta, parecendo genuinamente interessado.

Max olha rapidamente para longe de seu telefone, murmurando. — O dia em que ela nasceu, antes do parto.

No segundo em que ele não está mais a vista, nós dois começamos a rir. Nos ouvindo, tio Max vira para trás apontando para mim. — Ria o quanto quiser, Aiden, mas você passará por isso também.

Engasgo com a risada, me endireitando no lugar antes de me virar para o meu pai, horrorizado. — Ela não pode namorar. Nunca. Quer dizer. Eu matarei qualquer filho da p... que chegar perto dela.

Papai começa a rir puxando a neta para mais perto. — Não se preocupe, com o tamanho da nossa família e como está aumentando, nenhum rapaz terá a chance de passar por todos nós.

Eu relaxo instantaneamente, mas ainda assim, a imagem da minha menina crescendo e namorando vira meu estômago.

Talvez poderia mantê-la em casa, educá-la ali?

Portas de carro batem à distância e papai olha para mim, seus olhos se acendendo. — Eu mal posso esperar para ouvir qual foi a merda que fez desta vez. Estou surpreso que Malik não tenha chutado sua bunda ainda.

— E se não fosse pelo fato de ser o gêmeo de Maddy, pensaria que ele era filho de tio Max e que Landon era de tio Malik. Ambos, Landon e Malik são temperamentais e gostam de chocar o tempo todo. Eu até tentei aperfeiçoar seu olhar, mas apenas pareço constipado. — Admito.

Papai concorda com a cabeça, entendendo.

— Ele sempre foi assim. Não se esqueça, nós não tivemos a mesma educação que vocês.

Meu coração dói com a lembrança. Nós não sabemos o que aconteceu, apenas sabemos que foi ruim e nunca falavam sobre isso.

— Nós sabemos. Temos a sorte de termos vocês como nossos pais.

— Eu não sei por que me incomodo. — Grita Harlow entrando. Ela começa a ir para cozinha, mas para na metade do caminho quando vê Sunday com o papai.

— O que ele fez? — Papai pergunta.

Ela geme, revirando os olhos. — Deixe o bobo explicar. Eu pensei já ter ouvido de tudo, mas claramente não.

Eu rio, um pouco mais acordado depois de ouvir isso. Todos nós já nos encencamos, mas o único que tem ficha criminal é Landon. O resto de nós não foi pego. Eu gostaria de pensar que era por causa da nossa boa aparência e charme, mas tinha mais a ver com explicar a um juiz o que fizemos. É como se eles não quisessem relatar as coisas que fizemos.

Maddox entra com um tio Malik fumegante atrás dele. Ele parece uma merda — pior que eu — com os olhos vermelhos, um deles preto e quando olho mais de perto, alguns arranhões no rosto dele.

— O que você fez? — Pergunto sorrindo amplamente.

Ele geme, sentando no chão do lado de dentro da porta, claramente cansado demais para andar. Mamãe volta, me

entregando uma xícara de café antes de levar a outra para Maddox.

— Você não merece isso, mas o quero acordado quando nos contar. Estou intrigada para ouvir o que fez desta vez.

Maddox olha para seu pai, que está na porta, com os braços cruzados. — Eu preciso?

Tio Max empurra tio Malik e senta ao meu lado novamente, sorrindo.

— Você conhece as regras. E se for pego, precisa nos dizer o que fez.

— Foi realmente estúpido. — Diz.

— Continue. — Pede Hayden saltando.

Ele esfrega o rosto, parecendo áspero e abatido. — Ok, então eu tive essa ideia incrível. Garanto, foi quando pensei nisso.

— O que foi? — Maddy pergunta sorrindo.

— Assisti *The Bachelor* com Lily e Charlotte há algumas semanas...

Quando ele não diz mais nada, em vez disso, olha para os joelhos dobrados, Hayden ri.

— Esse não é o programa pomposo sobre um cara que acha que ele é tudo e consegue mulheres sem dignidade para lutarem por ele?

Maddox olha para ela. — *Bem, de qualquer forma*, pensei que o cara soubesse alguma coisa. Todas aquelas garotas, ele tinha as melhores na cama, sabe?

— O que você fez? — Eu rio, segurando meu lado.

— Inventei uma conta no Tinder e combinei encontros com um grupo de mulheres, pedindo que me encontrassem no The Gin Inn na noite passada. Pensei em reencenar *The Bacharel*. Realmente pareceu uma ideia boa.

Que divino!

— O que aconteceu? — Pergunto.

Ele encolhe os ombros, olhando para qualquer lugar, menos para as pessoas na sala.

— Diga. — Tia Harlow diz abraçando tio Malik.

Suas bochechas ficam rosadas quando ele responde. — Eu meio que fechei o pub para noite. Uma vez que pensei que todas as garotas estavam lá, subi no palco.

— Eles têm um palco no Gin Inn? — Pergunto. Foi o nosso ponto de encontro local e eu nunca vi um antes.

Ele me acena. — Eu também contratei isso.

— Claro que sim. — Tio Malik resmunga.

— E? — Mamãe pergunta sentada no braço do sofá ao lado do papai.

— Eu disse que elas teriam algum tempo para me convencer qual seria perfeita para mim, que os avanços sexuais eram bem-vindos. — Ele olha para longe de sua mãe quando ela avança. — E que a vencedora teria o prazer de ser minha namorada até eu ficar entediado. — Tio Malik tosse e Maddox suspira, recostando-se na cadeira. — E que eu a levaria para a Itália por duas semanas.

— E como elas reagiram? — Pergunto tentando o meu melhor para não rir.

Ele força um sorriso. — Algumas ficaram interessadas. Eu podia ver na linguagem corporal e olhos.

— E? — Instigo sorrindo de orelha a orelha, não mais cansado.

Ele suspira parecendo derrotado. — Elas começaram a vir em minha direção. No começo, pensei que tinha morrido e ido para o céu e estava prestes a ter...

— Garotas na sala. — Digo antes que ele possa terminar a frase.

— Ah sim, sim. Então, achei que estava prestes a acontecer, mas quando chegaram a mim, começaram a me atacar. Eu mal consegui sair vivo.

— Então, por que você foi preso?

— Por perturbar a paz e causar um tumulto.

— O que Jimmy disse? — Madison pergunta, falando sobre o dono do bar que conhecemos há anos.

— Eu prometi fazer a sala de trás de graça. — Responde Maddox.

— Cara, eu não posso acreditar que você pensou que funcionaria.

— Apenas queria dar-lhes uma chance.

— Com essa observação, não lavo mais suas roupas. — Sua mãe diz balançando a cabeça, decepcionada com Maddox.

— Você faltou ao trabalho? — Pergunto a ele, descansando a cabeça no sofá.

— Sim. Liguei para Todd cuidar das coisas enquanto estiver fora. Vou embora e dormir um pouco, depois vou ao The Gin Inn pedir desculpas mais uma vez a Jimmy pela noite passada.

Fico feliz que alguns de nós possam dormir um pouco.

Eu fecho meus olhos por um momento, ouvindo tio Malik dizer *merda*.

*** **

Grogo, esfrego o sono dos meus olhos e olho ao redor do meu apartamento limpo. Não há uma almofada fora do lugar, a menos que você conte a que alguém colocou debaixo da minha cabeça.

Sentando, estico minhas costas gemendo com o estalo. Isso é bom. Também noto que não há ninguém aqui.

Tudo o que houve nas últimas vinte e quatro horas volta para minha cabeça e pulo do sofá, entrando em pânico.

Onde está Sunday?

Olho na cesta de Moisés, não a encontro ali. Está escuro, o que significa que dormi durante todo o dia.

Estou prestes a pegar meu celular no bolso de trás quando mamãe sai da cozinha, secando as mãos com um pano de prato.

— Mamãe, onde está Sunday? — Pergunto incapaz de esconder o pânico na minha voz.

Ela me dá um sorriso caloroso. — Dormindo profundamente no berço. Eu a coloquei lá pouco tempo depois do banho e da mamadeira.

Meus ombros relaxam.

— Muito obrigado. Estava precisando dormir.

— Ei, de nada. — Ela me diz entrando na sala. — Preciso ir antes que seu pai tenha um ataque. Mas antes, queria dizer como estou orgulhosa de você. Posso não ter esperado netos tão jovem, mas amo aquela garotinha com todo o meu coração. E sei que você será um pai incrível.

Eu sinto um: *mas* chegando.

— Mas?

Ela sorri balançando a cabeça para mim.

— Mas... você precisa relaxar. Pare de entrar em pânico com as menores coisas e se ela chorar, deixe-a por um tempo antes de pegá-la. — Vendo a expressão *eu não farei isso* no meu rosto, ela ri. — Confie em mim, será difícil sentar e ouvir, mas quando ela perceber que você não a buscará toda vez que choramingar, se acalmará mais facilmente. Ela é sua filha e não direi como criá-la, mas esse é o meu conselho para você.

Esfrego minha nuca. — Eu não sei se posso lidar com ela chorando, mãe. Meu coração dói toda vez que ouço.

— Acredite em mim, eu sei. Passei por isso com você. Mas fica mais fácil, prometo.

— Obrigado por ficar, mamãe e por limpar minha bagunça. Você não precisava fazer isso.

— Ajudarei da maneira que puder, Aiden. — Ela me diz pegando o casaco. — Lavei todas suas roupas e as guardei. Apenas certifique-se de usar o sabão em pó que comprei para a roupa dela e não o que você usa. Também fiz um jantar. Está no forno. Tente dormir antes que ela acorde.

— Eu vou. Não posso acreditar que dormi o dia todo e ainda estou acabado.

— Isso é o que acontece quando se tem bebês. — Ela pega a bolsa antes de se virar para mim. — Ah, seus irmãos e primos disseram para encontrá-los no café da manhã de Harvey, por volta das dez. Eles querem comprar algumas coisas para Sunday com você.

— Hum, eu não tenho um carrinho de bebê.

— Seu pai já comprou um. — Ela me informa, apontando para a porta. Eu olho e encontro um que se parece muito com a cesta do Moisés.

Minha garganta aperta de emoção. — Diga a ele que eu agradeço.

— Sim.

— Hum, mamãe? — Chamo quando ela chega à porta.

— Sim?

— Sunday está liberada para sair por aí? Ela tem apenas alguns dias de idade.

Ela ri. — Claro que está. O ar fresco fará bem a ela. Estará quente amanhã, então não a embrulhe demais. Ficará superaquecida.

— Certo.

— Ligue se precisar de mim.

Ando até ela e a puxo para meus braços. — Obrigado, mamãe. Eu te amo. Você é a melhor.

— Eu também te amo, Aiden.

CAPÍTULO QUATRO

Aiden

Ergo a cabeça quando ouço o barulho, antes que o grito agudo de Sunday me tire da cama.

Tentei ouvir o conselho da minha mãe, mas apenas consegui aguentar trinta segundos antes de pegá-la. Nenhuma criança tão preciosa quanto Sunday deveria ser deixada chorando. Ela merece saber que é amada e desejada. Não quero que pense que a abandonei.

Rosno quando furadeiras e mais batidas aumentam, balanço Sunday em meus braços. Já chega. Tentei ser legal com a vizinha, realmente tentei. Mas ela acabou de acordar um bebê recém-nascido, que mal a consegui colocar para dormir... uma hora atrás. Antes disso, ela passou seis horas acordada, dormindo apenas por curtos períodos de tempo.

Quem diz *dormiu como um bebê*, certamente nunca teve filhos.

Saio do meu quarto, segurando Sunday, que se acalma agora em meus braços e vou para fora. Os construtores estão carregando sacos de cimento pela lacuna entre as propriedades em direção ao seu quintal.

Olho para aquele que faz contato visual comigo.

— Bom dia. — Ele grita.

— Não é, fo... não tem nada de bom. Vocês já ouviram falar de dormir? São seis da manhã.

— Tanto faz, companheiro. — Ele zomba antes de sair.

— Enfiarei o seu *tanto faz, companheiro* na sua maldita bunda. — Murmuro sob a minha respiração antes de olhar para a minha menina, que está chupando o dedo. Sorrio, ainda espantado que ela seja real. Ela tira meu fôlego a cada vez. — Bebê, você terá que cobrir os ouvidos por um momento. Conversarei com o construtor malvado.

Ando até a porta, não perco tempo em bater o punho contra ela. Então, vendo a placa acima da campainha que diz: — *aperte aqui* — Seguro o dedo sobre isso também, até que atendem. Veja como ela gosta do barulho de madrugada.

O clique de uma trava me faz afastar retirando o dedo da campainha e abaixo o braço. No segundo em que a porta se abre, dou outro passo para trás prendendo a respiração.

Não sabia como esperava que ela parecesse, mas não era como um anjo. Seus cabelos são loiro-platinado, quase branco como a neve e totalmente natural. Posso dizer porque ela não tem raízes escuras, a pele é clara e pálida. Cai nos ombros, cortados em camadas. É muito sexy. Ela me lembra a Branca de Neve loira, com sua pele pálida e lábios vermelho-rubi.

Seus olhos.... porra, seus olhos são azuis da cor do oceano, tão profundos que brilham. Eles se destacam como um farol. Eu nunca vi olhos assim em minha vida.

Ela é pequena, com uma cintura fina e esbelta, a camiseta branca mostra seios firmes e empinados. Não consigo impedir meus olhos de ficarem ali.

Porra, ela não está usando sutiã.

Meu olhar percorre seu corpo esbelto até as pernas, até o short pequeno que ela está usando.

Acordo quando ela estala os dedos no meu rosto e olho para cima para encontrá-la olhando para mim. Encolho os ombros tentando manter a calma, quando na verdade, meu corpo está dizendo para dar em cima dela.

Ela é tão gostosa.

— Posso ajudar?

Até a voz dela soa angelical, quase musical.

— Sim. — Falo, minha voz está rouca. Limpo a garganta, ficando mais ereto. — Preciso que você diga ao empreiteiro para vir mais tarde. Tenho um bebê recém-nascido que está tentando dormir e você a acordou. Ela precisa dormir. Não me importo com o barulho durante o dia, posso levá-la em algum outro lugar se isso a deixar tão desconfortável, mas durante a manhã você poderia apenas iniciar mais tarde?

Eu quero me bater por divagar. Sou mais autocontrolado com mulheres do que isso. Pareço um idiota.

— Você pode repetir isso para mim, por favor? Eu não entendi tudo.

Olho para ela. Não posso evitar. Estou cansado.

— Você não estava ouvindo?

Eu noto ela olhando para meus lábios e luto contra um sorriso. E se não estivesse segurando minha filha, desceria seu short até os tornozelos e me enterraria até as bolas bem fundo nela.

— Sinto muito. Você foi rápido demais.

Essa garota é louca. Farto e precisando me preparar para encontrar os outros em breve, me viro para sair.

— Diga aos construtores que não cheguem antes das oito. Não há necessidade de acordar os vizinhos tão cedo.

— Espera! O que você disse? — Ela grita, mas a ignoro balançando a cabeça.

Todas as loiras são burras. Eu deveria ter imaginado que algo tão doce quanto ela teria uma falha em algum lugar. Acho que você nem sempre pode ter o pacote completo.

*** **

Quando terminei de arrumar o que precisaria por algumas horas, deixei o apartamento com metade dos pertences de Sunday. Eu nunca soube que uma criança precisava de tanto. Sinto como se tivesse embalado tudo, menos a pia da cozinha.

O café deixei de lado, não tive chance de comer porque Sunday começou a chorar.

Até mesmo o chuveiro precisou ser uma ducha rápida, fiquei com medo de deixá-la muito tempo sozinha.

Foi um pesadelo. E tentar colocar tudo na bolsa que mamãe comprou para combinar com o carrinho era uma piada. Ela precisava de uma maldita mala, não de uma bolsa.

Três malas depois, vinte minutos atrasados e finalmente estava no Henry. Pude ver a maioria da minha família lá dentro, sabendo que o resto estaria a caminho.

— Ei, pessoal, desculpe o atrasado. — Digo a eles tentando fazer malabarismos com a porta, três bolsas e um carrinho de bebê.

Landon se aproxima, pegando as bolsas, enquanto Charlotte segura a porta. Mark e Lily se levantam para me ajudar com o carrinho e nós três fomos capazes de mantê-la em segurança. Empurro uma cadeira para fora do caminho abrindo espaço para seu carrinho de bebê. Eu não a quero muito longe.

Aceno para o restante, olhando Liam se empanturrar com os bagels. Ashton está me observando com uma expressão divertida.

— O que? — Pergunto quando ele não para de me olhar.

— Nada. Ser um pai combina com você.

Olho para ele antes de tirar Sunday do carrinho viro para minha irmã. — Lily, você poderia pegar uma mamadeira de sua bolsa, por favor? Eu não tive chance de alimentá-la antes de sairmos. Ela estava dormindo e não quis perturbá-la.

Ela olha para as sacolas que Landon colocou ao meu lado, franzindo a testa. — Hum, você está lavando a roupa para mamãe ou algo assim?

Confuso, balanço minha cabeça.

— Não. Por quê?

— Por que todas essas bolsas? — Ela pergunta suavemente.

— É tudo coisa de Sunday.

— Tudo isso? — Ela pergunta.

Aceno com a cabeça severamente.

— Sim. Ela precisava de uma troca de roupa, uma de reserva no caso de alguma coisa acontecer, depois outra por via das dúvidas. Arrumei o pacote inteiro de fraldas porque essa garota pode fazer muito cocô. Então precisei trazer mamadeiras reserva, os esterilizadores no caso de precisar esterilizar as novas mamadeiras e o leite em pó. Coloquei nos minúsculos recipientes já medidos, mas no caso de ficar sem, trouxe a lata inteira. Ela tem mais três bonecos, embora não goste muito deles e temo que possa se sufocar com algum. Depois, há panos na bolsa, lenços umedecidos, creme para o caso de ela ter uma erupção cutânea e três dúzias de babadores. Eles são uma dádiva de Deus. — Digo a ela.

Ela ri antes de olhar para as malas. — Qual bolsa é a das mamadeiras?

Agitando Sunday em meus braços, digo: — Está na preta. Basta misturar o pó no leite. Eu já medi.

— Eu sei fazer uma mamadeira. — Ela me diz dando-me um sorriso suave. — Você é incrível.

— Você nos deixará segurá-la hoje?

Meu olhar cai para a mesa, onde Charlotte está olhando para a minha filha com admiração.

— Sim. Apenas deixe-me alimentá-la. Não quero que ela fique com fome. Então, você terá uma chance.

Ela bate palma com entusiasmo e sorriso.

— Ah! Antes que esqueça, fiz um bolo para parabenizá-lo.

Os rapazes não se incomodam em esconder suas risadinhas e eu os encaro antes de sorrir para Charlotte. Não há como ser o único a lhe dizer que ela realmente é uma péssima cozinheira. Ficaria surpreso se o bolo fosse mesmo comestível. Não sei como consegue fazer algo tão terrível, mesmo depois que dei a receita. Mas não posso falar. Eu posso fazer uma boa sobremesa, mas meu talento é a comida. Amo cozinhar.

— Obrigado, Charlotte.

Ela sorri para mim e imediatamente me sinto mal por jogar o maldito bolo fora antes que possa prejudicar minha filha.

E não estou brincando. O último bolo que ela fez, Jacob não comeu e em vez disso deixou do lado de casa. Ele entrou em uma briga com um amigo dele da escola e eles acabaram usando o bolo em uma briga de comida. Ambos tiveram uma reação alérgica e acabaram indo parar no hospital quando se queixaram de ardência na pele.

Lily me entrega a mamadeira, que ainda está na temperatura ambiente.

— Você pode me passar um babador também, por favor?

— Aqui está. — Diz ela, entregando.

Gentilmente, levanto Sunday e prendo os botões no lugar.

— Shh, garotinha. Papai tem sua mamadeira. — Abaixo para ela quando começa a se agitar. Assim que a mamadeira toca seus lábios, ela bebe vorazmente e sorrio.

— Nunca pensei que veria esse dia. — Landon, o mais quieto e mais cruel do nosso grupo, diz. — E digo mais, cruel porque ninguém nesta terra quer mexer com ele. Ele é conhecido por derrubar as pessoas com apenas um soco. Nenhum filho da puta mexe com ele.

Percebo outro hematoma em seus olhos e quero interrogá-lo. As garotas e meus pais não sabem, mas Landon luta ilegalmente. Ele luta em diferentes armazéns abandonados ou estacionamentos. Dissemos a ele meses atrás que precisava parar, que o grau de violência que os outros lutadores estavam usando para ganhar estava ficando fora de controle. A única regra no ringue era que eles não podiam usar armas, qualquer outra coisa era permitida. Mas para alguns, isso não importa e muitos tentavam maliciosamente acertá-lo com socos de metal ou um pedaço de pau ou pedra que pegavam do chão. Os organizadores não pareciam se importar e estava ficando fora de controle.

Um grupo explodindo pela porta faz a mesa inteira olhar para cima. Gemo assim que vejo quem entra.

Os irmãos Hayes e sua irmã mais velha, Paisley.

Bem, a maioria dos irmãos Hayes de qualquer maneira. Os gêmeos ainda estão terminando a escola. Junto com Jacob, o filho do tio Myles e tia Kayla.

Todos nós, em algum momento, fomos para escola com um Hayes. Somos inimigos um tanto amigáveis, nenhum sabe exatamente o que começou ou como se comportar um com o outro. Meu palpite é que uma garota foi a razão pela qual a guerra começou entre nós. Nós estávamos sempre brigando ou discutindo por quem tinha o maior ego, uma garota que transamos ou queríamos primeiro ou apenas porque podíamos. É uma rivalidade que nos colocou em problemas mais de uma vez com a polícia e nossos pais.

A única que consigo suportar é Paisley. Está no mesmo ano que eu na escola, não é nada como seus irmãos. Sempre tem a cabeça em um livro e é tão tímida que cora quando alguém fala com ela.

Harvey, o proprietário, geme do balcão.

— Garotos, vocês conhecem as regras. — Ele grita.

Todos nós sorrimos para os irmãos Hayes quando nos identificam, seus olhos se estreitando. Jaxon, o mais velho, que dirige uma empresa de mudanças, caminha em direção ao balcão.

— Vamos Harvey, apenas queremos café da manhã. Estamos acordados desde as seis e não comemos. E Paisley precisa comer. — Diz Jaxon, fazendo Paisley corar.

Isso era outra coisa, a garota estava sempre sendo importunada quando se tratava do que comia. Eles estavam sempre jogando comida ou bebidas na frente dela. Quando estávamos na escola, ficavam malucos se alguém roubasse alguma coisa.

— Sem problemas, senão você pagará pelos danos. Eu mal acabei de pagar os da última vez.

Jaxon tira um maço de dinheiro do bolso de trás, mas olho para longe quando Reid, um dos trigêmeos, sorri para nós. Os trigêmeos têm a mesma idade que Hayden, Landon e Liam, mas estão um ano adiantados na escola. Isso causou brigas durante todo o tempo, já que Reid e Landon tem o mesmo temperamento, embora Reid não seja tão mal-humorado quanto Landon. Ninguém seria. O filho da puta apenas sorri quando está com Charlotte.

— Quem porra lhe deu um bebê?

Eu cubro as orelhas de Sunday o melhor que posso com uma mão. — Olhe a linguagem na frente dela. — Respondo e seus olhos se arregalam.

— Reid. — Paisley o repreende baixinho.

Wyatt, o segundo mais velho, recosta-se na mesa vazia acenando para mim. — Você está perdendo o jeito se alguém chegou a engravidar uma das suas irmãs. Ninguém toca na nossa irmã.

Olho para ele. — Ela é minha, não que seja da sua conta.

Isaac começa a rir, batendo no ombro de Luke. — Ele está zoando.

— E a mãe a deixa com você sem supervisão? — Luke pergunta olhando horrorizado para Sunday.

Eu quero tirar esse olhar do rosto dele, mas não brigarei na frente da Sunday. Ela ficará traumatizada pelo resto da vida.

— Provavelmente desapareceu quando percebeu que Aiden era o pai. — Diz Alex rindo da sua piada fraca.

— Isaac, cai fora. — Landon fala pausadamente, inclinando-se preguiçosamente em sua cadeira.

— Com quem você pensa que está falando? — Reid rosna aproximando-se dos outros dois trigêmeos.

— Nem pense nisso. — Rosno soando mortalmente. — Há uma menina bem aqui. Não quero vocês, *bichanos*, brigando na frente dela.

Isaac ri. — Nunca pensei que veria esse dia. Eu me pergunto como Laura se sentirá quando descobrir. — Ele diz mencionando uma de minhas companheiras de foda. Não que me importe. Ela apenas cuida de uma necessidade. — Posso dar uma chance a ela. Não sei ainda. Verei quão carente está. Estando com você, provavelmente está excitada para caralho. Disseram-me que você não conseguia satisfazê-la. A mãe da criança sabe que você enfia em qualquer lugar?

Levanto passando Sunday para Lily e depois a mamadeira, antes de seguir em frente. Jaxon pisa na minha frente colocando a mão no meu peito, assim como o som das cadeiras sendo arrastadas ecoam pelo lugar. Eu sei que os outros estão de costas.

— Eu disse, preste atenção em sua boca ao redor da minha filha, senão farei com que os médicos a fechem. — Rosno. — E no futuro, não mencione a mãe dela. Ela morreu dando à luz. Quanto a Laura, vá em frente. Você está sempre indo atrás dos meus restos.

— Não é o que ela disse há alguns meses quando estava me beijando e implorando para chupar meu pau.

A raiva começa a ferver dentro de mim com a linguagem que ele usa perto da minha filha. Ela pode não entender, mas eu sim. Não a quero perto dessa merda.

Um sorriso se estende pelo meu rosto, uma explosão de dentes cerrados. — Como era o meu sabor? — Insulto.

Ele perde o sorriso arrogante, avançando. Sorrio pronto para ele. Posso não lutar na frente da minha filha, mas isso não significa que não chutarei sua bunda na frente dela também. E de jeito nenhum a deixarei pensar que não posso protegê-la.

— Isso é o suficiente. — Jaxon diz empurrando Isaac de volta. Ele olha para mim antes de se virar para seus irmãos. — Vocês podem pegar a comida. Certificarei de que Paisley coma.

— Ela não pode fazer isso sozinha? Não é mais uma garotinha. — Landon fala olhando para o corpo dela.

O movimento não passa despercebido por ninguém, incluindo Paisley, que parece sempre estar com o rosto vermelho vivo. Eu quero dar um tapa na cabeça dele. Uma coisa é provocar esses perdedores. Outra é mexer com Paisley. Seus irmãos são tão protetores com ela quanto nós somos com as garotas de nossa família, se não mais. Já que ela é sua única irmã, tem três vezes mais problemas.

— Mantenha os olhos longe da minha irmã. — Wyatt diz, bloqueando Paisley.

— Vamos, saiam agora! — Jaxon ordena, sua expressão é fria. Eles parecem divididos por um momento, antes de voltar ao balcão para pegar seus sanduíches.

Eu não me movo até que cada um deles saia da loja. E se não fosse por Sunday, já estaria socando a cara de Isaac, porque não tinha como Jaxon Hayes me impedir.

Ergo meus braços para pegar Sunday de Lily, mas ela a puxa para mais perto de seu peito. — Você a teve por duas noites sem compartilhar. Quero segurar minha sobrinha.

— Ela é realmente sua? — Jaxon pergunta.

— Ela é linda. — Paisley sussurra.

Eu sorrio para Paisley. — Ela é a garota mais bonita que eu já vi. É perfeita.

— Paisley, seu pedido está pronto. — Grita Harvey.

— Parabéns. — Diz Jaxon. — E eu sinto muito pela mãe dela.

— Obrigado.

— Não pense que ser legal o tira da competição da Família do Ano. — Diz Mark. — Nós chutaremos o seu traseiro.

Família do Ano é uma fundação para ajudar as famílias necessitadas. Todos os anos competimos nos testes para vencer a competição. Há a corrida das rodas, que é levantar e lançar uma roda por cem metros; um concurso de culinária, que dá dois minutos para comer quantas asas picantes você puder e outras coisas divertidas. E todos os anos, os Carter e os Hayes acabam

sendo as duas últimas famílias competindo. Termina com cabo de guerra.

Jaxon se afasta. — Como se vocês tivessem uma chance. Nós vencemos no ano passado.

— Porque algum filho da puta disse aos juízes que Charlotte estava trapaceando no concurso de bolos. — Rosno, olhando para ele com desconfiança. Nenhum de nós pode provar, mas achamos que um dos irmãos Hayes pagou aos juízes para mudar o nome no formulário do concurso de Faith para Charlotte. E você não pode mudar de nome no último minuto.

— Não há nada errado com meus bolos. — Diz Charlotte, parecendo adoravelmente confusa.

Jaxon a olha como se ela tivesse um parafuso solto. — Não há nada certo com eles também.

— Cuidado, Jaxon. — Landon rosna, sempre protetor com Charlotte.

Eles olham um para o outro por um instante antes de Jaxon suspirar, desviando o olhar. — Estou muito ocupado para lidar com isso hoje. Mais tarde.

As garotas imediatamente relaxam quando ele sai para sentar com Paisley em outra mesa. Ela escolheu sentar o mais longe de nós possível.

Garota esperta.

Tomando meu lugar, vejo quando Lily tenta fazer Sunday arrotar. Entre seus lábios franzidos está um anel de bolha branca

de leite ainda ao redor da boca. Eu sorrio, encontrando seu lindo rosto adorável.

— Aqui, deixe-me. E se não for conduzida corretamente, ela ficará com cólicas. — Digo a Lily tirando Sunday dela. Aprendi um truque que assisti no YouTube: inclino suas costas um pouco, depois para frente, depois de volta novamente antes de esfregar suas costas. Ela arrota me deixando orgulhoso.

— Você é realmente incrível com ela, Aiden. — Diz ela.

— Eu pedirei comida para todos. Todo mundo quer o mesmo? — Charlotte pergunta, levantando. Todos concordamos.

— Você não pagará pela comida de todo mundo novamente. Eu ajudarei. — Diz Landon.

— Eu fiz uma lista de coisas que preciso, na noite passada. — Digo a Lily. — Você acha que eles têm roupas na loja que iremos?

— Claro. Eles têm tudo que uma bebê precisa. E papai me deu dinheiro para conseguir algumas coisas para ela.

Eu sorrio. — Ele está apaixonado por ela. Já está estragando-a.

Lily me sorri de volta. — Sim. Ele ia sozinho, mas minha mãe disse para deixar você lidar com isso. Então jogou dinheiro em minhas mãos.

— Vou agradecê-lo mais tarde.

— O que você fará sobre o trabalho? — Mark pergunta ouvindo nossa conversa.

— Eu não sei. Mason disse que eu poderia ter algumas semanas para me resolver, mas depois disso, terei que organizar algo para Sunday. Mamãe e Mary se ofereceram para tomar conta enquanto trabalho, mas não consigo imaginar deixando-a. Ela ainda é tão pequena.

— Você precisa trabalhar para sustentar os dois. — Lily me lembra suavemente.

— Eu sei.

— E não quer o serviço social pense que você não pode sustentá-la. Pergunte para a mamãe e a Mary que dia podem ficar. Tenho certeza de que Mason trabalhará com você para que não faça longas horas.

— Tudo bem. E de qualquer maneira, tenho duas semanas de folga com pagamento. Com sorte, será mais fácil ir para o trabalho até lá.

Ninguém parece convencido enquanto me observam abraçando minha filha adormecida. Ainda não parece real.

CAPÍTULO CINCO

Bailey

Não consigo parar de pensar no rapaz que mora no apartamento acima da garagem ao lado. Eu o apelidei de *Vizinho Gostoso*, porque nunca vi ninguém tão bonito antes. Ele é o tipo de rapaz que pertence a capa de revistas ou em anúncios de roupas íntimas. Tudo nele é sexy, até como anda. Tem um gingado que a maioria dos rapazes acham que têm, mas na realidade apenas parecem idiotas.

Esperava ter um vislumbre dele desde que veio novamente esta manhã. Quase pulo quando ouço carros estacionando, suas luzes brilhando brevemente na minha sala de estar.

Movo a cortina para longe da janela apenas um pouco, espiando meu vizinho para ver dois carros pararem do lado de fora da garagem.

No começo, achei que o rapaz que vivia na garagem de Mary era seu neto ou algo assim. Quando fui perguntar se ela lhe daria meu recado para ter certeza de que estava bem, explicou que ele estava ajudando-a a cuidar da casa. Meus avós nunca mencionaram que Mary tinha voltado ao Reino Unido.

Quando conversamos pelo Skype, minha avó explicou que alguém vandalizou a casa de Mary enquanto morava no exterior com a filha e a família. O rapaz que ela convidou para morar lá se

ofereceu para fazer o trabalho em troca do aluguel barato, para que pudesse se dar ao luxo de substituir os móveis que ela perdeu.

Não me lembro muito dela. Quando visitamos, éramos apenas crianças. Quando cheguei a morar com meus avós, ela se mudou. Tivemos sorte da nossa casa não ter sido vandalizada também, porque estávamos fora há um ano com a casa vazia.

Prendo a respiração quando meu vizinho sai do lado do passageiro indo em direção a parte de trás como se estivesse com pressa.

Minha primeira impressão dele não foi boa o bastante. Para ser sincera, pensei que ele fosse um pouco louco. Estava ajoelhado em um canteiro de urtigas e isso nem o perturbou. Eu o vi ir para casa e hesitei em bater à porta. Quando finalmente reuni coragem, ele estava ao telefone com alguém e parecia tão perdido. Queria ser a única a guiá-lo para onde precisava ir. Eu nem sei o que me levou a ter esse tipo de pensamento. Apenas sabia que queria ajudá-lo.

Eu ia me virar e voltar para dentro, dando-lhe privacidade, mas depois caiu de joelhos naquelas urtigas e não pude ir embora. Algo me puxou para ele. Foi frustrante quando não se virou para olhar para mim para que pudesse ler seus lábios. Ainda não sei se ele disse alguma coisa para mim naquele dia. Não ajudou, fiquei nervosa ao vê-lo sem camisa. Ele era lindo.

Nosso segundo encontro também não foi muito bom. Ele estava falando muito rápido para ler seus lábios e por causa da

sua voz profunda, soava como se alguém estivesse falando muito perto em um microfone. E isso foi depois que consegui tirar meu olhar do minúsculo embrulho em seus braços.

Meus olhos foram atraídos quando ele puxou o bebê para fora do carro, ainda no assento. Suas pernas estão em um grande alvoroço e seus braços estão se debatendo, então, imagino que ela está aos berros. Ele olha para ela carinhosamente, seus lábios se movendo sensualmente antes de deixar os outros saírem do carro. Estou curiosa para saber se o bebê é dele. Ele não a tinha na primeira vez que o vi e parece tão jovem para ser pai. Deve ser cerca de um ano ou dois mais novo que os meus dezenove anos.

Olho para os rostos das mulheres, imaginando qual delas é a mãe. Ambas as mulheres são lindas. Uma tem cabelo loiro escuro que chega aos ombros e um corpo esguio. Mesmo daqui, posso ver que ela tem olhos expressivos. Parecem grandes e redondos e se destacam como uma de suas melhores características.

A outra tem curvas e é muito sexy quando anda. Seus cabelos são castanhos avermelhados e combina com o tom de sua pele morena. Eu a vejo sorrir para o rapaz assustador ao seu lado e covinhas se formam fazendo-a parecer doce.

Talvez ela esteja com ele e não com o pai gostoso.

O rapaz, meu novo vizinho, é gostoso e suspiro quando percebo que não posso mais comer com os olhos. Solto a cortina, volto para o quarto que fiz no meu escritório e sento à mesa.

Quando meus avós disseram que reformariam a casa e a deixariam para mim até que decidisse voltar, se é que alguma vez,

o faria. Eles até se deram ao trabalho de pedir meu material de escritório, não pouparam gastos quando disse que queria voltar para casa. Eles queriam que me sentisse em casa, então montaram meu escritório com tudo que precisaria e muito mais. Sou uma designer de web e logo peguei muito trabalho. Meu trabalho mais recente foi para uma nova abertura de fábrica de tapetes e me pediram para projetar banners de abertura para sua página web e cartazes. Isso estava me mantendo ocupada.

Minha deficiência não me impede de viver a vida, mas também não facilita alguns aspectos. Fico feliz que isso não afete o meu trabalho, porque é a única coisa que me mantém sã e posso fazê-lo de qualquer lugar.

Toda vez que isso afeta algo na minha vida, lembro de como acabei assim. Posso ouvir o som, mas é abafado, como se estivesse debaixo d'água. Não consigo entender o que alguém está dizendo sem olhar para ele e ler seus lábios. Caso contrário, não posso confiar no que está sendo dito.

Tinha aparelhos auditivos, mas tudo o que fizeram foi deixar o barulho alto e ruidoso no meu ouvido, a ponto de sofrer de enxaqueca. Era como se não pudessem pegar a frequência certa. Após o terceiro fracasso, parei de tentar novos tratamentos. O último melhorou drasticamente minha audição e pude ouvir as palavras com mais clareza, mas ainda me fez ter uma enxaqueca muito ruim ao ponto de sofrer dores excruciantes. Eles também me deixaram ferida. Eu já estava brava o suficiente por ser surda, não precisava ficar cultivando minhas esperanças. Foi de partir o coração. E depois que meus

pais e irmão mais novo morreram, não me importei mais com nada. Foi minha culpa.

Aperfeiçoei a leitura labial ao longo dos anos. No entanto, tenho que olhar para a pessoa falando de frente e é por isso que não pude entender o que o rapaz da porta ao lado estava dizendo. Esta manhã, não consegui acompanhá-lo.

Olho pela janela que dá para a casa do meu vizinho e solto outro suspiro quando uma luz acende.

Eu nunca quis voltar para cá. No entanto, meus avós continuaram se mudando de um lugar para outro e foi cansativo viajar por todo o mundo. Queria uma cama que fosse minha e alguma privacidade. Eu não tive nada disso enquanto estávamos viajando. Houve momentos em que precisamos dividir um quarto, porque o hotel estava lotado.

Voltar para cá depois que tudo o que aconteceu foi muito difícil. Não me sinto segura desde que estou nessa cidade, tanto que nem saí de casa durante o dia ou a noite desde que voltei. Agora estou preocupada que o grupo de garotas que fez a minha vida um inferno descubra minha volta. Estou constantemente temendo que uma delas apareça ou tente outro truque para me machucar.

Em vez de arriscar outro encontro com elas, fiquei em casa, faço compras pela internet e as recebo na minha porta e apenas saio para passear de manhã cedo quando sei que nunca as encontrarei. Essas garotas provavelmente não saem às oito da manhã desde que saíram da escola.

Eu rezei para que crescessem e parassem com o bullying, mas conheço esse tipo. Elas nunca crescerão, continuarão vivendo seus anos escolares por muitos anos.

A tela do meu computador pisca alertando-me de uma chamada no Skype, acordando-me antes que desça a longa e escura estrada do meu passado. Eu rio como faço toda vez que vejo a foto que eles têm como perfil. Ambos os avós estão sorrindo, com os olhos cheios de felicidade.

Atendendo a chamada, sorrio para a tela cumprimentando: — Ei, pessoal, onde vocês estão agora?

Vovó sorri empurrando meu avô para fora do caminho para que ela possa se inclinar mais perto da câmera. Eu tentei explicar, quanto mais relaxados estão, mais posso vê-los, mas não ouvem.

— Estamos em Vegas e adivinhe? — Grita, sem esperar que eu responda. — Nós nos casamos! — Levanta a mão e me mostra os mesmos anéis que usa desde que se casou com meu avô.

— Vocês já são casados. — Eu a lembro rindo.

Vovô revira seus olhos afastando vovó do caminho para que ele possa ver a tela. — Nos casamos *novamente* ontem. Ela acha que porque nos casamos no Reino Unido, não somos legalmente casados aqui.

— Eu não queria viver em pecado. — Ela diz antes de se virar para o laptop, sua expressão se suaviza. — Bem, sabe o que quero dizer.

Nojento.

Apesar de os amar, não havia muito que pudessem fazer para me chocar, desde que me levaram à uma praia de nudismo e me despiram para comemorar meu aniversário.

— Vocês fizeram isso do jeito certo? Apostaram em algumas mesas, se embebedaram e depois encontraram Elvis para casar vocês?

Vovó empurra vovô para longe novamente, inclinando-se ainda mais perto da tela. — Nós tínhamos essas pastilhas de limão. Estavam tão deliciosas. Fez-me sentir com vinte e dois anos novamente.

— Foi um sim de verdade. — Eu rio balançando minha cadeira de um lado para o outro.

— Foi uma noite muito boa. Nós queríamos que você pudesse estar conosco. Sentimos sua falta. — Ela diz, sorrindo suavemente. — Não se preocupe com o casamento, gravamos um vídeo. A moça encantadora da recepção disse que nos mostraria como mandar um e-mail para você.

— Ansiosa para assistir. — Sorrio, genuinamente animada para ver. Apenas posso imaginar como foi.

— Nunca nos verá casar novamente, garota. Nós não temos muito tempo nesta terra. Precisamos fazer as coisas enquanto ainda somos jovens.

— Você é velho. — Lembro-lhe lutando para não rir quando ele estreita os olhos para tela.

— Morda a língua. — Vovó repreende. — Balançamos essa cama.

Vovô cobre a boca dela. — A garota não precisa ouvir o que fizemos na noite passada, mulher. — Ele empurra o rosto para mais perto da câmera, empurrando vovô para o lado para que ela esteja fora de vista. Eu solto uma risada. — Como está aí? Está tudo bem com a reforma?

— Bem. — Digo, não querendo dizer a eles que tive outro encontro com meu vizinho. Apenas se preocuparão e já que não ouvi uma palavra do que ele disse, não posso dizer se estava com raiva de mim ou não. Sua expressão facial podia ser sempre assim. Isso é o que escolho acreditar de qualquer maneira. Dói um pouco pensar que ele estava com raiva de mim. — Na verdade, tem como vocês pedirem aos pedreiros para chegarem às oito e não às seis a partir de agora? Eles continuam me acordando e tenho trabalhado até tarde algumas noites para terminar este projeto.

Preciso de um dispositivo de campainha da porta comigo quando vou ao primeiro andar, caso o contrário não percebo se tem alguém na porta. No andar de baixo, meus avós instalaram luzes no canto da sala que piscam quando tocam. O dispositivo que carrego vibra. Tento deixá-lo fora do meu quarto quando vou para cama, mas algo sempre me impede. E se alguém ligar para ter certeza de que ninguém está em casa antes de invadir? Eu li em revistas que isso já aconteceu antes. Então deixo que toque enquanto levanto e atendo a porta. Isso me deixa louca, especialmente quando algumas noites trabalho até as primeiras horas da manhã.

— Que horas estão chegando? — Vovô pergunta sério agora.

— Antes das seis.

Ele olha minha avó antes de olhar para mim e balançar a cabeça. — Eu falarei com o empreiteiro. Você não falou com eles?

Eu mordo o lábio, perguntando-me se deveria dizer a eles ou não.

— Conheço esse olhar. O que aconteceu?

Liberando meu lábio, respiro antes de dizer a eles.

— Eu não gosto deles. Um cara beliscou minha bunda, outro continua me convidando para sair e alguns deles continuam entrando para usar o banheiro, mesmo que tenham um para eles ao lado da casa. Eles me dão arrepios, então costumo trancar as portas e fingir que não estou aqui.

Eles deveriam trabalhar no novo jardim para o meu avô. Ele queria uma varanda, uma churrasqueira montada e um lago na área dos fundos. Também estão trabalhando na estufa, mas por sorte, o acesso à parte de trás da casa pode ser fechada pela cozinha, e foi o que fiz.

Fiquei feliz que não foram eles que colocaram o andaime, mas uma empresa diferente. Conhecendo os homens que estão trabalhando aqui agora, olhariam para dentro do meu quarto.

Temo o momento que terão que entrar e começar a trabalhar dentro da casa.

O rosto do vovô fica vermelho. — Irei demiti-los. Você deveria ter dito algo. Falarei com Mary. Ela disse que o rapaz que mora com ela tem um membro da família que administra um negócio de construção. Eles fazem reformas. Faça-me um grande

favor, vá à casa ao lado e peça ao seu vizinho o número. Diga que pagaremos dez por cento sobre custos e mão de obra pelo serviço prestado.

— Mas...

— Ligarei para os pedreiros e os demitirei. A única razão pela qual estarão aí amanhã é para pegarem suas coisas. — Ele rosna pegando o celular.

— Agora, cuide-se, Bailey. Nós iremos à uma boate. Mas ligaremos amanhã, mesma hora. — Vovô se afasta.

— Mas...

A chamada acaba e fico imaginando como que me obrigarei a pedir o número.

E se não fizer isso, vovô voltará e fará isso sozinho, quero que eles se divirtam. Cuidaram de mim desde que meus pais e meu irmão morreram há três anos e fizeram tudo que podiam para tornar minha vida melhor.

Felizmente, os pedreiros partiram hoje cedo, provavelmente pensando que não notaria, então não tenho que me preocupar com eles esperando do lado de fora para me perseguir.

Pego as chaves e saio, fico nervosa ao ver os carros ainda na garagem. Engulo imaginando se deveria voltar mais tarde. Ele tem visita; será rude da minha parte aparecer sem ser convidada.

Olho para trás, para casa dos meus avós, pronta para voltar correndo para dentro, mas o pensamento de ter aqueles pedreiros de volta leva-me para as escadas que levam ao apartamento acima da garagem.

Coloco a palma da minha mão na porta antes de bater com a outra, certificando-me de que não está muito alto, já que ele tem um bebê que poderia estar dormindo.

Nos primeiros meses depois de perder a audição, gritava em vez de falar e batia as coisas em vez de colocá-las normalmente. Foi uma grande adaptação para trabalhar sem a minha audição.

A porta abre devagar, revelando o meu vizinho gostoso e a menina em seus braços. Eu quero sorrir para seu rosto adorável, mas estou muito nervosa e com medo do que ele possa dizer.

Percebo que o observo por muito tempo, porque quando ergo o olhar ele está franzindo a testa, seus lábios se movendo rápido demais para que conseguisse acompanhar.

Quero correr de volta para casa e lamentar para o meu avô por me obrigar a fazer isso. Não pode piorar.

CAPÍTULO SEIS

Aiden

Uma batida na porta me faz olhar para Lily e Mark, levantando minha sobrancelha. — Aposto que é a mamãe.

Lily ri de onde está esvaziando as sacolas de compras na cama. — Ela está ocupada ajudando papai hoje com a nova casa que compraram.

— Você ajudará com isso? — Mark pergunta, olhando para as partes da cômoda que compramos.

— Não, você e Landon farão isso. — Digo distraidamente, não querendo colocar Sunday no berço. Não gosto que ela fique no carrinho. Mesmo perto, ainda parece muito longe. Não sabia que se tornar pai ou mãe seria emocionalmente desafiador.

— Eu lavarei essas. — Charlotte nos diz carregando uma enorme pilha de roupas novas para fora do meu quarto. Aparentemente, você precisa lavar as roupas de bebê antes de usá-las. Isso me faz entrar em pânico, porque não consigo lembrar da mamãe lavando qualquer coisa antes de começarmos a colocar roupas em Sunday. Até as roupas que o tio Mason trouxe do hospital foram tiradas diretamente da embalagem.

Eu saio do meu quarto caminhando até a porta da frente. Abrindo-a, fico surpreso ao encontrar a garota da porta ao

lado. Ela está muito sexy em sua saia jeans e blusa branca. Quase faço beicinho quando descubro que ela está de sutiã. Não reclamaria se ela decidisse não usar mais quando estivesse por perto.

Quando ela não diz nada, franzo a testa.

— Posso ajudar?

Ela continua a olhar para Sunday e fico preocupado. Talvez seja uma ladra de bebês. Eu puxo Sunday um pouco para longe.

— Olha, se você está aqui para levar o meu bebê ou me ignorar novamente, pode sair. — Digo quando ela começa a olhar para cima, os olhos na minha boca novamente. Meu pau se agita quando ela lambe os lábios. — Há algo que você quer, querida ou ficará olhando a noite toda?

— Eu, eu, hum... sinto muito. — Diz, parecendo pronta para fugir. Ela dá um passo para trás, o rosto pálido e vejo horrorizado quando a sola de seu pé escorrega no degrau. Segurando Sunday com um braço, a alcanço e a agarro com meu outro braço, um formigamento me atinge onde tocamos.

— Cuidado. — Aviso a puxando da escada. Meu próprio rosto empalidecendo quando algo me ocorre.

Não demora e Sunday estará engatinhando e pode acontecer a mesma coisa. Puta merda! Preciso de um portão à prova de bebê o mais rápido possível. E depois de ouvir um dos funcionários da Mother Care falar sobre casas à prova de bebê, sei que preciso levar essa merda a sério. Quem saberia que um banheiro poderia ser perigoso para um bebê? E isso nem era o pior.

— Há algo que queira? — Saio depressa pronto para acessar a internet para ver o que posso usar para tornar as escadas mais seguras.

— Sinto muito, mas você pode falar mais devagar?

Confie em mim, a garota bonita é louca.

— O que. Você. Quer.

Seus ombros relaxam e ela sorri, tirando meu fôlego. É muito linda normalmente, mas quando sorri, é de tirar o fôlego.

— Meu, hum, meu avô... ele pediu para vir e pegar um número.

— Você quer meu número?

— O que? Não!

Sorrio quando ela fica vermelha, seu olhar focado no meu ombro. Lily se aproxima atrás de mim, olhando para mim e para a porta, então passo para o lado, deixando-a ficar ao meu lado.

— Hum, oi. — A garota da porta ao lado diz, acenando.

— Oi, eu sou a Lily.

— Eu sou Bailey, prazer em conhecê-la.

— Sim, sim. — Eu digo, interrompendo. Ignoro quando Lily dá um tapinha no meu estômago e encara minha vizinha. — Qual número você quer, se não o meu?

Não é como se tivesse tempo para namorar, mas talvez quando estiver me adaptado à Sunday, possa conseguir uma babá e dar o que ela quiser.

— Acho que você perguntou qual número quero, mas não tenho certeza. Você resmungou a última parte.

Claro que *eu resmunguei*. Ela não me ouviu?

— Você é surda? — Pergunta Lily e olho de olhos arregalados para a minha irmã inocente. Ela nunca foi mal-educada ou grosseira com ninguém em sua vida.

— Lily!

— Eu sou. — Bailey sorri e olho entre as duas, confuso.

— Eu pensei que você estivesse insultando-a por um momento. Não sabia se dava os parabéns ou gritava por ser malvada.

— Aiden, ela estava observando nossos lábios. Foi fácil ver.

— Sim, sabia disso. — Digo a ela, querendo me dar um tapa. Isso explica por que ela não respondeu na primeira vez que nos encontramos e por que não pode me responder esta manhã.

— Entre. Você quer uma bebida?

Convide a vizinhança, Lily, por que não? Enquanto isso, pergunte se ela quer comer.

Falando em comida, estou morrendo de fome.

— Apenas por um minuto. Eu realmente preciso voltar.

Vejo Bailey entrar, meus olhos não deixam os dela. Há algo que a torna diferente. Apenas não sei o que. Não é nem que queira transar com ela, porque há muitas garotas que quero foder. É ela.

— Aiden mencionou um número? — Diz Lily, iniciando a conversa quando vê Bailey ficar nervosa.

Charlotte entra na sala, calmamente nos observando e sei que não demorará muito até que Mark e Landon apareçam. Um olhar de Landon e provavelmente nunca mais olharei para a bela vizinha novamente. Ele é o suficiente para assustar um serial killer. O filho da puta não sabe relaxar.

— Sim. Meus avós falaram com Mary e ela mencionou que... — pausou antes de pronunciar o meu nome, como se esperasse acertar, — A família de Aiden trabalhava com construção civil. Meu avô quer demitir as pessoas que trabalham para ele.

Eu entro em sua visão, então ela não tem escolha a não ser olhar para mim. — Por que vocês os demitirão?

Ela torce as mãos juntas. — Eu não gosto deles. Eles me acordam cedo demais. Muito cedo para alguém acordar e eu, hum... simplesmente não gosto deles.

Posso ver que há mais na história, mas ela está nervosa demais para dizer. Quero pressioná-la, mas não é da minha conta. E tenho um bebê para pensar agora. Não posso me envolver com ela.

— Eu disse isso para você esta manhã. Eles continuam me acordando com todas as batidas.

Ela estremece. — Sinto muito por acordarem você. E não consegui entendê-lo mais cedo. Você falava muito rápido e continuou olhando para longe.

Merda. Agora me sinto como um idiota gigante. Quando terminei o café da manhã com a família estava convencido de que ela era uma cadela mimada.

— Sinto muito. Eu e Sunday não dormimos muito antes que eles nos acordassem.

— Sinto muito. Ela é sua?

Eu olho para Sunday antes de olhar de volta. — Ela é. Linda, não é?

— Muito. — Ela responde baixinho antes de olhar para Lily. — Você é a mãe?

Lily dá um sorriso triste. — Eu sou a tia. A mãe dela morreu no parto.

Os olhos de Bailey ficam molhados quando olham para mim. — Sinto muito pela tua perda.

Encolho os ombros.

— Obrigado. Foi apenas uma noite. Não éramos um casal. Realmente não a conhecia. — Apresso para explicar. E por alguma razão, sinto que precisava. Não quero que ela pense que estou de coração partido pela mãe da minha filha. Sim, sofro por Sunday, ela nunca terá a mãe, mas por mim... ficarei bem.

— Hum, tudo bem. — Diz ela com as mãos ainda torcendo e apertando. — Então, pode me dar o número? Eu realmente gostaria do trabalho pronto antes de meus avós decidirem voltar para casa, se é que algum dia voltarão. Estão aproveitando seu tempo viajando.

— Aqui, segure Sunday por um momento e liguei para ele.
— Digo a ela e pela primeira vez desde que a peguei no hospital, a entrego para outra pessoa sem aquela sensação de vazio no meu peito. É bizarro. Ignoro a sensação rapidamente.

Ouçõ a respiração ofegante de Lily e ignoro seu rosto surpreso enquanto vejo Bailey abraçá-la bem de perto, sorrindo gentilmente.

— Você é linda. — Murmura deixando Sunday apertar seu dedo.

Lily limpa a garganta. — Você vai ligar para Maddox?

Eu olho para longe da bela vista na minha frente, meu coração doendo. Ela deveria ser acalentada pela mãe.

— Sim. — Digo pegando meu telefone do bolso de trás antes de clicar no contato de Maddox. Ele atende imediatamente.

— Já está sentindo minha falta?

Eu suspiro, beliscando a ponte do meu nariz enquanto me movo para a cozinha para ter alguma privacidade. — Não, a vizinha demitirá o empreiteiro trabalhando na casa dos pais dela. Disseram para vir buscar o seu número. Você tem algum tempo para encaixá-la? Eu sei que anda ocupado, mas parece que ela quer se livrar deles rapidamente.

— Quem estava trabalhando em sua casa? — Pergunta ele e eu ouço os papéis ao fundo. Esse é o lado de Maddox que somente seus trabalhadores conseguem ver. Qualquer outra hora ele é descontraído e idiota. Você nunca acreditaria que ele

administra um negócio de sucesso. — Eu verei quem nós temos livre.

— Espere. — Digo a ele, colocando minha cabeça para fora da cozinha. — Ei, Lily, pergunte a ela quem está trabalhando na casa agora. — Espero que Lily pergunte antes de ouvir a resposta de Bailey. Ela olha para mim com uma carranca fofa no rosto. Em vez de responder sua pergunta silenciosa, volto para a cozinha. — Smiths General Contractor.

— Porra!

— O que?

— Não admira que ela queira que eles desapareçam. São um dos meus maiores concorrentes na cidade, mas desde que contrataram Ford e sua equipe, estão perdendo clientes. Tiveram processos de assédio sexual, mas porque sua família é rica e tem contatos do alto escalão, se safaram. A sua vizinha mora sozinha?

Merda, é isso. Esfrego a mão no meu rosto. — Sim, ela mora. Então, você pode fazer isso?

— Eu realmente não tenho homens, mas se ela não se importar, posso aparecer e ver o que precisa ser feito, ver se consigo tirar alguns homens dos trabalhos que estão quase prontos. Mark, Landon e Liam são três dos meus melhores homens, então perguntarei a eles se poderiam trocar.

Não sei por que sinto alívio quando ele concorda em ajudá-la, mas sinto. Olho de volta para a sala de estar onde ela está balançando o bebê lentamente de um lado para o outro e estreito meus olhos.

Ela deve ser uma bruxa. Não há maneira de contornar isso. Ela me colocou sob algum tipo de feitiço e fez de mim um maricas. Isso ou Sunday me fez ficar sensível. Então, novamente, a garota me tentando hoje no Mother Care nem me fez vibrar, então deve ser Bailey.

Apenas preciso ficar longe até que qualquer feitiço que ela tenha sobre mim desapareça.

— Você está aí, idiota?

— Sim. — Falo. — Sinto muito, estava apenas olhando Sunday.

Ele ri pelo telefone. — Ainda não consigo acreditar que você é pai. E ainda estou chateado por você não me deixar colocar uma foto no Facebook. As garotas ficarão em cima de mim se postar isso lá.

Eu reviro os olhos. — Você não usará minha filha para conseguir transar. Agora desapareça. E avisarei a garota que irá amanhã. Você sabe a que horas? Ela é surda, então provavelmente precisa saber quando chegará. Não venha muito tarde.

— Eu não sei Libras. Quer que leve Liam, ele sabe? Aprendeu quando quis pegar a garota surda há alguns anos.

Minha família pode ser louca.

— Não, ela pode se comunicar bem. Apenas fale claramente e não desvie o olhar.

— Tudo bem. Diga a ela que aparecerei ao meio dia.

— Falo com você mais tarde. — Digo a ele, então desligo. Quando chego à sala de estar, Bailey olha para cima, seu corpo fica tenso. — Ele disse que virá amanhã ao meio dia para dar uma olhada. Está bom para você?

Seu corpo relaxa e ela sorri lindamente para mim. — Perfeito. Muito obrigada. Eu não sei o que faria se não pudéssemos contratá-lo. Ele é seu amigo?

— Não, é meu primo. Somos família. E ele é muito bom em seu trabalho.

— Obrigada novamente. — Ela me diz. — É melhor eu ir. Tenho muito trabalho para colocar em dia.

Ela se vira para sair e vejo quando se dirige para porta aberta. Eu quero me aproximar, dizer a ela para ficar e tomar uma bebida ou algo assim para que possamos nos conhecer.

Então meus olhos se arregalam quando lembro que ela ainda está com Sunday. Apresso-me ao mesmo tempo em que ela se vira, o rosto corado de vergonha.

— Sinto muito. Não foi minha intenção levá-la para minha casa. Foi uma brincadeira, porque ela é fofa e tudo mais.

Eu rio por ela divagar tirando Sunday de seus braços. — Tudo bem. Ela meio que causa isso em todo mundo.

— Tenho certeza. — Diz ela antes de rir musicalmente. Eu sorrio ao som. — Certo, agora definitivamente irei. Tenha uma boa noite.

— Você também.

— E foi bom conhecer vocês duas. — Ela diz a Charlotte e à Lily.

— Podemos visitá-la durante a semana para falar sobre isso. — Diz Charlotte e meus olhos se arregalam quando Bailey acena. Então ela sai.

Eu me viro para as garotas, olhando para as duas com desconfiança. — Por que vocês irão à casa dela?

Ambas olham uma para a outra, mordendo os lábios. Não conseguem mentir nem para salvar suas vidas. Elas são muito gentis e de bom coração. Estou quase batendo os pés quando as duas encolhem os ombros, mantendo os lábios fechados.

— Vamos. Vocês duas não sabem mentir.

— Não dizer nada não é mentir para você. — Charlotte afirma o fato.

Eu ria da inteligência dela, mas estou louco para saber. Você sabe, a curiosidade matou o gato e tal.

— Lily?

— Não me pergunte, por favor. Eu não quero mentir para você. Apenas vou porque gosto dela. Ela é muito legal.

Olho para Charlotte imaginando o que está escondendo de mim e o que poderia querer com Bailey. Descobrirei e quando eu disser à Landon, ele logo tirará isso dela. E se o filho da puta ainda não souber. Aqueles dois são melhores amigos a vida toda.

Quando elas compartilham outro olhar conspiratório, quase insisto por respostas, sabendo que desistirão logo. Mas tenho uma ideia melhor. Quando aparecerem, me certificarei de estar lá

para me convidar para a festinha. Dessa forma, posso dar uma olhada em Bailey e conhecer sua história.

E se há uma coisa da qual tenho certeza, é que ela tem uma história. Você pode ver isso em sua linguagem corporal, na maneira como fala e naqueles olhos.

Também não nasceu surda, fala fluentemente, sem qualquer problema, o que questiono, por que não tem um aparelho auditivo ou algo assim. Gostaria de saber o que aconteceu com ela.

Por quê? Nenhuma ideia. Nenhuma garota me deixou assim antes. As únicas mulheres com quem me importo são as da minha família.

Até ela.

Bailey parece diferente e farei minha missão descobrir o porquê.

Até mesmo para ficar longe dela.

CAPÍTULO SETE

Bailey

As vibrações ininterruptas da campainha me acordam de um sono profundo. Um suor frio surge em minha pele e começo a tremer, lentamente saio da cama enquanto continua. Alguém tem o dedo na campainha e não o tira.

Meus piores medos vêm à vida: as quatro garotas que fizeram da minha adolescência um inferno estão aqui.

Flashes da minha infância passam pela minha mente e começo a me sentir frustrada comigo mesma. Prometi a mim mesma, depois da última vez, que não as deixaria governar minha vida. Eu quero tomar uma posição para não deixá-las ver o quanto realmente estou assustada por dentro.

Não querendo estar seminua quando as confrontar, pego meu casaco de uma cadeira e coloco na cabeça. Eu também não quero ser pega de surpresa novamente, então procuro no fundo da minha gaveta e desenterro o último aparelho auditivo que recebi. Normalmente, dói demais usá-lo, mas não há como deixar que uma delas me surpreenda. E se isso significa colocar este instrumento de tortura no meu ouvido, então que assim seja. Eu o aperto no meu tímpano antes de prender o pequeno clipe no lóbulo, desejando que um dos que estavam atrás da minha orelha

fossem os que usava. Ligo, estremecendo com o som que ecoa na minha cabeça.

Fecho meus olhos, lutando contra a onda de lágrimas que ameaça derramar ao ouvir sons ao meu redor. Posso ouvir a batida na porta dessa vez e pulo, indo rapidamente para as escadas.

Deve ser elas. Quem mais tocaria minha campainha como se houvesse um incêndio? Meus avós são bem conhecidos por aqui, então todos que importam sabem que estão viajando. E se souberem que voltei e estou sozinha, as quatro aproveitarão a oportunidade para mostrar onde é meu lugar.

Meus pais possuíam uma loja de ferragens e vivíamos bem em uma área de classe média. Meus avós são ricos, têm ações em todos os tipos de negócios e vivem viajando. Quando comecei a escola, meus avós convenceram meus pais a me mandar para uma escola particular para que pudesse fazer as aulas de arte pelas quais era apaixonada. Era tudo que sempre quis fazer: desenhar e projetar.

Estava tão empolgada em participar da minha nova escola, mais ainda quando vi o departamento de arte deles. Era o paraíso. Saí naquele dia pensando que era o inferno. Nunca me senti tão isolada ou sozinha em minha vida. Essas garotas sugaram a vida de mim. Como meus avós pagaram muito dinheiro para frequentar e imploramos aos meus pais que me deixassem, não podia voltar atrás e dizer que não queria mais ir.

Em vez disso, vivi anos de intimidação. Não importava o que meus pais tentassem fazer para impedi-las, nada funcionava. Isso

apenas piorava as coisas. Então fui retirada no meio do meu último ano e frequentei a escola local. Foi mais fácil lá, mas porque não tinha nenhum amigo na escola particular, era antissocial. Não sabia como interagir com outras pessoas, então ficava na minha. Foi como essas quatro garotas me deixavam sozinha em cada uma das vezes. Mesmo em escolas diferentes, elas ainda conseguiam me encontrar. Houve momentos em que pegava o caminho mais longo para casa, mas mesmo assim conseguiam me encurralar. Era muito aterrorizante.

Ignoro as lembranças, engulo saliva.

Minhas mãos começam a tremer quando sigo pelo corredor até a porta da frente. Olho pelo olho mágico, franzo a testa quando vejo Ford, o empreiteiro do grupo que estava trabalhando na casa. Limpo minhas mãos úmidas nas coxas.

Merda, o vovô já falou com ele. Ontem à noite, esperava que ele não tivesse conseguido entrar em contato. Eu deveria ter esperado por isso.

Com um giro, viro a fechadura e abro a porta. Dou de cara com um rosnado irritado e um dedo na minha cara.

— Estou ouvindo certo? Você nos despediu? — Ele grita, me olhando com desgosto. Meus dedos vão para o aparelho auditivo, já querendo arrancá-lo. O som alto ecoa nos meus ouvidos, me fazendo estremecer de dor.

— Meu avô queria outra pessoa. — Minto.

Ele agarra meu braço, puxando-me para fora. — Ligue para ele agora, sua puta boba. Nós trabalhamos duro nessa casa. Olhe para todos esses homens. Eles têm famílias para sustentar.

E drogas e cerveja para comprar, quero adicionar. Posso ser surda, mas não sou cega. Eu os vi fumando maconha e bebendo no jardim.

Puxo meu braço de seu alcance olhando para ele. Estou farta de valentões tentando mandar em mim. — Não. É decisão dele.

Ele zomba, se aproximando de mim. — Então faça ele mudar de ideia, sua vaca estúpida. Ou pode pagar pelo dinheiro que perderemos por sairmos do trabalho.

Voltar atrás. Que audácia a dele!

— Acho que não. — Não darei um centavo do meu dinheiro.

— Como se não tivesse dinheiro. Vadias ricas como você sempre tem uma grande conta bancária. Sugiro que pague, porque não sairei até... — Ele grita, justamente quando um carro estaciona na porta ao lado e uma linda mulher sai. Vejo como ela nos olha preocupada antes de se mover rapidamente para as escadas.

— Eu não lhe darei dinheiro.

— Sim, dará. Você nos custou a porra de um emprego, porque se acha a tal.

— Ei, escória. — Ouço gritar e viro minha cabeça na direção do som abafado. Encolho quando vejo o cara rude que está sempre me olhando como se fosse carne fresca. — Quem você acha que está nos reportando, nosso chefe? Cadelas duras como você precisam de pulso forte. — Encolho-me quando ele

derruba as ferramentas que carrega para segurar seu pau, balançando-o. — Você pode se sentar sobre isso.

A risada abafada de Ford enche meus ouvidos. — Talvez devêssemos ensiná-la a relaxar.

Eu dou um passo para trás quando o som em meus ouvidos se torna demais. Posso ver os homens rindo, é muita coisa ao mesmo tempo. Lágrimas enchem meus olhos porque quero arrancar o aparelho, mas sei que não posso com esses homens. Eles tirariam vantagem da minha vulnerabilidade; valentões sempre fazem isso.

— Sugiro que todos vocês saiam antes que chame a polícia e peça que alguém venha e pegue o resto do seu equipamento.

— Ouviu isso? — Gritam, mas quando olho ao redor procurando a fonte, não consigo encontrar. Começo a entrar em pânico, odiando esse sentimento. É por isso que não saio sem meus avós. Odeio confrontos, especialmente aqueles que não consigo entender completamente ou ouvir.

— Chamar a porra da polícia? Cadela, não chegará perto de um telefone se continuar assim. Está pensando que é uma pessoa especial. — Ford zomba, se aproximando novamente. — Você pode nos dar o dinheiro que perderemos ou então... acredite, você não quer ver o meu lado ruim.

— Você não quer ver o meu também, idiota. — Ouço em seguida. Olho para o lado e vejo Aiden vindo em nossa direção, sua voz tão forte quanto eu imaginava. Minha boca abre com a visão dele sem camisa, seu peito definido e musculoso. — Fique longe dela.

Caramba, ele deve malhar pesado.

Fechando a boca, a limpo no caso de ter babado um pouco.

A expressão de Aiden suaviza quando seu olhar alcança o meu. Eu lhe dou um pequeno sorriso e ele pisca, antes de mascarar sua expressão com um olhar frio apontando para Ford. Eu tremo.

— Garoto, você não quer mexer comigo agora. — Ford diz.

Aiden ri sem humor. — Não, é você quem não quer mexer comigo. Por semanas você me acordou cedo, cedo demais. Então, vi vocês saírem por volta do meio-dia ou bebendo no trabalho. É você quem não deveria mexer comigo.

— Isso não é da sua conta, babaca. Vá correndo para sua mãe e deixe os meninos grandes lidarem com isso.

Aiden fica entre mim e Ford, uma sensação calorosa invade meu corpo com o gesto protetor.

— Eu discordo. Bailey é minha amiga e vizinha. Não permitirei que você a intimide. E se fizesse o seu trabalho, em primeiro lugar, não seria demitido.

— Você não sabe o que está falando. — Ford responde, seu rosto ficando vermelho.

Os músculos de Aiden estão tensos e olho ao redor procurando por ajuda, sabendo que não serei de qualquer utilidade se isso se transformar em uma briga. A mulher que saiu do carro mais cedo está de pé na porta dele, balançando Sunday, um telefone no ouvido e falando rapidamente.

— Sim, eu sei. Sou um Carter. Sei tudo sobre você e as reclamações de assédio sexual que tiveram de clientes. Quantas vezes acha que pode ser demitido antes de ser dispensado para sempre? Sente-se bem intimidando garotas e mulheres? Isso o faz sentir que tem um pau grande quando as assusta, depois que elas o denunciam? Você não é nada além de um idiota que não consegue transar porque tem um pau pequeno.

Eu grito, quando Ford grita, seu punho voando para Aiden. Ele não se vira, mas em vez disso reage para me empurrar para fora do caminho, antes de plantar seus pés separados. Eu tropeço em uma pedra e acabo caindo no chão. Meu aparelho auditivo cai, dando-me um momento de alívio antes de me lembrar do que está acontecendo ao meu redor.

Viro-me a tempo de ver Aiden desviar do soco que Ford estava mirando em seu rosto, antes de contorcer e pousar seu próprio soco no estômago de Ford, derrubando-o no chão. Aiden se escarrancha nele, socando-o mais uma vez antes do movimento nos portões chamar minha atenção.

Sinto que estou assistindo um filme de terror ruim quando dois carros param ao lado do nosso portão. Três homens e quatro rapazes mais jovens saem, parecendo incrivelmente intimidantes e assustadores.

Eu tenho que fazer alguma coisa. Aiden não pode enfrentar todos esses homens.

Quando olho para Aiden, um grito sai da minha garganta quando vejo outro homem se juntando à briga e bate nele também. Levanto-me do chão para ajudá-lo, odiando-me por não

mandá-lo para casa para sua filha quando tive a chance. Assim que os alcanço, o homem que se juntou a confusão é socado ao tentar atacá-lo e seu cotovelo pega em meus olhos. Eu grito, sentindo-me desorientada por um momento enquanto dou alguns passos.

— Pare! Vou chamar a polícia. — Grito, tirando meu telefone do bolso, lágrimas caem dos meus olhos enquanto Aiden esmurra Ford implacavelmente enquanto o outro pula em suas costas.

E do canto do meu olho, noto um dos rapazes do carro vindo na minha direção, sua expressão ilegível. Afasto, dando um passo para trás e segurando o telefone no peito. Os outros tentam separar todos, mas acabam entrando em uma briga novamente.

Eu fico fascinada quando um dos homens do carro me chama a atenção. Tento não rir quando ele joga os braços em um gesto de caratê antes de dar um soco no rapaz que atacou Aiden. Seus lábios se movem e juro que ele diz: *Porra, eu farei você cagar seus dentes*. O rosto dele se afasta antes que possa ler se ele disse mais alguma coisa, mas tenho certeza de que foi isso.

O movimento perto de mim me faz lembrar do rapaz grande e intimidante. Ele está assistindo a luta, sua boca gritando: — Max!

Eu rapidamente ligo para a polícia, mas antes que possa completar a ligação, ele pega o telefone da minha mão. Olho para ele, meus olhos arregalados.

— Ei!

— Querida, lidarei com isso.

— Eu não deixarei bater no meu lindo vizinho. — Falo imaginando a rapidez com que posso chegar à casa do vizinho mais próximo. Olho para a mulher que segura Sunday, sabendo que ela tem um telefone. Mas não está mais com ele e não parece tão preocupada quanto antes. E se parece alguma coisa, está relaxada.

Um tapinha no meu ombro me faz olhar para o homem ao meu lado. — Eu sou Maverick, o pai de Aiden. Apenas espere com minha esposa, Teagan e resolverei isso, ok?

É o pai de Aiden? Ele é muito gostoso e jovem demais para ser pai. Ok, não jovem, ele deve ter mais de quarenta anos, mas está muito bem.

— Ok. — Sussurro antes de correr pela grama até ela. Os homens pararam de pegar seu equipamento e me encaram enquanto passo por eles. Não posso deixar de ver as palavras saindo de seus lábios.

— Cadela.

— Prostituta.

Olho para longe enxugando as lágrimas que mancham minhas bochechas. Quando me aproximo, a mulher que Maverick chamou de Teagan, fala comigo rapidamente, com a mão estendida para esfregar meu braço.

Eu posso ver de onde Aiden conseguiu sua boa aparência. Ele tem pais impressionantes. Esta mulher não parece ter mais de trinta anos.

— Sinto muito. — Perdi meu aparelho auditivo, não que seja muito bom, minha dor de cabeça está se transformando em enxaqueca. Eu seguro minha cabeça quando a dor se torna insuportável. — Sinto muito pelo seu filho. Precisamos chamar a polícia.

Teagan me balança suavemente e olho para cima, sentindo-me tonta com a dor. É por isso que odeio usar os aparelhos auditivos que me deram: se tornam muito pesados e acabo assim. Meus avós se ofereceram para pagar por um de melhor qualidade, mas depois da morte de meus pais e irmão, não senti que merecia ouvir, não quando sou a razão de estarem mortos.

O olho negro que sinto inchando não ajuda a minha enxaqueca. O pulsar bem debaixo do meu olho torna difícil mantê-lo aberto. Parece que ficará ruim.

— Eu sou surda. — Digo a ela fazendo uma careta quando Sunday se agita e percebo que eu disse muito alto. — Sinto muito.

— Está tudo bem. Por que você não vem e se deita? Parece prestes a desmaiar.

Eu nem a conheço ou Aiden, o suficiente para deitar em sua casa, mas se não fizer isso, me envergonharei ao desmaiar na frente de todos. E estou envergonhada o suficiente agora.

— E quanto a Aiden? — Sussurro, bem, assim espero.

— Seu pai, tios e primos resolverão isso.

Aceno, deixando-a me levar para dentro. Pensei que me levaria para o sofá, mas ao invés disso, me levou para outro

quarto. Olho ao redor, um pequeno sorriso puxando meus lábios quando vejo um belo berço com roupas de cama rosa e outras coisas de bebê. Um lado do quarto parece todo masculino, enquanto o outro lado tem um unicórnio e é rosa. É lindo.

Meus olhos se estreitam quando Teagan me empurra na cama. Olho para ela silenciosamente a questionando, uma vez que dói demais falar.

— Feche os olhos um pouco. Quando tenho dores de cabeça, é o que faço e acordo me sentindo revigorada. Você quer um paracetamol? — Aceno, sentindo minha garganta apertar com a bondade dessa família. — Deite. Volto em um minuto.

Olho para os lençóis emaranhados, sinto minhas bochechas esquentarem. Aiden dorme aqui. A cama ainda está quente.

Deito-me inalando o cheiro de almíscar e homem. Suspiro fechando os olhos para absorver tudo, memorizando o cheiro.

CAPÍTULO OITO

Aiden

Pensei que minha manhã estava indo muito bem até que mamãe começou a bater na minha porta freneticamente. Eu tinha acabado de alimentar Sunday e estava pronto para fazê-la dormir quando ela chegou.

Ainda não consigo acreditar que o idiota estava assediando Bailey. Quando saí, todos estavam indo em sua direção. Um sentimento que apenas senti quando pensava que um dos meus familiares era ameaçado dominou-me e me movi antes mesmo de saber o que faria. Ela parecia petrificada, tão pequena que queria socá-lo. A única razão que não fiz foi por causa de Sunday e Bailey. Um: não poderia ser preso agora que tinha um bebê e dois: acho que, se eu tivesse lutado, Bailey nunca se sentiria à vontade comigo.

Cuspo sangue no chão e lambo o corte no meu lábio inferior. Um de seus amigos me deu um soco quando não estava olhando.

Abaixei, minhas mãos em meus joelhos, quando a última das caminhonetes saiu, olhando para o meu tio Max deitado na grama.

— Tio Max, o que você estava fazendo? Dançando?

Tio Mason se inclina, gargalhando. — Estava esperando alguém para falar sobre isso. Foi um momento esquisito.

— Foda-se, aqueles eram meus movimentos ninja. — Ele responde antes de sorrir. — Eu não me diverti tanto desde que coloquei para correr o último namorado de Hayden.

— Não tanto quanto fizemos quando levamos o último para o local isolado e o ameaçamos. — Landon acrescenta, sem sequer olhar para o lado. O filho da puta nem tem uma marca nele quando se inclina casualmente contra o carro de mamãe.

— Você me preocupou, papai. Achei que você estava tendo um ataque epilético ou um ataque cardíaco. — Liam comenta sorrindo.

— Foda-se. Ainda sou jovem, sabe. — Max fala olhando para seu filho.

— Você tem sorte de termos chegado aqui o mais rápido que podíamos. Sua mãe estava agitada. — Papai diz.

— Eu não comecei a briga. — Digo a ele. E é a verdade. — Posso ter incitado o filho da puta a bater em mim, mas posso sinceramente dizer que não dei o primeiro soco.

Papai revira os olhos suspirando. — Você é um pai agora, filho.

— Eu sei. — Digo desejando que ele acreditasse em mim.

— Maverick, ele está dizendo a verdade. — Diz mamãe e eu fico de pé olhando para ela. — Ele estava tentando ajudar Bailey quando aquele homem o atacou.

Papai ainda parece duvidar. Respiro fundo virando-me para encarar mamãe. — Onde está Bailey? — Pergunto. — Ela está bem?

— Ela está dormindo na sua cama.

— O que? — Pergunto um pouco alto demais, confuso sobre o porquê.

Mamãe desce os degraus, belisca meu queixo e inclina a cabeça de um lado para o outro. — Você precisa ir limpar isso. Todos precisam.

— Eu não. — Landon fala.

Olho para o filho da puta. — Você estava mesmo lutando?

Ele estreita os olhos para mim. — Eu tinha cinco deles em mim.

Liam se senta na grama. — Ele tem razão. Estava ao seu lado lutando contra um e me perguntando como ele faz isso.

— Eu peguei todos eles. — Diz tio Max, levantando-se. — Agora, preciso voltar para a escola.

— Você veio da escola? — Pergunto. Achei que era dia de treinamento de professores ou algo assim.

— Não. Tive a manhã de folga e estava revisando algumas coisas com Mav e Maddox sobre algum trabalho na casa.

— Ah!

— Papai, você não tem uma marca também. — Diz Mark, parecendo invejoso. O lado esquerdo do rosto do pobre rapaz está completamente inchado, como se alguém tivesse pisado nele.

Papai sorri, parecendo presunçoso. — Apenas olhei para os dois caras que vinham até mim e eles correram para pegar suas ferramentas antes de sair.

Mamãe ri e reviro os olhos.

— Podemos voltar à questão real? — Pergunto, então, olho para mamãe. — Por que Bailey está na minha cama, dormindo, aliás?

— Ela mencionou algo sobre um aparelho auditivo e a coitada parecia com dor. Eu fui pegar um paracetamol para ela, mas quando voltei, estava dormindo.

— Aparelho auditivo? — Pergunto, antes de meus olhos se arregalarem. — Um aparelho auditivo? Ela é surda!

Papai se aproxima de nós, entregando-me um dispositivo esmagado.

— Acho que isso é do que ela estava falando.

— Porcaria! Pergunto-me por que ela não usa isso. — Penso comigo mesmo.

— Bem, a bisavó de Mary, costumava ficar com o ouvido irritado e tinha enxaquecas. E se tivesse que adivinhar, foi o que aconteceu aqui. Parecia pálida e com muita dor.

— E quem deu um soco nela? Você viu? — Rosno, querendo ir procurar aqueles idiotas e terminar o que começaram.

— Não tenho certeza. — Minha mãe diz gentilmente.

— Ela tentou ficar entre você e o homem que o atacou. Quando ele se afastou, seu cotovelo bateu em seu rosto.

— Papai responde.

— E você não fez nada? — Rosno.

Ele me dá um olhar frio. — Claro que eu fiz. Ele foi o único que carregaram para a caminhonete.

Relaxo olhando para as escadas do meu apartamento. — O que eu faço?

— Deixe-a descansar um pouco. Ela parece precisar. — Minha mãe me diz.

— E não é como se ela fosse ouvir você ou Sunday. — Acrescenta Liam. Olho para ele. — Uau! Acalme-se. Há quanto tempo você conhece essa garota?

— Oficialmente ontem. — Admito esfregando minha nuca. Mamãe e papai compartilham um olhar antes dela voltar para o andar de cima, sorrindo. — O que?

Papai sorri. — Nada.

— Você foi fisgado. — Acrescenta Max rindo.

Olhando para ele, digo: — Não, não fui não. — Todos começam a rir e eu rosno apertando os punhos. — Calem-se, idiotas!

— Olhe para você ficando todo louco. — Liam sorri.

— Não o provoque. — Papai avisa antes de me bater no ombro. — Não se preocupe, todos nós já passamos por isso.

— Eu não estou passando por nada. — Afirmo.

— Sim, você está, mas vale a pena. — Grita tio Max.

— Eu realmente não estou.

— Sim, você está. Apenas não estrague tudo. — Tio Max acrescenta estendendo a mão para tio Mason, em um pedido silencioso para ajudá-lo. Tio Mason continua andando e eu rio enquanto tio Max estreita os olhos. — Certo, Maddox, você pode me levar para a escola antes de me demitirem. Terei que dizer que fui assaltado.

Eu sorrio, imaginando quantas vezes precisou explicar hematomas para escola.

— Pegarei uma carona de volta com Teagan e encontro com vocês mais tarde. — Papai diz aos outros.

— Obrigado por virem.

— É o que as famílias fazem. — Diz tio Mason apertando meu ombro.

— Voltarei em algumas horas. Ligue se precisar de mais tempo. — Maddox diz piscando.

Reviro os olhos para ele antes de me despedir e subir as escadas. Mamãe está colocando Sunday no seu cesto de Moisés quando entro.

— Preciso ir. Maddison e eu temos um grande pedido para preencher. Nós temos quatro casamentos nesse fim de semana.

— Obrigado por vir, mamãe.

— Sempre. Queria te ver. Virei amanhã à noite. E se quiser sair para tomar uma bebida com seus irmãos e primos, cuidarei de Sunday para você.

— Não, estou bem. Não estou pronto para deixá-la ainda.

Ela sorri suavemente para mim. — Ok, querido. Limpe-se. Você não quer sujar Sunday de sangue.

— Eu irei. Prometo. — Digo a ela estendendo a mão para beijar sua bochecha, rindo quando ela fica com um pouco de sangue no rosto.

Ela olha para mim antes de limpar. — Tchau, filho. Falo com você mais tarde. Cuide dessas garotas.

Olho para Sunday, que está dormindo profundamente em seu cesto, então na porta do meu quarto sabendo que Bailey está lá.

— Certo.

Eu a vejo sair antes de ir para o quarto pegar uma troca de roupa, já que estava usando apenas minha calça de corrida quando mamãe chegou. Entro e olho da porta. Bailey está deitada de lado, a cabeça em meu travesseiro, o cobertor até o peito.

Sua inocência se revela nela adormecida, seu rosto tranquilo, o peito subindo e descendo a cada respiração suave que toma.

Silenciosamente, aproximo-me dela. Seus cílios escuros se espalham pelas maçãs do rosto salientes e seus lábios formam um beicinho fofo que causa um sorriso em mim. Eu não sei o que me obriga a fazer isso, mas acabo indo até a beirada da cama e levemente afasto os cabelos de seu rosto. Ela suspira, aconchegando-se ainda mais no meu travesseiro.

Garotas sempre foram simples para mim. Há aquelas que flertam e procuram um bom tempo, há as tímidas que se

apaixonam por você e imaginam seus futuros bebês e há aquelas que apenas fingem que estão felizes depois de um bom tempo, quando na verdade tudo o que querem fazer é amarrá-lo. Depois, há as raras criaturas que merecem mais, aquelas que sempre valerão mais do que a pessoa que encontram. As mulheres da minha família são essas criaturas raras. Nenhum homem nessa terra jamais será bom o suficiente para elas. Não para nós, de qualquer maneira.

Mas Bailey... ela é uma garota que é um mistério para mim. Ela não flerta nem me olha como se fosse uma fatia de carne. Embora, aposto que teve alguns pensamentos sujos comigo. Como não teria. Estou em forma e exalo sexo. Bailey não é tímida e não teve problemas em falar comigo, embora pareça muito reservada. E ela não me parece o tipo de mulher que manipula um homem para conseguir o que quer. Chame de intuição ou o que você quiser, mas sei que ela é diferente.

E um completo maldito quebra-cabeça que não posso montar.

Um Carter sempre consegue o que quer. E descobrir tudo sobre Bailey é o que quero agora. Quer ela saiba ou não, me contará tudo.

*** **

O movimento da porta do quarto chama minha atenção. Olho para cima, sorrindo para Bailey que acaba

de acordar. Ela nervosa endireita os cabelos e o moletom, olhando pelo quarto em confusão.

— Por quanto tempo dormi? — Ela pergunta, seus olhos voltando para mim.

Olho para cima trocando a fralda de Sunday para responder. — Apenas uma hora. Como está se sentindo? Tomou os comprimidos que mamãe deixou para você?

— Tomei, obrigada. — Diz ela ainda parecendo atordoada, antes de seus olhos se arregalarem de horror. — Oh, meu Deus! Você está ferido. Sinto muito. Isso é tudo culpa minha. Deveria ter telefonado para a polícia quando olhei pelo olho mágico.

— Sente-se antes de cair. — Digo quando ela começa a balançar. Bailey relutantemente faz o que digo, surpreendendo-me quando senta do lado oposto de Sunday, acariciando seu rosto.

— Eu realmente sinto muito. — Ela sussurra olhando para mim. — O que aconteceu depois que entrei?

— Pare de se desculpar. — Digo enquanto levanto Sunday em meus braços, levando a mamadeira aos seus lábios. Ela está chorando há mais de vinte minutos e não terminou sua mamadeira hoje de manhã, recusando-se a tomar. Agora toma tudo. Quando sei que está feliz, olho para Bailey.

— O que aconteceu não foi sua culpa. Eu deveria tê-la avisado ontem à noite depois de falar com meu primo. São conhecidos por perseguir as mulheres para quem estão trabalhando.

— Não posso acreditar que ficou tão fora de controle. A polícia veio?

Sorrio.

— Não. Nós lidamos com tudo. Não voltarão aqui novamente, juro. Nós ameaçamos chamar a polícia se o fizerem e sabem que minha irmã está noiva de um.

— Lily? Eu não vi um anel.

— Não, minha outra irmã, Faith. Somos uma grande família.

— Eu pude ver. Pensei que aqueles homens estavam lá para ataca-lo quando saíram do carro. — Ela me diz antes de sorrir. — Foi como um filme da máfia. Tudo o que precisavam era de carros pretos com vidros escuros e armas nos quadris.

Sorrio. Mal posso esperar para dizer ao papai que ela disse isso. Ele se divertirá.

— Não. Mamãe os chamou antes mesmo de eu sair para ajudá-la. — Pego a mamadeira da boca de Sunday. — Como está se sentindo?

Seus dedos vão para o seu olho e ela se encolhe. — Eu já estive pior. — Ela brinca, mas algo em seu tom me diz que está falando sério.

— Maddox quer vir logo para analisar o projeto da casa. Precisarão fazer uma avaliação e tudo mais. E se concordar, ele pode começar a trabalhar assim que estiver pronto.

— Essas são ótimas notícias. A casa é tão velha e o mau tempo que tivemos no ano passado, derrubou muito do telhado

causando vazamentos. Também tenho cópias do projeto para o jardim. Eu mesma os desenhei e já compramos os materiais. Meu avô faria o trabalho sozinho, mas depois de algumas tentativas de construir uma churrasqueira, ele desistiu e disse que contrataria alguém.

— Onde estão seus avós?

Ela sorri, adoração brilhando em seus olhos. — Ainda viajando. Estão em Vegas agora. Não tenho ideia para onde irão depois.

— Você não foi com eles por quê? — Pergunto enquanto deito Sunday em meus braços levando a mamadeira aos seus lábios.

— Fui por um tempo. Voltei há alguns meses. Estava se tornando muito cansativo viajar com eles. Odiava viver com uma mala e dormir em camas diferentes. Apenas queria um pouco de paz. Para a idade, eles têm mais energia do que eu.

Sorrio.

— É mesmo? — Flerto, olhando para cima e para baixo. As palavras simplesmente escaparam. É um hábito. Ela cora, mas não diz nada sobre meu comentário, então limpo a garganta e mudo de assunto. — Por que não usa um aparelho auditivo o tempo todo se ajudam a ouvir?

Flash de dor passa pelo seu rosto e fico tenso. Ela encolhe os ombros, desviando o olhar por um momento.

— Eu tentei alguns. Acho que estava irritada por ter ficado surda em primeiro lugar e não queria confiar nisso. Eles me

causam enxaqueca e fazem meu ouvido doer. Depois que meus pais e meu irmão morreram, não quis procurar mais opções.

Porra!

— Sinto muito por seus pais e irmão. Há quanto tempo morreram?

— Obrigada. — Ela responde, sua voz rouca. — Eles morreram há alguns anos, em um incêndio em casa.

— Como perdeu a audição? — Pergunto, querendo saber tudo sobre ela, por razões que não entendo.

Vendo a angústia e a dor em seu rosto imediatamente me sinto culpado.

— Eu não... não quero falar sobre isso.

— Sinto muito. — Sussurro abaixando a cabeça. Precisando aliviar o clima, mudo de assunto. — Você vai à escola?

Ela balança a cabeça.

— Fiz cursos online. Sou designer de web e logomarcas, mas faço outros designs também. Acabei de começar a desenhar capas de livros e jogos.

Uau. Não esperava por essa.

— Isso soa incrível.

Uma batida na porta me faz pular. Bailey, vendo minha reação, olha ao redor da sala. — O que?

— Alguém está na porta. Você pode segurá-la por um minuto?

Ela pega Sunday dos meus braços e o sorriso que compartilha com ela rouba meu fôlego. Eu me arrependo, odiando o efeito que tem em mim. Eu fodo por aí. Não sou monogâmico. Nunca seria digno de alguém como ela. E não é como se estivesse atrás de um relacionamento, então não sei por que estou tão excitado com uma garota que nem conheço.

Abrindo a porta, Maddox me cumprimenta com um sorriso brilhante. Sorrio de volta quando vejo a contusão que se formou em sua bochecha.

— Que belo hematoma se formou.

Ele ri. — Você deveria ver o outro cara.

— Entre.

Ele entra e olho para trás para ter certeza que não trouxe a família. Por alguma razão, não acho que Bailey gostaria de ter a casa cheia de pessoas que ela não conhece.

— Foda-me. — Ele sussurra assobiando por entre os dentes. — Você escondeu que sua vizinha é gostosa.

Empurro o cotovelo em seu estômago e olho. Bailey olha entre nós, um adorável vinco se forma em sua testa. — Você disse alguma coisa para mim? — Ela pergunta timidamente, colocando o cabelo atrás da orelha.

Maddox sorri e sei o que está por vir antes mesmo dele começar, então passo na frente dele sabendo que ela não pode ouvi-lo. Chame-me de sádico, mas estou feliz que não possa. Ele tem um jeito de encantar as mulheres e o quero bem longe dela. A possessividade não é algo com o que estou acostumado.

— Bebê, eu direi o que você quiser se concordar em sair comigo.

— Ela não pode ouvi-lo. — Eu rosno.

— Hã? Estou bem aqui.

— Ela é surda, lembra?

Ele sorri. — Afaste-se e deixe que ela me veja.

— Não se preocupe. Eu ficarei com raiva se você tentar algo.

— Está transando com ela?

Eu quero dar um soco na boca dele; o desejo é forte. — Não, porra, não estou. Ela é minha vizinha e gosto dela. Não quero que ela me odeie porque você a usou.

— Hum, você sabe que é rude se esconder, então, não posso vê-lo agora, você sabe que sou surda. — Diz Bailey e Maddox começa a rir. Eu me movo de lado e me sento ao lado dela.

— Conte-me o que você quer então, querida.

Eu sento e ouço os planos para casa. Não consigo tirar meus olhos dela; o jeito que sua boca delicada forma as palavras, como ela frequentemente morde o lábio inferior ou coloca uma mecha atrás da orelha. Toda vez que se mexe, fico fascinado.

CAPÍTULO NOVE

Bailey

Eu torço minhas mãos juntas andando pela porta da frente enquanto espero Charlotte e Lily aparecerem. Ambas são especiais, doces, inocentes e calorosas. Apenas as vi uma vez, mas há algo nelas que grita para cuidar delas. Não dá para evitar. A maneira como andam, olham para você e falam... todas elas são cheias de uma bondade inegável.

Trataram-me como se fosse sua melhor amiga durante toda a vida, fiquei impressionada. Cresci sem ninguém. As poucas pessoas que tinha se afastaram, incapazes de lidar com o bullying que sofria. As novas me ignoraram, assim que foram avisadas para ficarem longe de mim. Sair comigo era uma abertura para ser intimidado, então as pessoas tendiam a ficar longe.

Charlotte me surpreendeu com Aiden quando ela me pediu um favor perguntando se poderiam aparecer. Uma parte de mim temia que fosse o destino com outra piada cruel, mas o pensamento passou rapidamente.

Agora estou muito nervosa. Não sei como agir com as duas mulheres, muito menos o que dizer.

Fiquei doente de preocupação na noite passada, rezando para que isso não desse errado. Ansiava por uma amizade por tanto tempo. É mesmo triste. Essas duas ofereceram isso para

mim e sabia na parte mais profunda do meu coração, que não tinha outro motivo. Elas são muito gentis e de voz suave para fingirem ser outra coisa senão quem aparentavam ser.

Posso confiar.

O dispositivo da campainha vibra na minha perna e as luzes piscando no canto não deveriam me surpreender, mas ainda assim, eu pulo.

Estão aqui.

Limpo as mãos suadas nas coxas e destranco a porta, sorrindo para as duas lindas mulheres na minha frente.

— Ei! Entrem. — Cumprimento. Ambas estão incrivelmente bonitas também. É como se Deus tivesse decidido fazer algo perfeito e usasse isso nelas. Nunca conheci alguém como elas. Tudo nelas grita pureza.

— Eu fiz para você. — Diz Charlotte entregando-me um prato de muffins. Eles parecem gostosos.

— Obrigada.

— Sua casa é linda. — Lily diz quando entramos na sala de estar. Posso ver o que ela quer dizer; tudo nessa casa é grande, até mesmo o teto é alto. Cada pedacinho do espaço foi esculpido com detalhes. Nada na casa grita barato.

Meus avós são a razão pela qual essa casa não parece um museu e sim uma casa. Não é fria como a maioria das casas dessa magnitude, mas é preenchida com calor e harmonia. Fotos de membros da família antes de mim e aqueles que conheço e com quem cresci preenchem cada espaço livre. Os globos de neve

que meu avô coletou em suas viagens estão em um armário de vidro e outro está cheio de itens que fiz enquanto crescia ou pequenos presentes. Eu os comprei com meu dinheiro. Esse é um verdadeiro lar e onde me senti amada depois que minha família morreu.

— Obrigada. — Sussurro sorrindo. — Vocês gostariam de uma bebida?

Elas compartilham um olhar antes de concordar. Sorrio com o quão doce elas são.

— Você tem chá?

— Eu sou britânica. É claro que tenho chá. — Provoco. Seguem-me até a cozinha e começo a fazer suas bebidas. — Sentem-se e me digam o favor que precisam.

Enquanto a chaleira está fervendo, as enfrento esperando que Charlotte responda. Um tom rosa aparece em suas bochechas, o que me deixa curiosa.

— Bem, ninguém da minha família sabe, apenas Landon e Lily, mas eu escrevo romances. Em vez de publicar tudo, apenas coloquei alguns capítulos no meu site. No começo, pensei que seria apenas um hobby, mas as pessoas continuam me pedindo para publicar. Já que o segundo livro está completo, decidi fazê-lo, mas preciso de capas e outros logotipos. Também preciso renovar meu website faz algum tempo.

— Ah, é por isso que seus olhos brilharam quando disse o que eu fazia para viver. — Sorrio e então lembro de algo. — Você parece próxima da família... por que não quer que eles saibam? Parecem ser muito legais.

Eu apenas conheci alguns, mas se mostraram gentis e dispostos a fazer qualquer coisa para ajudar os outros.

Maddox foi muito útil com os planos para casa e examinou os desenhos nos quais trabalhei duro quando o trouxe aqui, Aiden acompanhou como um secretário. Também mostrei a eles o trabalho, ou melhor, a falta de trabalho feito pelos outros construtores.

Charlotte faz careta.

— Meus familiares apoiam, mas quero que isso seja meu por mais algum tempo. Não quero que leiam o que escrevo.

Sorrio, intrigada. — Você escreve romances sujos?

Ela encolhe os ombros, suas bochechas ficando vermelhas. — Não, mas têm algumas coisas inapropriadas neles.

— Diga a ela porque você não quer que eles saibam. — Diz Lily sorrindo descontroladamente.

Não pensei que seria possível, mas Charlotte fica ainda mais vermelha. — Eu sou virgem. — Ela deixa escapar, surpreendendo-me. Sua expressão é horrorizada e posso ver sua garganta se mover quando ela engole.

— Hum, ok... — Digo, sem saber onde quer chegar. Ela cobre o rosto com as mãos e olho para Lily interrogativamente, apontando para o meu ouvido.

Lily sorri suavemente, um rubor mancha suas bochechas e pescoço. — Ela é uma virgem que escreve cenas de sexo. Precisava de alguma inspiração sobre o que acontece, então assistiu filme pornô. Em seu último livro, seu personagem

principal trabalha em um clube de strip-tease. Charlotte nunca foi a um, então por razões de pesquisa, visita um clube de strip semanalmente enquanto escreve. Os homens da nossa família enlouqueceriam se descobrissem. E não é apenas isso, ela ficaria envergonhada se a provocassem sobre isso.

Lily move os ombros e sorrio.

— Meu avô tentou me levar para um clube de strip quando fomos a Amsterdã, então posso entender totalmente. Assim que percebi para onde estávamos indo, decidi ficar. A rua estava cheia de mulheres e seios.

— Não é engraçado. — Diz Charlotte com o rosto vermelho. — Landon vai comigo. Tentei ir sozinha, mas durei dez minutos antes de ir embora. A primeira vez que uma mulher balançou seus seios para mim, decidi que escreveria da minha imaginação, mas não consegui escrever nada depois. Quando planejei voltar, me escondi de Landon, não querendo que soubesse. Ele sabia que algo estava errado, então me seguiu. Vamos apenas dizer que não ficou feliz. Mas não podia escrever o livro que queria ficando em casa, então concordou em ir comigo, assim não fiquei sozinha. Ele sempre parece triste quando estamos lá, como se preferisse estar em outro lugar. Sempre achei que os homens gostassem de lugares assim. Odeio que ele tenha que sofrer, mas fico grata por não estar sozinha. Foi estranho o suficiente.

Sorrio puxando o prato de muffins para mim e pegando um. — Acho que ele preferia estar lá sozinho, sem sua... — Olho

para Lily para obter respostas sobre quem Landon é para Charlotte.

— Primo e melhor amigo. — Ela responde.

— Sem seu primo atrapalhando o encanto.

Lily me dá uma olhada quando eu tiro o papel da parte de baixo do muffin, seus olhos arregalados me avisando de algo, balançando a cabeça.

Quando meu olhar volta para Charlotte, ela está falando. Demoro um pouco para acompanhar. — Acho que não consigo ir com ele nunca mais.

— O que perdi? — Pergunto observando a reação de Charlotte enquanto dou uma mordida no muffin. Ou tento. A borda externa é macia, mas o meio é duro.

Acho que quebrei um dente.

Oh! Meu Deus. Ela me odeia e está tentando me matar.

Eu me viro antes que ela possa responder, pegando um lenço de papel do lado e cuspiendo o bolinho, engasgando com o gosto ruim na minha boca.

Sinto alguém ao meu lado e vejo Lily lá, colocando a mão no meu braço e sorrindo desculpando-se.

— Ela é uma cozinheira terrível, mas nenhum de nós tem coragem de contar a ela.

Olho por cima do ombro para ver que Charlotte não está ali antes de encarar Lily. — Onde ela foi?

Seu rosto inteiro se ilumina com diversão. — Está ligando para Landon para cancelar a ida dessa semana ao clube de strip. — Ela ri jogando a cabeça para trás antes de olhar de volta para mim. — Você está bem? — Quando seus olhos viajam até o bolinho que cuspi, eu gemo.

— Eles são terríveis. — Digo a ela e então estremeço. — Sinto muito.

— Está bem. Todos nós sentimos por você, verdadeiramente. Apenas não queremos ferir os sentimentos dela. Ela adora cozinhar e dar às pessoas.

— Então, não estava tentando me matar? Apenas os deu para mim, por que me odeia?

O medo dela me odiar é real. Não sei por que me importo tanto, mas o faço. Eu quero amigos na minha vida, os melhores.

Suas sobrancelhas se contraem como se estivesse pensando em algo.

— Charlotte não tem um osso odioso em seu corpo. Ela dá isso para todos nós.

— Eu não quis dizer isso de uma maneira ruim. — Asseguro a ela.

— Eu sei. — Ela me diz olhando para o prato, em seguida, de volta para mim. — Pensei que esse poderia ser um pouco melhor. Depois que fomos presas e eles testaram seus muffins, ela está tentando aperfeiçoá-los.

— Vocês foram presas? Charlotte e você?

Ela balança a cabeça furiosamente, sua expressão facial tão nítida que sorrio por dentro.

— Foi a pior noite da minha vida. Pensei que ficaríamos presas por muito tempo.

— O que vocês fizeram? — Suspiro totalmente chocada. As duas garotas parecem que não podem machucar uma mosca.

Lily olha por cima do meu ombro, sua atenção se foi antes que ela tenha chance de responder. E realmente quero saber a resposta.

Alguém está aqui.

Charlotte volta para cozinha sorrindo para nós, mas seus ombros estão tensos e ela parece meio nervosa. Aiden segue atrás, empurrando Sunday em seu carinho.

— Olha quem encontrei lá fora.

— Eu não posso acreditar que vocês estavam lanchando e não me convidaram. — Diz ele piscando para mim. Abaixo a cabeça um pouco sentindo a necessidade de me abanar de repente. Ele é tão sexy que é difícil não olhar. — Ah! São muffins?

Antes que possa avisá-lo, ele pega um e dá uma grande mordida. Faz careta e arregala os olhos enquanto lentamente tira o bolinho de sua boca, marcas de dentes agora marcam o delicioso muffin.

Oh céus!

— Na verdade, não estou com tanta fome. — Diz ele olhando brevemente para Charlotte.

Sorrio olhando para longe enquanto ele caminha até a minha geladeira e puxa uma caixa de suco de laranja. Espero que pergunte onde estão os copos, mas não pergunta, em vez disso, bebe o que sobrou da caixa em alguns goles grandes.

— Bem, quando você for, leve alguns para casa com você. Tenho certeza que Bailey não se importará. — Charlotte diz.

Sorrio provocantemente para Aiden. — Pegue quantos você quiser.

Posso vê-lo lutando para engolir enquanto balança a cabeça. — Sim, obrigado.

O rosto de Charlotte ficou um pouco mais rosado quando mais uma vez olha para Lily, e depois para mim.

— Esqueci que preciso fazer algo em casa. Talvez possamos vir outro dia? — Sua expressão entrega totalmente sua mentira e posso ver no rosto de Aiden que ele sabe disso também.

— Você nem mesmo tomou uma xícara de chá. — Diz ele levantando uma sobrancelha para as xícaras vazias do lado.

Ela cora balançando as mãos juntas. — Esqueci. Eu sempre esqueço as coisas. — Ela diz.

— E você não tem tempo de ficar para uma xícara de chá?

Charlotte olha para Lily, com os olhos redondos. Lily dá um passo à frente. — Agora que você está aqui, pegue uma xícara de chá.

Ele não diz nada, mas continua observando Charlotte com uma expressão vazia antes de puxar o telefone.

Charlotte vê o que ele está fazendo e começa a entrar em pânico. Antes que ela confesse tudo, dou um passo à frente ganhando a atenção deles.

— Isso é bom. Espere aqui um segundo enquanto escrevo meus contatos. Nós podemos... remarcar isso depois.

Seu alívio é palpável. — Isso seria bom.

Rapidamente corro pelo corredor até o meu escritório, pego uma caneta e papel, anoto meu número de telefone e e-mail. Espero que ela tenha uma ideia do que quer para que possa desenhar alguns modelos.

Eles estão conversando enquanto volto para a cozinha. Lily se debruça sobre o carrinho para ver Sunday. Ainda não consigo acreditar que a mãe dela morreu. E o comentário de Aiden sobre ser um caso de uma noite foi tão franco e direto. Uma parte minha ficou se perguntando por que ele me diria isso, esperando que fosse porque gosta de mim. Sinto por aquela menina que não tem a chance de crescer com uma mãe. A minha foi minha melhor amiga.

Com um sorriso, entrego a Charlotte o pedaço de papel.

— Certo, é melhor irmos andando. Obrigada por nos convidar hoje. — Charlotte diz.

Lily sorri suavemente. — Sim, foi muito bom vê-la novamente.

— Foi muito bom ver vocês duas também. — Digo a elas honestamente. — Deixe-me levá-las até a porta.

Depois de dizer adeus mais uma vez, fecho a porta da frente com um suspiro. Brevemente, consegui experimentar o que é ter amigas. A tensão que senti a manhã toda foi por nada.

Relaxo de volta contra a porta e fecho meus olhos. *Eu tenho amigas.* Amigas que poderiam se tornar pessoas próximas.

Um grito se aloja na minha garganta quando abro meus olhos para encontrar Aiden encostado na parede. Como me esqueci que ele estava na minha casa?

— Por que você está demorando tanto? — Ele levanta a sobrancelha.

Estreito os olhos para ele. — Esqueci que você estava aqui. Quase me matou de susto.

Ele me dá um olhar ferido. — *Você esqueceu que eu estava aqui?* — Ele aponta para o peito fazendo beicinho para mim.

Reviro os olhos. — Sim. — Admito passando por ele e indo para a cozinha. Sunday está dormindo profundamente em seu carrinho quando paro ao lado dela.

Ela é um bebê tão lindo e tem sorte de ter tantas pessoas ao seu redor que a amam. Eu noto quatro bolsas cheias até a borda, presas a diferentes partes do carrinho.

Viro-me.

— Você sairá de férias?

— O que? — Pergunta ele.

— As bolsas...

— Ah! Isso são coisas dela. — Ele diz, antes de ir até a geladeira e pegar comida para fazer um sanduíche.

— Ah! Ela irá à algum lugar?

Ele ergue os olhos da bancada redonda balançando a cabeça.

— Não. Eu vim ver se você queria companhia hoje no caso deles voltarem.

— Você veio? — Pergunto. Estou surpresa com o gesto gentil dele; nós mal nos conhecemos.

Ele sorri, piscando. — Sim. Isso e fiquei sem comida esta manhã, estou morrendo de fome. Quando vi as garotas chegando, juntei o útil ao agradável. — Ela está se mudando para cá?

Seus ombros tremem. — Não, ela não está.

— Então por que todas as coisas? Você poderia apenas ir em casa se precisasse.

Ele encolhe os ombros. — Apenas saí de casa com ela uma vez antes e honestamente, ainda deixei coisas que poderia precisar em casa. Nunca soube que um bebê precisava de tanta coisa.

— Eles precisam. — Murmuro correndo o dedo pela sua bochecha macia. — Qual a idade dela?

— Quatro dias de idade hoje.

— Você está fazendo muito bem como um pai por apenas quatro dias.

— Dominei a troca de fralda agora. Quando ela faz cocô, uso uma das máscaras que Maddox trouxe. Após os primeiros incidentes depois de acabar vomitando, sabia que tinha que fazer alguma coisa. A única outra coisa que acho difícil é vestir seus bodies. As coisas são um perigo.

Sorrio lembrando da primeira vez em que cuidei do meu irmão bebê. Precisei trocar sua roupinha e puxá-la sobre a cabeça, em seguida, colocar os braços foi um desafio.

Ele termina de fazer os sanduíches e passa um para mim.

— Você come aqui ou há uma sala chique nesta casa com uma mesa de jantar?

Balançando a cabeça, pego metade do sanduíche e dou uma mordida. Ele começa a rir, sentando em um dos bancos e pegando o seu.

— Essa cozinha é incrível. Parece que pertence a um restaurante.

Olho ao redor da cozinha totalmente mobilada. — Sim, minha avó gosta de cozinhar. Ela sempre estava cozinhando alguma coisa aqui.

Ele estremece quando olha para o prato de muffins. — Ainda não consigo acreditar que você não me avisou sobre os muffins.

Brevemente, olho para o que ele deixou, sorrindo para as marcas dos dentes. — Acho que quebrei um dente. — Digo a ele, então passo a língua sobre os dentes.

Observo, hipnotizada, quando seus ombros começam a tremer, desejando poder ouvir o som de sua risada, imaginando se é tão contagiante quanto parece.

— Nada do que ela cozinha presta, mas se esforça a cada maldita vez. Ela nos deu intoxicação alimentar uma vez e ficou tão mal com a culpa. Fiquei literalmente vomitando e chorando todo o maldito tempo. Depois disso, nenhum de nós podia suportar falar mal da comida dela. É uma das pessoas mais gentis e mais altruístas que conheço. Ela se sente diferente de todos nós, no entanto. Deixa que os sentimentos de todos e os seus próprios a dominem. Preocupa-se com tudo e qualquer coisa. Mesmo as pessoas que nunca conheceu, mas vê no noticiário, ela chora por elas. Ficou deprimida quando alguém postou um vídeo de pessoas caçando tubarões na internet.

— Tubarões?

Ele ri novamente. — Sim. Um dos animais mais mortais do mundo e ela ficou de coração partido durante semanas.

— Ela parece uma pessoa especial.

Sua expressão suaviza. — É, ela e Lily também. Nós somos realmente protetores com elas. — Não gosto do olhar que ele me dá, mas sei que desviar o olhar seria rude. — O que é que ela quer de você?

Chupo meu lábio inferior. Não gosto de mentir para ele, mas não posso trair uma das únicas amigas que fiz desde que estava no berçário.

— Por favor, não me peça para mentir. Eu sei que você sabe que ela mentiu. E se quisesse que você soubesse, diria.

Uma expressão desconcertada se espalha por seu rosto e noto que ele muda, parecendo nervoso.

— Hum, está bem. Sim. Sinto muito por perguntar. — Diz ele não olhando para longe de mim. Seu olhar profundo e penetrante envia arrepios na minha espinha.

— Está tudo bem. — Sussurro incapaz de desviar o olhar dele.

Ele lambe o lábio inferior e meus olhos imediatamente são atraídos para lá, imaginando como seria senti-los pressionados contra os meus.

— Apenas diga uma coisa, ela se meterá em problemas com o que está fazendo ou não?

Ignorando meus pensamentos luxuriosos, respondo: — Não, Deus, não. Não é nada disso, juro. E se fosse, tanto ela quanto Lily teriam falado e se não, eu faria.

Ele concorda satisfeito com a minha resposta.

— Ótimo. Nós tivemos muitas pessoas tentando se aproveitar usando essas duas. Tentamos protegê-las ao máximo.

— Você realmente é um enigma, Aiden. — Deixo escapar completamente espantada com ele.

Ele sorri piscando para mim. — Isso vem naturalmente.

Sorrio com seu comentário. — Você gostaria de tomar um chá?

— Eu adoraria um café, se você tiver. Sunday ainda não entende que deveria dormir durante a noite e não o dia todo.

Sorrio, olhando para ela, que ainda está dormindo profundamente. — Eu farei um forte.

Antes de ir, ele bate em minha mão para que eu o olhe. — O que você faz para se divertir?

Meu rosto aquece. Ele pensará que sou chata, porque a verdade é que sou entediante. Gosto de ficar sozinha e me divertir com as pequenas coisas. Até mesmo sentar e ler me diverte. Mas na maioria dos dias, coloco o trabalho em dia ou promovo meu negócio para conseguir algum trabalho novo.

— Hum, eu trabalho a maior parte do dia.

Ele olha para mim incrédulo. — Bem, não a deixarei fazer isso hoje. Estou aqui, então você não pode trabalhar. Vamos sair.

Eu mordo meu lábio inferior e me pergunto como sairei disso. Não quero arriscar encontrar as garotas que arruinaram minha vida.

— Você está bem? — Ele pergunta quando não respondo.

— Hum, realmente não quero sair. — Digo olhando para longe brevemente, sentindo um aperto na minha garganta.

Uma emoção passa por seu rosto antes dele acenar. — Tudo bem. Eu posso passar o dia aqui. Tenho certeza de que há algo que podemos fazer. Estou cansado demais para sair de qualquer maneira.

— Você passará o dia aqui? — Pergunto com os olhos arregalados.

Ele me dá um sorriso que eu acho encantador. — Sim! Bailey, quando for embora essa noite, você sentirá minha falta.

Abaixo minha cabeça para esconder meu sorriso, porque não há dúvida que sentirei falta dele quando for para casa.

Apenas espero que consiga passar o dia sem machucá-lo.

NEXT GENERATION
CARTER BROTHER #2

AIDEN

CAPÍTULO DEZ

Bailey

Hoje foi um dos melhores dias da minha vida. Eu não desfrutei de um dia cheio de risadas e diversão em muito tempo. Nunca esperei ou acreditei que me sentiria assim novamente, nunca.

Conhecer Aiden e ajudá-lo com Sunday foi uma experiência fora do comum. Senti como se estivesse andando nas nuvens o dia todo.

Aprendi muito sobre ele, principalmente que gosta de cozinhar, mostrou-me na hora do jantar e começará a escola de culinária no outono. Todo seu rosto se iluminou quando falou sobre isso e estava tão animado com tudo, suas mãos gesticulavam para isso ou aquilo. Poderia vê-lo falar por horas e nunca ficaria cansada.

Fiquei desejando ouvir sua voz ainda mais.

Falou sobre sua família e como soou, ele tem uma grande. Eu não consigo me lembrar de todos seus nomes, são muitos, mas posso ver o amor e a devoção que ele tem por cada um deles. Gosto que seja um homem de família.

Falei sobre meus pais e meu irmão mais novo, mas doeu muito pensar neles e tentei evitar qualquer assunto que os incluísse. Sinto falta deles todos os dias e não diminui. Quero

ligar para minha mãe e contar sobre Aiden. E se estivesse viva, ela me daria conselhos e falaria de sua beleza.

Fico triste em saber que ela nunca conhecerá meu marido ou futuros filhos. Isso me dói profundamente.

Aiden acabou de me contar sobre o tempo que foi suspenso da escola por colar todas as coisas de seu professor em sua mesa. Ele inclina a cabeça para o lado sorrindo para mim.

— Como foi a escola para você? Eu falei a maior parte do dia, mas você dificilmente fala sobre si mesma. Diga-me uma coisa, qualquer coisa.

Eu posso ver em seus olhos que ele está surpreso com sua pergunta. Aiden não parece o tipo de rapaz que quer conhecer uma garota em um nível mais profundo. Saber que ele quer me conhecer faz meu coração acelerar.

Hoje foi uma oportunidade para mim e pela primeira vez, sinto vontade de me abrir, não importa o quanto seja difícil falar. Há algumas coisas que nunca poderei contar a ele, é humilhação demais para suportar.

— Foi horrível. — Digo a ele.

Ele se senta franzindo a testa. Olho para Sunday, feliz que ela nunca terá que passar pelo que passei. Eu não posso ver um membro de sua família deixando acontecer isso. Por mais que ame meus pais, eles eram cegos para a maior parte do bullying que sofri. Mas foi apenas porque não os deixei ver. Fingia felicidade muito bem na frente deles.

Seus dedos envolvem meu antebraço e arrepio por conta de seu toque áspero e quente.

Olho para cima, nossos olhos se encontrando.

— Por que foi horrível?

Posso sentir as lágrimas queimando na parte de trás dos meus olhos, mas não as deixo cair, com muito medo de que ele fuja se eu começar a chorar.

Em vez disso, olho para Sunday, recompondo-me.

— Meus avós me colocaram em uma escola particular que tinha um ótimo programa de artes. Estava tão animada. Mas no primeiro dia, fui encurralada por um grupo de meninas, quatro delas. Elas mandavam na escola. Aparentemente, chamei a atenção de um dos garotos mais populares. Nunca olhei para ele, mas não importava. Depois disso, elas me chamavam de nomes nos corredores, iam atrás de mim na aula ou durante o intervalo.

— Fico em silêncio olhando para Aiden para ver sua reação. Sua mandíbula está flexionada, mas ele acena para eu continuar. Engulo respirando fundo.

— O bullying piorou depois disso. Elas escondiam minhas roupas de ginástica, destruíram meu armário ou me faziam tropeçar no refeitório. — Digo inclinando a cabeça para trás e suspirando antes de olhá-lo novamente, sentindo as lágrimas se acumularem dentro dos meus olhos. — Cuspiram em mim, fui empurrada e a escola não fazia nada. Todas as meninas eram de famílias ricas que faziam doações. Meus avós não tinham nenhuma história com a escola. Eles podem ter me colocado lá, mas ao contrário daquelas meninas, cujos pais frequentaram a

escola, não tinham laços. Não era ninguém ali. Meus pais tentaram de tudo para que parassem quando finalmente descobriram. Conseguia ver o stress e a preocupação na minha mãe, então disse a ela que parou. O bullying piorou e logo eu estava sempre coberta de hematomas por causa das surras.

Seus dedos seguram os meus, agarrando minha mão com força e eu olho em surpresa.

— Você não as denunciou à polícia?

Controlo meus nervos e concordo.

— Nós fizemos no começo. Nas outras vezes menti para os meus pais sobre o quão ruim realmente era e como consegui alguns dos meus ferimentos. Mas isso custou a vida da minha família. — Engasgo.

Ele olha tão confuso antes de perguntar. — O que você quer dizer?

Sabendo que precisa entender o que aconteceu para que não volte a acontecer, eu conto. Agora ele entenderá porque não saio e recusar as ofertas dele não será tão embaraçoso.

— O último dia de aula me bateram tanto que perdi a audição. Fiquei no hospital por três semanas por causa do inchaço no meu cérebro.

Sua mão apertou ao redor da minha, fazendo-me estremecer. Ergo o olhar e vejo raiva em seus olhos. — Elas foram presas?

Sorrio secamente.

— Não. Nós não conseguimos provar que foram elas já que seus pais lhes deram todos os álibis. Antes de me baterem, as ouvi falando sobre fogos de artifício enquanto estava em um canto. Sabendo quem estava lá, virei para trás. Tentei ficar quieta, mas acabei derrubando uma lata. Elas me ouviram. Acho que me bateram porque pensaram que ouvi a história toda.

Aiden engole antes de perguntar: — O que aconteceu depois?

— Eu tentei me adaptar. Fui a consultas médicas por meses, tentando encontrar a melhor maneira de ouvir novamente. Podia ouvir melhor naquela época, mas ainda precisava da ajuda extra. Um dia, fui comprar um medicamento para meu irmão que estava gripado e não as ouvi. Elas me puxaram para um beco e começaram a me atacar novamente. Consegui pegar pedaços do que estavam dizendo. Estavam bravas por eu ter ido à polícia.

— E a polícia não fez nada?

Puxo minha mão da dele para limpar minhas lágrimas. — Não. Eles foram ao hospital para conseguir minha declaração, mas depois me disseram que não havia nenhuma filmagem das câmeras de vigilância e novamente, aquelas meninas tinham álibis sobre onde estavam. Eu sabia que era mentira, mas a polícia não sabia. Meus pais foram para casa naquela noite prometendo me ver de manhã. Eles nunca voltaram.

— O que? — Ele pergunta, as veias do pescoço inchadas.

Limpo meu rosto novamente. Não falei sobre isso com ninguém além do terapeuta que tinha na época e meus avós. Falar disso agora é difícil.

— Naquela noite, depois que eles saíram, aquelas garotas devem ter pensado que acabariam comigo, porque acenderam fogos de artifício em nossa caixa de correio e começou a pegar fogo na porta da frente e na dos fundos. Meus pais e irmão foram encontrados mortos debaixo da cama no quarto do meu irmão. Ele tinha sete anos.

— Merda! — O seu olhar é uma mistura de raiva e incredulidade. — Por favor, diga-me que essas cadelas estão sentadas em uma prisão comendo o pão que o diabo amassou.

Balancei minha cabeça tristemente.

— Não. Elas tiraram tudo de mim e se safaram. Não as vejo desde aquele dia em que me atacaram no beco, mas não saio mais de casa e certamente nunca sozinha. Não quero dar a elas outra chance de me machucar. Tudo o que faço as irrita e apenas tenho meus avós nesse mundo, todos os outros familiares nunca foram realmente próximos. Não posso arriscar que algo aconteça com eles. E ir à polícia pedir ajuda nunca resolveu no passado. Como posso protegê-los se continuar me colocando na mira dessas pessoas? Ser solitária é mais fácil.

— Isso é besteira. O noivo da minha irmã é um detetive muito bom, mas não diga a ele que eu disse isso; pensará que gosto dele. Verei se pode fazer alguma coisa.

— Não vale a pena. Está feito agora. Nada pode trazer meus pais de volta.

Ele me dá um olhar incrédulo.

— Não, mas elas podem apodrecer pelo que fizeram. Cadelas malditas. — Ele balança a cabeça parecendo totalmente enojado

e eu me encolho. — É por isso que protegemos as garotas da nossa família. Quando temos problemas com rapazes, nós lutamos, então acabou. Garotas... elas são más. Elas se juntam contra você e a derrubam. Você foderá com elas para pagarem pelo que fizeram.

— Talvez sim, mas isso não muda nada.

— Eu sinto muito que isso tenha acontecido com você. — Diz ele, com sentimentos profundos cruzando todo o rosto.

Limpo as últimas lágrimas e dou de ombros.

— Sinto falta deles todos os dias, mas nada os trará de volta para mim.

— Você é tão forte, Bailey. Realmente é. Estou impressionado. Não acho que seria sensato se passasse por uma fração do que você passou.

Fico corada pelo elogio.

— Obrigada. — Digo a ele. — E obrigada por ouvir. Apenas conversei com meus avós e com o terapeuta que me indicaram. Sei que é um assunto pesado e não é algo que você pensou quealaria quando me perguntou como foi a escola para mim.

Aproxima-se pegando minha mão novamente.

— Não, não foi. Esperava por guerra de travesseiro. — Brinca piscando para mim. Sorrio apesar de tudo que acabamos de falar. Ele passa um dedo pelos meus cabelos, colocando-o atrás da minha orelha e treme. O jeito como está me olhando parece ter borboletas voando no meu estômago e suor se

formando. — Estou tão maravilhado. Você é incrível e fico feliz que tenha me contado. Eu sei que foi difícil, mas queria saber tudo.

— Obrigada. — Consigo responder.

Seus olhos castanhos escuros me observam com cuidado, como se estivesse olhando para mim pela primeira vez antes de seu olhar ir até meus lábios. Eu luto contra o desejo de passar a língua neles sentindo-me nervosa e boba.

Ele se senta para frente, seu dedo colocando outro fio solto de cabelo atrás da orelha, seu olhar nunca deixando meus lábios.

— Eu não deveria fazer isso. — Ele me diz e por algum motivo imagino sua voz baixa e sedutora, combinando com seus olhos grandes e cheios de luxúria. Ele passa o polegar sobre meu lábio inferior e a vontade de passar minha língua ali, me faz prender a respiração.

— Fazer o que? — Sussurro de volta, trêmula, esperando que minha voz não soe tão estridente quanto imagino que seja.

Ele abaixa a cabeça e antes que eu possa respirar calmamente, seus lábios estão sobre os meus. Fecho meus olhos, sobrecarregada com o fato de que estou prestes a ser beijada por alguém como Aiden.

Quando a sensação de seus lábios não vem, abro meus olhos no caso de ter imaginado isso. Eu não o fiz. Seus olhos estão bem fechados, uma expressão de dor no rosto. Antes que possa perguntar o que fiz de errado, as vibrações do choro de Sunday me fazem olhar para ela.

Começo a balançá-la com muito medo de olhar para ele. Então as mãos de Aiden entram na minha visão e puxa gentilmente Sunday do meu alcance. Há uma dor na boca do meu estômago ao sentir meus braços vazios. Quando olho para cima, Aiden está falando rapidamente e não consigo acompanhar.

Limpo minha garganta. — Fiz algo de errado?

Ele para, se afasta para olhar para mim.

— O que? Não. Eu... — Ele fecha os olhos e passa os dedos pelos cabelos, algo que quis fazer o dia todo, queria saber se é tão sedoso quanto parece. Seus olhos se abrem e há tanta emoção brilhando neles. — Porra! Não sou bom para você. Nunca tive um relacionamento de mais de uma semana e você é uma garota para levar a sério. Não quero machucá-la.

Eu solto o ar que estava segurando, pergunto-me por que suas palavras me afetaram. Não é que esteja negando que estou atraída por ele, porque estou, ainda mais depois de passar o dia juntos. E ousa admitir que estou começando a ter sentimentos.

— Tudo bem.

Ele desvia brevemente o seu olhar antes de voltar para mim.
— Eu preciso ir. Obrigado por passar o dia conosco.

Fico do seu lado. — Não, obrigada você por me fazer companhia. Foi um dos melhores dias que tive em muito tempo.

Ele parece lutar com algo antes de finalmente concordar. — Pegarei o carrinho e as outras coisas.

— Tudo bem. — Eu o ajudo a reunir as coisas de Sunday enquanto ele continua balançando-a. Posso ver que ela ainda está chorando. — Gostaria que o ajudasse a levar isso?

Sua expressão firme relaxa. — Você se importaria de segurá-la enquanto carrego o carrinho para o andar de baixo?

Apresso-me em sua frente erguendo os braços para ela. — Claro.

Nós atravessamos o jardim da frente e as luzes de segurança acendem. Meu coração está na garganta quando subimos os degraus de seu apartamento, sabendo que é aí que nos despedimos. Ele se apressa, pega as chaves, o carrinho e os coloca lá dentro.

Forço um sorriso quando ele corre de volta pelas escadas, pegando Sunday, que se acalmou em meus braços.

— Boa noite, Aiden. — Sussurro brincando com a barra da camiseta.

Um arrepio corre pela minha espinha com o olhar aquecido que ele me dá.

— Boa noite, Bailey.

— Vejo você por aí. — Aceno sem convicção e antes que possa fazer papel de tola, viro e corro de volta para casa. Fecho os olhos quando a porta se fecha atrás de mim, gemendo.

Ele ia me beijar. A mim. Bailey James. E se não sentisse sua respiração em meu rosto ou visse a luxúria em seus olhos, não teria acreditado.

Aiden Carter iria me beijar.

Balançando a cabeça entro na minha casa vazia. Ficar sozinha nunca me incomodou antes, gosto de estar sozinha, mas depois de um dia com Aiden e Sunday, me sinto sozinha.

Andando para o escritório, meu notebook está aberto e sei o que preciso fazer, então entro e começo a trabalhar.

Durante todo o dia, desejei não ser surda. Ansiava ouvir o grito de Sunday ou os ruídos que fazia seu pai sorrir. E Aiden... doía cada vez que seus lábios se moviam e eu não conseguia ouvir sua voz, sem saber se era profunda, rouca ou baixa.

Lágrimas enchem meus olhos enquanto entro no Google, digito na barra de pesquisa um médico especializado na minha condição.

Pela primeira vez desde que minha família morreu quero viver. E se alguém puder me ajudar a conseguir isso devolvendo a minha audição, farei o que for preciso. Eu não sou mais a garota assustada que perdeu a família e a audição. Não estou mais zangada com o mundo, com todos que esqueceram que três vidas foram tiradas naquele incêndio ou que aquelas garotas ainda andam por aí como se não tivessem cometido crimes hediondos.

Posso não me curar, mas não acho que alguém realmente se cure de algo como o que passei. Mas tenho lidado bem. Eu me formei em artes e design, assim como meus pais queriam. Comecei meu próprio negócio para deixá-los orgulhosos.

Mas se realmente quiser deixar meus pais orgulhosos, então preciso começar a viver. Tenho que parar de deixar essas garotas dominarem minha vida e o que eu faço com ela.

Com isso em mente, agendo uma consulta com um médico aqui perto. Meus avós ficarão loucos quando descobrirem. Eles têm tentado me fazer ver alguém já faz um bom tempo, mas sempre recusei. Minha família está morta; não sentia que merecia minha audição de volta.

Sentindo-me melhor comigo mesma em muito tempo, um sorriso levanta meus lábios. Sinto-me mais leve, mais livre.

Com vontade de fazer algo, abro meus e-mails, encontro um de Charlotte. Clico nele e vejo uma lista de links para as coisas que ela está procurando para suas capas.

Pronta para uma longa noite, sento na cadeira, olho pela janela da porta ao lado. As cortinas se movem, deixando-me tensa, porque mesmo que não possa vê-lo, sei que ele está lá. Posso sentir isso.

Um pequeno sorriso curva meus lábios quando abro o primeiro link, tento afastar minha mente do deus gostoso que mora ao lado, que parece incrivelmente sexy enquanto segura um bebê.

Trabalhar me distrairá de pensar nele.

Mas mesmo quando o pensamento passa pela minha mente, eu sei que é mentira. Porque se há uma coisa que Aiden Carter não é, é desinteressante.

CAPÍTULO ONZE

Aiden

Durante toda a semana, evitei Bailey. Ela me faz sentir coisas que não deveria e se é por ter Sunday na minha vida, não sei. Apenas sei que, pela primeira vez na minha vida, há alguém fora da minha família que eu faria qualquer coisa para ter certeza de que não se machucaria.

Ficar longe é mais difícil do que imaginei. Nunca tive um problema quando se tratava de garotas antes. Nunca. Tudo isso é novo para mim.

Olho para o jardim dos fundos quando a vejo saindo, vestindo apenas um short jeans e uma blusa de alças finas que mal cobre seus seios magníficos. Ela sorri para os rapazes colocando gentilmente uma bandeja de bebidas na mesa.

— Eles podem comprar suas próprias bebidas. — Murmuro.

Minhas mãos apertam quando vejo Mark, Liam e até mesmo Landon a observando quando ela se inclina para pegar uma bebida para eles. Ela entrega à Mark, rindo de algo que ele diz.

Eu gostaria de poder ver seus lábios daqui, entender o que aquele filho da puta está dizendo a ela.

— Sunday, nós vamos à casa ao lado. Papai precisa se alimentar. — Digo a ela. Ela chuta seus pés minúsculos, então

entendo isso como um bom sinal. — Sim, você quer ir ver nossa vizinha sexy também, não é? Sim, você quer.

Ela chuta mais forte, fazendo-me sorrir. A porta da frente abre e eu olho para cima para encontrar mamãe entrando com algumas sacolas. Eu gemo. Lá se vai minha desculpa de ir ver Bailey. Esperava que ela desse uma olhada nos meus olhos de cachorrinho e me alimentasse.

E bem, passasse tempo comigo.

— Ei, mamãe. — Cumprimento.

— Olá, bebê. Eu apenas colocarei as compras nos armários.
— Ela grita da cozinha.

Eu olho para Sunday em seu cesto de Moisés e reviro meus olhos.

— Devemos dizer que ela acabou de arruinar nossos planos?
— Pergunto usando uma voz de bebê. Seus lábios se curvam em um sorriso e meu coração para completamente. — Você acabou de sorrir?

Procuro meu telefone quando ela faz isso novamente.

— Mamãe! — Eu grito, rapidamente vou para o meu quarto pegar meu telefone. Tropeço na caixa de fraldas com um oomph.

Porra!

Rastejo até a mesa de cabeceira, pegando o telefone e no processo, arranco o carregador da parede. Nem me importo quando corro de volta para minha garota.

Mamãe sai correndo da cozinha, o rosto pálido e toda preocupada.

— O que aconteceu? Ela está bem? — Pergunta olhando para o telefone em minhas mãos.

— Mamãe, ela sorriu. Sorriu para mim. — Digo antes de olhar para minha filha. — Você não fez? Sim, você fez.

Quando ela não sorri, mas em vez disso seus lábios tremem, eu a fotografo olhando para minha mãe.

— Ela sorriu, eu juro por Deus.

Mamãe começa a rir se aproximando para passar o dedo na bochecha de Sunday.

— Filho, ela não estava sorrindo. Está com gases.

— Não, ela não está. — Eu praticamente grito surpreendendo Sunday. Eu a agito em meus braços. — Ela sorriu. — Afirmo olhando para ela.

— Ela está com gases. Não tem idade suficiente para sorrir. Eu juro a você, ela não sorriu.

Respiro, meus ombros murchando. — Mamãe, eu juro, ela sorriu para mim.

Ela me dá um tapinha no braço. — Você saberá quando ela realmente sorrir. Vocês todos pareciam sorrir quando tinham gases.

Encolho os ombros.

— Não me importo. Foi o sorriso mais lindo do mundo. — Olho para cima quando mamãe não diz nada para encontrá-la olhando para mim com tanto amor em seus olhos. — O que?

— Você.

— O que tem eu? — Pergunto olhando atrás de mim apenas por precaução. O jeito que ela está me olhando está me deixando nervoso.

— Você todo adulto. Tem dezoito anos, indo para faculdade, começando um novo emprego, em uma nova casa e se tornou pai em poucos dias. — Ela respira, endireitando as costas. — Serei sincera, de todos meus filhos, eu me preocupava mais com você. Tenho orgulho de todos, não me entenda mal, mas não achei que você encontraria o seu caminho. Mas vendo o quanto cresceu, então vendo você com Sunday... — Ela se cala, engasgada enquanto enxuga uma lágrima. Vou até ela e envolvo meu braço livre ao seu redor. Uma coisa que odeio é a minha mãe chorando. Afastaria qualquer coisa que a chateia, mas como sou eu dessa vez, não posso. — Vendo-o com Sunday, nunca fiquei mais orgulhosa. Você assumiu a responsabilidade que poucos homens hoje assumiriam. Eu te amo.

Aperto seu ombro.

— Eu também te amo, mamãe. E obrigado. Não mentirei, não queria ir para faculdade. Acabei de me formar na escola. Queria me divertir. Mas todos da nossa família estavam avançando enquanto eu ainda estava no mesmo lugar. Amo cozinhar. Apenas não queria que os caras rissem de mim.

— Eles nunca ririam de você.

Meus lábios apertam com suas palavras acaloradas. — Mamãe, tio Max me chamou de mulherzinha e apontou para a cozinha.

— Teu tio Max não conta. — Ela me diz rapidamente. — Seu pai disse que ele caiu muito quando criança.

Sorrio abraçando Sunday e mamãe mais perto.

— Certo. E quanto a Sunday, vocês me criaram certo. A família é tudo para todos nós. — Eu respiro fundo para realmente pensar nas minhas próximas palavras. — No começo, realmente teria dado ela para você. Estava apavorado. Mas bastou olhá-la para saber que nunca a deixaria, que ela vem em primeiro lugar, apesar do medo de me tornar pai. E é por causa de você e do papai que soube que poderia fazer isso.

Ela passa o dedo pela bochecha de Sunday mais uma vez. — O que você quer dizer?

Encontro seu olhar, meus lábios tremem em um sorriso.

— Porque se vocês dois puderam lidar comigo e com Mark e ainda assim conseguiram, então posso criar uma garotinha.

Ela levemente empurra meu ombro rindo de mim. — Você é um terror. Quer que fique com ela por algumas horas? Você poderia sair e ver seus primos. Eu vi a van na casa vizinha.

Sim, não estou pronto para isso ainda.

— Não. Nós estávamos realmente saindo para vê-los. Mas podemos fazer companhia a você.

Ela sai do meu abraço. — Que absurdo! Vá. Preciso voltar de qualquer maneira. Seu pai quer que leve o almoço para ele.

Suas bochechas avermelhadas a entregam e eu grito engasgando.

— Vamos, Sunday. Vamos nos preparar para sair antes que a babá diga por que ela está realmente com pressa.

Mamãe ri novamente, pegando a bolsa de onde ela deixou próximo a porta da frente.

— Como seu pai diz, eu não estou morta.

Faço careta.

— Eca! Apenas vá. E mantenha suas atividades com papai em sigilo da próxima vez.

Ela abre a porta e olha por cima do ombro. — Foi você quem tirou conclusões precipitadas.

Balanço a cabeça para ela. — Mamãe, seu rosto ficou vermelho como um tomate e não fez contato visual quando estava falando comigo.

Ela encolhe os ombros. — Apareço durante a semana. Amo você.

Sorrio.

— Eu também te amo. — Assim que ela sai, olho para minha garota e respiro. — Vamos então, vamos para a casa ao lado antes que um daqueles idiotas roube minha outra garota. — Meus olhos arregalam horrorizado. — Quer dizer, Bailey. Eu quis dizer Bailey.

Talvez ir até lá não seja uma boa ideia.

Olho pela janela que dá para o jardim dos fundos e tem vista para o escritório dela. A mesma janela que observei durante muitas noites na semana passada. Mesmo quando acordo para

alimentar Sunday, às vezes a encontro sentada à sua mesa, com uma expressão de concentração no rosto.

Um rosnado profundo surge em meu peito quando vejo a mão de Mark em seu braço, pegando o grande prato de sanduíches dela. Ela joga a cabeça para trás rindo.

— Que porra. Deveriam ser *meus* sanduíches.

*** **

Posso ouvir suas vozes no jardim enquanto ando até lá. O som da risada de Bailey faz alguma coisa no meu peito e o ciúme me atinge por serem eles que a estão fazendo rir e não eu.

Landon me vê primeiro, cumprimenta-me elevando o queixo antes de voltar ao trabalho. Maddox, Mark e Liam me notam em seguida e compartilham um olhar.

É quando percebo que estou olhando para eles. Endireito minha expressão a tempo de Bailey virar. Ela deve ter visto seus rostos.

Eu a observo soltar o ar, seu corpo inteiro relaxa quando me vê e um sorriso ofuscante floresce em seu rosto.

— Ei!

Sorrio quando percebo que ela está ofegante. — Ei! Nós viemos vê-la. Sunday queria ver sua segunda pessoa favorita.

— Irmão, é trapaça usar o bebê fofo. — Maddox lamenta.

Dou-lhe um encolher de ombros quando Bailey se aproxima e olha para o carrinho antes de olhar para mim.

— Quem é a primeira?

Estufo o peito. — Eu, claro. Ela sorriu para mim mais cedo.

Seu sorriso se ilumina. — Ela fez?

— Não, ela não sorriu. Ela é muito jovem. — Diz Maddox.

Olho para meu primo. — O que você sabe?

— Eu ajudei Lily com um de seus projetos de curso uma vez. Dizia que os bebês sorriem entre oito e nove semanas. Ela provavelmente teve gazes.

— Foda-se! — Rosno, antes de segurar a mão de Bailey. — Tudo bem se formos para dentro? Não quero Sunday perto de todo o trabalho de construção ou no sol por muito tempo.

Sua testa franze de preocupação. — Oh, meu Deus! Sim. Sinto muito. Apenas preciso fazer outra rodada de sanduíches. Eles já comeram a primeira remessa que fiz.

— Eles podem fazer seus próprios malditos sanduíches. — Digo a ela mais forte do que planejei. Disfarço minha expressão. — Maddox acabou de dizer que está cheio agora e é para você fazer uma pausa.

Não me sinto mal por mentir ou por usar sua deficiência contra ela.

— Ele disse? — Pergunta inocentemente olhando para Maddox. Ele parece chateado, mas lhe dá um sorriso.

— Sim, estamos cheios. Além disso, precisamos buscar mais material em breve. Podemos pegar algo se ficarmos com fome.

— Você tem certeza? Eu não me importo.

Coloco a mão dela novamente, amando ter motivos para tocá-la sem precisar de desculpas.

— Ele tem certeza.

— Tudo bem então. Entre.

Eu a sigo levantando o carrinho.

— Uau! — Murmuro olhando ao redor. Tem três sofás de tecido branco, todos com várias almofadas coloridas para alegrar o clima. Há duas cadeiras com almofadas vermelhas e duas mesas. Uma TV está pendurada na parede e as janelas estão equipadas com persianas para que ela possa assistir sem o sol brilhar na tela.

É enorme, o maior jardim de inverno que já vi. Terei que dizer à Mary para conseguir um, porque é genial. Poderia morar ali. Até gosto das plantas que ela espalhou aleatoriamente pela sala e do frigobar no canto.

— Você está bem?

Percebo que parei para admirar a sala e me viro para Bailey com um sorriso. — Esse lugar é incrível. Sempre foi uma parte da casa?

— Essa é minha parte favorita da casa. Está aqui há seis anos ou mais. Meu avô adora ficar aqui quando chove. Sempre vínhamos para cá e líamos quando isso acontecia. É a melhor hora para estar aqui.

— Tenho certeza. — Murmuro achando-a cada vez mais interessante.

Nós entramos na cozinha e ela olha para mim.

— Você veio em busca de algo? Está tudo bem?

Sorrio com o rubor subindo pelo seu pescoço até suas bochechas.

— Sim. Quer pedir comida e comer comigo? Eu não posso fazer o pedido no restaurante ao lado. — Depois de ouvir como isso soa, rapidamente acrescento: — E nós vimos você pela janela e pensamos em vir.

O nariz dela enruga adoravelmente, a testa franzida.

— Por que você não pode pedir na porta ao lado? É porque eles entregam na casa de Mary?

É melhor eu ficar envergonhado. — Não, estamos proibidos.

— Proibidos? Bem, de todos os restaurantes ou apenas um? Ou Mary proibiu?

Esfrego minha nuca. — Todos os restaurantes. É uma longa história.

Ela sorri sentando-se no banquinho. — Agora você precisa me dizer. Como? Por quê?

— Foi um mal-entendido. — Digo a ela rapidamente me defendendo.

— Tudo bem. — Diz ela lentamente.

Encolho meus ombros.

— A primeira vez, foi porque veio comida faltando em nosso pedido. Um de nós culpou o entregador por deixá-la no restaurante e outro o acusou de comê-lo. Acabou em uma briga.

Minha esperança de que ela ficasse feliz com essa resposta vaga é desfeita quando seu sorriso se espalha mais.

— Quem o culpou por esquecer?

— Maddox. — Admito facilmente.

Balança a cabeça como se pudesse ter adivinhado.

Esse não é o pior incidente com o qual lidamos quando se trata de comida também.

Uma vez, fomos comer em um restaurante chinês e houve uma grande confusão entre nós e os irmãos Hayes. Dentro de uma hora, destruimos o lugar entrando em uma briga. Prefiro que Bailey não veja esse meu lado, não quando sei o que ela passou.

— Quem o acusou de comer?

Encolho os ombros. — Não me lembro.

Ela me olha de perto antes de levantar uma sobrancelha e sorrir. Bate no joelho antes de apontar o dedo acusador para mim. Posso sentir minhas bochechas esquentarem e gemer. — Foi você.

Levanto minhas mãos. — Olha, foi um argumento legítimo. Ele tinha migalhas em sua camisa.

— O que ele disse que eram?

— Batatas fritas. — Encolho os ombros ignorando sua risada. — Depois disso, eles não fazem entregas no nosso endereço. Nós fomos banidos da maioria dos lugares de qualquer maneira, o que é mais um? — Sorrio quando um pensamento me ocorre. — Mas não se preocupe, eu tenho você para pedir para mim agora. Apenas não conte aos outros. Pode ser nosso pequeno segredo.

Suas bochechas ficam rosadas.

— Tudo bem. — Ela respira fundo, colocando os cabelos atrás da orelha. — O que você gostaria que pedisse para nós?

— O que você gosta. Tem o aplicativo de comida online? — Eu pergunto sabendo que ela não pode telefonar.

Ela acena com a cabeça.

— Sim. Adoro cozinhar, mas também gosto de passar alguns dias comendo fora.

Meu tipo de garota.

Sunday começa a chorar, então a alcanço enquanto Bailey sai da sala. Eu a pego, balançando-a. Ela tomou a mamadeira antes de vir para não ter fome.

Cheiro seu traseiro sob protesto, mas isso me salva de tirar sua roupa, em seguida, passar uma hora tentando alinhar todos os botões. Ela não cheira mal e meus ombros caem. Eu a seguro na minha frente sorrindo para o rosto bonito dela.

— Ah, alguém apenas queria a atenção do papai?

Sua expressão deveria ter me avisado, mas antes que possa me mover, o vômito jorra em toda a minha boca, escorrendo pelo

meu queixo. A segunda carga cai na minha camisa e engasgo, indo até a pia. Com ela ainda em meus braços, esvazio meu estômago. O cheiro de leite velho me faz engasgar mais uma vez e acabo vomitando de novo.

Tal pai, tal filha.

Mãos quentes alcançam Sunday e pela primeira vez, não discuto deixando Bailey levá-la dos meus braços. Inclino-me sobre a pia, deixando a água fria correr e furiosamente tento tirar tudo de mim. Quando sinto o gosto na minha boca, engasgo novamente, mas desta vez, nada vem.

Porra!

Quando me componho o suficiente para ficar longe da pia, percebo minha camisa está encharcada. Olho para Bailey me desculpando.

— Sinto muito por isso. Há muitas coisas que posso lidar, mas alguém vomitando não é uma delas. No minuto em que sinto o cheiro, acabo vomitando.

— Tudo bem, mas você pode querer ir se trocar. — Ela me diz baixinho. — E hum... você tem fraldas e outras coisas com você?

— Por quê? — Pergunto, antes de olhar para o meu jeans. Eu não me sujei! Não. Tudo limpo.

— Sunday mais do que vomitou. — Diz ela estremeendo um pouco.

Concordo com a cabeça, dando um passo à frente para pegá-la, mas o cheiro me atinge e engasgo, corro de volta para a pia. Bailey ri e a ouço se movendo.

— Vá trocar de camisa enquanto eu a troco. Você tem um trocador?

Enxugo minha boca antes de olhar para ela. — Eu posso fazer isso.

— Você realmente deveria ir e trocar a camisa.

Olho para a minha camiseta favorita do AC/DC e sinto as manchas de vômito nela.

— Sim.

— Eu vou trocá-la. Já toquei fraldas antes.

Relutantemente, concordo. — Tudo bem. Há um trocador e um cobertor na bolsa da Minnie.

Quando ela me lança um olhar interrogativo, encolho os ombros.

— Eu não quero que ela fique em uma superfície fria.

— Você é tão doce.

Eu viro de volta. — *Não* sou doce.

Ela ri. — Sim você é. Você é um bom pai.

Encho o meu peito com orgulho, porque sou um pai durão.

— Chame-me de charmoso ou algo assim. Apenas não doce. Mas se você esquecer, tenha certeza de não ser na frente deles. — Digo a ela apontando para a área do jardim. — Nunca mais vão parar de me chatear.

— Tudo bem. — Ela me diz pegando a bolsa da Minnie. — Agora vá trocar a camisa.

— Tudo bem. — Suspiro, olhando para Sunday. — Hum... ela gosta quando você faça isso rápido. Odeia que mexam em seu traseiro.

— Todos os bebês odeiam. — Diz ela não tirando os olhos de mim. — Você trocará a camisa?

Eu aceno, ainda não me movendo. — Sim.

— Você precisa ir para poder fazer isso, sabe.

Bailey olha para o carrinho onde ela colocou Sunday para que pudesse preparar as coisas, levantando a sobrancelha.

— Ela precisa da pomada que está no bolso lateral também. Não muito, apenas um pouco.

— Tudo bem.

Sigo para o jardim de inverno antes de voltar rapidamente para a cozinha. Bailey olha para cima, seus lábios tremem.

— Você está bem?

Limpo minha garganta. — Sim. Estava voltando para dizer que se você precisar de mim, apenas grite meu nome ou saia.

— Você ficará fora por dois minutos, não uma vida inteira.

Concordo com a cabeça novamente saindo, mas quando chego à porta dos fundos, tenho que voltar, entro na cozinha. Seu suspiro de aborrecimento é fofo.

— Não grite e espere. Grite e a leve para mim.

Revira os olhos para mim.

— Será Natal nesse ritmo. Eu já teria terminado e você estaria de volta com ela em seus braços se já tivesse ido.

Esfrego a mão no meu rosto e rapidamente corro para fora da cozinha, ignorando sua risada. Todos os rapazes olham para mim quando saio. Todos sorriem e mostro meu dedo do meio.

— Cara, dê-me um bom motivo para isso tudo. — Maddox grita. Paro virando-me para meu primo.

— Fique longe. — Continuo com meus passos mais lentos antes de voltar para eles. — E faça seus próprios sanduíches.

Ele sorri recostando-se contra uma pilha de tijolos.

— Lily já me fez alguns, mas o gosto dos de Bailey são melhores.

Ando na sua direção, preparando-me para chutar sua bunda, quando ele lambe os lábios e pisca para mim.

— Idiota.

— Aiden, vá se trocar. Você parece um pouco desalinhado. — Landon rosna. — E pela forma que saiu correndo de lá, não queria deixar Sunday.

Foda-se, Sunday.

— Fique longe dela, Maddox.

— Difícil de fazer quando estou trabalhando aqui. Cada. Maldito. Dia.

Continuo indo em direção ao meu apartamento, ignorando as risadas dos outros enquanto tiro minha camisa economizando tempo. Não há como deixá-lo tentar seduzi-la. Não mesmo. Terei

que superar meu medo de um relacionamento ou deixar Maddox convidá-la para sair.

Sim, arrancarei sua cabeça se ele se aproximar dela.

A vida pode ser tão confusa. Apenas preciso descobrir o que quero.

E por alguma razão, no momento em que imagino o que quero, o rosto de Bailey é a primeira coisa que aparece.

Estou completamente ferrado.

CAPÍTULO DOZE

Aiden

Está chovendo quando saio e corro para entrar na casa de Bailey. Quando noto que ninguém está no jardim, vou rapidamente para o lado da casa e vejo que as caminhonetes de trabalho de Maddox ainda estão lá.

Imbecis.

Meus pés se movem mais rápido. Entro limpando meus pés e sacudindo a chuva dos meus cabelos.

As vozes na cozinha me fazem gemer. E se eles estiverem comendo, os colocarei para fora.

Bailey olha para cima quando me vê entrando, se desculpando.

— Não deve chover por muito tempo. Eu chamei os rapazes para que não ficassem encharcados.

Não me incomodo em dizer que geralmente não são chamados quando chove, a menos que estejam trabalhando dentro. Em vez disso, forço um sorriso tenso, encaro meu irmão e meus primos.

— Ela tinha chilli na geladeira pronto para aquecer. — Diz Mark defensivamente. Olho para comida, fico com água na boca.

Todd, gerente de obras de Maddox, aproxima-se do corredor e eu o olho perigosamente.

— E de onde você acabou de vir?

Ele sorri para mim enquanto caminha até Bailey. Observo, sentindo-me perto de perder o juízo quando ela sorri para sua abordagem.

— Obrigado por me deixar usar o banheiro. — Ele diz a ela, dando-lhe um abraço de lado, esfregando seu quadril.

— Tudo bem. Fico feliz por ajudar. — Ela diz suavemente e me alegro com o fato de se afastar usando Sunday como uma desculpa enquanto a balança.

Sorrio, dando-lhe um olhar presunçoso.

— Porra, toque nela novamente e quebrarei seus dedos.

— Por quê? Ela é sua? — Todd pergunta.

— Ooh, conversa de lutador. — Maddox sorri.

— Que luta? — Bailey pergunta, olhando ao redor antes de voltar para Maddox.

— Há uma luta hoje à noite. — Ele mente piscando. — Estamos pensando em sair para assistir.

Bailey empalidece e eu quero estripá-lo por incomodá-la. Qualquer tipo de violência a perturba.

— Você deveria vir conosco. Vamos ao The Ginn Inn mais tarde. — Diz Todd.

Ela olha para mim, mordendo o lábio inferior. — Eu iria, mas tenho muito trabalho a fazer.

Todd faz beicinho quando me aproximo de Sunday, a tirando de Bailey. Ela será a única coisa que me impedirá de dar uma surra nesse folgado.

— Talvez você e eu poderíamos sair para jantar.

Aperto os dentes e olho para longe com muito medo dela dizer sim. Maddox ri atrás de seu copo e eu o chuto.

— O que foi isso? — Ele pergunta.

— Tire ele daqui antes que o mate.

Ele revira os olhos e quando está prestes a responder, Bailey fala ruborizada.

— Hum, estou muito ocupada no momento.

— Todd, você pode ir ao escritório e se certificar de que as telhas foram pedidas? — Maddox diz, limpando a diversão de sua voz.

— Sim. — Ele murmura antes de encontrar o meu olhar. — Bem, se não sairá com ela então deixe alguém tentar.

Encolho os ombros preguiçosamente.

— Não posso evitar se as mulheres são loucas por mim.

Ele revira os olhos, dando aos outros um aceno antes de sair pela porta da cozinha. Sorrio quando ele sai esquecendo minha plateia.

— Otário!

— Você disse alguma coisa?

Aceno, mentindo sem vergonha. — Eu disse que Sunday não precisa de um bico.

Ela franze a testa adoravelmente. — Você não lhe dá uma chupeta?

— Não. Não confio nelas.

Landon ri colocando comida na boca como se não tivesse sido alimentado em uma semana.

— Isso deve ser bom.

— Foda-se. — Eu digo para ele.

Bailey não parece perturbada quando olha entre nós, lendo nossos lábios. Odeio que ela tenha que encarar os lábios deles. Eu gosto quando ela olha a minha boca. Seus olhos ficam caídos e ela solta uma pequena bufada.

Lambo meu lábio inferior aproveitando o modo como faíscas piscam em seus olhos, seu olhar atraído para eles. Eu sorrio.

— E o que a chupeta fez para te ofender? — Ela pergunta ofegante.

Sim, ela está totalmente afetada por mim.

— Tentou sufocar minha filha. — Digo pegando um pedaço de pão de alho.

— Hum, como? Você entregou a ela um desses bicos duros? — Pergunta provocante antes de avançar para me entregar um prato. Espero que ela faça isso. O que posso dizer, sou um idiota que ama sua comida.

Uma vez que tenho a atenção dela, respondo. — Não. É apenas muito grande para a boca dela. Isso poderia sufocá-la.

— Ela respira pelo nariz. — Diz, com uma risada em sua voz.

Eu reviro os olhos. — Não importa. Tentei e a coisa parecia sufocá-la.

— As mães amamentam seus bebês. Uma chupeta não é muito maior que um mamilo. — O rosto dela fica vermelho como se tivesse dito a palavra mais safada de todas.

Liam sorri. — Claramente você não sai. Deveria ter visto os seios que chupei na noite passada.

Meus lábios tremem em um sorriso, feliz por Bailey não olhar em sua direção. Isso apenas a faria corar mais forte.

— Mamilos com certeza é a palavra que você estava procurando, querida. — Falo.

E aquele rubor surge novamente. Adoraria saber até onde vai. Meu pau pulsa com o pensamento. Vou para trás do balcão antes de me envergonhar na frente dos outros.

— Até os bicos de suas mamadeiras são maiores que um mamilo. Você se preocupa muito. As pessoas dão a seus filhos essas coisas por gerações.

— Pode ser, mas meu bebê não usará isso. — Digo a ela encolhendo os ombros.

Ela ri levantando as mãos para Sunday.

— Quer que a segure ou você teme que meus seios a sufoquem? — Um segundo de silêncio passa antes dela gemer, cobrindo o rosto com as mãos.

Os rapazes olham para ela com os olhos arregalados, enquanto eu olho para os seus seios impressionantes. Sim, eu não me importaria de ser sufocado por eles.

— Você quer que eu responda? — Pergunto sorrindo quando ela olha para mim.

— Não. — Ela balança a cabeça furiosamente. — Por favor, finja que não disse isso.

Sorrio, gostando cada vez mais dessa garota.

— Preciso ir. Tenho que levar Charlotte para algum lugar à noite e preciso buscar minhas coisas. — Landon anuncia. Olho para meu primo preocupado. Ele não desvia o olhar, em vez disso olha para baixo. Nós dois sabemos que ele não ficará com Charlotte a noite toda.

Não. Ele lutará novamente, algo que dissemos a ele várias vezes para parar de fazer, a menos que esteja na frente de instrutores, árbitros e juízes apropriados. Não em algum armazém abandonado.

— Avisarei seus pais. Disseram à mamãe ontem que eles não o viam em muito tempo.

Ele estreita os olhos para mim ficando com raiva.

— Eu vi mamãe e papai outro dia. Mantenha seu nariz fora do meu negócio.

— Eu o farei quando você parar de fazer escolhas estúpidas.

— Você não sabe o que está falando.

— Eu sei que desde que perdeu Freya, tem alguns problemas de raiva, mas precisa seguir em frente, Landon.

Ele anda na minha direção, mas antes que possa me alcançar, Sunday começa a chorar. Ele para olhando para ela com os olhos arregalados antes de encontrar meu olhar com uma expressão de culpa.

— Sinto muito. — Diz antes de sair.

— Landon. — Chamo atrás dele.

— Eu o checarei. Além disso, acho que ele esqueceu que é meu chefe. — Diz Liam antes de olhar para Bailey. — Obrigado pelo jantar. Estava uma delícia.

Parecendo adoravelmente confusa, ela apenas balança a cabeça.

— O prazer foi meu.

Eu quero gritar, porque *eu* possuo todo o prazer dela.

Ei, de onde veio isso?

Eu me arrepio, sentindo-me um merda por trazer Freya na conversa na frente de Bailey, que ela realmente não conhece.

O telefone de Liam emite um bipe e ele puxa para fora, sorrindo.

— É Landon. Chegou ao fim da rua antes de lembrar de mim. Sinto-me tão amado. — Ele brinca antes de olhar para mim. — Não se preocupe com isso. Todos concordamos com você, mas precisa lidar com tudo à sua maneira.

— Enviarei uma mensagem a ele depois para pedir desculpas, cara. Estou apenas preocupado. Ele parece ter mais hematomas ultimamente.

Uma sombra cruza seu rosto. — Sim, bem, todos nós o avisamos.

— Nós vamos também. Quero ter certeza de que todos os nossos trabalhos estão dentro do cronograma. — Maddox diz enquanto ele e Mark se levantam.

— Algo que eu disse? — Adiciono brincando.

Eles riem me dando tapas nas costas quando passam. Maddox, incapaz de evitar, para na porta. — Bailey?

Ela está olhando para mim com uma expressão preocupada. — Não pode ler seus lábios daí.

Ela lê o que eu digo e seu olhar se volta para a porta da cozinha. Viro-me também colocando Sunday mais alto no meu peito, seu traseiro encaixando na palma da minha mão.

— E da próxima vez que você preparar o jantar, acenda algumas velas. Eu trarei a sobremesa. — Ele diz, piscando.

Ela ri. — Tchau, Maddox.

— Tchau, querida.

Eu rosno quando ele sai, ignorando sua risada. Quando eles se vão, Bailey se vira para mim, mordendo o lábio inferior.

— Você está bem? Isso foi muito intenso.

Suspiro, vou até o carrinho de Sunday e gentilmente a coloco no chão. Sorrio enquanto seu corpo ondula para cima como se estivesse procurando meu calor. Vendo que ela está confortável, enfrento Bailey com um sorriso sombrio.

— Landon gosta de lutar. Não posso falar o porquê, mas ele tem muita raiva e essa é a sua válvula de escape.

Ela empalidece, como eu sabia que faria. — Ele só sai por aí lutando com as pessoas?

Balanço a cabeça.

— Não. Ele luta em um ringue subterrâneo. Ele é um dos melhores lutadores e as pessoas ficam ansiosas para assistir. O problema é que há apenas uma regra: sem armas. Mas isso não impede as pessoas de jogarem sujo. Tem pessoas que usam soqueira de metal cobrindo-as com fita adesiva. Eu simplesmente odeio vê-lo assim.

Sou pego de surpresa quando as lágrimas enchem seus olhos e ela se aproxima para envolver seus braços em minha cintura. Fico tenso com a sensação em meu peito. Sinto que não posso respirar, todos os meus sentidos parecem como se estivessem em chamas pelo toque dela.

Ela se afasta antes que eu tenha a chance de segurá-la para sentir como é ter um anjo nos braços.

Seus grandes olhos são quase a minha ruína. Meu pau pulsa com a visão dela, a umidade em seus olhos e o tremor em seus lábios.

— Realmente tem sorte de tê-lo cuidando dele, Aiden. Sinto muito, Landon está passando por alguma coisa. Parece perdido. Você pode ver em seus olhos.

Suspiro.

— Ele está irritado. Irritado com o mundo pelo que aconteceu.

— Você é realmente um rapaz incrível, Aiden Carter.

Sorrio.

— Isso significa que você me fará o jantar essa semana?

Ela cora, mas um sorriso se espalha em seu rosto.

— Sim. Mas apenas para você.

Sorrio jogando minha cabeça para trás.

— Não irá em um encontro com Todd?

Seu nariz se contorce.

— Hum, não. — Ela geme, abaixando a cabeça no meu peito e a tensão volta. — Não posso acreditar que ele me perguntou. Eu me senti tão constrangida. Não queria menosprezá-lo na frente de todos. — Murmura contra o meu peito.

Sorrio empurrando-a gentilmente para que ela possa me olhar.

— Bem, então, acho que tive sorte.

Ela morde o lábio inferior e meu pau pulsa dolorosamente contra o zíper do jeans.

— Não. Para você, Aiden, minha resposta será sempre sim.
— Ela sussurra.

E nesse momento, sinto que ela acabou de tirar metade da minha alma. A confiança em seu olhar, a rendição de seu corpo... eu sei que poderia tê-la. Eu sei que se provasse esses lábios

vermelho-cereja, ela me beijaria de volta. Eu sei, como sei o meu próprio nome, que se tocasse nela, ela deixaria. Ela gostaria disso. E no minuto que tiver um gosto, tomaria tudo o que tem a oferecer sem dar nada em troca.

Porque sou um bastardo egoísta.

Sem hesitar, pegaria algo que não mereço. Não tenho controle.

A única coisa que impede de inclinar-me para ela, de saboreá-la, é meu coração, minha consciência. Bailey pode ser muito gostosa, mas isso não é o que me faz parar. Não é ela.

Ela não merece uma foda rápida com um cara que não sabe o que quer. Não precisa ter o coração partido novamente. Porque tenho a sensação de que, se eu partir seu coração, estaria partindo o meu junto.

A garota me deixou em pedaços.

E acho que ela nem sabe disso.

CAPÍTULO TREZE

Bailey

Saio do táxi me sentindo mais leve do que em anos e entrego o dinheiro para o taxista.

— Tenha um bom dia. — Digo-lhe.

Ele não sorri, mas me dá um aceno rápido.

— Felicidades.

Eu não deixo a atitude dele arruinar o meu dia, porque posso ouvir. E me deram as melhores notícias hoje. Notícias que eu mal posso esperar para compartilhar com meus avós. Assim que o médico me disse, meu primeiro pensamento foi querer contar a Aiden. Nas últimas duas semanas, ele passou muito tempo na minha casa. Ele parece sempre aparecer nas folgas dos rapazes. Saio para perguntar se eles querem algo para comer e ele me distrai com Sunday. Eu me senti mal por não fazer comida para eles, mas não pareceram se importar.

Destranco a porta e entro indo direto para o meu escritório para pegar meu telefone. Esqueci na minha pressa para sair. Eu não me importo que sejam seis da manhã onde meus avós estão. Preciso ouvir a voz deles.

Disco o número deles, levo o telefone ao meu ouvido com o novo dispositivo que me ajuda a ouvir. Não há irritação, mesmo

que demore muito para me acostumar e não ouço nenhum zumbido. Também estou com ele há uma hora e não tive nenhuma dor de cabeça.

Posso sentir minha garganta apertar com emoção a cada som que ouço. Parece que estou ouvindo tudo pela primeira vez.

— Alô? — Minha avó responde.

— Bella, querida, ela não pode ouvi-la.

— Ei, Docinho. Por que ela está ligando tão cedo? E se estiver machucada, eu matarei alguém.

— Bella, acalme-se antes de você ter um derrame.

— Não me peça calma. Acalme-se. Minha garota está me chamando... Senhor, apenas dormimos algumas horas.

Eu começo a rir. Então é assim que eles discutem quando se afastam de mim.

— Vovó, vovô, acalmem-se. Estou bem.

— Veja, ela está bem. — Responde vovô antes de ouvir sua respiração engatar. — Espere! Você pode nos ouvir?

Sorrio, meus olhos cheios de lágrimas.

— Sim! Eu fui a um médico nas últimas duas semanas.

Vovó começa a chorar, o que traz lágrimas aos meus olhos. Ela está chorando e posso ouvir meu avô confortando-a.

— Estou tão feliz por você, querida.

— Eu também. — Acrescenta vovô.

— Você foi aos médicos que tentamos levá-la?

— Eu fui. Sinto muito por não ter ido antes. Apenas... não podia. Não quando, você sabe... — Eu paro.

— Nós sabemos, Bailey. O que o médico disse?

Sento na minha cadeira sorrindo de orelha a orelha.

— Vovó, você não acreditará nisso, mas eles acham que podem me curar.

— O que? — Ela grita e eu puxo o telefone para longe, rindo.

— Deixe-a falar, querida.

— Deixe-a falar? — Vovó zomba. — A menina acabou de nos dizer que eles podem ajudá-la.

— E ela quer explicar. Deixe-a explicar. — Ele diz a ela com diversão em sua voz.

Eu senti falta disso, ouvi-los. Suas vozes. Ansiava por ouvir o som profundo da voz de meus avós.

— Vá em frente, Bailey. — Diz ela depois de se recompor.

— Tentarão um método onde usam células-tronco hematopoiéticas de cordão umbilical para corrigir os danos no ouvido. Eles não sabem a extensão dos danos nas outras partes dos meus ouvidos até que esteja pronto. Mas estão esperançosos de que recupere setenta por cento de minha audição com essa cirurgia.

— Por que eles nunca recomendaram isso antes? — Vovó pergunta.

— Acho que mencionaram a cirurgia cerebral para mamãe e papai no começo, mas ficaram com medo de me perder. Ainda

estavam traumatizados com o meu ataque e foi por isso que aceitaram a sugestão do aparelho auditivo. Sabia que havia uma chance de ter minha audição de volta, nós sempre soubemos, mas depois de perdê-los não conseguia suportar. Por que deveria ser curada se eles não voltariam?

— Oh, querida. — Vovó diz suavemente e imagino sua cabeça inclinada para o lado e seus olhos ficando mais leves.

— Quando você fará?

— Ligarão para mim em uma semana. Um dos melhores otorrinos realizará a cirurgia. — Digo limpando a garganta. — O procedimento, é.... é caro, já que é feito através de uma clínica particular.

— Não se preocupe com isso. Nós pagaremos.

Relaxo de volta na cadeira. Não gosto de pedir. Recebi as apólices de seguro de vida de meus pais quando morreram, mas me recusei a aceitá-la, então meus avós se encarregaram disso até que eu estivesse pronta. E nem quero pensar no dinheiro, é apenas outro lembrete.

— Obrigada.

— É um prazer. Estou tão feliz por você. — Meu avô me diz, sua voz cheia de emoção.

— Eu também, querida. Estou orgulhosa de você, mas preciso perguntar, o que a fez mudar de ideia.

Posso sentir meu rosto aquecer.

— Eu, eu... — Gemo não querendo falar sobre isso.

— Oh! É um rapaz.

— Não, não é, Bella.

Sorrio com o calor das palavras de vovô. — Ele mora ao lado. Nós temos passado um tempo juntos e eu não sei. Acho que me fez perceber o quanto estou perdendo.

— Ouvir um garoto falar com você na cama não é algo que está perdendo. — Vovô responde.

Eu me engasgo rindo. — Vovô!

— Abel! — Vovó ri e eu posso ouvir o estalar do tapa.

— Ai, mulher! — Ele sussurra. — Mas os bisnetos correndo por aí seriam legais.

Oh, meu Deus! Meu rosto queima de vergonha. Quando minha avó começa a concordar falando sobre a construção de um playground no jardim, preciso acabar com isso.

— Sério, vocês dois. — Suspiro. No entanto, não posso evitar o sorriso que está no meu rosto. Estou muito feliz agora e pela primeira vez desde que perdi minha família, também não me sinto culpada por isso. — Além disso, ele já tem uma filha.

— Ele tem uma filha? — Vovó pergunta, a felicidade desaparecendo de sua voz.

— E não está com a mãe?

Certo, vovô não parece muito satisfeito.

— Ela morreu durante o parto. — Digo-lhes. Não quero mentir para eles, então lhes digo a verdade. Eles pensarão que ele está de luto e se preocuparão em me machucar. — Ele não estava com ela. Disse que foi apenas uma noite.

— Bailey. — Diz vovô em um tom de aviso.

— Não, antes de se preocupar, precisa saber que ele não é como pensam. Não comigo de qualquer maneira. E você deveria vê-lo com a filha, Sunday. É um pai incrível. Eu juro, se pudesse levá-la com ele ao banheiro, levaria. Ele a ama muito.

Vovô suspira.

— Nós apenas não queremos vê-la se machucar, não depois...

Não quero pensar nele. Não posso. Ainda me sinto suja quando ele passa pela minha cabeça.

— Eu sei. — Sussurro.

É a única parte do meu passado que nunca contarei à Aiden. Eu não quero que ele olhe para mim de forma diferente.

— Tudo bem. Nós esperamos.

— Não pense que escapará do Skype também, senhorita. Quero ver seu lindo rosto toda noite como um relógio.

Sorrio da minha tentativa de aliviar o clima.

— Eu ligarei do Skype, prometo. Agora deixarei vocês voltarem a dormir. Mal podia esperar para compartilhar as boas novas.

— Ah! Nós não teríamos nos importado se tivesse nos acordado mais cedo. Sempre amamos falar com você.

— Amo vocês.

— Nós também te amamos. — Meus avós respondem suavemente.

— Eu os deixarei irem. Nos falamos depois.

— Tudo bem, querida. Amo você e nos mantenha atualizados.

— Sim.

— Tchau, querida

— Tchau, vovô.

Eu termino a ligação olhando para meu telefone sorrindo.

Agora apenas tenho uma outra pessoa que eu quero ver desesperadamente. Sabendo que ele sairá se eu sair também, vou para a cozinha e faço alguns sanduíches.

Quando termino, saio. Há mais homens do lado de fora hoje, mas com essa empresa, não me importo. Aiden tem uma família incrível e embora ache que alguns deles flertam comigo, não sinto medo como sentia com os outros. Mesmo os rapazes que trabalham e não são parentes deles, são legais e educados. Eu me senti mais relaxada e até mesmo ofereci para usarem a minha cozinha se precisarem de algo para comer. Com os últimos construtores, fazia questão de verificar se tudo estava fechado. Eu temia o dia que entrariam na casa.

— Ei, pessoal! — Chamo segurando o prato de sanduíches.

Mark sorri para mim e se aproxima, enquanto Maddox geme de onde está cimentando a churrasqueira.

— Eu juro, cada vez que ela sai, fica mais gostosa e o idiota não nos deixa chamá-la para sair.

— Eu não deixaria Aiden ouvir você dizer isso. — Landon, o assustador, responde. Eu coro, esqueci que eles acham que não posso ouvi-los.

Os olhos de Mark se arregalam quando coloco meus cabelos atrás da orelha, revelando o fone de ouvido. Ele sorri, pisca para mim enquanto pega um sanduíche, mas não faz nada para alertar sua família.

— Sim, ele o matará por checá-la. — Diz Mark e eu coro ainda mais com suas palavras. Ele não pode realmente dizer isso, pode?

Eu viro para Maddox quando ele se levanta, limpando suas hastes em uma toalha próxima.

— Eu não posso evitar. Ela é gostosa demais. Você viu a bunda dela?

Mark sorri aparecendo atrás de mim. Eu não viro, o que é realmente difícil não fazer agora, minha audição está de volta.

— Porra, eu disse para parar de olhá-la e por que ela fez comida? Novamente! Peguem sua comida maldita. — Aiden rosna. Sua voz é tão sexy quanto imaginei que fosse enviando um arrepio na minha espinha.

— Você precisa aprender a compartilhar. — Maddox se mexe, virando-se para que eu não possa ler seus lábios. — E a comida dela é melhor que a minha.

— Não. É a porra da *minha* comida. Ela é *minha*.

Minha.

Meu coração bate dolorosamente em meu peito. Quero desesperadamente atacá-lo, dizer que sou dele e que ele atormenta todos meus pensamentos, até mesmo meus sonhos. Não posso escapar dele.

— Você a convidará para sair? — Mark pergunta e meus olhos se arregalam.

Por que ele perguntaria isso quando sabe que posso ouvir?

Não querendo ouvir a resposta no caso dele dizer algo doloroso, eu viro para Aiden. — Eu fiz bastante e há lasanha na geladeira para nós. Apenas precisaremos aquecê-la.

Ele sorri para mim.

— Ei, Bailey. Estou com fome agora que você mencionou isso. — Eu sorrio abaixando a cabeça. — Ah, seus filhos da puta, peguem seus sanduíches enquanto recebo uma boa refeição caseira.

Olho para trás, estreitando meus olhos e reflito rapidamente. — Isso não foi muito legal.

Seus olhos se arregalam de horror. Ele limpa a garganta, olhando para todos antes que seus olhos encontrem os meus.

— Você consegue me ouvir?

— Claramente.

Uma tosse estrangulada vem de trás de mim e me viro para ver Maddox inclinado, Mark batendo em suas costas. Ele olha para mim através dos olhos cheios de lágrimas.

— Você ouviu tudo o que eu disse?

— O que você disse? — Aiden pergunta, soando letal e sexy.

— Nada! — Maddox guincha olhando suplicante para mim.

Eu viro, voltando para Aiden. — Você quer comida ou não?

Ele não tira os olhos de Maddox. — Sim.

— Bem, vamos lá então. Quero dar um abraço na Sunday antes que ela adormeça. — Digo a ele. Está tentando a ideia de sua mãe de não a segurar quando está dormindo. Até agora, parece durar cinco minutos antes de pegá-la novamente. Entendi que tem o tempo dele. Mas quem pode culpar a garota por querer estar nos braços de seu pai o tempo todo?

E aqueles bíceps... tento não os deixar me afetar tanto, mas toda vez que ele flexiona, esqueço o meu próprio nome.

Aposto que não há uma mulher lá fora que tenha o olhado e não esqueceu quem era. Ele é lindo de morrer.

— Tudo bem.

— Eu não posso acreditar que ela me ouviu. — Maddox sussurra enquanto estamos entrando, soando como se estivesse com dor.

— O que ele disse? — Aiden me pergunta quando entramos na cozinha.

Encolho os ombros.

— Nada demais. Você quer pão de alho?

Ele me olha. — Sim. Depois você pode me dizer como está ouvindo.

— Não precisa. Eu posso mostrar. — Digo colocando meus cabelos mais uma vez atrás da minha orelha.

— Isso é novo? — Ele pergunta suavemente se aproximando para dar uma boa olhada.

Concordo.

— Sim e eles acham que podem recuperar pelo menos setenta por cento de minha audição com uma cirurgia.

— Você está brincando? — Pergunta sorrindo de orelha a orelha.

— É incrível.

— O que a fez mudar de ideia?

Meu rosto está vermelho, porque sinto que estou pegando fogo.

— Você.

— Eu?

— Sim.

Sua expressão muda para uma que não sei ler. Ele se aproxima e eu mordo meu lábio inferior nervosa.

— Você não precisa mudar por mim. — Sussurra se aproximando, o polegar esfregando meu lábio. Meus joelhos se encaixam ao toque dele. E suas palavras... de alguma forma me fazem sentir como se pudesse tocar o céu.

— Eu sei. Apenas não percebi o quanto estava perdendo. É hora de seguir em frente e esquecer as coisas ruins do meu passado.

O desejo preenche o ar quando ele dá mais um passo segurando meu rosto.

— Você pode me ouvir. — Diz ele com admiração.

Aceno e consigo respirar. — Sim.

— Realmente quero te beijar.

Meu corpo inteiro aquece.

— Então me beije. — Eu me aproximo olhando para ele através dos meus longos cílios enquanto minhas mãos vão para seus quadris, segurando sua camiseta para me equilibrar.

Sua expressão se enche de dor.

— Não sou bom para você, Bailey. Até que eu saiba o que realmente quero, não a tocarei.

— Por favor me beije. — Imploro tocando minha testa na dele enquanto o aperto mais forte.

— Eu não posso. — Ele responde, afastando.

Quase morro com sua rejeição, meu coração se enche de dor. Eu não posso encontrar seu olhar, com muito medo que ele veja o quão profundamente me machucou, veja o quão profundo meus sentimentos por ele são.

Porque o fato é que estou me apaixonando pelo meu vizinho. Não é por opção também. Meus sentimentos por ele foram gradualmente aumentando com cada olhar, cada toque. Ele me faz sentir viva novamente.

Eu poderia vê-lo como meu filme favorito e nunca ficar entediada. Tudo o que faz me fascina. Eu gosto de quem sou quando estou com ele.

— Sinto muito. — Sussurro com medo de perdê-lo. A última vez que pensei em compartilhar um beijo, não o vi por uma semana, além dos momentos em que o vi espreitando através da janela de sua sala de estar.

Ele vira para me encarar.

— Não se desculpe. Isso é comigo. Não sei o que é que eu estava pensando, Bailey. — Esfrega o peito como se estivesse com dor, quero ir até ele, segurá-lo, mas estou congelada no local. — Eu realmente não sei. Posso ter sido um mulherengo antes de Sunday nascer, mas nunca prometi nada a ninguém. Nunca estive em um relacionamento por mais de uma semana, se você pode chamar de relacionamento. Com *você* é importante. Significa algo para mim. E não suporto a ideia de machucá-la.

Eu concordo.

— Compreendo.

Ele exala.

— Não, você não compreende. Mas irá. Juro. Apenas deixe-me descobrir o que estou sentindo. Eu sei que não é justo com você. Apenas... por favor?

Não posso negar a ele. Daria qualquer coisa que me pedisse, sou patética assim. E se não estivesse cem por cento certa de que ele vale a pena, iria embora. Mas ele vale. E o quero mais do que

qualquer coisa há muito tempo. Então, em vez de discutir, aceno e digo:

— Tudo bem.

— Na próxima semana, vamos ao restaurante do meu tio para celebrar a minha transformação em pai. Mamãe cuidará de Sunday para mim.

— Você a deixará ficar fora de vista? — Eu o provoco. — Peguei você.

Ele ri esfregando a nuca.

— Eu volto para o trabalho amanhã, então não tenho escolha a não ser me acostumar com isso. Além disso, minha mãe vai adorar.

— Eu aposto que sim. — Forço um sorriso, escondendo o quanto estou magoada. — Você está animado com o trabalho? Será a primeira vez longe de Sunday, não é?

Ele olha para ela, seu sorriso entristece.

— Não estou ansioso para deixá-la, mas estou animado a voltar para cozinha. Apenas queria que ela pudesse vir comigo.

— Ela ficará bem. Você precisa trabalhar. — Digo a ele, dando a volta para colocar o pão de alho no forno.

— Eu sei. Apenas queria não ter que deixá-la.

— Quanto tempo dura seu turno?

— Meu tio Mason me deu cinco horas amanhã, o que não é tão ruim. Ele me contou como foi a primeira vez que saiu depois

que Hope nasceu. Apenas espero conseguir. Não quero perder esse emprego.

— Seu tio não demitiria você, certo? — Eu pergunto preocupada.

Ele ri.

— Provavelmente não, mas ele não pode deixar os outros pensarem que podem usar desculpas. É por isso que um de nós trabalha diretamente com ele. É diferente com Maddox, ele não dá a mínima e até tem um advogado para redigir documentos para seus funcionários assinarem antes de começar a trabalhar. Afirma que ele não precisa de um motivo para demiti-los.

— Esse é um bom contrato para um trabalho de construção. Você não está comprometido com horas exatas. Entendo o que quer dizer. Seu tio precisa dar advertências verbais e depois três advertências escritas antes que possa demiti-lo. Não precisa de alguém dizendo que não demitiu o sobrinho por mal comportamento.

Aiden se serve de suco da geladeira.

— É isso aí. Ele concordou que posso manter meu telefone. Permite que todos os funcionários com filhos os tenham, mas se forem pegos usando-os para outras coisas além de emergências, recebem um aviso por escrito.

— Parece justo. — Digo indo pegar a bandeja de lasanha na geladeira.

— Apenas sentirei falta dela. Nunca imaginei uma vida com crianças, mas agora que tenho Sunday, não consigo imaginar minha vida sem ela. Sinto que não estava realmente vivendo antes. Foi como se um dia levantei e fui esbofeteado na cara com a realidade.

Sorrio com a analogia dele.

— Ela ficará bem com a sua mãe. Quer dizer, ela criou você.

O brilho falso em seu rosto me faz rir mais.

— Você está tentando dizer que eu dei trabalho? — Pergunta ele dando um passo ao redor do balcão. Minha risada desaparece, meu estômago vibra.

Eu começo a andar para o outro lado.

— Bem, se a carapuça serve... — Digo encolhendo os ombros, lutando contra um sorriso.

Ele ri, ainda se movendo ao redor do balcão para chegar até mim.

— Acho que temos cinco minutos antes de Sunday chorar.

Minhas sobrancelhas se erguem com perplexidade olhando para ela.

— Hã?

Minha distração o faz se mover mais rápido, sorrio, me sentindo despreocupada.

— Ah! Bailey, se eu fosse você, correria... e encontraria um bom esconderijo.

Quando ele avança para mim, tento não gritar por causa de Sunday e salto para trás, fora do seu caminho. Sorrio correndo para o corredor.

Eu nem mesmo me esforço já que estou me divertindo muito.

Seus braços envolvem minha cintura e grito rindo enquanto ele nos gira. Ele me deixa de pé e me bate contra a parede segurando meus pulsos para que meus braços estejam acima da minha cabeça.

Eu ofego olhando inocentemente para ele enquanto olha para mim sorrindo.

— Ah, Bailey, Bailey, Bailey. O que farei com você agora?

Você poderia me beijar. Eu não digo isso.

— Eu poderia pensar em algumas coisas. — Sussurro. Minha tentativa coquete de flertar funciona, porque vejo como suas pupilas se dilatam e seu olhar ardente escurece.

— Porra! — Ele rosna inclinando-se para frente.

Os gritos de Sunday ecoam pelo corredor. Ele deixa cair a testa na minha ofegando tão forte quanto eu.

— Vá. — Digo a ele olhando para baixo.

Ele me solta e deixo cair os braços para os lados, observando seus ombros tensos e costas enquanto ele entra na cozinha.

Toco meus lábios desejando que pudesse sentir os dele, imaginando o gosto. Apenas beijei um rapaz, mas mesmo assim, gostei.

Ele foi o meu maior arrependimento, simplesmente não sabia disso na época.

Agora, oro para que Aiden não se torne meu novo erro.

Quero que ele seja o melhor erro que já cometi. Quero sentir o amor que compartilha com sua filha. Sentir o que é fazer amor com alguém que você ama verdadeiramente. Ser desejada.

Mas acima de tudo, quero me sentir livre para me apaixonar por ele sem inibições ou dúvidas. Quero parar de querê-lo e passar a tê-lo.

Mas como minha mãe sempre dizia, *querer não é poder*.

E esse ditado é perfeito para essa situação.

Porque você não pega Aiden Carter. Ele também precisa querê-la. E no momento, ele não sabe o que quer.

CAPÍTULO QUATORZE

Aiden

O couro preto gruda nas minhas pernas e quando levanto, sinto como se estivesse descascando minha pele do assento. O calor hoje é sufocante e insuportável. Ontem, não parou de chover e não parecia que pararia. Mas esta manhã, o sol apareceu e em pouco tempo, abri minhas janelas tentando nos refrescar.

— Você mantém essa merda ainda! — Papai grunhe, movendo o indicador para esquerda para estacionar no restaurante do Mason.

— Não posso fazer nada. Você acha que Mason me dará mais um dia de folga para eu poder ficar com Sunday?

Eu a deixei gritando e extremamente infeliz. Mamãe a despiu para trocar sua fralda, mas ela gritou desesperada. Tentei confortá-la antes de sair, mas ela apenas ficava grudada na minha pele. Não consegui nem esfregar as costas do jeito que ela gosta, porque nós dois estávamos suados e úmidos.

— Não!

Eu olho para o meu pai enquanto ele para.

— Qual é o seu problema? — Eu rosno.

Ele desliga o carro e vira o olhar para mim.

— Você. Pare de choramingar e faça seu trabalho. Tem uma filha para sustentar agora.

— Eu sei! — Explodo. — Apenas não achei que seria assim.

Ele suspira, soltando o cinto.

— acredite em mim, fica mais fácil depois do primeiro dia. Quando nós tivemos você, não podíamos esperar para deixá-lo com sua irmã.

Eu olho para ele, ofendido.

— Você está dizendo que Mark é o favorito?

Ele sorri, mostrando os dentes.

— Não. As garotas sempre serão minhas favoritas.

Eu nem estou ferido. Minha irmã é muito especial.

— E mamãe? — Eu pergunto com cautela quando abro a porta.

Ele me dá um olhar seco.

— Você realmente acha que sua mãe tem um favorito? Ela ama a todos igualmente, sempre amou. Aquela mulher tem muito amor dentro dela, me humilha. Desde o primeiro momento em que a conheci, soube que era especial. Tirou o meu fôlego e depois me deu vida.

Eu reviro meus olhos, mas não posso deixar de imaginar Bailey. Ela é tudo que meu pai acabou de descrever. Em um segundo, ela pode tirar meu fôlego, enquanto no próximo, dá vida a mim.

— Ela sabe que você tem um favorito? — Pergunto quando saio do carro e o encontro na frente.

Seu rosto se contorce, olhando para mim como se eu dissesse a coisa mais estúpida do mundo.

— Você realmente acha que eu arriscaria sua mãe me fazer dormir no sofá ou não conseguir nada?

Bruto.

— Sim, não precisava saber dessa merda.

— Não faça perguntas para as quais você não quer as respostas. — Ele me diz enquanto abre a porta.

Eu puxo meu telefone do bolso de trás, verificando se ela enviou uma mensagem. Suspirando, começo a nossa conversa.

Eu: Você precisa que eu volte?

Segundos, minutos passam antes que ela me mande de volta.

Mãe: Não! Eu tenho tudo sob controle. Aproveite o trabalho. Eu te amo.

Ela tem o que sob controle?

Eu: O que quer dizer com sob o controle? O que está acontecendo? Ela ainda está chorando?

— Pai, pode me levar de volta? Acho que algo está errado.

Ele se vira, franzindo a testa para mim.

— Não, não há. Sua mãe me mandou uma mensagem para checar Madison na loja de flores.

— Quando ela escreveu isso? — Pergunto, entrando na sala dos professores.

— Agora mesmo.

Minhas sobrancelhas franzem se juntando.

Mãe: Não, ela está bem. Agora está sorrindo para mim.

Eu: Envie-me uma foto no Messenger.

Não poucos minutos depois, uma foto de Sunday chupando seu punho aparece na minha tela. Sorrio, esfregando meu polegar sobre a tela.

Eu sinto muito sua falta.

A porta da sala dos funcionários abre e Mason se apressa em parecer tenso e exausto.

— Não coloque seu uniforme de cozinha. Pegue uma das camisas da equipe do bar. Todos meus funcionários milagrosamente ficaram doentes. — Ele zomba. — Um pouco de sol e eles acham que é Natal e o único dia do ano para beber.

Sorrio pegando uma das camisas pretas em vez do uniforme branco da cozinha.

— Eu não ficarei mais tempo, apenas para você saber.

Ele olha para mim antes de apontar para o meu pai.

— Você pode ajudar também. Hayden e Max virão.

— Você deveria pedir à mamãe para vir e trazer Sunday. Ela pode ajudar enquanto meu bebê dorme. Posso vê-la do bar.

Mason se vira para sorrir para mim.

— Você já está sentindo falta dela? Quanto tempo faz que a deixou?

Eu suspiro, terminando os últimos botões. — Quinze minutos.

Ele ri compartilhando um olhar com meu pai.

— Bem, você tem mais cinco horas antes de ir.

— Tanto faz. — Murmuro e pego meu celular na prateleira, enviando outro texto para mamãe.

Eu: Você deveria aparecer aqui, mamãe. Traga Sunday. Mason está com falta de pessoal.

— Você está mandando uma mensagem para sua mãe vir aqui, não é? — Papai pergunta enquanto entramos no bar.

Eu desisto quando o calor me atinge. O ar condicionado não deve estar funcionando porque Mason tem as grandes janelas abertas.

Eu me atrevo a olhar para ele enquanto respondo.

— Não. Apenas mandei uma mensagem para Maddox para ver se ele está tomando uma cerveja.

— Bravo.

Desta vez olho para ele.

— O que você quer dizer?

Ele encolhe os ombros, dando um passo atrás do bar.

— Apenas pense que você é corajoso em querer seu primo aqui embaixo. E se ele o vir assim, rasgará em pedaços.

Meu telefone vibra, então, em vez de responder a papai, abro a mensagem.

Mãe: Não acho que o bar seja o melhor lugar para Sunday agora. Não haverá um jogo hoje à noite?

Porra.

Eu: sim.

Eu não pensei nisso. Realmente espero que Mason não espere que fique mais tempo, porque ele não tem nenhuma chance. Sairei daqui no segundo que meu turno acabar.

Como é fim de semana, a comida deixa de ser servida às seis e as mesas são retiradas. Um DJ se instalará no antigo estande e qualquer um que procurar comida irá ao restaurante no andar de baixo. Lá, meu tio vende hambúrgueres, batatas fritas, cachorros-quentes e carne de porco. O MC5 está sempre lotado e o lugar certo para quem quer uma boa noite. Meu pai costumava administrar o local, mas deixou Mason encarregado de tudo depois que um incêndio ocorreu no casamento de tia Harlow e tio Malik antes de nascermos.

Eles reformaram completamente o lugar, começando de segunda a domingo com um restaurante diurno, mas às sextas-feiras e sábados, o restaurante fecha, as mesas são afastadas e é aberto como uma boate. O lugar é sempre cheio e ficou incrível com as mudanças.

— Com licença? Você está servindo? — Eu olho para cima e encontro uma ruiva bonita agitando os cílios para mim.

Aceno, dando um passo para frente.

— O que posso trazer?

— O que você oferece? — Ela pergunta, mordendo o lábio inferior.

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto olho para ela.

— Hum, bebidas. E se quiser comida, terá que se sentar e uma garçonete anotará seu pedido.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Sim. Quero metade de um Strongbow, por favor.

— Já trago, meu bem.

Minha mente está no meu telefone e se mandarei uma mensagem para mamãe para ver se ela está colocando creme no traseiro de Sunday.

Entrego a bebida, pegando o dinheiro e dando o troco à garota antes de me inclinar contra o bar, pegando meu telefone.

Eu: Certifique-se de colocar um pouco de creme em seu traseiro. A enfermeira disse que ela tem uma erupção causada pela fralda.

Papai rindo me fez olhar para cima, estreitando meus olhos para ele.

— O que?

— Nada. Para sua mãe novamente?

— Então e se for?

— Você tem que deixá-la em algum momento, filho. Confie em mim, ela ficará bem. Não há pessoa melhor no mundo do que sua mãe para cuidar dela. — Ele me diz, antes de

suspirar. — Eu temo pensar como você lidará quando ela for para a escola.

Empalideço. Sequer pensei nisso. Ela terá que ficar perto dos filhos de outras pessoas, que poderiam implicar, chamá-la de nomes ou voltar com lândeas como as meninas da nossa família tiveram uma vez ou outra. E então crescerá, eu ou meus primos não estaremos lá para avisar os rapazes. Serei preso por bater em um menor. Eu sei disso.

Irei para a prisão e não verei meu bebê.

Serei a puta de alguém.

Mãos batem nos meus ombros me sacudindo. Eu olho para cima me sentindo tonto.

— Qual é o problema?

— Irei para a prisão. — Sussurro me sentindo desanimado.

— Hã? Desde quando?

— Um menino baterá nela, a *tocará* e eu o matarei. Ou alguém implicará, *tocará* e eu matarei. Serei preso.

Papai começa a rir, socando meu ombro levemente. Esfrego, franzindo a testa para ele.

— O que foi isso?

— Apenas cale a boca e comece a trabalhar. E se conseguimos ficar fora da prisão, você também consegue.

Não, alguém precisa ter filhos, então ela terá alguém para ficar com ela. Isso é o que precisa acontecer.

— Preciso ligar para Faith.

— Por quê? — Pergunta ele, assim que as pessoas que estão entrando me chamam a atenção.

— Magia. — Sussurro, observando Faith, seu noivo e meus tios, Max e Myles, entrando.

— Que porra você está murmurando agora?

Eu aponto para porta. Ele olha por cima do ombro antes de se virar para cumprimentá-los no bar.

— Ei, menina. Como você está? — Ele pergunta dando a volta no bar para encontrar Faith. Ele a abraça antes de beijar o lado da cabeça dela.

— Oi, papai. Viemos tomar uma bebida e ver como Aiden está no seu primeiro dia de volta.

— Estou bem. — Digo a ela na defensiva. Eles acham que eu foderei tudo ou algo assim? Quer dizer, apenas servi uma pessoa, mas ainda assim... eu sou Aiden Carter. Estou estável.

Beau a puxa para seus braços olhando para mim. Olho de volta. Ela é minha irmã. Eu a conheço há mais tempo. Posso falar com ela como eu quiser.

— Eu não quis dizer nada com isso. — Diz ela, olhando para todos.

Max ri.

— Bem, eu vim para ter certeza de que ganhei a minha aposta.

— Que aposta?

Papai dá uma bebida a todos, já sabendo o que pedirão. Fico ali e assisto, não me incomodo em servir os filhos da puta.

— Apostei que você duraria uma hora antes de voltar correndo para Sunday.

Eu me endireito, olhando para o meu pai e depois para o tio Myles.

— Isso é verdade?

Tio Myles acena com a cabeça.

— Sinto muito, garoto. Apostei que você duraria dois minutos.

— Obrigado pelo voto de confiança. — Digo enojado com a minha família. Eu olho para meu pai. — E você? — Penso na nossa conversa no estacionamento e ele me dizendo para passar pelo turno.

— O turno inteiro, porque mesmo se você quisesse sair, eu te impediria. — Ele encolhe os ombros negligentemente.

— Bem, foda-se você também.

Meu tio Mason sai da cozinha, gemendo quando vê seus dois irmãos ali.

— E se vieram para mantê-lo aqui, declaro que não podemos interferir na decisão dele de ficar ou ir embora.

— Você também? — Pergunto chamando a atenção de alguns clientes.

Ele olha para mim como se eu fosse idiota. Estou recebendo muito esse olhar ultimamente.

— Sim. Não acho que você durará uma hora toda.

Olho para ele e depois para o tio Myles.

— Posso entender esses bobões, mas você? Pensei que fosse diferente.

Ele muda de posição na cadeira. — Sinto muito. Eu não poderia ser o único fora da aposta.

— Não se preocupe, Myles durou trinta minutos antes de ir para casa. — Tio Max nos diz, rindo.

Tio Myles se vira para encarar tio Max.

— Você tirou um tempo da faculdade, porque não podia deixar seus filhos.

Tio Max se senta, batendo a cerveja no bar.

— Eu tinha três fodidos filhos que sugaram a minha vida.

— Não é problema meu.

Sorrio e a atenção de tio Max se volta para mim.

— Por que você está tão mal-humorado, afinal? Maddox disse que sua vizinha é gostosa.

— Maddox é um idiota. — Digo.

— O que, ela não é? — Ele pergunta, olhando para todos com confusão. — Ela não parecia feia.

Eu bufo. — Não pegarei minha vizinha. E mesmo se estivesse, não seria da sua conta.

— Lily disse que ela está ouvindo bem agora com a ajuda de um aparelho auditivo. — Diz Faith para mim e aceno.

— Ah! Então ela ouviu você lamentar como uma cadela e te chutou para o meio-fio?

Eu olho para tio Max. Como meu pai e meus tios não o mataram, eu não sei.

— Cale a boca. — Digo a ele antes de me virar para Faith. — Sim. Eles disseram que há uma operação que ela poderá fazer para reverter o dano.

— Isso é brilhante.

— Sim.

Meu telefone vibra e me afasto dos outros para ver quem está me mandando mensagem.

Mãe: Por favor, relaxe. Eu tenho experiência, você sabe. Não sou sem noção. Agora, relaxe e desfrute de algum momento adulto no trabalho.

Eu: Nunca mais diga momento adulto. Por favor. Apenas me mantenha informado.

Eu: A CADA HORA.

Eu: Na verdade, a cada quinze minutos.

Mãe: Você quer que cuide da sua filha ou me distraia enviando mensagens para você? Atualizarei de hora em hora, nem um minuto antes ou depois.

Eu: tudo bem.

Bem, fui informado. Sinto minhas bochechas esquentarem quando olho para cima para encontrar todo mundo olhando para mim.

— O que mamãe disse? — Faith pergunta se escondendo atrás de sua bebida quando estreito meu olhar para ela.

— Nada.

— Ela disse, você tem esse olhar no seu rosto. — Diz tio Max.

Papai olha para o telefone.

— Ela disse. Acabou de dizer para tirar o telefone de você se a pressionar novamente.

Eu rapidamente coloco meu celular no bolso de trás, sabendo que ele não hesitará em tirar de mim.

— Vocês são todos idiotas. — Eu rosno quando eles começam a rir.

— E de volta a vizinha gostosa, você e ela, não faça mais nenhum bebê, porque não quero que meus filhos tenham certas ideias, especialmente Hayden. — Tio Max diz sem respirar.

Deus, por favor me dê força.

— Eu já disse não.

— O que há de errado com ela? — Ele pergunta. — Pelo que Maddox disse sobre sua comida, ela seria uma boa mãe.

Minhas mãos fecham em punhos, prontas para esmagar Maddox no rosto.

— Maddox precisa manter o nariz longe. E ficar longe de Bailey e da comida dela.

A risada de todos me deixa nervoso.

— Ah! Você gosta dela.

— Oh, meu Deus! Você calará a boca. Eu tenho trabalho a fazer. — Digo me afastando deles.

— Não se preocupe, eu o apoiarei se precisar.

Viro, encontrando seus olhos. — Acho que estou bem, obrigado.

Ele perde sua expressão divertida. — Não precisa ficar irritado.

Balanço a cabeça enquanto ando para o outro lado do bar. Um casal encontra meu olhar e levanto o dedo antes de voltar para verificar se papai não está olhando. Ele não está, então rapidamente puxo meu telefone de volta.

Eu: O que ela está fazendo? Envie-me uma outra imagem.

Apenas consegui acertar o envio antes que o telefone fosse roubado da minha mão.

— Hei! — Grito, virando e ficando cara a cara com meu pai.

Ele lê a mensagem antes de balançar a cabeça.

— Não. Pode ter de volta em uma hora. Você precisa trabalhar.

— Mas, pai. — Lamento, tentando alcançá-lo.

— Não. Você foi avisado.

— E se houver uma emergência? — Argumento.

Ele sorri.

— Boa tentativa. Mas sua mãe tem o número de todos e ficarei de olho no seu telefone. E se ela mandar algo, trago para você. Agora, vá trabalhar, porra.

Meus ombros caem. Não adianta discutir, porque ele nunca desistirá. E no fundo, sei que me diria se algo estivesse errado. Papai e Mason diriam.

Apenas não sei como eles conseguiram sobreviver conosco. Ter filhos não é apenas alimentar, dar banho e amá-los. Você se preocupa vinte e quatro horas por dia. Eles literalmente sugam toda a energia de você. E o amor? Deus, nunca soube que o amor como o que tenho pela minha filha existia. Ela abriu meus olhos para muitas coisas, mas não tanto quanto abriu meu coração.

Acho que é por isso que não consigo parar de pensar em Bailey. Nunca olhei para uma garota através do meu coração ou mente. Não. Sempre verifiquei e vi através do meu pau. É tudo que já foi para mim.

Com ela, sinto. Sinto-me tão protetor, isso me assusta.

E é esse medo que me impede de persegui-la, de fazê-la minha e apenas minha.

CAPÍTULO QUINZE

Aiden

O trabalho me manteve ocupado depois que meu pai pegou meu telefone, ajudando-me a manter minha mente longe das coisas. Ele me manteve atualizado a cada trinta minutos, pelo que fiquei grato.

Embora isso não signifique que não fiquei tenso durante todo o meu turno. Meus músculos doem. Apenas quero ir para casa e espero que Sunday durma o suficiente para eu tomar banho e deitar por um tempo.

Papai para o carro na porta da minha casa e abro os olhos, franzindo a testa quando vejo as caminhonetes de Maddox e Landon na garagem de Bailey.

— Que porra é essa? — Eu rosno, soltando meu cinto.

Papai desliga o motor, rindo.

— É uma pena que você não gosta dela assim, filho. Ela parece gostar da família.

— Eles não deveriam incomodá-la. — Digo a ele, saindo do carro.

— Parece que ela não se importa. — Papai encolhe os ombros, pegando as coisas de Sunday. Eu a levo para fora, seu belo rosto relaxado com o sono.

— Eu vou lá. Obrigado pela carona, pai. — Digo pegando rapidamente as bolsas de Sunday dele.

— Obrigado pelos cem dólares que ganhei esta noite.

Paro na beirada da calçada dela e lentamente viro para encará-lo.

— Você está falando sério?

Ele sorri, encolhendo os ombros.

— Eu sou um Carter. Você não pode me culpar.

— Eu sou seu filho. — Grito.

— E você é um menino tão bom. — Ele me diz, antes de entrar em seu carro.

— Porra. — Rosno, observando-o sair. Às vezes me pergunto por que os tolero.

Porque você é tão louco quanto eles.

Respirando fundo, sigo até a porta da frente de Bailey. Bato nela, querendo expulsar Maddox dali agora. Landon, eu não tenho que me preocupar: ele não tem charme ou sex appeal. Ficaria surpreso se o filho da puta tivesse transado.

A porta destrava e abre. Coloco meu melhor sorriso, querendo que ela esqueça tudo sobre Maddox e seu flerte.

A parte superior do corpo nu de Maddox me cumprimenta, o suor escorrendo pelas linhas duras do peito dele. Lentamente, com medo que Sunday sinta a raiva em mim e acorde, a coloco no chão e então suas bolsas.

— O que. Porra. Você. Fez?

No segundo em que vejo seu sorriso de satisfação, quero limpá-lo. Ele coça o peito nu, encostado no batente da porta.

— O que você quer dizer?

— Sabe o que quero dizer. Juro por Deus, se você não fosse da família, o colocaria para fora agora.

Não que não tenhamos participado de algumas lutas. Há muita testosterona em nossa família, então já aconteceu.

— Eu estava prestes a tomar um banho, cara. Ela está cansada de mim, sabe. Estou todo sujo e suado agora.

Foda-se ele ser da família.

Eu dou um passo à frente, minhas mãos fechadas em punhos, quando a porta abre ainda mais.

— Oi, Aiden, você também quer jantar? — Bailey pergunta alegremente. — Eu fiz o jantar para agradecer Maddox por consertar meu chuveiro. Foi legal da parte dele vir e fazer isso em seu tempo livre. Landon, Charlotte e Lily estão na cozinha.

— Eu adoraria. — Digo a ela, radiante. Pego Sunday e as bolsas, passando por Maddox. Certifico de que as bolsas batam no peito dele e fico satisfeito quando o ouço grunhir.

— Aqui, deixe-me ajudar. — Bailey pega duas das bolsas do meu braço.

— Obrigado, querida.

Ela abaixa a cabeça, bochechas coradas. — Está tudo bem.

— Eu irei tomar um banho. — Diz Maddox.

Virando em sua direção, mostro o dedo do meio.

— Não passou da sua hora de dormir?

— Não. Por Bailey, ficaria acordado a noite toda. — Ele me diz piscando.

Eu rosno, dando um passo em direção a ele, mas a voz de Bailey me impede. Não acho que ela percebeu que o salvou duas vezes esta noite.

— Você vai entrar ou o que? Deixe Maddox se limpar antes que a comida esfrie.

— Estou indo. — Digo a ela dando a Maddox um último olhar de aviso. Ele apenas sorri, indiferente.

Dou um aceno de queixo para Landon quando entro na cozinha, um beijo rápido na cabeça e um abraço lateral em Charlotte, antes de colocar Sunday no chão.

Quando meus olhos chegam a Lily, me aproximo, preocupado. Eu a puxo em meus braços. Ela está tremendo de frio. Parece cansada, os círculos escuros sob seus olhos dizem isso. Eu me preocupo muito com ela, odiando que não deixe nenhum de nós morar com ela. A única pessoa que ela deixa ficar mais de uma vez por semana é Maddox. Por quê? Eu não faço ideia. Esses dois são opostos polares. Mas novamente, a amizade de Landon e Charlotte nunca fez sentido para mim também. Ela é sorridente e Landon não sabe como dar um.

— Você está bem?

— Sim, apenas cansada.

— Você precisa descansar mais. — Digo a ela, antes de soltá-la. Ela sorri, beijando minha bochecha.

— Eu ficarei bem. Você me conhece.

Seus olhos estão cheios de dor e tristeza.

— Eu sei e é por isso que sei que você não ouvirá.

Ela empurra meu ombro, um lindo beicinho se formando em seus lábios quando não paro. Sorrio, puxando uma cadeira para me sentar.

— Então, o que tem para o jantar? — Pergunto, percebendo como estou com fome depois do turno de hoje.

— Apenas uma torta de cottage. — Diz Bailey, pegando uma bandeja do forno. O cheiro que enche o ar faz meu estômago roncar. Levanto e me aproximo para ajudá-la. Ela olha por cima do ombro para mim. — Fique aí, tenho tudo certo. Você esteve no trabalho o dia todo.

Eu pego um par de luvas de forno sobressalentes e me inclino, encostando meu corpo contra o dela. Ela faz uma pausa, seu corpo tremendo e sorrio com o efeito que tenho nela.

— Eu quero. Você pega o molho enquanto coloco isso na mesa.

— Eu peguei os talheres. — Diz Lily suavemente.

— Você quer que pegue algo para beber para todos? — Charlotte pergunta.

Suspirando, Bailey sai do meu abraço e não consigo tirar o sorriso do rosto quando percebo os arrepios na pele dela.

— Sim, há algumas latas de refrigerante na geladeira ou outra coisa no armário superior. — Diz Bailey a Charlotte. — E os copos estão no armário acima de onde Lily tirou os pratos.

— Ok. — Responde Charlotte.

Eu levo a torta cottage até a mesa perto da janela e coloco a colher de servir dentro. Não perco tempo arrumando os pratos que Lily colocou, meu estômago exige que coma agora. Certifico de que o meu prato e o de Landon estejam cheios depois de colocar o suficiente para as garotas e pouco para Maddox.

O filho da puta não merece nada.

Lily olha para todos os pratos, levantando a sobrancelha para mim.

— Você não está com fome?

Eu sorrio.

— Claro que estou. Esse é de Maddox. Ele comeu muito no almoço.

— Ele disse que estava morrendo de fome mais cedo. — Lily sussurra, então Bailey não ouve. — Ela passou por todo esse trabalho para cozinhar para nós e ele nem está com fome. Por que mentiria?

— Ele estava apenas sendo educado, Lily. Agora, sente-se antes que esfrie.

Landon se aproxima, senta entre Lily e Charlotte, Lily a sua esquerda. Maddox entra e Bailey sorri para ele.

— Sente-se. A comida está pronta.

Ele esfrega o estômago, que felizmente, agora está coberto por uma camiseta.

— Ótimo. Estou morrendo de fome.

— Porra. — Murmuro sob a minha respiração.

— O que você disse? — Charlotte pergunta.

— Eu disse que seria melhor pegar Sunday. — Digo a ela, levantando para levá-la à mesa.

— Ah! Sim, não quer que ela acorde e pense que você se foi. — Diz gentilmente.

E fui atingido! Não pensei nisso. Eu a coloco na minha frente assim a primeira pessoa que ela verá quando acordar será eu. Quando Maddox se senta no lugar marcado para Bailey, o chuto, avisando-o para se mexer com um único olhar.

Ele faz beicinho, depois olha para a comida com um pouco de desejo. — Onde está o resto?

— Aqui está. — Bailey responde alegremente, colocando duas panelas de molho na mesa.

— Por que eu recebi apenas esse pouquinho? — Maddox lamenta quando Landon coloca comida em sua boca.

Eu sirvo o molho quando Bailey pergunta: — Você não está com fome?

— Morrendo de fome. Esqueci de comer meu lanche mais cedo.

— Você tem lanches? — Bailey pergunta, seus lábios se contorcendo.

— Preciso. Eu passaria fome de outra forma. Sempre tenho comida de reserva. — Ele responde, antes de estreitar os olhos no meu prato. — Com fome? — Sorrio, gemendo depois de uma garfada.

— Aqui, fique com o meu. Há muito e não estou realmente com fome. — Diz Lily, empurrando seu prato e pegando o dele.

Eu diria alguma coisa, mas o olhar cansado em seu rosto mostra que ela não precisa de mais estresse agora. E discutir com o melhor amigo dela faria isso.

Maddox olha para ela, sua testa vincada.

— Nós ajudaremos Bailey a limpar e depois iremos para casa. Tudo bem se eu dormir na sua esta noite? A nova família que se mudou para a casa vizinha está me mantendo acordado durante a noite com o barulho e preciso de muito sono.

Você pode ouvir a mentira em suas palavras, mas Lily, cansada demais para ler, sequer pisca. Na verdade, ela parece aliviada por ele se oferecer.

— Claro. Você deveria ter dito que estavam incomodando. Eu não o teria feito ir para casa ontem à noite.

— Está tudo bem. Não queria incomodar.

— Bem, você é mais que bem-vindo. — Ela diz a ele dando uma pequena garfada na comida.

Eu olho para Bailey, levantando um garfo. — Isso é incrível. Fez isso sozinha?

Um leve tom de rosa atinge suas bochechas. — Sim. Eu ia colocar o resto na geladeira e comer amanhã no almoço.

Estreito meus olhos para todos na mesa, que parecem estar gostando da comida.

— É muito bom. — Elogia Charlotte.

— Como foi seu primeiro dia de volta ao trabalho? — Landon pergunta, parecendo presunçoso.

— Ótimo. Por quê?

— Apenas me surpreendeu você não estar em casa mais cedo, é tudo.

Eu reviro meus olhos. — Seu pai contou, não foi?

Ele concorda, sem se incomodar em me responder.

— Contou o que? — Bailey pergunta enquanto coloca mais molho em seu prato.

— Todos apostaram que eu sairia do trabalho mais cedo para pegar Sunday. — Digo a ela. — Eu estava bem, no entanto. Não foi tão ruim quanto pensei que seria.

Maddox cobre a boca quando começa a engasgar com a risada.

— Papai disse que você estava pronto para ir depois de dez minutos.

— Seu pai nem estava lá. — Digo a Maddox com uma risadinha.

Ele encolhe os ombros.

— Tio Myles o manteve informado.

— Acho que é doce você não gostar de deixar Sunday. Isso mostra o quão bom pai você é. Alguns pais são rápidos em sair e deixar a mãe para lidar com tudo hoje em dia. — Acrescenta Bailey.

— Isso é verdade. Na escola são principalmente mães que pegam as crianças. Há apenas alguns pais que aparecem. — Diz Lily.

— Acho que ficarei bem no próximo turno. A primeira vez é sempre a mais difícil.

Ela coloca uma mão reconfortante sobre a minha e nossos olhares se encontram, fixos e em transe. Algo passa entre nós e sinto que estou realmente olhando para ela pela primeira vez. Fica mais bonita toda vez que a vejo.

— Você será ótimo. Ela tem sorte em tê-lo. — Ela me diz, sua voz baixa, quase sedutora.

— Ei! — Diz Maddox, interrompendo o nosso momento. Eu olho, realmente querendo estrangulá-lo agora. — Você deve vir ao pub conosco no próximo fim de semana. Todos nos encontraremos lá.

Sinto seu olhar queimar no lado do meu rosto, então me viro para olhar para ela.

— Você estará lá? — Ela pergunta, mordendo o lábio inferior.

Sabendo que ela não se sente confortável ao sair, aceno.

— Sim. Mamãe ficará com Sunday para mim no fim de semana, para que possa dormir e trabalhar. Tentamos nos reunir uma vez por semana, mas nossas vidas estão ocupadas ultimamente.

— E você não se importa se eu for? — Ela pergunta timidamente.

— Não. Você pode conhecer os outros malucos da minha família.

— Sim, não decida sobre um futuro comigo até conhecer o resto da minha família. — Maddox diz a ela, sorrindo.

— Bom trabalho, ela não estará com você, não é?

— Você tem certeza?

— Estou bem aqui. — Interrompe Bailey. — Aiden, eu vou com você, mas apenas por um tempo.

— Ótimo. — Eu digo a ela sinceramente, perguntando-me se posso ter algum tempo sozinho com ela.

O telefone de Charlotte toca com uma mensagem. Eu olho para cima para ver seu rosto se contorcer de confusão.

— O que há de errado? — Landon perguntou baixinho, olhando para ela.

— O que DP significa? — Ela pergunta. — Um cara acabou de perguntar se eu queria um.

Engasgo com a minha comida.

— Quem perguntou isso? — Landon exige, pegando seu telefone da mão dela. Ele lê a tela, seus olhos se arregalam e um olhar de repulsa passa por seu rosto. — Que merda é essa, Charlotte?

Ela ainda parece confusa.

— Não sei porque você está tão bravo. Hayden me contou sobre Maddox usando isso.

— Usando o que? — Maddox pergunta lentamente, afastando seu prato meio comido. Eu sei como ele se sente, porque empurro o meu também, não estou mais com fome.

— Aplicativos de Namoro.

— Um: você não aprendeu nada com a experiência de Faith em sites de namoro? E dois: por que porra você faria algo que ele fez? — Landon exige. — Nada que ele faz é uma boa ideia.

— Mas ele conheceu muitas pessoas lá. Não posso ser virgem para sempre, você sabe. — Ela diz a ele.

Seu rosto fica vermelho quando ele empurra a cadeira para trás e se levanta.

— Vamos, levarei para casa para excluir essa conta.

— Ok. — Diz ela, sua expressão cheia de tristeza, antes de voltar para Maddox. — E se você puder recomendar um aplicativo seguro, me envia o link, por favor? Os homens continuam perguntando se eu quero um DP ou se estou procurando um bom momento. Sempre que digo a eles que sim, gostaria de ir ao jardim de borboletas para nosso primeiro encontro, eles nunca me respondem de volta.

— Vamos. — Landon rosna, puxando-a para longe da mesa.

— Vejo vocês depois. — Ela fala, acenando para nós.

— DP significa o que eu acho que significa? — Bailey pergunta baixinho depois que a porta da frente bate.

— Dupla penetração? — Maddox diz. — Sim, isso mesmo.

— Ele o matará. — Eu digo sorrindo.

— Eu não me importo. Talvez então possa apagar a imagem dela fazendo sexo com alguém, mesmo que ela não perceba que é o que está fazendo em sua mente.

— Você quer dizer que alguém enviaria uma foto para ela... você sabe? — Lily pergunta, seu rosto vermelho brilhante.

— Sim. — Eu rosno, esfregando a mão no meu rosto.

— Oh. — Diz ela olhando para a porta que eles saíram. — Ele ficará tão irritado.

— Ele resolverá isso. — Maddox garante. — Você não, você sabe... se inscreveu em um, não é?

Eu olho para cima, estreitando meus olhos.

— Por favor, me diga que você não fez.

— Não! — Ela grita. — Depois do que aconteceu com Faith... — Ela balança a cabeça enquanto a tristeza enche seus olhos. — E se soubesse que Charlotte se inscreveu em um, teria dito a ela para deletar. Eu sei que eles não são todos perigosos, mas você nunca pode ter certeza.

— Boa menina. — Eu digo, relaxando de volta na minha cadeira.

— Começarei a limpar. — Diz Bailey pegando o prato vazio de Landon e o prato meio comido de Charlotte.

— Nós ajudaremos. — Diz Maddox, pegando o seu próprio.

— Vocês dois podem ir. — Digo a ele olhando para Lily, que boceja mais uma vez. — Eu ficarei e limparei.

— Tem certeza? — Ele pergunta e aceno. Ele ajuda Lily a sair de sua cadeira, deixando-a encostar-se ao corpo dele antes de se virar para Bailey. — Obrigado pelo jantar e sinto muito por ser interrompido.

Sua expressão suaviza.

— O prazer é meu. É bom não ter que cozinhar apenas para mim.

— Obrigada. — Diz Lily, parecendo mais cansada a cada minuto. — Vejo você na próxima semana quando nos encontrarmos.

— Ansiosa para isso. — Diz Bailey.

Nós rapidamente terminamos de limpar a mesa antes que Bailey se aproxime com um prato de brownies. Sorrio, pois Maddox acabou de perder. Mandarei mensagens para ele me vangloriando depois.

— São para mim?

Ela inclina a cabeça. — Mais ou menos. — Diz ela, passando-me o prato.

— Como? — Arranco o filme, mas ela coloca a mão em cima me impedindo.

— Charlotte os trouxe e não tive coragem de jogá-los fora.

Eu quase derrubo o prato como se tivesse me queimado. — Você poderia ter começado com isso. Quase comi um.

Ela ri e é música para os meus ouvidos.

— Sinto muito. Apenas não queria que você ficasse ofendido.

— Confie em mim, por mais que você não diga nada para Charlotte, não me ofenderá. Até ajudarei a eliminá-los.

— Ela me fez comer um. — Ela me diz, fazendo beicinho. — Eles são terríveis, tem gosto de papelão.

— Pelo menos você não ficou doente. — Eu digo a ela, tentando animá-la.

— Talvez eu pudesse lhe dar uma das minhas receitas.

Balanço minha cabeça, soltando o conteúdo do prato no lixo.

— Não me incomodaria. Ela ainda fará besteira de alguma forma. Nós tentamos.

— Ela sabe cozinhar?

Coloco o prato na máquina antes de me virar para ela.

— Nada comestível. Não a deixamos ter nem animais, no caso de um deles comer algo que ela cozinhou e morrer.

— Você já tentou ensiná-la? — Ela pergunta.

Eu disse a ela sobre meus planos de ser um chef profissional, mas nem mesmo minhas habilidades puderam melhorar a culinária de Charlotte.

— Não ajudou. Sua mãe e seu pai sabem cozinhar muito bem, então não sabemos de onde ela tira essa falta de habilidade. É como se fosse amaldiçoada.

Rindo, ela me passa os pratos que acabou de limpar para que eu possa colocá-los na máquina de lavar.

— Você quer ficar mais um pouco ou está pronto para dormir? — Pergunta.

Foda-se o cansaço. E se isso significa passar mais tempo com ela, farei isso. Posso tomar um banho amanhã à noite.

— Um filme parece ótimo.

Ela abaixa a cabeça tentando esconder o sorriso de mim enquanto pega um copo.

— Ótimo.

Sim, eu poderia ficar dias sem dormir e ainda conseguiria encontrar a energia para assistir a um filme com ela.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Bailey

Hoje decidi dar um descanso ao meu aparelho auditivo. Sinto falta da solidão, do silêncio e é por isso que passei a manhã sem ele. Tenho o dispositivo da campainha no bolso, ativo as luzes para funcionar se tocar, meu celular está ligado para vibrar. E se alguém precisar de mim, o que duvido, terei tudo pronto.

A semana anterior foi um borrão. O médico disse que marcarão minha consulta em algumas semanas e que tudo parece promissor. Estou animada e com medo de tudo ao mesmo tempo.

Outro destaque da minha semana foi passar o tempo com Aiden e Sunday. Ele enche minha vida de risada e alegria, mas acima de tudo, felicidade. Ele me deixa tão incrivelmente feliz que às vezes me pergunto se é real ou não.

E como ele é com a filha... eles têm um vínculo tão forte que machuca presenciar. Isso me lembra meus pais, de quanto me amavam. A falta deles se tornou parte de mim. E meu irmão, Thomas. Vejo o menino de sete anos que foi levado muito jovem. Eu às vezes, sonho com o que teríamos, como agora. Ele discutiria comigo, me provocaria como os irmãos de Aiden fazem

com ele? Ainda iria querer jogar videogame comigo ou superaria minha presença e jogaria com seus próprios amigos?

Tantas possibilidades, tantos cenários, mas nunca saberei como meu irmão teria crescido, o homem que tornaria.

Limpo a lágrima que desce pela minha bochecha, soprando a vela colocada em um pequeno muffin.

— Feliz aniversário, irmãozinho.

Mais tarde, colocarei algumas flores em seus túmulos e me assegurei de deixar também uma das figuras favoritas de herói de ação de Thomas. Ele teria adorado todos os novos filmes de ação que foram lançados e exigido todos os jogos, brinquedos e tranqueiras. E mereceria isso. Era o melhor irmão que uma garota poderia desejar.

Uma mão no meu ombro arranca um grito de mim. Eu me viro, pronta para acertar meu intruso na cabeça. O rosto da minha avó traz um soluço borbulhando em minha garganta e me joga em seus braços.

Seu peito treme contra mim, mas não me afasto para ler seus lábios, em vez disso, me perco em seu calor. Os braços de vovô nos envolvem e sorrio, tão feliz por eles estarem aqui.

Afasto-me, enxugo as lágrimas com uma mão enquanto alcanço meu aparelho auditivo com a outra. Coloco-o e a primeira coisa que ouço é uma porta abrindo. Pulo ao mesmo tempo que meus avós, meu avô agarra um rolo de macarrão.

— Bailey? — Aiden chama correndo para a cozinha com Sunday em seus braços, um olhar de pânico no rosto. — Que

bom que você está bem. Pensei que algo aconteceu quando a ouvi gritar. Merda, garota, achei que Sunday sabia gritar.

Sorrio através das minhas lágrimas. — Sinto muito, Aiden.

— Você é o vizinho? — O vovô pergunta.

Aiden olha para ele, justo quando minha avó começa a se abanar.

— Oh, meu.

— Sim, moro com a Mary ao lado. Vocês devem ser os avós de Bailey. — Diz ele estendendo a mão para apertar a do vovô.

Eu os ignoro, empurrando meu avô para chamar sua atenção.

— Vovó, o que estão fazendo aqui?

Ela olha meu rosto, tristeza enchendo seus olhos lacrimejantes. — Não poderíamos deixar você sozinha hoje.

— O que tem hoje? — Pergunta Aiden antes de começar a cheirar. — Por favor, diga-me que não foi a Charlotte que fez isso.

Sorrio quando olho para todos os bolos que assei. Afinal é o aniversário do meu irmão. Depois que assei o bolo, me empolguei e fiz muitos cupcakes. Agora parte da minha cozinha está cheia deles.

— Não, ela não fez.

Ele se aproxima, a mão pairando sobre um deles quando o bolo chama sua atenção.

— Thomas é seu irmão, certo? — Pergunta baixinho.

— Sim. Ele faria dez anos hoje.

Sua expressão muda de fome pelos cupcakes para tristeza. Ele se aproxima, mudando Sunday de lado, para que possa me puxar contra ele e beijar o alto da minha cabeça.

— Sinto muito, Bailey. Por que não me disse que era aniversário dele ontem à noite? Eu estaria aqui com você.

Afasto-me um pouco para olhá-lo, surpresa com sua sinceridade. Eu me derreto nele.

— Porque não queria transformar em um grande negócio. Hoje é muito difícil.

— Oh, meu. — Vovó sussurra.

— Você deveria ter me dito de qualquer maneira. Posso ser preguiçoso e não ajudar muito. E poderia me preparar para comer todos esses bolinhos.

Sorrio.

— Eu ia levar alguns mais tarde.

— Para Maddox e sua equipe? — Pergunta ele, estreitando os olhos.

— Sim. — Bato em seu ombro antes de me virar para os meus avós. — Vocês dois poderiam ter me ligado, não que não esteja feliz por estarem de volta, mas vocês ainda têm lugares para ver, pessoas para conhecer.

Minha avó desvia o foco de Aiden para mim, mas noto que é difícil, porque seus olhos continuavam voltando para ele. Ela abre a boca para responder, mas nenhuma palavra sai.

Suspiro.

— Queríamos estar aqui para você. Após seu telefonema sobre a consulta com o médico, tivemos uma longa conversa e decidimos voltar para casa. Não era o mesmo sem você lá de qualquer maneira, querida. — Vovô explica quando vovó não pode.

— Com exceção dessas três noites em Vegas. — Vovó sussurra, ainda atraída por Aiden.

— Mas era o sonho de vocês. — Digo com minha voz baixa. Não posso suportar o pensamento de que eles encurtaram a viagem por mim.

— Queremos estar aqui com você. Precisarão de nós. Quando a cirurgia for feita e estiver curada, vamos nos mudar para a cabana. Você é adulta agora e não precisa de nós, velhos, xeretando a sua volta. — Ela diz enquanto seus olhos voltam para Aiden checando-o.

— E todas as mudanças que estão fazendo na casa? Venderão? — Odeio que o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça é que eu não serei mais a garota da porta ao lado.

— Deus, não. — Diz Vovó.

— Daremos a casa para você. — Diz meu avô.

— Mas é a casa de vocês.

— E algo me diz que não demorará muito até que você tenha a sua família. — Diz ele olhando para Aiden.

Ouço a porta dos fundos abrir e antes que meu avô se alarme, explico. — Esses são os construtores. São da família de Aiden, bem, alguns deles.

Aiden aperta meu ombro. — Não lhes dê cupcakes. — Ele sussurra.

— Ei, Bailey, sinto cheiro de cupcakes? — Maddox pergunta.

— Sim. — Grito rindo para mim mesma quando ele entra na cozinha. Parece um lobo com o jeito que está farejando o ar.

— Ei, gente nova. — Ele cumprimenta.

— Oh, meu Deus. — Diz vovó balançando em seus pés. Landon, Liam e Mark seguem atrás dele e vovó engasga antes de cair. Maddox próximo a ela, rapidamente a pega antes de cair no chão.

— Ótimo. — Suspiro.

Vovô suspira, ajudando Maddox a levantá-la.

— Eu sabia que isso aconteceria. Ela fica muito animada. Talvez devam usar camisas da próxima vez que estiverem perto dela. — Ele diz a Maddox, mas seu olhar flui para Landon, que também está sem camisa.

Eu vejo o suor escorrendo pelo corpo, as linhas duras do abdômen brilhando. Até os peitorais dele são enormes.

Agora posso ver porque minha vó desmaiou. Eu nunca vi um corpo assim em ninguém e o corpo de Aiden é muito sexy. Landon foi esculpido pelo próprio Deus.

— Uau! — Sussurro.

— Coloque uma maldita camisa, Landon. — Aiden responde.

Eu pulo rapidamente olhando para longe e limpando meu lábio inferior. Quando olho para trás, ele está pegando uma camiseta do bolso de trás da calça jeans e puxando-a sobre a cabeça.

Vovô e Maddox voltam rindo e brincando. Maddox anda até a mesa, mas para quando vê o nome do meu irmão.

Ele olha ao redor, adoravelmente confuso.

— Hum, quem é Thomas? Eu tenho mais concorrência?

— Ele é meu irmão. — Digo a ele, minha voz baixa.

— Ele faleceu há alguns anos. Estaria com dez hoje. — Acrescenta o vovô.

Maddox rapidamente deixa cair o cupcake de lado, olhando para mim se desculpando.

— Sinto muito por isso.

— Coma. — Digo a ele. — Eu ia dá-los de qualquer maneira. Apenas não coma o bolo ainda.

— Você tem certeza?

Eu concordo. — Tenho.

Ele não perde mais um segundo antes de enfiar um cupcake inteiro em sua boca, gemendo de agradecimento.

— Tão bom. — Murmura com a boca cheia.

Mark se aproxima de mim e me puxa para seus braços. Eu o abraço de volta, sorrindo por cima do ombro para o meu avô. Ele pisca antes de se mover para se servir de um cupcake.

— Sinto muito pela sua perda. — Sussurra Mark.

Meu peito aperta. — Obrigada.

Ele se afasta e dou um passo para trás, feliz quando todos estão em volta dos cupcakes preparados para devorá-los.

Vovô vem com um prato cheio e reviro meus olhos.

— Como está a vovó? — Pergunto a ele.

— Ela foi se refrescar. Descerá em um minuto.

— Ela está ok então?

Ele ri.

— Sim. Ela também passou por isso em Vegas. Estavam filmando modelos de cuecas no terceiro hotel em que ficamos. Ela saiu para usar a piscina e vários jovens sem roupa invadiram. — Ele me diz e depois suspira. — Eles chamaram uma ambulância.

Não deveria rir, mas o faço.

— Sua avó está bem? — Aiden pergunta enquanto ele tenta fazer malabarismos com um prato de cupcakes e Sunday.

— Aqui, deixe-me segurá-la enquanto você come.

— Obrigado. — Diz ele passando-a para mim. É raro ela acordar durante o dia, mas acho que toda a comoção a acordou.

— Ela é linda. — Diz vovô. — Certifique-se de ter um bastão pronto para perseguir todos os garotos quando ela estiver mais velha.

Aiden mastiga rapidamente antes de responder.

— Pegarei emprestado o taco de baseball do meu tio Max. Ele pegou do meu tio Mason, que pegou do meu tio Malik. É

meio que passado de homem para homem na família. Apenas agora eu entendi.

— Seus tios já o usaram? — Vovô pergunta antes de mim.

— Tio Malik apenas usou depois que Maddison tinha idade suficiente para namorar. Um olhar fez com que todos corressem. Mason precisou dele para Hope e Ciara, pois, Ashton, seu único filho, era mais novo e não podia realmente usá-lo para assustá-los. — Ele faz uma pausa para dar outra mordida antes de continuar. — Meu tio Max adora assustar qualquer um que tente namorar Hayden. Ela é a única menina dos trigêmeos, os outros dois são meninos.

— Ela não tem esperança de namorar, então. — Digo sentindo pena dela.

— Não. — Diz ele, então ri. — E se eles não tivessem medo de Landon, então ver quão louco Max ficaria na frente deles os faria fugir. Alguém mais corajoso acabou no porta-malas do carro e foi deixado a quilômetros de casa.

Vovô ri.

— Parece que ela tem uma boa família. — Diz ele olhando para Sunday.

— Ainda não a protege de acidentes. A quantidade de vezes que acabamos no hospital por fazer algo estúpido e nos machucar é uma piada. Eu tenho tentado pensar em um plano para embrulhar Sunday, para que ela nem sequer tenha um joelho cortado.

Sorrio, observando os olhos brilhantes de Sunday olhando para mim.

— Seu pai é bobo? Sim, ele é.

— Apenas estoque caixas de curativos. Quando minha filha era pequena, sempre caía e raspava o joelho.

— Tenho isso sob controle. Eu a farei brincar com joelheiras.

— Diz Aiden.

Balanço a cabeça para eles. Maddox geme enquanto lambe o glacê de seus dedos.

— Você fez o almoço?

Sorrio quando Aiden solta: — Ela não é sua empregada.

Maddox revira os olhos naturalmente. — Você está com ciúmes que ela cozinhe mais para nós do que para você.

Eu corro desviando o olhar.

— Não fiz hoje. Estive ocupada fazendo cupcakes. Mas me dê cinco minutos: tenho carne de porco no forno, falta apenas o recheio e molho.

— Novamente? — Mark pergunta, olhando com avidez para o forno.

— Sim. — Digo a ele rindo de sua expressão.

— Farei isso. Você fica com Sunday. Não deixe Mark segurá-la com as mãos sujas.

Mark faz beicinho para Aiden. — Eu lavei.

— Obrigada. — Eu digo a ele.

— Eu ajudo. Você pode me contar tudo sobre como conheceu minha neta. — Diz vovô.

— Oh! Ela é simplesmente linda. — Vovó grita enquanto entra na cozinha. — Lembro de quando você era um bebê. Apenas se acomodava nos braços de sua mãe.

— Ela se acostumou com o pai. Ele está tentando fazer com que ela cresça desde que sua mãe disse que tornará sua vida mais difícil a longo prazo.

Vovó acena, sentando ao meu lado, deixando os homens prepararem o almoço.

— Ah, sim. Sua mãe precisava prendê-la a ela apenas para fazer a limpeza. Nem importava se seu pai a pegasse, você ainda gritava.

Sorrio, lembrando de algumas fotos que tenho da mamãe fazendo exatamente isso. — Eu sinto falta deles.

— Eu sei que sente. Eu sei. — Vovó diz envolvendo o braço ao meu redor. Descanso a cabeça em seu ombro, nunca olhando para longe de Sunday. — Agora, me fale sobre Aiden. O que está acontecendo entre vocês dois?

— Nada. — Digo a ela com um suspiro.

Ela zomba. — Não acredito nisso.

Ergo minha cabeça olhando para ela.

— Acredite. Pedi-lhe para me beijar e ele disse não, que não era bom para mim e não queria me machucar. Pelo que sua prima e irmã disseram, era um pegador antes de Sunday nascer. Ele não tem relacionamentos. Mas vovó, não consigo

imaginá-lo assim. E não me importo. É diferente comigo. Eu sei disso. Sinto na minha alma.

Vovó passa os dedos pelos meus cabelos.

— O jeito que o garoto veio correndo para cozinha, acredito que você está certa. Ele parecia pronto para enfrentar o mundo com uma mão se isso significasse que ficaria segura.

— Apenas queria que ele me quisesse como o quero. Tentei manter meus sentimentos neutros, mas depois passamos um tempo juntos e vi um novo lado. Isso fez me apaixonar por ele mais e mais.

— Você tem um grande coração, Bailey, nunca mude isso. Ele verá a razão. Acabou de descobrir que é pai. Ainda está processando isso e a enorme mudança em sua vida. E se o que você diz é verdade, então ele não está acostumado com o que está sentindo. Aposto que Sunday entrando em sua vida foi como um tapa na cara. O amor por um filho faz você ver o mundo de maneira diferente. O que você via como importante antes se torna irrelevante. Então não é que ele não seja capaz, está apenas tomando tempo para entender as coisas.

— E se ele não gostar de mim quando chegar a hora?

Ela balança a cabeça para mim.

— Garota boba. Não há como o garoto não querer *mais* você.

— Espero que sim. Acho que o amo, vovó. Realmente. Ele não é nada como... — Engulo, odiando o pensamento *dele*. Limpo minha garganta. — Ele não é como o *outro*. Dessa vez é real. Não sou uma garota ingênua em busca de afeição.

— Você sempre foi mais do que isso, querida. Apenas dê tempo a ele. — Ela me diz baixinho, ainda passando os dedos pelos meus cabelos enquanto coloco a cabeça de volta em seu ombro. — Não muito. Você precisa fazê-lo trabalhar por isso. Eu tenho feito com o seu avô por...

— Não! Pare! — Digo a ela, rindo alegremente. — Não quero ouvir essa história novamente. Acabei de apagar a imagem.

Ela ri.

— Todos os verdadeiros amores têm as melhores histórias. Tenho a sensação de que Aiden será a sua.

Sorrio fechando meus olhos brevemente.

— Espero que sim, vovó.

— Amo você, minha garota.

— Amo você também. Estou tão feliz por você estar aqui. — Digo a ela.

— Eu também. Testemunhar minha neta apaixonada pela primeira vez é algo que não iria querer perder.

Não respondo deixando o silêncio preencher a tranquilidade da conversa.

Apenas espero que minha avó esteja certa e que a minha história com Aiden seja épica, algo que possamos dizer a Sunday um dia e rir.

Porque não consigo imaginar minha vida sem ele. Ele preenche o vazio do meu coração, o vazio da minha vida.

Aiden é o ar que eu respiro.

CAPÍTULO DEZESSETE

Aiden

Entregando o dinheiro para o taxista, saio e abro a porta para Bailey. Um olhar para ela quando a peguei e queria arrastá-la de volta para dentro. Ela parece sexy para caralho está noite.

Vestindo calça de couro que se encaixa nela como uma segunda pele e uma blusa rosa que mostra a quantidade certa de decote, seu corpo parece gostoso.

Hoje à noite, ela está usando maquiagem, algo que nunca a vi usar. Seus cílios são grossos e longos, seus olhos esfumados e sensuais. Ela tem a quantidade certa de cor para destacar as maçãs do rosto. É muito linda.

Seus cabelos foram enrolados e puxados para o lado, mostrando um lado de seu pescoço fino.

— Você está linda. — Digo a ela, puxando-a em meus braços. Prometi a mim mesmo que manteria as mãos longe dela, mas então saiu parecendo assim e tudo que queria fazer era tocá-la.

— Obrigada. — Ela responde sem fôlego.

— Ei, você veio. — Diz Charlotte, interrompendo. Eu me afasto, voltando-me para minha prima com um suspiro.

— Ei!

— Ei, Charlotte. Onde está Lily esta noite? — Bailey pergunta.

Porra! Ainda não expliquei a Bailey. É muito complicado e sinceramente, não é minha história para contar. Não que eu saiba muito. Acho que são apenas meus pais e Maddox que sabem mais sobre sua infância do que nós. Sabíamos apenas o básico. Nunca precisamos saber de nada, mas Lily uma noite descobriu que não era realmente nossa irmã biológica, mas nossa tia.

Não me importa, no entanto. Ela é minha irmã tanto quanto Faith é.

— Ela não vem em bares. — Responde Charlotte, com cautela em sua voz enquanto olha para mim por ajuda.

Bailey olha para mim e posso sentir a pergunta em seu olhar. Esfrego a nuca antes de encará-la.

— Lily não se dá bem com o álcool, bem, ela pode ficar por perto, mas não quando pessoas que ela não conhece estão bebendo.

— Por quê?

— Encontro você lá dentro. — Charlotte anuncia deixando-me responder.

Elevo o queixo e pego a mão de Bailey na minha.

— É uma longa história, uma que apenas ela pode realmente compartilhar. Não importa quando está conosco e estamos bebendo, mas não vai a um bar ou boate. Ela ficou

apavorada com Beau, noivo da minha irmã, quando ele bebeu uma garrafa de cerveja.

Sua expressão suaviza com tristeza.

— Compreendo. Deve ser difícil para ela quando todos se encontram.

Sua consideração aquece meu coração. Minhas irmãs, minha família, elas significam tudo para mim. Bailey se importando com elas significa muito para mim.

— Minha mãe, meu pai ou alguém fica com ela. Minha prima Imogen está assistindo a um filme com ela está noite. Elas se organizaram antes de planejarmos está noite. Então, deu certo.

— Isso é bom para ela, então.

Olho para o bar me perguntando se é tarde demais para sair. Maddox está no bar empurrando seus quadris e beijando a janela. Eu gemo. Bailey se volta para olhar e começa a rir.

— Ele já está bêbado?

— Não. — Digo a ela. — Acredite em mim, ele fica pior depois de uma bebida.

— Posso acreditar.

Ela segue para dentro, mas seguro seu pulso e a puxo para trás. Bailey olha para mim com total confiança brilhando em seus olhos.

— Faça o que quiser, mas não concorde com nenhuma de suas brilhantes ideias ou de qualquer uma das pessoas da minha família. Eles parecem ter um jeito de se meter em encrenca ou se envolverem em situações embaraçosas.

Ela ri como se achasse que estou brincando, mas não estou.

— Eu juro.

— Você está pronta para conhecer a minha família louca? — Pergunto a ela, envolvendo meu braço em seus ombros.

— Estava há cinco minutos.

Sorrio, levando-a para o bar. Ainda não está lotado, mas estará por volta das onze. Maddox, Landon, Faith, Beau, Charlotte, Liam, Mark, Hope e Hayden sentam-se na parte debaixo da janela. Alguns primos não conseguiram vir, o que é uma pena: eu queria que eles conhecessem Bailey.

— Bailey, quero que conheça minha irmã, Faith. O idiota feio ao lado dela é seu noivo. — Digo. Minha irmã levanta e puxa Bailey para um abraço. Ela olha para mim do canto do olho, surpresa brilhando em seus olhos. Sorrio, encolhendo os ombros.

— É maravilhoso conhecê-la. Lily e Charlotte nos falaram muito sobre você. — Cumprimenta Faith. Um lampejo de desapontamento cruza o rosto de Bailey e não entendo de onde veio. — Aiden aqui apenas quer mantê-la para si mesmo, se recusa a compartilhar informações conosco.

O rosto de Bailey se ilumina.

Ah, então foi isso que a deixou triste: ela pensou que não falei dela. Precisa saber que agora ela é tudo que falo e penso. Minha decisão sobre o que fazer com a conexão que compartilhamos pesa em minha mente.

— É a comida. — Bailey responde com um encolher de ombros.

— Bem, se você diz. — Faith diz para ela, antes de me dar um olhar de conhecimento.

Eu gentilmente a cutuco.

— Você conhece Landon, Charlotte, Mark, Liam e Maddox. — Digo a ela. — Ao lado de Landon está o irmão que fecha o trio, Liam. Ao lado dele está Hope. Os outros não puderam vir hoje à noite, mas você os encontrará eventualmente.

— Ei, pessoal.

Todos sorriem, dizendo suas próprias saudações antes que Maddox levante.

— Quer uma bebida, Bailey?

— Um... — Ela começa, mas eu interrompo.

— Eu posso pegar uma bebida para ela, idiota-cabeçudo.

Ele ri me dando um tapinha no ombro.

— Vamos, então. Perdi uma aposta, então as bebidas de Liam e Landon estão por minha conta.

— E a minha. — Grita Hayden. — Nós somos um trio.

Maddox a encara erguendo a sobrancelha.

— Você nem estava lá para a aposta.

Hayden olha para cima de suas unhas olhando para Maddox.

— Não importa. Ainda estou inclusa. Vou querer uma vodca com Red Bull.

Maddox geme.

— Bebida cara. E pare de usar a cartada de trigêmeos.

Ela ri de seu desconforto.

— O que? Você usa seu cartão gêmeo sempre que possível.

— Sim, você me fez pagar pelo seu ingresso de cinema quando prometi a Maddison que pagaria se ela me ajudasse a limpar o sótão. — Reclama Hope.

— Eu queria assistir Jurassic Park. — Ele encolhe os ombros descaradamente. — E nós viemos como um par.

Charlotte faz beicinho. — Você levou Lily.

— Eu paguei para Lily, no entanto. — Maddox acrescenta sorrindo.

— E ela não ajudou a limpar o sótão. — Acrescenta Hope.

— Ei, eu ajudei você a limpar. — Argumento olhando para Maddox. — E não consegui nada.

Bailey dá um tapinha no meu peito, rindo. Sorrio para ela, piscando.

— Eu fiz um bolo. — Diz Hope.

Lambo meus lábios lembrando daquela fatia de bolo de chocolate. Eu dei o resto para uma garota que estava tentando impressionar.

Talvez dizer que apenas preciso comer uma fatia, não é o melhor tópico para trazer na frente de Bailey.

Eu puxo ela para longe das conversas e direto para o bar.

— O que você gostaria de beber?

Seus olhos percorrem o cardápio enquanto morde o lábio. Isso me distrai por um momento, antes de lembrar que provavelmente não bebeu antes e não sabe o que pedir.

— Eu pediria algo feminino, então você não ficará doente amanhã.

Ela encontra meu olhar. — Eu bebi uma bebida em Malibu quando viajei com meus avós. Não consigo lembrar o nome.

— Foi um coquetel?

Ela balança a cabeça, olhando o cardápio novamente. — Acho que era brisa do mar, mas não tenho certeza. — Ela murmura concentrada no que está lendo.

— Espere, é brisa marítima de Malibu. Tinha suco de cranberry, suco de abacaxi e provavelmente um pouco de limão?

Seus olhos se iluminam com excitação.

— Eles vendem aqui? Isso é exatamente o que estava nele. Eu não tenho certeza sobre o cranberry, mas o resto sim. Até adicionaram frutas e outras coisas dentro.

Sorrio entretido por sua inocência, levanto a mão para acenar para o barman.

Peço nossas bebidas, ignorando Maddox enquanto ele caminha. Eu sou grato quando ele passa, seus olhos treinados em algo atrás de mim. Virando para ver, balanço a cabeça em diversão enquanto ele se aproxima de uma loira sentada com um amigo.

Hayden, Liam e Landon não receberão suas bebidas tão cedo.

— Sua família é grande. — Comenta Bailey. Eu rapidamente coloco o nosso dinheiro no bar, em seguida, pego nossas bebidas antes de enfrentá-la, entregando a sua. Ela pega, sorrindo agradecida. — Obrigada.

— O prazer é meu. — Digo a ela, depois olho para onde minha família está sentada, balanço a cabeça quando Liam começa a empilhar os copos em uma torre.

Ele pagará por isso depois.

— E quanto à minha família, somos muitos e realmente inteligentes. Nós todos vivemos próximos uns dos outros também. Tia Harlow e tio Malik moravam ao lado de meus avós quando estavam vivos, tio Mason e tia Denny moravam no fim do jardim onde construíram a casa. A poucas portas do meu tio Myles e tia Kayla. Todos eles, mas tio Mason e tio Malik moraram lá em um ponto. Então meu pai conheceu minha mãe e algumas coisas aconteceram, daí ele comprou a casa em que crescemos, apesar de ficar a algumas ruas de distância. Meu tio Max e tia Lake se mudaram para uma casa do outro lado da rua pouco antes dos trigêmeos nascerem.

— Jesus, vocês possuem a rua inteira?

Sorrio encolhendo os ombros.

— Meu pai é bom em investir. Ele gosta de consertar casas e vendê-las. Ele tem algumas que aluga, mas apenas para aqueles que conhece. Odeia consertar depois que os inquilinos arruinam o lugar.

— E sua mãe é proprietária de uma floricultura, certo?

Concordo.

— Sim, minha avó do lado da minha mãe deixou para ela. Ela administrou por um tempo antes da morte de minha avó, já que não podia continuar com o trabalho. Madison também trabalha lá. Ela não gostava da escola, mesmo sendo boa nisso. Acabou fazendo minha mãe concordar em construir um espaço fora da loja de flores, onde podem cultivar vegetais. Espera poder começar a vender os vegetais frescos no mercado.

— Nada supera vegetais frescos. Você deve levá-la para negociar com os bares locais que servem almoço. A maioria deles provavelmente compraria dela.

— Isso pode realmente funcionar. — Sorrio. — Eu avisarei.

— Como foi o trabalho hoje?

Eu gemo.

— Difícil. Tivemos uma corrida louca e com o calor, estava queimando na cozinha.

— Eu aposto. — Diz ela sorrindo para mim. — E Sunday?

Levanto meus olhos para ela.

— A babá feliz a tem. Eu chequei e fui vê-la depois que terminei o trabalho.

Ela sorri. — Ah! Aposto que está sendo mimada.

Encolho os ombros.

— Ela merece.

— Merece muito mais. — Bailey concorda.

— Quer se sentar novamente? Parece que Jimmy aprontou com Liam antes de empilhar uma pilha de copos.

Ela olha por cima do ombro, uma carranca linda franzindo a testa.

— Espere, é por isso que estamos aqui conversando?

Eu vejo como Liam faz beicinho, de pé sobre a mesa, enquanto entrega os copos de cerveja da torre que ele fez.

— Sim. Ele teria continuado até que chegasse ao teto ou caísse.

Ela começa a rir.

— Ele já fez isso antes?

Suspiro.

— Está tentando bater meu recorde.

Bailey se vira para olhar para mim.

— Você?

Aceno, me sentindo como uma criança imatura.

— Sim. Cheguei a vinte e seis copos antes que quebrassem. Ele e Maddox têm tentado me superar desde então.

Assim que termino de falar, Jimmy vem até nós com uma bandeja de copos.

— Eu disse para não fazer isso depois que a última pilha quebrou. Demora para serem entregues e com o futebol, preciso de todos os copos que conseguir.

— Eu o farei comprar outra caixa para você ter mais. — Digo a ele, meus lábios se contorcendo.

Ele resmunga.

— Ele deixou você se safar com muito aqui.

Bailey começa a rir quando ele se afasta.

— Aquele pobre homem. Ele parece pronto para desistir.

Eu toco a nuca.

— Provavelmente. Mas ele sentiria nossa falta se nunca viéssemos. Nós o mantemos entretido.

— Abençoado seja.

— Vamos, vamos nos juntar aos outros.

Coloco a mão em suas costas e a conduzo para a mesa. Ela se senta ao lado de Charlotte, já se juntando à conversa.

— Ei, onde está Maddox com nossas bebidas? — Hayden chama.

Sorrio para ela.

— Você também pode tirar o dinheiro dele. Ele está conversando com alguma loira. — Sento entre Bailey e Landon.

Hayden franze o rosto em desgosto.

— Seria de se esperar que ele aprenderia a lição. — Murmura. — Você sabia que ele fez o papel sobre essa cena de *Bachelor*?

— Ele não fez. — Suspiro tossindo na minha cerveja.

Ela ri.

— Sim. Tio Malik enlouqueceu porque tinha o nome e a foto de Maddox. As garotas acham que ele é uma celebridade agora. E o idiota que ele interpreta faz com que elas comprem isso.

Landon zomba.

— Celebridade. O cara age como se não pudesse amarrar os próprios cadarços, mas é um gênio do caralho. Eu não sei como as garotas se apaixonam por isso.

— Nem eu. — Digo, rindo. A cerveja gelada na minha mão mal toca meus lábios antes que meu olhar pegue um grupo que entra, de costas para mim.

Eu gemo colocando a cerveja na mesa.

— Isso não pode ser bom. — Digo em voz alta.

— Esta noite acabou de ficar interessante. — Landon murmura estalando os dedos.

Porra.

CAPÍTULO DEZOITO

Bailey

A atmosfera no bar fica tensa rapidamente. Procuro a invasão no bar até que meu olhar pousa em um grupo que entra. O de trás se vira para nós, fazendo um duplo exame antes de nos encarar, um sorriso grande se espalha por seu rosto.

O resto do grupo segue o exemplo quando percebem que seu amigo parou, distraído por nós.

Suspiro totalmente perplexa com o quão bonito cada um é. O de trás, mais próximo do balcão, dá um passo à frente, uma expressão intensa no rosto.

Santa mãe de Jesus.

Eu já vi rapazes bonitos, desenho capas de romance para ganhar a vida e vejo mais peitos nus do que gostaria de admitir, mas nada poderia ter me preparado para visão na minha frente.

Pele escura e bronzeada, músculos e tatuagens aparecendo em seu corpo, mas é seu rosto bonito e rude que me prende sob um feitiço.

Três dos mais jovens devem ser trigêmeos, porque parecem exatamente iguais, incluindo as tatuagens pintadas nos braços.

E são tão lindos que deveria ser um crime. Acho que gemo em voz alta, não posso ter certeza pelo zumbido em meus ouvidos.

— Noite de reunião familiar? Onde está a linda Lily?

— Foda-se, Reid. — Maddox diz atrás dele.

— Aqui, pensei que eu fosse o bonito. — Liam provoca sabendo que Maddox começará algo sobre Lily.

— Ah, Maddox, pensei que tivesse sorte e eles deixaram você em casa. — Diz Reid, deixando Maddox passar e sentar ao nosso lado.

— Você nunca tem sorte. — Diz Maddox sorrindo.

O cara ao lado dele, aquele coberto de tatuagens e uma expressão sobrecarregada, avança. Eu me aproximo de Aiden, preocupada com o que pode acontecer. Esses caras parecem que não brincam por aí.

— Eles vão lutar? — Murmuro sem perceber.

Aiden inclina a cabeça levemente para mim.

— Não. Ainda não. Será necessário mais que uma brincadeira para nos fazer lutar. Além disso, Landon está aqui e o único corajoso o suficiente para lutar contra ele é Jaxon, ele tende a manter a paz.

— Qual deles é Jaxon?

Sinto seu olhar ao lado do meu pescoço, mas não olho para longe do confronto acontecendo na minha frente.

— Por quê?

Surpresa com seu tom, olho para ele.

— Bem, quero saber quem acabará com isso. Parece que se ele não fizer nada, me esconderei embaixo da mesa.

Enruga o canto do olho.

— Tudo bem. Mas não acho que irão. É cedo ainda.

— Ei, quem é a nova garota? A mãe do seu bebê? — Diz aquele que parece ser um dos trigêmeos.

Aiden fica ao meu lado.

— Isaac, você nem sempre foi o mais brilhante do bando.

Bem, isso definitivamente responde se eles são amigos ou não. É confuso. Não levantam suas vozes e também não são amigáveis, mas nenhum deles parece se importar com a companhia um do outro.

Tão confuso.

O que eles chamaram de Isaac, fala.

— Diz a pessoa que ainda precisa ter seus cadarços amarrados por outra pessoa. — Seus irmãos riem.

Aiden se move para ficar de pé, mas o paro. O cara, que ouvi alguém chamar de Jimmy, se aproxima olhando entre as duas famílias antes de soltar um suspiro abatido.

— Sou muito velho para isso. Rapazes, se vocês vão brigar hoje à noite, saiam. Perco clientes quando vocês começam a estragar móveis.

O mais coberto de tatuagens, dá um sorriso.

— Jim, tenho certeza que trazemos clientes extras.

— Sim! — Uma garota grita pelas costas. — Tire a camisa.

— Você também, Carter. — Grita outra garota.

— Que Carter? — Liam grita de volta sorrindo.

— Eu não me importo. Apenas tire.

O velho esfrega a mão no rosto, parecendo exausto e cansado.

— Apenas deixe um depósito de cem com Baz no bar. Caso contrário, todos podem sair.

E de olhos arregalados, viro para Aiden.

— Depósito? Por que parece que ele exigiu isso antes?

Com o canto do meu olho, vejo todos saírem, menos aquele com as tatuagens e os músculos enormes.

— Ele está apenas se prevenindo. — Diz Aiden, mas posso ouvir a mentira em sua voz. Franzo a testa imaginando o que é que foi tão ruim que eles precisam deixar depósitos.

— Sabe, estive pensando: por que o vejo com Lily em outros lugares, mas nunca em um bar? — Uma voz grave fala do lado do grupo que se formou. Ele ficou quieto, com a intenção de ver tudo acontecer.

— Cuidado. — Landon adverte.

— Nem olhe para Lily, Jaxon. — Maddox diz.

Jaxon sorri.

— Por quê? Ela é a única que vale a pena olhar.

Maddox fica de pé, derrama a cerveja. Hayden salta para fora do caminho antes de cair nela. Começo a tremer enquanto cada um se move, incluindo Beau, o noivo de Faith.

— Não está noite, rapazes. Acabamos de chegar para uma cerveja. — Diz Beau.

Jaxon levanta as mãos quando Liam e Landon seguram Maddox de volta.

— Eu irei. Estava apenas fazendo uma pergunta inocente.

— Então não pergunte pela Lily, babaca. — Maddox grita.

Jaxon sorri, caminhando até seus irmãos, que estão sentados no bar, bebendo no balcão.

Quando tudo acalma, rapidamente tomo um gole da minha bebida, o líquido frio acalma e esfria meu corpo aquecido. Colocando a bebida na mesa, limpo as mãos na calça antes de limpar minha garganta.

— Eu vou ao banheiro.

— Você quer que mostre onde é? — Aiden me pergunta, observando meu rosto.

— Eu mostro a ela. — Charlotte fala alegremente.

Como ela pode não estar afetada pelo que aconteceu? Eles estavam prestes a entrar em uma briga e não tenho dúvidas de que seria sangrento e confuso.

— Obrigada. — Digo levantando depois dela. Olho de volta para Aiden. — Não demoro.

— Tudo bem. Não leve muito tempo ou Landon procurará você.

Observo seu rosto, ele está falando sério. Arregalo os olhos e rapidamente olho para Landon, que ainda está observando os homens de antes.

— Ok.

Deixo Charlotte me levar ao banheiro.

— Eles não são sempre assim. — Diz Charlotte. — E não se importe com os irmãos Hayes. São inofensivos. Os caras não gostam deles, porque não querem admitir que têm algo em comum. E as lutas nunca ficam fora de controle.

— Eles pareciam se odiar. — Comento.

Ela sorri enquanto abre a porta do banheiro e encolhe os ombros.

— Nenhum dos irmãos Hayes realmente fez nada contra nós. E a razão de Maddox odiar Jaxon é porque ele ajudou Lily na escola. Algumas garotas a encurralaram depois da escola um dia. — Ela me diz, deixando-me nervosa.

Pobre Lily. Eu sei o quanto isso deve tê-la assustado.

— Ela ficou bem? — Pergunto, parando nas pias.

— Lily não gosta de pessoas que a peguem de surpresa, então quando uma delas puxou seu braço, ela reagiu mal. Ele a ouviu gritando e veio correndo. Ele a levou para casa e Maddox estava lá. Pensou que Jaxon fez algo para aborrecê-la.

— Lily não explicou?

Ela balança a cabeça para mim, divertida.

— Você conheceu os caras da nossa família? Eles batem primeiro e fazem perguntas depois. Sabe, eles simplesmente não se importam.

— Pelo menos ela tem pessoas que se importam. — Murmuro. Que bom que teria sido. Minha mãe e meu pai estavam presos em um canto quando se tratava do meu bullying. Não era como se pudessem fazer qualquer coisa sem se meterem em problemas. E meu irmão era jovem demais para entender o que estava acontecendo comigo na escola.

— Você não precisava ir ao banheiro? — Ela pergunta.

— Sim.

Uso o vaso sanitário antes de lavar as mãos, ignorando o olhar questionador voltado para o meu rosto. Não gosto de falar sobre o meu passado. Aiden foi o primeiro que ousei falar sobre isso.

Quando saímos, Landon estava do outro lado do corredor, com os braços cruzados sobre o peito. Ele revira os olhos quando vê o rosto feliz de Charlotte.

— Eu juro que você leva uma eternidade quando vai ao banheiro. — Diz ele.

Escondo meu sorriso quando passo por eles, ouvindo sua resposta.

— Eu não usei o banheiro, Bailey sim.

— Então, por que você veio? — Ele pergunta, parecendo confuso.

— Hum, as meninas vão em pares.

Eu rio baixinho entrando na área do bar. A primeira coisa que vejo é a mesa cheia dos irmãos Hayes. A atenção deles se volta para mim, fazendo-me corar, então olho para longe.

Estou chegando perto da nossa mesa quando paro de repente.

Meu pesadelo está de pé na minha frente.

Liam parece desconfortável enquanto tenta tirar Eva de seu colo. Eva, a garota que me chutou repetidamente nas costas, que cuspiu no meu almoço e me empurrava para meu armário.

Sinto o sangue fugir do meu rosto quando Naomi se inclina contra um poste próximo, passando o dedo para cima e para baixo no peito de Maddox.

Fecho os olhos enquanto a dor do passado me bate, tentando respirar um ar que não vem. Posso sentir seus punhos batendo na minha cabeça, meus cabelos sendo arrancados do meu couro cabeludo, o cuspe no meu rosto.

Abro os olhos e meu corpo fica tenso quando eles pousam na líder, Marie. Ela está sentada na mesa, com as pernas nuas balançando na frente de Aiden.

Minha mente sabe que ele está tentando ignorar, posso ver na maneira como ele não presta atenção a ela, conversando com Beau e Faith, mas tudo que vejo é a minha pior inimiga, a garota que matou minha família, que arruinou minha infância.

E ela está conversando com Aiden.

Ele sorri para algo que ela diz antes de olhar de volta para sua irmã.

Alguém bate em mim e estou muito atordoada, muito petrificada para fazer um movimento ou som. Tanto é assim que quando falo, sai quase um sussurro.

— Sinto muito.

Outro empurrão me envia em um corpo duro.

— Ei, preste atenção, puta.

Um gemido escapa dos meus lábios com a dureza em seu tom, mas quando braços quentes gentilmente me erguem para perto deles, eu olho para cima.

Jaxon.

Seu olhar vai para pessoa que esbarrou em mim, enviando um arrepio na minha espinha.

Lentamente, eu me viro para olhar, assustada, nós ganhamos a atenção das garotas que tenho tentado evitar toda minha vida. Mas meus olhos pousam em Amy, a última garota do grupo que me intimidou.

Seus lábios se curvam em um grunhido e tento respirar, mas meu peito não se expande.

— Bem, olhe quem é a puta. — Rosna Amy, antes que um sorriso cruel ilumine seu rosto. — Ei, Marie, olha quem eu encontrei.

Marie olha em nossa direção e me aproximo mais de Jaxon, buscando seu calor.

— Tire suas fodidas mãos de Bailey. — Aiden rosna, passando por Marie e se aproximando de mim.

— Você conhece Bailey? — Marie pergunta, o choque e nojo evidente em seu tom. O pub se acalma quando as pessoas começam a assistir à comoção.

— Tire suas mãos dela. — Aiden rosna novamente.

Estende a mão para mim, mas gemo, olhando por cima do ombro para onde Marie se aproxima. Ela seria bonita se não agisse ou se vestisse de maneira tão vulgar e sacana. Seus cabelos loiros descoloridos precisam de uma folga de todos os produtos químicos e suas roupas parecem que foram feitas para caber em uma criança. Hoje, ela está usando uma camiseta branca que para na sua barriga e uma saia jeans curta com um cinto prateado de rinoceronte branco. Suas joias se destacam, o ouro cintilando nas luzes. Ela está coberta disso: colares, pulseiras e anéis. Sempre me perguntei por que ela se vestia assim fora da escola, porque na escola ela se vestia de maneira conservadora em lindos vestidos floridos.

Acho que os pais dela não queriam que a filha envergonhasse o nome deles. Há um gosto amargo na minha boca, como o dinheiro que devem ter gasto para manter ela e suas amigas longe de problemas.

— O que há de errado? — Aiden pergunta, sua testa vincada.

— Não fale com ela. Ela não pode ouvi-lo. — Marie diz a ele, antes de gargalhar como se contasse a piada mais engraçada.

Eu me aproximo ainda mais de Jaxon, uma única mão deslizando para o meu quadril e apertando. Isso me permite saber que não é um pesadelo, é real.

— Bailey?

— Por que está se incomodando com a cadela surda? — Marie pergunta.

Ele olha para ela. — Cala a boca! Nunca fale dela assim novamente.

— Você está com ela? — Ela pergunta, desgosto em seu tom.

— Sim! — Ele se levanta, antes de voltar para Jaxon. — Solte-a agora.

— Não. Não acho que ela quer que eu faça. E essa cadela é provavelmente a razão. — Jaxon responde.

Aiden parece confuso enquanto olha para Marie, depois de volta para mim. — Vocês já se conhecem?

Marie coloca a mão em seu braço e engulo, formando um nó na garganta. Ele tenta se afastar.

— Sua idiota. O que você disse sobre mim? — Ela dá um passo à frente, com o braço levantado e a palma pronta para me dar um tapa. Eu fecho os olhos, esperando pela dor, mas Jaxon me puxa para trás.

Meus olhos abrem quando Marie grita. — Solte-me!

Meus joelhos batem quando vejo Aiden tocando-a. Mesmo para contê-la, ela está recebendo mais dele do que eu jamais tive.

Lágrimas correm livremente pelas minhas bochechas, observando silenciosamente enquanto sua mandíbula aperta.

— Nunca levante a mão para ela. — Ele rosna, antes de se virar para mim. — Bailey, me diga o que está errado.

Encontrando minha voz, pergunto: — Você a conhece? Vocês são amigos?

Marie ri maliciosamente do seu lado, seus olhos se arrastando sedutoramente pelo corpo dele. Ela lambe os lábios antes de seus olhos se estreitarem.

— Oh, somos mais que amigos, querida. Isso não é verdade, amante?

Meu coração afunda, minha respiração congelando no peito enquanto minha alma inteira é consumida em dor como nunca senti antes. Olhando em seus olhos, posso ver a verdade lá e a culpa em Aiden.

— Não! — Sussurro, ofegando por ar.

Ele ficaria com ela, alguém tão má e cruel, mas não me daria uma chance?

Eu sabia que ele não era um santo, deixou isso claro durante nossas muitas conversas, mas nunca esperei que uma das mulheres de seu passado fosse alguém como Marie. Nunca alguém como ela.

— Foi antes de conhecê-la. — Aiden explica, ainda parecendo confuso. — Como vocês se conhecem?

— Somos velhas amigas, não é verdade, Scaly Bailey. — Diz Amy, rindo. Ela provavelmente está gostando disso, meu

desconforto com ela usando o apelido que me chamavam quando eu passava pela minha fase de acne.

Aiden olha para Marie, depois para cada uma das outras garotas, seus olhos se arregalam.

— Puta merda. — Ele respira, soltando-a como se ela tivesse queimado antes de se virar para mim. — Eu não sabia.

— Que elas fizeram da minha vida um inferno, mataram minha família, me deixaram surda! Como você pode não ver isso nelas, Aiden? Como pode não ver o quão retorcidas e doentes são? — Pergunto com uma voz estridente, encontrando a coragem de dizer as palavras que nunca disse em voz alta na frente das pessoas. E eu certamente nunca disse nada a elas, com medo que isso as enfurecesse mais.

— Você está mentindo, cadela. — Amy grita, chegando para mim.

Eu grito, sentindo as unhas cravarem no meu braço, mas antes que ela possa causar algum dano, Jaxon me levanta e me carrega pelo bar.

— Shh, tudo bem. Estou com você. — Ele diz e percebo que estou chorando em seu ombro.

— Bailey! — Aiden grita.

— Aiden, deixe o bebê chorão ir. Ela está mentindo. Vamos, podemos voltar para a mesa. — Diz Marie docemente, antes que sua voz seja abafada pelo sussurro dos outros.

— Maddox, mantenha essa cadela longe de mim.

O ar frio me atinge no rosto quando saímos. — Vamos. Eu a levarei para casa.

— Eu posso pegar um táxi. — Eu sussurro, meus joelhos balançando quando me coloca no chão. Ele estende a mão me estabilizando.

— Você não deveria.

— Bailey. — Aiden grita, correndo para fora do bar. — Eu não sabia. Eu juro que não sabia.

Jaxon zomba.

— Você viu essas cadelas em ação por anos. Elas intimidam qualquer um e todos que entram no bar. Não fique tão surpreso que fizeram algo assim.

— Fique fora disso, porra. — Aiden diz para ele, antes de virar para mim. Ele tenta se aproximar e eu recuo, saindo do alcance.

— Não me toque! — Eu grito, com raiva dele e de mim mesma. Com raiva, pensei que as coisas poderiam mudar. Que poderia ter algo bom na minha vida novamente.

Mas ele é como é.

Estava me usando para colocar uma delas na cama?

Meu passado volta para me assombrar e tento recuperar o fôlego, respirar com a dor no peito.

— Bailey, por favor, fale comigo. — Ele implora, dando mais um passo à frente.

Jaxon coloca a mão no peito de Aiden, empurrando-o de volta. — Ela não quer você perto dela.

Aiden vira seu olhar furioso para Jaxon.

— E quem é você para me dizer o que ela quer? Você sequer a conhece.

— Eu sei que não quer que você fale com ela.

— Bailey, por favor.

— Eu não posso. Sinto muito. — Digo a ele, incapaz de olhar em sua direção.

Quando ele vai dar outro passo, Jaxon o empurra novamente. Aiden faz um som profundo em seu peito, antes de socá-lo. Mordo os lábios para manter o grito ameaçando escapar. Em vez disso, gemo e arrepios sobem na minha pele.

Marie e suas amigas saem do bar, olhando o caos diante delas. Olham para mim e rosnam. Um calafrio sobe pela minha espinha e olho para longe, esperando que desapareçam.

Jaxon o joga na lateral de um carro, mas Aiden sequer pisca. Ele levanta e o empurra de volta.

— Porra, cai fora Jaxon. — Ele rosna, socando-o no estômago.

— Isto é culpa sua. Você pagará, sua idiota de bosta. — Grita Marie. Maddox bloqueia seu caminho, dizendo algo para elas que não consigo ouvir. Seu rosto empalidece, mas há uma expressão em seus olhos que promete retaliação quando olha diretamente para mim.

Aiden joga Jaxon no chão e passa por cima dele, limpando o sangue do lábio enquanto caminha na minha direção. Pisco para conter as lágrimas, dou dois passos para trás e continuo antes de me virar e correr.

A última coisa que vejo é Jaxon agarrando o tornozelo de Aiden, derrubando-o no chão.

*** **

Estou suando e ofegante quando volto para casa, entro como se o diabo estivesse me perseguindo. Bato a porta atrás de mim, ofegando por ar.

— Bailey? É você? Voltou cedo. — Vovó diz enquanto sai da sala de estar.

Ao vê-la, vendo o meu conforto, quebro, um soluço sai da minha garganta quando meus joelhos se dobram abaixo de mim. Eu caio no chão com um baque, o chão de madeira frio contra minha pele.

— Bailey! — Vovó grita, ajoelha-se na minha frente. — O que aconteceu? Abel! Abel!

Os passos do meu avô descem as escadas. — Bailey, o que aconteceu?

Continuo chorando, mas deixo vovó me puxar para seus braços.

— Querida, você precisava nos contar o que aconteceu. Ele a machucou?

Olho através dos olhos lacrimejantes, balanço a cabeça.

— E....ele... ele as conhece. Ele dormiu com ela.

— Com quem, Bailey? Você não está fazendo sentido.

— As meninas da escola. — Eu falo soluçando. — Ele dormiu com Marie.

— A líder da gangue? — Vovó pergunta olhando para o vovô em busca de respostas. Ele encolhe os ombros.

— O que Aiden tem a ver com elas?

— Acho que eles eram um casal. Ela estava lá esta noite.

— Ela a tocou? — Vovó pergunta parecendo irritada. — Abel, chame a polícia.

— Não! — Eu grito. — Não. Ela apenas falou algumas coisas desagradáveis.

Limpo meus olhos, com raiva de mim mesma por estar tão chateada.

— E ele dormiu com Marie? Ele não parece o tipo de rapaz que dormiria com uma garota assim.

Sorrio amargamente.

— Eu voltei do banheiro e a vi flertando com ele. E ambos admitiram. Como ele pode ficar com alguém assim, vovó? Como?

Eu começo a chorar novamente, a dor no meu peito se tornando demais. Sua mão quente esfrega minhas costas.

— E se ele não conhece a coisa boa que tem com você, então não vale a pena.

— Ele sequer me beijou, mas dormiu com ela. O que há de errado comigo, vovó? O que há de tão horrivelmente errado comigo que o primeiro garoto com quem saio precisou aceitar o desafio de tirar minha virgindade para poder dormir com Amy? Ele dormiu comigo, tirou minha virgindade e contou para a escola inteira enquanto mostrava fotos minhas. Então Aiden nem me beija, mas dorme com ela. O que elas têm que eu não tenho? O que há de errado comigo? — Grito, sentindo mais lágrimas quando deixo cair a cabeça no ombro de vovó.

— Não há nada de errado com você. — Ela sussurra soando engasgada.

— Absolutamente nada, minha querida. Você é uma alma linda. Tenho certeza de que, seja o que for que tenha acontecido essa noite, foi um mal-entendido. — Diz meu avô.

Eu agarro a camisa da vovó.

— Sou repulsiva. Devo ter feito algo em minha vida passada que foi terrivelmente errado, porque não fiz nada para merecer a sorte que tenho agora. Nada mesmo.

— Oh, querida. — Vovó acalma, segurando-me mais apertada.

As batidas começam na porta e me assusto, afasto-me da vovó. Com os olhos arregalados, viro para ela.

— Eu não quero vê-lo. E se for ele, simplesmente não posso.

— Suba para seu quarto. Eu e seu avô resolveremos isso.

Eu dou-lhe um rápido abraço, meu peito aperta quando ouço Aiden gritar meu nome pela porta. Levanto do chão e corro

para as escadas. Quando ouço meu nome mais uma vez, retiro o aparelho auditivo acolhendo o silêncio.

Eu sei que se ouvir suas desculpas, descerei.

E pela primeira vez, preciso ser mais forte.

Preciso ignorar a atração entre nós e pensar em mim. Mesmo que pareça que meu coração está morrendo no processo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Aiden

Bato o prato na chapa quente mais forte do que pretendia.

— Droga. — Grito, ainda me sentindo irritado pela falta de sono.

Esfrego as mãos no rosto olhando para o relógio mais uma vez antes de retirar meu avental. Finalmente, meu dia chegou ao fim. Com tanto em mente, o tempo passou devagar.

Não ver Bailey nas últimas duas semanas foi a causa disso. Sinto falta dela. Pelo curto período de tempo que a conheço, ela se tornou uma grande parte da minha vida.

Telefonei várias vezes por dia e até tentei vê-la. Seus avós não me deixam nem colocar um pé na varanda da frente. Toda vez que tento vê-la, eles saem e me avisam que ela não quer me ver.

Eu até afundei o suficiente para pedir ajuda a Maddox. Escrevi para ela um bilhete como uma criança de treze anos e pedi a ele para entregar. Não consegui vê-la, mas ele lhe entregou o bilhete de qualquer maneira.

Naquela noite, duas semanas atrás, realmente me vi pela primeira vez. Sabia muito antes de descobrir a história de Bailey e quem era responsável pela dor dela, que Marie e seu bando

eram más. Sempre que as mulheres tentavam falar conosco ou se tentávamos conversar com outra mulher, elas interferiam. Bebidas seriam derramadas ou as abordavam depois de irem ao banheiro.

Agora sei o porquê.

Marie foi um erro. Um grande. E se estivesse coerente ou sóbrio, nunca a tocaria, mas nunca fui exigente realmente com quem dormi.

As opções naquela noite devem ter sido fracas, porque nem me lembro de ir para casa com ela. No segundo em que abri os olhos na manhã seguinte, ela estava deitada de costas, com a maquiagem borrada no rosto, os cabelos em um ninho de pássaro e babando enquanto roncava. Era tão pouco atraente como é em um dia normal.

Eu saí de lá o mais rápido que pude, usando apenas boxer, meias e sapato.

Arranco meu uniforme, coloco jeans e camiseta, ainda pensando no rosto de Bailey quando a vi do outro lado do bar. Ela parecia ter visto um fantasma. Lily ficou pálida uma ou duas vezes quando teve um episódio, mas isso não era nada comparado a como Bailey parecia. Foi a dor, o tormento e a angústia em sua expressão... ela me lembrou de uma garotinha naquele momento.

Mas não foi nada como o olhar que ela me deu quando Marie anunciou que já nos envolvemos. Ela ficou arrasada.

Voltando para o bar, meus olhos vão para Maddox, Liam e Mark, faço uma saudação fingida quando eles acenam. Subindo

para o bar, cumprimento tio Mason, que ainda está trabalhando, levanto o queixo antes de tomar o lugar vazio ao lado de Mark.

Ele me entrega uma Corona.

— Você parece uma merda.

— Ótimo. Eu me sinto assim.

— Quem está com Sunday se você está bebendo?

— Mamãe e papai. Eles queriam que ela passasse o final de semana.

— Você quer dizer sua mãe.

Forço um sorriso.

— Sim. Papai me mandou uma mensagem mais cedo quando estava no meu intervalo para me avisar que eu lhe devo uma.

Tio Mason ri quando termina de limpar o balcão.

— Provavelmente está chateado por não transar está noite.

— Tudo bem, estou ouvindo aqui. — Mark diz.

— Considere-se sortudo, tio Max não está aqui. Ele entraria em detalhes.

Eu bufo, porque é a verdade.

Meu telefone toca, depois o de Mark, o de Maddox e o de Liam. Nós todos olhamos para o outro. Eu puxo o meu para fora, vendo um texto de Charlotte.

*Charlotte: Por favor, não fique bravo, mas o peixinho morreu.
LOL, Charlotte.*

— Charlotte apenas riu porque o peixe dourado que Landon comprou para ela morreu? — Liam pergunta parecendo divertido.

— Não acho que percebeu que é uma conversa em grupo. — Diz Maddox.

Lily: Por que você está rindo disso?

Sorrio, divertido com a resposta da minha irmã. E se alguém perguntaria, seria ela.

Hayden: Você cozinhou?

Liam geme com a resposta de sua irmã.

Liam: Você não acabou de dizer isso.

Charlotte: Eu não estou rindo. Estou chorando. Eu o chamei de Nemo e agora ele se foi. E como vocês descobriram?

Landon: Você enviou a mensagem para o grupo, Charlotte. Você realmente precisa de um novo telefone. E por que você colocou o LOL?

Maddox: Falta de respeito com o peixe, se você me perguntar. Pelo menos, dê um bom fim e o frite.

Charlotte: Isso é tão malvado! E não entendo.

Lily: LOL significa rir em voz alta, Charlotte.

Charlotte: Oh, meu Deus. Eu tentei usar emogi.

Hayden: O que você achou que era?

Charlotte: Estou me sentindo mal. Nemo pensará que o odiava.

Maddox: Ele está morto. Não acho que se importe.

Landon: Maddox, se você não quer cagar os dentes, cale a boca.

Maddox: Sim, senhor. Ou você vai LOL em mim também?

Charlotte: Eu sou uma pessoa horrível.

Hayden: O que você achou que significa LOL.

Charlotte: Muito amor.

Lily: LOL

Maddox: Minha garota faz piadas.

Charlotte: Landon, você pode vir e me ajudar a enterrá-lo, por favor?

Mark: Jogue no banheiro.

Charlotte: Eu não farei isso, MARK!

Landon: Foda-se, pessoal. Estarei aí em quinze minutos, Charlotte.

— Ele acabará no banheiro. — Diz Liam, rindo de seu telefone.

— Bem, se ele não comer. Não seria a primeira vez. — Murmuro.

— Um: esse fui eu. Ashton me fez comer quando fomos naquela festa em casa. — Diz ele, engolindo. — Foi terrível.

— Você não disse isso a ela? — Pergunta Mark, de cara séria.

Sorrio ganhando um olhar de Liam.

— Não é a questão. E dois: por que você está sentado com a gente? Não estamos falando com você.

— Por quê? — Eu pergunto imaginando o que fiz desta vez.

Maddox zomba e olha para ele, sem humor para sua encenação.

— Nós tivemos que nos alimentar nas últimas duas semanas, tudo porque você é um grande fodido. Ela nem foi mais levar limonada para nós. — Ele me diz com sua voz alta. — E quase cozinhei no outro dia de tanto calor.

— Você ainda não a viu?

Ele olha para mim com nojo. — Não, e graças a você, nunca mais a verei novamente.

— Quando exatamente, você dormiu com Marie? Aquela garota é desagradável. — Diz Mark.

Eu o empurro no ombro.

— Todos nós cometemos erros, eu obviamente, mais do que outros. — Digo, depois gesticulo para tio Mason.

Ele se aproxima, apoia os cotovelos no balcão.

— O que?

— Traga uma garrafa de uísque ou tequila. — Digo a ele.

Ele me olha com cautela antes de suspirar e pegar uma garrafa.

— Apenas farei isso porque, uma vez, seu pai e o resto de nós ficamos bêbados por causa da garota que amamos.

— Eu não estou apaixonado por ela. — Respondo, tirando a garrafa da mão dele.

Maddox bufa.

— Tudo bem. Você está uma bagunça há duas semanas. Sequer piscou quando disseram que seria pai. Lidou com isso como um profissional. — Ele me diz, tomando um gole do uísque direto da garrafa (elegante) antes de continuar. — Mas uma garota o amarra e você perde a cabeça. Odeio dizer isso, cara, mas você parece apaixonado. Quando foi a última vez que tomou banho?

Conscientemente, sinto o cheiro das minhas axilas.

— Eu tenho trabalhado em uma porra de cozinha o dia todo, idiota.

— Apenas admita que você a ama. — Diz Liam, pegando a garrafa de Maddox. Ele toma um gole antes de passar para mim. Eu tomo um gole grande, precisando abafar suas vozes.

— E assim por diante. É difícil trabalhar com o estômago vazio. — Acrescenta Mark.

Eu rosno para o meu irmão. — Cozinhe a própria comida.

Ele mostra os dentes. — Por que, se ela cozinha muito melhor?

Eu os ignoro, em vez disso, escolho beber mais uísque já sentindo os efeitos.

A cada gole, continuo dizendo a mim mesmo que ela é apenas mais uma garota; não significa nada. E com cada gole, a mentira tem um gosto cada vez mais amargo.

Porque ela não é uma garota aleatória. Ela é Bailey James, a garota que de alguma forma conseguiu se impregnar em mim.

Ela é a primeira coisa que penso quando acordo... a menos que Sunday esteja chorando, então tudo que penso é ela.

Bailey é com quem sonho à noite. Com quem fantasio estar. Meu coração bate mais rápido quando estou perto dela.

— Merda! — Respiro deixando cair a cabeça no balcão.

— O que? — Mark diz, voltando sua atenção para longe da conversa que estava tendo com Maddox e Liam.

Ergo a cabeça, a compreensão me bate com força total e luto para me endireitar. — Acho que a amo.

Os caras riem às minhas custas, Mark me dando tapinhas nas costas. — E você apenas entendeu isso agora?

— O que farei? Ela me odeia.

— Flores sempre funcionaram com sua tia Denny. — Tio Mason diz do outro lado do bar enquanto serve uma cerveja para um homem mais velho.

O velho se vira, claramente ouvindo nossa conversa. — Chocolates para minha Maisy.

— Há lojas abertas agora? — Pergunto, olhando para o céu escuro.

— Provavelmente não. — O velho diz tomando sua bebida no bar. — Mas aceite meu conselho: não gaste semanas para fazer o que é difícil. Você apenas terá que trabalhar mais.

Com isso, ele sai me deixando mais derrotado do que antes.

— Ela nunca me perdoará. — Digo, tomando um grande gole de uísque.

— Ela irá. Não parece ser do tipo que guarda rancor. — Diz Mark.

— Não sei. Ela parecia arrasada no bar. Aquelas garotas devem ter feito muito mal a ela. — Liam acrescenta.

— Elas fizeram. Eu disse o que ela me contou. — Rosno para ele.

Ele levanta as mãos. — E eu disse que falei com o papai. Ele pediu a Liam para que o detetive amigo de seu pai investigasse para ver o que poderia descobrir sobre elas.

— Não é o suficiente. — Eu digo.

— Basta ir até lá. — Diz Maddox.

Olho para ele, batendo a garrafa no balcão.

— Eu tentei, todos os malditos, dias. Eu até tentei subir a lateral da casa.

— Como foi? — Mark pergunta, arrastando seu banco longe de mim. Sábia decisão, pois com o humor que estou.

Meus ombros caem. — Era o quarto de seus avós.

Maddox ri, batendo no seu joelho.

— Por favor, diga que eles estavam dormindo e não acordados.

— Sua avó estava se trocando para dormir. — Digo a ele soltando os lábios da garrafa. Não disse a eles o quão baixo afundei, não querendo que me consolassem.

— Isso é uma grande merda. — Diz Maddox rindo enquanto pega o celular.

Eu tomo outro gole balançando na minha cadeira.

— Você não pode contar a ninguém.

— Não vou. Eu juro. — Ele diz e em algum lugar dentro de mim, sei que ele está mentindo. Simplesmente não me importo agora.

— Talvez essa noite não seja a melhor para vê-la. — Diz tio Mason pegando a garrafa de mim. Olho para o seu conteúdo quase vazio, arregalo meus olhos.

— Quem bebeu tudo isso? — Grito apontando para a garrafa.

— Você. — Afirma tio Mason secamente.

— Não! — Suspiro, olhando mais de perto.

— Fodam-se garotos, garanta que um de vocês vá para casa com ele.

— Levarei uma garota para a minha casa hoje à noite. — Responde Maddox.

— Eu não me importo. — Argumenta tio Mason.

— Mark, você faz isso, ele é seu irmão. — Diz Maddox.

— Tudo bem! — Mark suspira. — Vamos lá, irmão, vamos para casa.

Empurro ele para longe. — Eu não quero.

— Você já está bêbado.

Eu olho para ele, sentindo meus olhos cheios de lágrimas.

— Quer saber? Foda-se ela. Não me importo. Ela pode continuar não me perdendo. Por que me importaria, de qualquer maneira?

— Porque você a ama.

— Certo?

Ele suspira me segurando pelos ombros quando eu quase caio da cadeira.

— Vamos apenas levá-lo para casa. Você se arrependerá disso amanhã, quando a mamãe deixar Sunday com você e ela começar a chorar.

— Minha garotinha. Vamos pegar meu bebê. *Ela me ama.*

— Sim, nós não faremos isso.

— Eu sei! — Eu grito, erguendo meu braço.

Maddox se inclina ao redor de Mark.

— Nós não estamos na escola. — Ele sussurra. — Coloque o maldito braço para baixo.

— Vamos zoar a casa de Marie.

Maddox sorri.

— E eu pensei que seria uma noite chata.

— Maddox. — Adverte Mark.

— Não seja um chato. — Digo a ele batendo no seu ombro.

Ou era a cabeça dele?

— Foda-se, estou dentro. Depois de ouvir o que elas fizeram, ovos são o mínimo que merecem.

Mark suspira.

— Eu pegarei os ovos. E se entrar no mercado, eles saberão porque você quer ovos.

— Para fazer uma omelete? — Murmuro.

— Não. E da última vez que você acidentalmente forçou o carro a sair...

Sorrio, deixando-o me ajudar a sair do banco e me colocar de pé.

— Eu não lembro onde Marie mora. — Digo a eles.

Mark olha para Liam, que olha para Maddox, que levanta as mãos.

— Sim, eu sei. Mas apenas porque transei com a vizinha dela.

— Vamos! — Eu grito. — Tchau, tio Mason.

— Chegue em casa a salvo. — Ele avisa do outro lado do bar balançando a cabeça para nós. Felizmente ele estava conversado com outro cliente há quinze minutos e não ouviu nossos planos.

— Nós vamos...

Maddox bate a mão sobre a minha boca.

— Cala a boca. — Sussurra. — Ele quer dizer que vamos direto para casa, assistir alguns filmes.

Uma velha senhora e sua amiga suspiram.

— Deus do céu.

Ele se vira para ela, sorrindo.

— Vamos assistir Bambi e O Rei Leão, talvez a Pequena Sereia.

— Ele é louco por uma ruiva. — Liam sorri, ganhando um tapa na cabeça de Mark.

— Tchau! — Eu grito, acenando para todos no bar.

— Deus, por favor, não nos deixe ser preso hoje à noite. — Murmura Mark.

CAPÍTULO VINTE

Bailey

Clicando no botão do controle remoto, passo pelos canais de filmes, tentando encontrar algo para assistir. O problema é que tudo me lembra dele.

Primeiro, *Doze é demais* apareceu, fazendo-me lembrar dele e de sua grande família. *Olha quem está falando* no próximo canal, depois *Três homens e um bebê*.

Finalmente, acho um filme sobre desastre em Los Angeles.

O movimento perto da minha porta me chama a atenção. Eu sento na cama, pegando meu aparelho auditivo. Fiquei sem ele a semana toda, precisando do silêncio e do alívio que isso me traz. Nas poucas vezes em que o coloquei, ele simplesmente apareceu na porta. Depois de alguns dias, meu avô começou a sair e encontrá-lo no meio do caminho, então não precisava ouvi-lo. Ainda não ajudou. Sentia que ele estava por toda parte, ainda sinto.

Deixei meu telefone desligado com muito medo de ver o que ele me mandava. As duas primeiras mensagens que li, era ele se desculpando, e não consegui lidar com isso.

— Ei, vovó, você está saindo? — Pergunto.

Ela senta na beirada da cama, colocando a mão sobre a minha.

— Isso não é bom para você, Bailey. Precisa de um pouco de ar fresco. Ficar na cama o dia todo... — Ela balança a cabeça tristemente. — Estou preocupada com você.

— Vovó, estou bem. Estou apenas sofrendo. Tenho certeza que passará. — Minto. Eu não sei se vai ou se a dor no meu peito passará. Agora, parece que meu mundo acabou.

— Não sei, querida. Já faz duas semanas. — Ela diz duvidosa.

— Vovó. — Digo suspirando. — Ficarei bem.

— Ótimo, porque duas garotas bonitas que disseram ser suas amigas estão do lado de fora da sua porta. Elas trouxeram alguns biscoitos.

— Oh, Deus! — Eu gemo arregalando os olhos.

Ele enviou sua prima para me matar.

Ela dá um tapinha na minha mão e caminha até a porta.

— Entrem.

— Obrigada, Sra. Spencer.

— Ah, vocês duas são garotas tão fofas. — Diz a elas apertando em cada uma de suas bochechas antes de deixá-las e me encarar. — Agora, divirtam-se. Estamos saindo agora e não voltaremos até segunda-feira.

Saio da cama quando ela se aproxima. Puxando-me em seus braços, ela me segura com força.

— Tudo ficará bem. Divirta-se um pouco. — Ela sussurra no meu ouvido, antes de se afastar. — Direi ao seu avô que você disse adeus.

— Amo você, vovó.

— Eu também te amo. — Diz ela com a mão na minha bochecha.

Sinto minhas bochechas esquentarem quando percebo que estou vestindo meu pijama Buffy. Vi reprises na televisão e fiquei viciada. Agora tenho todo tipo de coisas que pude conseguir. Incluindo o pijama que estou usando.

— Essa série me dá arrepios. — Murmura Charlotte, olhando para o meu pijama.

— Quero ser a Buffy quando crescer. — Diz Lily melancolicamente.

Meus lábios se curvam em um sorriso. Parece estranho, mas é muito melhor do que as lágrimas que derramei nas últimas duas semanas.

— Você é adulta. — Digo a ela sentando-me na cama.

Elas se viram, Charlotte senta na cama comigo enquanto Lily anda pelo outro lado para sentar também. Estou surpresa por elas ficarem confortáveis e se sentirem em casa.

— Ela é durona, no entanto. É forte o suficiente para que ninguém possa machucá-la. — Diz Lily e quando a olho, um olhar sombrio passa por suas feições.

— Você está bem?

Ela sai de seus pensamentos, forçando um sorriso.

— Sim. Apenas acho que ela é ótima. Ninguém mexe com ela.

Eu penso sobre isso e tenho que concordar. E se tivesse a força que Buffy tinha quando estava na escola, aquelas garotas não teriam mexido comigo.

Minha família estaria viva.

— Sim, posso ver por que você gostaria de ser ela. — Digo baixinho. Ela aperta minha mão.

— Pessoalmente, prefiro ser um dos originais e poder ter um bebê.

— Os Originais? — Eu pergunto.

Ambas as garotas suspiram.

— Você nunca assistiu *The Originals* ou *The Vampire Diaries*?

— Nunca ouvi falar deles. — Admito.

— Você tem uma conta na Amazon? — Lily pergunta, pegando meus controles remotos.

— Tenho. Basta clicar no controle remoto Fire Stick.

Ela faz e antes que eu perceba, ela coloca *The Vampire Diaries* na minha tela.

— Você precisa começar com esse. — Explica ela.

— Aqui, nós trouxemos essas coisas. — Diz Charlotte.

Engulo, pegando o prato de biscoitos com uma sensação doentia no estômago.

— Um.

— Sinto muito, não pudemos fazer nada. Foi uma coisa de última hora. — Lily diz suavemente e meu corpo inteiro relaxa contra os meus travesseiros.

— Você prometeu que não diria nada. — Diz Charlotte parecendo magoada.

Lily ri.

— Sinto muito. — Ela diz antes de piscar para mim.

Sorrio enquanto pego o biscoito de chocolate e enfio um na minha boca, gemendo.

— Como você está? — Charlotte pergunta de repente. — Nós tentamos vê-la, mas sua avó disse que não estava se sentindo bem. Nós sabíamos que era por causa de Aiden.

Eu forço o biscoito pela garganta.

— Podemos não falar sobre ele? — Sussurro.

— Sinto muito. Eu não queria perturbá-la. — Diz suavemente e instantaneamente eu me sinto culpada.

— Elas abusaram de mim em todas as chances que tiveram, às vezes até mesmo saindo de seu caminho para me encontrar. — Deixo escapar.

Lily pega minha mão na dela.

— Todos nós já passamos por algum tipo de bullying. Principalmente das garotas que achavam que precisavam ficar com ciúmes de nós por causa da nossa família. E de acordo com o que Hayden me disse, o nosso não foi nada comparado ao seu.

Eu solto uma risada seca.

— Não acho que o que elas fizeram poderia ser chamado de bullying, Lily. Não foram apenas xingamentos ou brigas. Elas me atormentaram, torturaram. Eu fui cuspidada, espancada, chamada de todo tipo de nomes, tive rumores espalhados pela escola sobre mim e muito mais. Não posso provar que mataram minha família, mas eu sei, com cada centímetro do meu coração, que foram elas.

— Aiden contou aos rapazes o que aconteceu com seus pais. Espero que você não se importe, mas eu disse a Lily. — Charlotte diz, sua voz calma e cheia de emoção. — Landon me disse.

Eu pego a mão que ela oferece, apertando-a e fecho os olhos por um segundo.

— Não me importo. Foi notícia de primeira página em todos os lugares por muito tempo, então não é como se fosse um segredo. A única coisa que não foi mencionada foi que eu e meus avós acusamos aquelas quatro de atear fogo intencionalmente.

— Você sabe que se Aiden soubesse que eram elas, ele não teria... você sabe, não é?

— Ele não faria? — Pergunto olhando para ela. — No meu último ano, um dos novos rapazes da escola se aproximou de mim. Eu estava tão faminta por afeto que quase tive um ataque cardíaco quando ele se aproximou. Nos encontrávamos depois da escola, às vezes íamos ao cinema e comecei a me sentir uma garota normal. Naquela época, o fato dessas quatro garotas nunca terem trocado uma palavra com ele deveria ser um sinal de néon de que algo estava errado. Todos que tentaram falar comigo

acabaram recebendo o mesmo tratamento que eu. Não demorou muito para que todos se afastassem. Quando não vi Owen recebendo o mesmo tratamento, pensei... talvez tivessem parado. Elas até me deram uma folga das surras, empurrões e cuspidas. Não precisava me esconder no banheiro feminino ou na parte de trás da escola para comer meu almoço. Elas me deixaram em paz. Começamos a sair como um casal. Pensei que o amasse. Mas acho que tudo que amei foi a atenção, não me sentir tão sozinha. — Murmuro sentindo minha garganta apertar por trazer tudo isso de volta.

— Planejamos uma noite, quando meus pais estavam no chalé que meus avós possuem, para dormirmos juntos. Ele estava insistindo e eu não queria perdê-lo, era o único amigo que tinha. No primeiro dia de volta à escola, depois de não ter ouvido falar dele durante todo o fim de semana, fui ridicularizada nos corredores. Os rapazes estavam rindo de mim, as garotas me envergonhando e fotos foram coladas nas paredes. Minhas. Nua na minha cama. Ele as tirou depois que adormeci. Pensei que talvez uma das garotas que havia me intimidado tivesse roubado seu telefone, usando isso como uma desculpa do porquê ele nunca me ligou de volta. Fui para o pátio, onde sabia que ele estaria e encontrei Marie sentada em seu colo. Ela sorriu para mim quando entrei. Ela ligou um gravador de nós juntos e tocou. Ele nem se importou. Precisava foder uma virgem para ficar com a garota mais popular da escola. — Eu digo a elas, enxugando meus olhos.

— Aiden não é Owen, Bailey. Ele é muitas coisas, mas nunca faria isso com ninguém. — Declara Lily suavemente.

Eu olho para ela.

— Ela estava sentada na frente dele. Isso me lembrou daquele dia na escola. A pior coisa, a coisa que mais magoou, foi o fato de ele nem sequer me beijou, mas dormiu com ela. Ela é feia por dentro e brilha no lado de fora. Como não pode ver isso?

— Eu não sei os detalhes completos. Não posso nem dizer por quê. Mas ele se importa. — Charlotte me diz.

— Apenas não o suficiente. — Sussurro.

— Você é sempre o suficiente. — Lily sussurra de volta.

Charlotte descansa a cabeça no meu ombro, a mão dela ainda na minha.

— Você apenas precisa acreditar.

Lily envolve seus braços ao meu redor e como sempre, procuro o carinho que me é oferecido, descansando minha cabeça em seu ombro enquanto assistimos à série.

*** **

Bocejando, limpo a última bagunça na cozinha. Quando Charlotte precisou sair durante o terceiro episódio, Lily decidiu ficar e nós jantamos juntas.

Quando vi que estava ficando tarde, mandei-a para casa, não gostando da ideia que ela fosse sozinha tão tarde.

Tem sido bom tê-las aqui. Não apenas para minha alma, mas pela minha sanidade. Ter amigos é um novo conceito para mim, um que eu gosto de ter.

Notei que Lily não fala muito sobre si mesma, preferindo falar sobre os outros em sua vida. Ela falou sobre seus gatos, as crianças que ensina, mas nada realmente pessoal.

Acabei de terminar de limpar quando há um barulho na porta da frente. Olho para o batente da porta, pelo corredor escuro e franzo a testa.

O ruído de arrastar contra a porta acontece novamente, então me aproximo para investigar.

— Você percebe que a pessoa que investiga sempre é assassinada? — Eu falo para mim mesma, meu corpo inteiro tremendo.

Olho através do olho mágico, mas não vejo nada, desejando não ter deixado meu celular no andar de cima. E se for Marie e suas amigas, não há ninguém aqui para testemunhar ou me ajudar. Eu rapidamente corro de volta pelo corredor, para cozinha, para ter certeza de que a porta dos fundos está trancada. Suspiro de alívio quando vejo que está tudo trancado, antes de voltar para a cozinha, trancando a porta também.

Um barulho alto contra a porta da frente faz um rangido sair de meus lábios. Corro de volta pelo corredor, suando na nuca.

Olho através do olho mágico novamente e suspiro ao ver uma forma grande curvada. Afasto da porta quando Aiden levanta a cabeça, como se ele me ouvisse.

O que ele está fazendo aqui?

Ele bate na porta e peso minhas opções. Eu poderia ignorá-lo e esperar que fosse para casa. Mas quando olho pelo olho mágico mais uma vez, meu peito dói ao ver seu rosto pela primeira vez em semanas, posso ver que algo está errado. Ele está balançando em seus pés, procurando algo no chão.

Ignorando meu melhor julgamento, abro a porta.

— Aiden?

Ele rapidamente pega algo do chão e meus olhos se arregalam ao ver um dos vasos de plantas que minha avó colocou na varanda. Ela disse que isso faria com que parecesse apresentável até que a empresa de jardinagem viesse na semana que vem para plantar novas flores nos canteiros. Para mim, apenas pareceu fora de lugar, mas ela não é uma mulher com quem você discute.

Por que Aiden estava com um me desconcertou.

— Eu trouxe flores. — Insiste, cambaleando em minha direção.

— Elas são do meu jardim. — Digo a ele, confusa com o seu comportamento. Por que ele está aqui embriagado? Aconteceu alguma coisa? Onde está Sunday? Todas são perguntas que não tenho o direito de perguntar ou receber respostas, mas não posso deixar de querer saber.

Sinto falta dele. Muito.

— A loja estava fechada. — Ele me diz. Pelo menos é o que acho que estava tentando dizer; não saiu certo.

Ele me entrega as flores, mas antes que possa alcançá-lo, o vaso escorrega de seus dedos e bate na porta. Sujeira e cerâmica quebrada cobrem meus pés, me arrepio.

— Quem mexeu na mesa?

— Aiden, não havia uma mesa. — Eu gemo entrando em casa. Quando o ouço entrar atrás de mim, — Fique aí. Não espalhe sujeira na casa do meu avô.

Ele me olha.

— Eu quero falar com você, Bailey.

— Deixe-me pegar uma pá e uma vassoura. — Digo, passando rapidamente pela cozinha antes de caminhar de volta, encontro-o sentado contra a porta, sua cabeça caindo para frente.

Suspirando, varro o máximo que posso e deixo cair o saco de sujeira e cerâmica do lado de fora da casa.

Voltando para dentro, tranco a porta atrás de mim, então estou cara a cara com Aiden. Dói olhar para ele. Tem círculos escuros sob os olhos e não parece que se barbeou por alguns dias.

— Preciso dizer a ela. — Ele murmura.

Eu vou ajudá-lo, mas minha mão encontra algo escorregadio e molhado. Eu puxo a mão para trás, enojada quando olho para a bagunça pegajosa.

— Aiden, por que tem ovo em suas roupas?

Ele olha para mim, seu sorriso juvenil aparecendo.

— Acidentalmente deixei cair em mim. — Diz ele, antes de fazer careta. — Isso foi o que Maddox disse de qualquer maneira. Acho que ele jogou em mim.

— Ele jogou em você?

Ele concorda com a cabeça, sorrindo. — Você está aqui.

Estende a mão para tocar meu rosto, mas agarro seu pulso antes que possa.

— Sim, mas quero saber por que está aqui.

— Eu precisava vê-la. — Diz ele, sua expressão ficando triste.

— Não temos nada a dizer um ao outro. — Sussurro dolorosamente.

— Eu te amo, Bailey. Sinto muito, sinto muito por tudo.

Minha respiração congela em meus pulmões ao ouvi-lo dizer aquelas três palavras para mim. Sonhei, mais e mais nas últimas duas semanas com ele dizendo que me amava. Não assim. Sóbrio.

Meus olhos se enchem de lágrimas e tento manter a emoção longe da minha voz quando respondo.

— Vamos falar sobre isso quando você estiver sóbrio.

Ou nunca.

— Não. Preciso dizer. Você precisa me perdoar. — Ele diz, agarrando meus braços. Quase caio.

— Vamos para casa.

— Eu não quero ir para casa. — Ele diz, antes de me puxar contra ele. Caio em cima dele, meu rosto encontrando uma superfície grudenta e encolhida. — Seu cheiro é tão bom.

— Eu cheiro como ovos agora. — Murmuro infeliz.

— Hum, eu poderia comer um sanduíche de ovo. — Ele cantarola me apertando.

Eu saio do seu aperto e seguro seu rosto em minhas mãos, tentando fazê-lo olhar para mim. Quando está claro que ele não está em condições de ir para casa, percebo que não tenho escolha.

Ou ele vai embora e engasga com o próprio vômito ou fica aqui, onde posso ficar de olho nele.

Eu já sei qual é a resposta, mas a guerra dentro do meu coração ainda continua. É tão difícil ficar com ele, especialmente quando está me dizendo coisas que desesperadamente queria ouvir.

— Vamos, você pode ficar aqui. — Digo a ele, ajudando-o a ficar de pé.

— Eu te amo, Bailey.

Uma dor aguda dispara em mim mais uma vez, mas luto contra ela, ajudando-o até o sofá. Seu peso desce sobre mim e minhas pernas ameaçam ceder antes de chegarmos ao sofá.

Ele cai, fechando os olhos.

— Pare de girar maldita sala. — Ele engasga.

Eu o deito.

— A sala não está girando, é você.

— Você faz meu mundo girar. — Diz ele, seus olhos abrindo e pousando em mim. Preso em seu olhar intenso, não vejo sua mão alcançando meu rosto até que seja tarde demais. Ele cobre minha bochecha, passando o polegar suavemente sobre ela. Fecho meus olhos, querendo que as emoções que me atingem desapareçam. Mas não. E quando os abro, seu olhar queima. — Suave. — Ele murmura. — Eu te amo, Bailey. Preciso que me perdoe. Você grudou na minha pele e não posso esquecer. Eu tentei. Tentei tão duramente. — Voltar para você. — Murmura baixinho — Por que você tem ovo no seu rosto? É uma nova máscara facial? — Ele boceja, os olhos caídos.

Limpo a nojenta gema do meu rosto e olho para ele.

— Não, não é.

— Você me perdoa?

Eu o ignoro, por mais doloroso que seja e levanto.

— Pegarei uma tigela, um copo de água e um paracetamol. Você precisará disso.

— Apenas preciso de você. Apenas você. Não sabia o que estava perdendo até você entrar na minha vida. Você e Sunday. — Ele diz lentamente sumindo. — Você e Sunday. Você. — Ele boceja. — Faça parte da minha vida. — Ele suspira. — Completamente.

Com um último bocejo, ele se afasta e finalmente deixo as lágrimas caírem. Eu levanto e vou para a cozinha buscar suprimentos, antes de voltar para ele com uma tigela de água

morna. Ele ainda está deitado em um ângulo desajeitado, então pego suas pernas e as levanto no sofá e tiro seus tênis. Ele murmura meu nome em voz baixa e as lágrimas caem com mais força.

Ele não está facilitando para mim. Já era difícil superar alguém que realmente nunca tive, mas tê-lo ali e dizer que me ama... ele tornou isso impossível.

Depois de tirar os sapatos, pego o pano da tigela e começo a limpar o rosto dele.

Espere, isso é uma marca de pneu no lado do rosto dele?

À primeira vista, parece sujeira, mas em uma inspeção mais próxima... é definitivamente uma marca de pneu.

— Que porra você fez hoje à noite? — Pergunto em voz alta.

Eu limpo o melhor que posso antes de passar para suas roupas. Seria melhor se pudesse tirar a jaqueta dele, mas ele está morto para o mundo. Precisaria de um guindaste para movê-lo agora.

Um sopro de ar escapa de seus lábios carnudos e meus olhos são imediatamente atraídos para eles. Ele parece tão pacífico agora, não mais com os olhos turvos e bêbado.

Terminando, coloco o pano de volta na tigela antes de secá-lo o melhor que posso com o pano de prato.

Passo os dedos pelos seus cabelos e antes que possa evitar, me inclino para frente, colocando um beijo gentil em sua testa. Fecho meus olhos contra as emoções que passam por mim,

incapaz de lidar com elas. Estão me preenchendo, assim como meu amor pelo rapaz na minha frente.

Disse que grudei na pele dele, que completo seu mundo, mas ele está tão desequilibrado e tão completamente errado. É ele quem faz *meu* mundo completo. Ele o enche de família, amigos e amor. Deu-me felicidade quando não tinha motivos para sorrir. Enche meu coração de esperança. Aiden me trouxe um futuro que senti que valia a pena viver.

Ele me trouxe paz.

— Eu também te amo. — Sussurro, lágrimas escorrendo pelo meu rosto e caindo no dele.

Oh, céus, me ajude, acho que posso esquecer que ele dormiu com o inimigo. Ele não precisa do meu perdão. Não há nada para perdoar.

E amanhã quando acordar, direi isso a ele. Porque se as duas semanas me ensinaram alguma coisa, é que minha vida é monótona e sombria sem ele.

Apenas espero que passe a noite sem engasgar com o próprio vômito.

CAPÍTULO VINTE E UM

Aiden

Com os olhos exaustos, sento-me, segurando minha cabeça. Eu me sinto como se tivesse levado uma marretada no meu cérebro.

Quanto bebi ontem à noite?

E por que posso sentir o cheiro de ovos? Levantando, corro para o banheiro, mas percebo que nem estou no meu apartamento.

Como cheguei à casa da Bailey?

Sem tempo para fazer perguntas, pego o vaso da mesinha lateral, tiro as flores e vomito. O uísque queima enquanto sobe minha garganta.

Porra! O gosto é tão ruim.

Lembranças da noite anterior me assaltam. Lembro-me de jogar um ovo na casa de Marie, mas acertando Maddox na cabeça. Acho que ele estava tentando esvaziar os pneus — não tenho certeza. A cena toda está embaçada. Lembro dele ficando chateado e jogar ovos em mim. E acho que deixei cair um em mim mesmo.

Eu vomito novamente, o líquido saindo pela minha boca.

Oh, Deus, alguém me mate.

Sento de volta no sofá, uma onda de tontura me atinge.

— Você tem algo contra as flores da minha avó? — A voz doce de Bailey pergunta quando ela entra.

Olho para ela, estremeço em como está claro aqui. Parece cansada. Interiormente sorrio. Isso significa que ela sentiu minha falta tanto quanto senti a dela?

— Você ficará olhando para mim ou responderá? — Pergunta entregando-me uma xícara de café. Coloco o vaso para baixo. Gemo em apreciação quando o café forte queima minha língua. E se sobreviverei a hoje, preciso de cafeína.

Minha voz está rouca quando falo. — O que você perguntou?

— As flores. — Ela diz olhando para o chão. Estremeço quando vejo as flores que despejei lá e o vaso claro cheio de líquido marrom.

— Sinto muito. Era o vaso ou o chão.

— Você também esmagou o vaso de flores da minha avó lá fora.

Eu me encolho.

— Sinto muito por isso. Como cheguei aqui? Eu fiz ou disse algo estúpido?

Ela se afasta como se tivesse acabado de dar um tapa nela. *Que merda?*

— Nada que importe. Você quer tomar café da manhã antes de ir?

Ela está me deixando ficar?

Espera! Ir! Isso significa que ela está apenas sendo educada oferecendo o café da manhã e quer que eu vá embora.

— Bailey, realmente sinto muito pelo que aconteceu. Realmente sou um idiota. Marie... — Eu faço uma careta, até o nome dela tem um gosto amargo na minha língua, fazendo-me querer vomitar novamente. — Não é desculpa e fui um fraco, mas é a verdade.

— Você não precisa falar sobre ela. — Ela senta no braço do sofá em frente.

Esfrego a nuca, encolhendo os ombros.

— Eu preciso. Foi apenas uma vez e nem me lembro. — Solto uma risada amarga. — Deus, isso me fez soar ainda mais idiota. — Digo a ela, sentindo-me sem esperança. Sinto que já a perdi. — Estava tão bêbado naquela noite. Ela e suas amigas sempre tentaram isso comigo e com minha família, mas nunca lhes demos atenção. Não sei o porquê, tinha apenas algo sobre elas. Apenas preciso que você saiba que nunca teria olhado para ela se não estivesse bêbado ao ponto da noite toda ser um borrão.

— Você não precisa explicar nada para mim, Aiden. Eu exagerei. O meu passado com elas não é bonito. Não deveria ter jogado isso em você. Vendo-a tão próxima trouxe de volta algumas lembranças dolorosas.

— O que você quer dizer? — Pergunto olhando-a.

Ouçõ enquanto ela explica o que aconteceu na escola, o rapaz chamado Owen. Fico furioso enquanto ela repete tudo o que ele fez.

Eu quero matar esse cara.

— Agora você sabe. — Sussurra parecendo envergonhada.

Eu levanto do sofá, meus pés instáveis no começo. Seus olhos estão arregalados enquanto ando em sua direção. Seguro seu rosto, saboreando o jeito que seus olhos se fecham e ela se inclina em meu toque.

— Estou tão triste. — Dolorosamente engasgo. — Então, porra, sinto muito.

Ela fica de pé, as bochechas vermelhas.

— Sinto muito pela maneira como reagi. E que você se machucou. — Ela diz, seus dedos passando pelo hematoma desaparecendo no meu rosto.

— Não sinta. Isso me impediu de bater em uma garota pela primeira vez na minha vida. Depois que percebi quem elas eram, queria estrangulá-las.

A maioria das garotas teriam repulsa, mas seu olhar suaviza quando ela ri baixinho.

— Isso pode me fazer uma pessoa ruim, mas elas teriam merecido.

Eu me inclino para frente, pronto para beijá-la pela primeira vez. Não há hesitação dentro de mim, não há dúvidas. Bailey é o que quero.

Ela se afasta e meu ego leva um enorme pontapé. Ela olha para mim com desgosto. — Você cheira a vômito e ovos podres.

Sinto o cheiro do que ela está falando e estremeço.

— Merda! Sim, hum... sinto muito.

Ela ri.

— Apenas para você saber, eu teria beijado de volta.

Sorrio, olhando em seus olhos azuis do oceano.

— Você teria?

Ela acena com a cabeça. — Totalmente.

— Sinto sua falta.

Sua expressão fica triste. — Eu também senti tua falta.

— Bailey, eu...

Ela pressiona o dedo contra os meus lábios, impedindo-me de dizer que eu a amo.

— Não diga nada, ainda não. — Sussurra com os olhos tristes. — Vá para casa e tome banho primeiro.

Ela não está desistindo de mim.

Meu peito se expande com esperança.

— Preciso ir à casa da mamãe pegar Sunday e quero que você venha comigo. Depois, podemos levá-la ao parque antes de deixá-la dormir. Porque esta noite, eu farei o jantar.

— Você fará? — Ela pergunta, sua voz provocante.

Eu a puxaria contra mim, mas realmente estou fedendo agora. Ela é corajosa estando tão perto.

— Sim. Então, você passará o dia comigo e Sunday, a noite comigo cozinhando e assistindo um filme?

Ela sorri.

— Adoraria.

— Ótimo.

Devolvo a xícara de café e ando para porta da frente. E de pé ali, viro para ela, encontrando-a ainda me observando com um sorriso bonito e bobo no rosto.

Sorrio passando meus olhos para cima e para baixo em seu corpo.

— A propósito, pijama fofo.

Sorrio de sua expressão e passo pela porta. Meus pés esmagam algo e franzo a testa, encarando a camada de sujeira e pequenos pedaços de cerâmica quebrada.

Coloco minha cabeça de volta para dentro.

— E você realmente deveria limpar isso. Terá pessoas andando pela casa.

— Você fez isso! — Ela diz.

— Eu fiz?

— Sim, agora vá, antes que mude de ideia.

— Não antes de explicar como fiz isso. — Exijo de brincadeira. Olho ao redor para ver o que eu fiz, mas não há nada além de uma sacola preta aqui.

Talvez ela apenas pense que fui eu por causa do cheiro de ovo.

Ela joga um par de tênis para mim e eles se parecem muito com os meus. Eu me abaixo antes que me acertem e olho para

os meus pés, percebendo que eles são, na verdade, meus. Sorrio pegando-os.

— Está bem, está bem. Eu vou.

— Tchau. — Ela fala enquanto ando pelo jardim, volto, então estou de frente para ela. Ela está parada na porta, segurando o batente da.

— Esteja pronta em trinta minutos. — Digo a ela.

— Por quê? Você leva uma hora apenas para arrumar o cabelo. — Sorrio.

— Ah! A garota sabe contar piadas.

— Não é uma piada, é a verdade. — Ela se vira.

Sorrio soprando-lhe um beijo antes de subir as escadas, conscientemente toco meus cabelos. Estão duros como pedra.

Quantas vezes Maddox me acertou?

Entro no meu apartamento e ouço meu telefone tocar no sofá. Rapidamente agarro, atendendo a chamada.

— Olá?

— Bom, você está vivo. Estive preocupada a manhã toda. Sabia que Maddox foi deixado na casa de Lily pela polícia na noite passada? Pensei que algo aconteceu com você quando não consegui entrar em contato. — Minha mãe reclama.

— Ele foi? — Pergunto, pensando nas duas garrafas de vodca que compramos quando escolhemos os ovos.

— Sim. Ele estava seminu e nadando na piscina ao ar livre.

Hã.

— Qual piscina?

— Aquela no parque.

— Não é uma distância de quinze minutos?

Mamãe suspira.

— Sim. Evidentemente, seu irmão disse ao taxista que o endereço era uma brincadeira. Ele simplesmente não conseguia lembrar se você ainda estava no táxi com Maddox ou não, então eles o procuraram a manhã toda.

— Espere, então Mark deu ao motorista de táxi o endereço do centro de lazer? — Pergunto, em seguida, começo a rir. — Por que Maddox foi lá?

— Ele estava bêbado, Aiden, então quem sabe.

— Ligarei para ele. — Digo a ela ainda rindo.

— Ok. Apenas queria ter certeza de que você estava bem e em segurança.

— Sunday está bem? — Pergunto antes que ela termine a ligação.

— Ela está bem, Aiden. — Mamãe diz. — Mas o pai dela parece mal.

Sorrio.

— Sinto isso. — Admito. — Estarei aí em breve para pegar Sunday. Você ainda está livre para ficar com ela novamente esta noite?

— Claro que estou. Amo tê-la aqui.

— Eu te amo, mamãe. Não demorarei muito.

— Também te amo, filho.

Termino a ligação e em vez de entrar no chuveiro, ligo para Maddox, com um sorriso no rosto, caio na gargalhada.

— Que porra você quer? — Ele explode.

— Bom dia, luz do sol. — Fico animado no telefone, apreciando o gemido de dor que se segue.

— Você é um bastardo.

— Mamãe e papai se casaram antes de me conceberem, então, tecnicamente, não sou bastardo. — Afasto, entrando no meu quarto. Eu o coloco no viva-voz, deixando o telefone na cama para que possa tirar minhas roupas.

— Droga! — Ele geme e ouço apertando o telefone. — Eu matarei Mark quando o vir.

— Onde Liam foi?

— Ficou nebuloso depois da primeira garrafa de vodca, mas saiu para pegar mais ovos. Falei com ele esta manhã.

— E ele não voltou?

Maddox solta uma risada rouca.

— Não. Estava invadindo a casa de Charlotte, porque a loja estava fechada. Ele sabia que ela os armazena como se o mundo acabasse amanhã.

Eu rio.

— O que aconteceu?

— Landon aconteceu. Estava no meio da janela da cozinha quando Landon o puxou pela camiseta e começou a bater nele. Está um pouco dolorido esta manhã.

Sento na beirada da minha cama de cueca, segurando minha barriga enquanto rio. Isso me lembra da vez em que ele voltou para casa depois de sair com seus amigos no meio da noite. Ele ficou bêbado e no caminho de volta, esbarrou nos pratos que secavam no corredor, quebrando alguns no processo. Meu tio Max achou que alguém estava tentando roubá-lo e borrifou seu rosto com spray de cabelos. Nunca escapou novamente.

— Mamãe disse que você foi nadar. Por que entrou?

Ele geme.

— Eu nem me lembro. A última coisa que recordo é Mark chamando um táxi e depois a polícia me levando para casa.

— Gostaria que pudéssemos ter gravado você fazendo isso.

— Foda-se você. E aposto que fez algo idiota na noite passada.

Eu sorrio.

— Não. A não ser que você conte como estupidez desmaiar no sofá de Bailey, o que não sei como aconteceu, então não.

— E você não disse nada nem fez nada? — Pergunta ele, como se não acreditasse em mim.

— Maddox, acredite em mim. Posso lidar com a minha bebida melhor do que você. Não fiz nada. Ela teria dito alguma coisa. — Digo a ele.

—Tudo bem, certo. E de qualquer forma, vou dormir. Preciso me livrar dessa ressaca. — Diz ele. — É uma ressaca se você ainda está chapado?

— Não sei. — Admito. — Eu falo com você depois. Vou me arrumar. Tenho um encontro com Bailey.

— O que? Ela o perdoou?

Eu me sinto mais leve em semanas quando respondo a ele.
— Sim.

— Bem, se você diz. Seja cuidadoso, as mulheres jogam sujo. Provavelmente está esperando você baixar a guarda antes de cortar seu pau.

— Bailey não é assim. — Digo.

É?

Ela não faria isso comigo, certo?

— Ninguém pensou que Hayden fosse assim, mas veja como ela é doce antes de se transformar em uma fera.

— Isso é com Hayden. E se os rapazes se apaixonam por essa besteira, a culpa é deles. Bailey não é assim.

— Todas as mulheres são assim. Lembre-se de Charlotte, que não mataria uma mosca, mas nós a pegamos empurrando muffins na garganta daquele cara?

Pensar no cara que fodeu Faith faz meu sangue ferver.

— Eu não estava lá, lembra?

— Ah, merda! Você estava fazendo Sunday. — Ele responde. — Bem, você deveria estar lá. Pensei que ela o sufocaria com seus muffins.

— Isso soa tão errado. — Digo a ele.

— E se você não provou um de seus muffins. — Ele se queixa. — Agora foda-se, preciso do meu sono de beleza.

— Você precisa mais do que dormir para acabar com essa cara feia linda.

— Dane-se, idiota. Falo com você amanhã ou na próxima semana.

Eu rio no telefone. — Tchau.

Antes do término da ligação, ele resmunga: — Malditas pessoas da manhã.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Bailey

Encontrar os pais de Aiden formalmente pela primeira vez não foi tão difícil quanto pensei que seria. Sua mãe é tão adorável quanto me lembrava. No dia em que me deitou na cama de Aiden para descansar, me tratou como se fosse parte da família. Foi legal.

Seu pai, apesar de assustar com suas tatuagens e expressão pensativa, também não é tão rabugento quanto aparentava. Podia ver que ele ama seu filho e sua neta. Também conheci outra de suas primas, Ciara. Ela parecia divina, assim como o restante de sua família.

Caminhando no parque, luto pensando no que dizer a Aiden. Não foi desconfortável essa manhã quando ele acordou, então não estou entendendo por que é agora. Tudo parecia bem quando ele saiu para tomar banho e trocar de roupa.

Não foi até me pegar que a conversa ficou forçada. Ele pulava toda vez que me movia ou falava e estou preocupada que jogar seus sapatos nele o tenha assustado de alguma forma.

É como lidar com uma criança traumatizada.

Passei a maior parte da noite observando-o dormir, para ter certeza de que não se engasgasse com o vômito. Não dormir o suficiente afetou meu humor, o que não está ajudando minha

paranoia. Estou cansada, irritada e não terei tempo para tirar uma soneca, já que ele planejou passar o dia inteiro comigo. E de jeito nenhum o farei mudar de ideia, apenas para ir dormir. O sono pode esperar está noite.

Mas não aguento mais esse estranho silêncio. Está me matando. Estive cercada pelo silêncio por anos e ele encheu minha vida de risadas e barulho. Houve até momentos nas últimas duas semanas em que tirei meu aparelho auditivo e ainda silenciosamente desejei ouvir sua voz. Agora, não estou recebendo nada. Nenhuma palavra. Apenas olhares desajeitados.

— Sua mãe é realmente incrível. — Digo a Aiden. Ele para o carrinho em frente a um lago cheio de patos e cisnes.

— Ela é. — Diz ele sentando-se no banco.

Gemendo interiormente, sento-me ao lado dele, vendo-o olhar para mim cautelosamente pelo canto do olho e se mover no banco.

É isso. Preciso saber o que está acontecendo. Porque sei de fato que não estou fedendo. Verifiquei quando ele saiu do carro.

— Eu fiz alguma coisa para irritá-lo?

Ele pula, fazendo careta.

— Merda! — Sussurra. — Sinto muito. É apenas Maddox e algo que ele disse.

— Algo que ele disse?

Virando o corpo para mim, seu rosto mostra preocupação.

— Você realmente me perdoou? Estamos realmente bem?

— Claro, estamos bem. — Digo um pouco alto, perguntando o que trouxe isso. *Ele mudou de ideia e apenas quer ser amigo?* — E eu disse que não havia nada para perdoar. Você não dormiu com ela sabendo quem era e mesmo que soubesse, não é da minha conta dizer o que fazer.

— E você falou sério? Não está mentindo para que possa cortar minhas bolas quando eu estiver dormindo ou algo assim?

Ergo as sobrancelhas e respondo. — Hum, não. Por que mentiria para você?

Perdi alguma conversa que tivemos ou algo assim? Porque isso surgiu do nada.

— Maldito Maddox. — Ele geme esfregando o rosto.

— Maddox? O que ele tem a ver com isso?

— Nada. Apenas enchendo minha cabeça com lixo. — Diz fechando os olhos brevemente.

— Diga-me o que ele disse.

Seus olhos encontram os meus. — Ele estava apenas sendo Maddox. Eu nem sei por que o ouvi. — Diz, depois explica o que Maddox disse.

— Você realmente acha que sou tão vingativa assim?

— Não. Mas ele tem um jeito de fazer você acreditar no que diz. — Explica, parecendo envergonhado.

Eu sorrio. — Então, se ele dissesse que um leopardo estava solto, acreditaria nele?

Ele ri, assentindo. — Não zombe de mim. Apenas espere até que ele faça isso com você. Fica tão animado com o que está dizendo que você não tem motivo para não acreditar.

— Oh! Eu posso ver.

— Sinto muito. Sou um idiota. Sou novo em tudo isso e realmente fodido. — Diz um pouco vermelho.

Eu coloco minha mão sobre a dele, descansando entre nós no banco e gentilmente aperto.

— Está tudo bem. — Digo a ele, lutando contra um suspiro. — Podemos simplesmente esquecer aquela noite no pub, por favor?

— Por quê? — Ele pergunta olhando para cima de nossas mãos unidas bruscamente.

— Porque não quero que você continue tendo que dizer que sente muito. Deixei toda a dor que elas causaram, as coisas que *fizeram*, ferver dentro de mim e joguei em você.

— Mamãe sempre diz que machucamos aqueles que mais amamos. — Sussurra.

Nossos olhos se prendem em um olhar intenso, lutando para que nenhum de nós desvie o olhar.

— Então ela está certa. — Sussurro de volta.

Um pássaro voa baixo, se jogando entre nós, gritando e rompendo nossa conexão. Aiden balança a cabeça antes de alcançar o saco de pão que sua mãe deu para ele. Traz um sorriso ao meu rosto quando lembro dela entregando a ele, dizendo que já tinha picado o pão. Corou como um garotinho, enquanto seu

pai ria e brincava com ele, oferecendo-se para tirar a casca de seu sanduíche.

— Você quer alimentar os patos?

Finalmente, sentindo que as coisas estão boas entre nós novamente, aceno.

— Por que você não leva Sunday um pouco mais perto? Quando os patos vierem, tirarei uma foto. Você deveria ter uma lembrança de seu primeiro dia no parque.

Ele sorri. — Nunca pensei em fazer isso. Eu tenho preenchido o livro do bebê que mamãe e papai me compraram, mas ela ainda não tem idade suficiente para a maior parte disso.

— Pelo menos você pode adicionar essa foto ao álbum: seu primeiro dia no parque. — Digo a ele.

Ele sorri para mim enquanto empurra o carrinho para mais perto da lagoa, antes de jogar pão na frente do carrinho de bebê.

— Não tão perto. — Grito o alertando, minha mão pronta com a câmera.

Mas é muito tarde.

Tiro a foto assim que pássaros, patos e cisnes se juntam ao seu redor, com a boca aberta e os olhos horrorizados.

— Aiden. — Grito andando em direção a ele, mas um pássaro quase me atinge, impedindo-me de chegar até eles.

Grita como uma alma penada quando pousam alguns pombos em cima do carrinho de bebê. Freneticamente, ele tenta retirá-lo, mas os pássaros famintos não saem. Nenhum deles.

— Xô, seu maldito verme.

Um cisne bica sua perna e ele uiva, seus grandes olhos em pânico encontrando os meus. Minha boca está aberta, imaginando quem os alimentou com esteroides e velocidade. Eles estão agindo de forma insana, como se não tivessem sido alimentados em semanas.

— Tire ela daqui. — Grita enquanto o saco de pão rasga um pouco.

Todos de uma vez se dirigem para ele e o pão, afastando-se lentamente de Sunday. Apressando-me, pego o carrinho e a puxo para longe dos pássaros loucos.

Os braços de Aiden começam a falhar, tentando afastá-los, mas não adianta. Ele tem algo que querem e não parece que vão parar até conseguirem.

Coloco minha mão sobre a boca para abafar a gargalhada escapando do meu peito. Ele grita mais alto, tropeçando em um enorme cisne, que não gosta de esperar para ser alimentado e começa a bater em Aiden implacavelmente.

— Corra! — Ele grita, voltando-se para um cisne. — Saia daqui!

Vejo como ele tenta lutar contra eles, mas mais aves saem da água e vão direto para ele. Mal posso ver Aiden quando pulam sobre ele, apenas ouvindo seus gritos de dor.

— Aiden. — Alerto quando ele rasteja mais perto da água.

Eu não deveria rir, mas é difícil.

O saco de pão na mão chama minha atenção.

— Oh, meu Deus, jogue o pão!

Ele olha para mim através do bando de pássaros antes de inclinar a cabeça para cima, seu olhar pousando no saco de pão acima da cabeça, ainda apertado com força no punho. A maior parte do saco foi rasgada e quando ele o joga, o pão cai por todos os lados.

Todos eles se afastam, atacando o pão como se nunca tivessem sido alimentados. Eu vejo Aiden se levantando, limpando sua calça jeans e soltando um suspiro. Estou prestes a dizer a ele que há um pedaço de pão no ombro quando dois cisnes se lançam sobre ele.

Ele grita, recuando e estendendo a mão como se estivesse tentando domá-los. Mas não adianta. Não há como pará-los e vejo o segundo em que ele percebe quando seus olhos se arregalam e sua pele empalidece, o pânico se instala claramente.

— Aiden. — Grito, pronta para correr, mas é tarde demais. Seu olhar encontra o meu quando ele cai, seus braços balançando em grandes círculos, como se isso fosse impedi-lo de cair. Ele cai de costas na água, o barulho alto me faz estremecer. — Puta merda!

Ele aparece resmungando, limpando a água do rosto e dos cabelos. Rapidamente tiro outra foto, gargalhando.

— Não é engraçado. — Ele rosna tentando sair da água. Começa a sair antes de entrar novamente e um grunhido descontente escapa dele.

— Oh, realmente é... — Digo a ele rindo ainda mais quando os patos começam a nadar até ele. A surpresa em seu rosto, apenas torna todo o incidente mais engraçado.

Ele olha para a água, os olhos arregalados ao ver mais patos. Eu nunca vi ninguém se mover tão rápido quanto ele, lutando para sair da água e da linha de fogo.

Ele corre até nós, segura o carrinho com uma mão e minha mão na outra.

— Você está tornando isso pior, rindo, sabe? — Murmura enquanto corremos de volta, a água saindo de seus tênis. Eles rangem e luto para respirar através das minhas risadinhas. É tão engraçado.

— Sinto muito. — Digo. — Mas você acabou de ser atacado por patos.

Ele para nos portões de frente para mim, o rosto vermelho. Pequenas marcas cobrem seu rosto, pescoço e braços, sua camiseta está rasgada no ombro em dois lugares.

— Você viu o tamanho daquele cisne? E quando ele abriu suas asas para mim? Ele ia me comer. — Grita olhando para a lagoa como se temesse que pudessem ouvi-lo. — Liguei para o conselho. Há aves loucas e não é seguro para as crianças.

Olho para Sunday, dormindo profundamente.

— Ela está bem.

Ele olha para mim. — *Eu não estou!*

— Ah, coitadinho.

Seu olhar se intensifica. — Nem uma palavra disso para ninguém.

— Como explicará estar encharcado para sua mãe?

— Eu direi que tentava pegar algo para Sunday?

— O que? Um peixe?

Seus olhos se estreitam. — Sim, não, não sei! Pensarei em algo quando chegarmos lá. Terei que pegar algumas roupas do papai.

Inclino-me um pouco, cheirando-o. — E tomar um banho, porque você cheira pior do que os ovos esta manhã.

Ele geme.

— Podemos esquecer tudo isso? Podemos começar novamente e fazer outra coisa? — Diz ele parecendo triste. — Apenas não neste parque. — Acrescenta rapidamente.

— Ouvi dizer que os patos são maiores em Hetsford.

Sua cabeça gira lentamente para me encarar, a boca aberta e os olhos redondos.

— Nunca e quero dizer, nunca mencione patos novamente. Eu ficarei surpreso se puder ter mais filhos depois de hoje. — Ele anda, suas roupas pingando um rastro de água atrás dele. Sorrio e tiro outra foto.

Certamente mostrarei a seus pais.

Posso até enviar para Lily e Charlotte.

— O que você quer dizer? — Pergunto, correndo para alcançá-lo.

Nós seguimos para casa de sua mãe e ele grunhe para qualquer pessoa que se atreva a olhá-lo. Espera até que ninguém esteja por perto antes de se inclinar, com os olhos cheios de tristeza e dor.

— Um deles avançou no meu pau. Eu juro, era como aquele brinquedo Woody, o Pica-pau que bica até chegar ao fundo. Mas em vez de se mover, ficou em um só lugar. Essa merda doeu mesmo com o jeans.

Ele olha ao redor com os olhos arregalados e um tom rosado nas bochechas. Eu paro de andar para segurar a parede quando começo a rir. Eu rio tanto que meu lado dói e tenho que me ajoelhar para me impedir de fazer xixi na calça.

Ele caminha de volta até que fica ao meu lado.

— Você pode levantar? Está chamando atenção para nós. — Sussurra.

Diz a pessoa que ainda está pingando água em todos os lugares.

Olho para cima, afastando a gota de água de sua camiseta que cai no meu olho e rio mais forte.

— Oh, meu Deus. — Suspiro. — Não posso respirar. — Limpo as lágrimas nas minhas bochechas, tentando não imaginar seu rosto quando os pássaros atacaram. Mas o faço e apenas fica mais difícil parar de rir.

— Foda-se. — Ele rosna antes de se abaixar e me pegar. Inclino-me para apoiá-lo. — Eu passei por uma experiência

traumática e você está rindo. Meus restos mortais seriam comida de peixe.

Olho para cima através das lágrimas. — Comida de peixe?

Ele revira os olhos antes de se afastar. Mais composta do que antes, o sigo, mas as pessoas olham fixamente, é difícil não lembrar do que aconteceu.

— Pule nas minhas costas. — Ele chama voltando para mim. Ainda rio como uma hiena e esse comentário me deixa séria olhando para suas costas confusa.

— O que? Por quê?

Ele para olhando para trás. — Porque minha cueca está queimando minhas bolas e você está demorando muito.

— Mas ficarei molhada. — Digo a ele enxugando minhas bochechas.

Seus olhos se dilatam escurecendo. — Mesmo?

Reviro meus olhos. — Eu prometo me comportar.

— Não. Suba ou carregarei você no meu ombro.

— Você não iria.

— Experimente. — Ele avisa sorrindo. — E se não fizer, farei uma grande cena com isso.

— Você tem Sunday. — Lembro-lhe.

— Eu sou mãe e pai agora. Posso ser multitarefa como um profissional.

Um passo para trás e ele avança, dobrando a cintura e me levantando por cima do ombro. Eu grito.

— Coloque-me no chão!

Ele bate na minha bunda. — Pare de pedir para bater em você. — Ele grita. — Há crianças presentes.

Eu posso sentir meu rosto queimando e não é de ficar pendurada de cabeça para baixo. — Aiden!

— Pulará nas minhas costas? — Quando não respondo, ele me bate novamente. — Pare de me tentar em público. Você pode esperar pelo sexo mais tarde hoje à noite quando o bebê estiver dormindo.

Eu olho para cima e vejo um casal de velhos em seu jardim. Eles estreitam os olhos com incredulidade, balançando as cabeças. Um homem se afasta de sua van, mas apenas sorri para nós.

— Ok. Você ganhou. Eu subirei nas suas costas.

Ele solta o carrinho e me desliza pelo seu corpo. Um arrepio de desejo me invade. Engulo o nó na garganta, mas nunca interrompo o contato visual.

Quando ele cobre o lado do meu rosto, eu suspiro, desejando fechar os olhos, mas também não querendo perder o momento.

— Eu mal posso esperar para ficarmos sozinhos.

— Vamos então. — Digo a ele, soando sem fôlego. Eu me movo ao redor dele e sem perder tempo, coloco minhas mãos em seus ombros e pulo. Envolvero as pernas em sua cintura, gritando quando ele me joga mais alto.

— Esta posição será divertida depois. — Ele diz.

Meu núcleo aquece. Levo a boca ao ouvido dele. — Tem que me levar para casa primeiro. — Sussurro.

Eu rio quando ele pega velocidade, de vez em quando parando para me levantar quando escorrego.

Eu não luto contra minha atração por ele. Não sou de jogar, nunca fui ensinada. E mesmo que tenha crescido de forma diferente, realmente acredito que o desejaria tanto quanto agora.

Para algumas pessoas, isso pode me fazer parecer fácil. Mas não sou. Confiei nele no primeiro momento em que o vi. Ajudou que ele diz o que pensa. Aiden não encobre as coisas.

Parece que esperei muito tempo para tê-lo.

E esta noite o terei.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Aiden

Termino de preparar as almôndegas e o espaguete antes de ir para a sala da frente. Deixei Bailey instalar o aparelho de som para o último filme do Jurassic Park. Quando entro ela está digitando em seu telefone rindo baixinho.

— Quem está mandando mensagens para você?

Ela pula, deixando cair o celular no sofá. — Merda. Você me assustou.

Apenas então, meu telefone vibra, em seguida, bipa no meu jeans. Olho para ela, ofegando em choque. — Você não fez!

Ela morde o lábio inferior. — O que?

Eu coloco os pratos na mesa antes de puxar meu telefone. Duas imagens aparecem; uma é minha logo antes de mergulhar na lagoa.

Tive que tomar um banho na casa da mamãe e um em casa para conseguir tirar toda a sujeira e lama de mim.

Acho que até engoli um pouco da água. Estremeço quando olho para foto. E se isso não foi humilhante o suficiente, a próxima foto é de um pato de aparência inocente.

Este pato é procurado para ser interrogado sobre um incidente que aconteceu no parque The Pond hoje cedo. Ele é

conhecido por ser violento, então, por favor, não o ajude. Dizem que o homem está em estado crítico.

Maddox: Charlotte postou isso no Facebook. Eu liguei para a tia Teagan: ela confirmou que é verdade. Estou rindo tanto agora.

Landon: Isso me faz rir.

Eu: IDIOTAS! Você não sabe sorrir, pare de mentir. E a imagem está fora do contexto.

Maddox: Ela tem outra foto da queda épica na lagoa. Peça à Bailey para gravar na próxima vez.

Ergo os olhos do meu celular e olho para Bailey. Ela me ignora. — Pegarei uma taça de vinho. Trarei uma cerveja.

Sento no sofá imaginando como sairei dessa.

Landon: Acho que ele está chorando.

Mark: Mamãe disse que ele tinha lágrimas no rosto quando voltou.

Eu: Eu estava pingando água!!!

Eu: E aqueles pássaros tinham super velocidade do caralho e esteroides. Eles me atacaram!

Landon: Você fará um relatório?

Eu: Foda-se! E quando foi que a Charlotte abriu conta no Facebook?

Landon: Ela queria ter certeza de que as pessoas soubessem o quanto os patos são violentos, então começou uma conta.

Maddox: E um grupo para conscientizar as pessoas.

Eu: Por favor, diga-me que você não está falando sério!

Mark: Ela adicionará você em breve. Está tentando descobrir como fazer isso.

Landon: A caminho para ajudá-la.

Eu: não acredito em você.

Mark envia um link. Clico e ele me direciona para um grupo no Facebook. Mais de quatro mil pessoas já são membros. O nome do grupo me faz gemer: *Patos perigosos, ataque no local*. Eu desço para a descrição e o detalhe é o conjunto do problema.

Eu matarei Bailey.

Meu telefone continua explodindo com mensagens, então rapidamente coloco para vibrar.

Ela entra cantarolando para si mesma. Pego meu prato de comida, amuado.

— Você está bem?

Meu garfo para no meio do caminho até minha boca com suas palavras. Eu o coloco no meu prato, virando para olhá-la. Ela chupa um fio de espaguete na boca, gemendo.

Lambo meus lábios me movendo no sofá.

Esqueço todo o dilema do Facebook e me concentro nesses lábios e os sons que escapam dela.

— Isso é tão bom. — Ela murmura gemendo novamente.

Meu pau cresce na calça. Limpo a garganta.

— Por acaso você enviou uma foto à Charlotte hoje?

Ela pisca inocente.

— Sim, ela queria ver o primeiro dia de Sunday no parque.

— Sêrio? — Comento secamente.

Seu rosto se ilumina. — Sim. contei a ela sobre o incidente com os pássaros também. Por quê?

— E quem fez os gráficos dessas fotos? — Ela perde a compostura e começa a rir. Então clica. — Espere, era isso que você estava fazendo em seu escritório enquanto eu tomava banho?

Ela limpa os olhos, endireitando-se.

— Sinto muito, mas eu não podia deixar passar a oportunidade.

— Ela colocou tudo no Facebook. — Grito magoado com a risada dela. — E montou um grupo. Você disse a ela para colocar no Facebook?

Ela ri. — Não. Esperava apenas que ela enviasse para sua família.

Ergo a sobrancelha para ela. — Ela enviou.

— Quantos amigos ela tem? — Pergunta, seus olhos iluminados com diversão.

— Eu não sei. Ela não tinha a página antes de hoje. Nossos pais eram rígidos em não usar as mídias sociais por causa do cyberbullying e tudo. Quando deixamos a escola, todos abrimos contas, menos Lily e Charlotte. Ela lerá: *o que você está pensando* todos os dias e realmente escrever o que está em sua mente.

— Não pode ser tão ruim. — Murmura comendo mais. Eu a olho, tentando não me distrair.

— Ela acordou mamãe e o papai uma vez porque ficava pensando nos gêmeos. Maddox nasceu primeiro e Maddi nasceu depois da meia-noite. Ela se perguntou se eles ainda eram classificados como gêmeos desde que nasceram em dias diferentes...

— Eles são? — Ela interrompe, parecendo interessada.

Reviro meus olhos. — Como se eu soubesse. Eles compartilham a mesma festa de aniversário mesmo ela tendo nascido dois minutos depois.

— Nunca pensei nisso. — Ela murmura.

— E de qualquer forma, o ponto da história é agradecer por me fazer tendência no Facebook. — Digo secamente quando ela não parece se importar.

— Você não faz tendência no Twitter?

Meus olhos se arregalam esperando que Charlotte também não tenha o Twitter.

Eu sorrio. — Eu sou Aiden Carter. Sou tendência em qualquer lugar.

— Você atenderá o telefone?

Eu olho para a mesa onde meu telefone está vibrando, então a olho como se ela tivesse perdido a cabeça. — Ouvi-los me chamar de mulherzinha? Não, obrigado.

Ela geme.

— Eu não entendo. Eles estão basicamente dizendo que mulheres são fracas. Mas se você pensar sobre isso, os homens apenas têm que bater de leve na região da virilha e é como

assistir a um jogador de futebol tentando cavar um pênalti. Age como se tivesse sido atingido por uma tábua. Você não vê mulheres fazendo isso.

Sorrio, inclinando-me para o sofá.

— Enviarei uma mensagem para eles mais tarde e direi para me chamarem de babaca em vez disso.

— Não, patinho parece apropriado.

Eu estreito meus olhos para ela. — Engraçado.

— Quack, quack!

Eu rio de seu senso de humor antes de terminar o resto da minha comida.

*** **

Não assistimos nem vinte minutos do filme e Bailey está chorando na minha camiseta. Sou a favor dela se agarrar em mim, mas chorar, mesmo sendo durante o filme, dói meu coração. Deito de costas no sofá, balançando meus pés e a deito diretamente sobre mim.

— Ei, o que você está fazendo? — Ela murmura contra o meu peito ainda fungando.

— Ficando confortável.

Olha para mim, seus olhos brilhando com as lágrimas. Mesmo chateada, ela é a garota mais linda que já vi.

— Oh! — Sussurra, antes de olhar de volta para a televisão.

Enquanto ela move seu corpo para ficar mais confortável, sua boceta esfrega no meu pau, fazendo-me gemer quando me sinto endurecer.

— Eu o machuquei? — Pergunta olhando de volta para mim com aqueles grandes olhos redondos.

— Não. — Falo com minha voz rouca.

Nossos olhares travam, nenhum de nós desvia o olhar. Não que eu queira. Poderia olhá-la o dia todo.

Gentilmente empurro para trás os cabelos grudados em seu rosto molhado e seus lábios se separam.

Sentindo que esse é o momento, deslizo seu corpo até que seu rosto esteja nivelado com o meu. Sua respiração está forte, seus seios pressionados contra meu peito. Eu roço meu nariz contra o dela e seu peito levanta com um pequeno suspiro.

Quando afasto, tenho que lutar para não desviar o olhar. O jeito que ela está me olhando... como se fosse o centro do universo. Nenhuma outra garota conseguiu fazer isso comigo; sinto como se me destacasse do resto da família. Somos todos bonitos e as garotas brigam por nossa causa, mas tendo a chance, elas pulam de uma cama para a outra apenas para dizer que já estiveram com todos nós.

— Por que é que quando você olha para mim, é como se pudesse ler minha mente? — Sussurro com voz rouca, esfregando meu polegar para cima e para baixo em sua bochecha.

— Estava pensando em algo parecido. É quase como se você pudesse me ler, como se visse quem sou, por dentro e por fora.

— Apenas porque você deixou. — Admito. A confiança que ela me dá livremente é humilhante, especialmente sabendo sobre seu passado e quantas vezes ela foi fodida. Pensar em tudo o que me contou esta manhã parece uma vida inteira atrás.

Fiquei bêbado na noite anterior, pensando que acabou o que nós compartilhamos. Tinha tudo na minha vida como certo, confiando que sempre estaria lá. Então ela se foi e não pude ficar de pé. Eu não via um caminho de volta para nós.

E agora estou aqui, com ela em meus braços e nunca darei nada por certo novamente.

— Porque você torna mais fácil. — Diz de repente. Ela pisca lentamente, como se não quisesse deixar isso transparecer.

Um sorriso aparece no canto da minha boca e a puxo para cima, então Bailey tem que se inclinar sobre mim, seu rosto diretamente acima do meu.

Seus cabelos caem como uma cortina, cobrindo-nos. Ergo minhas mãos e seguro seu rosto, meus polegares em suas bochechas e então, puxo seu rosto para o meu.

Eu fecho meus olhos, não lutando contra o gemido que escapa quando seus lábios encontram os meus. Ela está tão perto. Em todo lugar. Suas mãos percorrem meu peito, seu corpo relaxa e não posso lutar contra o desejo.

É poderoso e enlouquecedor.

Afasto para recuperar o fôlego, o gosto dela ainda na minha boca. E anseio mais, anseio por ela.

Seus olhos estão cheios de desejo e antes que possa sugerir para irmos com calma, ela agarra meu rosto em suas próprias mãos, mantendo-me imóvel antes de colocar seus lábios de volta nos meus.

Eu gemo em sua boca, agora segurando sua bunda. A satisfação surge quando ela solta um gemido sem fôlego, esfregando-se contra mim.

Incapaz de lidar com isso por mais tempo e precisando estar dentro dela, aperto sua bunda com força e a coloco na beirada do sofá. Ela grita surpresa, afastando para me olhar.

Bailey está tão afetada quanto eu, se não mais e algo se inflama dentro de mim.

— Preciso de você. — Digo a ela, o desejo aparece em minha voz.

Nem mesmo me importo não saber para onde estou indo, levanto nós dois do sofá em direção às escadas.

Ela beija o lado da minha boca, movendo-se ao longo do meu queixo e pescoço, depois lambendo em direção ao meu ouvido.

Foda-se.

Bato ela contra a parede e ouço uma moldura caindo no chão. Nenhum de nós olha ou até mesmo se importa enquanto continuamos tocando a boca um do outro. Ela agarra os cabelos da minha nuca, usando-o para controlar o beijo. Eu tento retardá-lo, querendo fazer isso corretamente, todo

romântico e tal, mas algo surge como um arrepio e ela me beija como se não pudesse respirar sem mim.

O fogo explode dentro de mim quando suas unhas arranham minhas costas, tentando levantar minha camiseta. Deixando-a no chão, ela se move para mim, bêbada de luxúria. Eu a seguro enquanto uso uma mão para tirar minha camiseta. Sua língua toca o lábio superior, seus olhos avidamente me comendo.

— Sua vez. — Rosno, apenas segurando por um fio. Eu nunca me senti tão excitado na minha vida e a necessidade que sinto de tê-la é crescente. Ela é viciante.

Eu puxo sua camiseta sobre a cabeça, tentando ser tão gentil quanto posso, não querendo assustá-la. Ela não parece se importar, suas mãos indo atrás de suas costas para soltar seu braço.

No segundo em que seus mamilos rosados aparecem, levanto-a de volta na parede e coloco um na minha boca.

Ela grita, agarrando meus ombros enquanto arqueia as costas para me dar mais. Sempre me dando mais.

Eu mostro o mesmo carinho com o outro.

Preciso de uma cama antes de transar com ela bem ali, com força, contra a parede. Bailey protesta quando me afasto tentando se aproximar. Sorrio contra seu mamilo e ele endurece mais. Sorrio olhando para ela.

— Cama?

— Lá em cima, primeiro corredor à esquerda, porta à direita.

— Ela diz rapidamente, atropelando-se.

Sorrio contra seus lábios e a beijo novamente, em uma névoa, subo as escadas, derrubando algumas fotos e outro vaso no caminho.

No corredor, perto da porta que ela mencionou, paramos e nenhum de nós respira quando nos agarramos, abrindo o jeans um do outro. Ela abre meu zíper, mas antes que possa puxar minha calça, seguro a dela pelo cinto e fico de joelhos, puxando pelas pernas. Eu beijo o interior de sua coxa e um gemido rouco escapa. Olho para cima, hipnotizado quando ela joga a cabeça para trás. Lambo subindo até chegar à calcinha, apreciando a forma irregular de sua respiração. Quando não vou mais longe, ela olha para baixo, seus olhos arregalados de espanto e seu peito arfando.

Bato na parte de trás de sua perna, um pedido silencioso para sair de seu jeans. Ela sai e antes que eu perceba, está parada na minha frente com nada além de uma calcinha preta rendada.

Eu a beijo logo abaixo do umbigo antes de levantar e pressionar um breve beijo em seu mamilo. Puxando-a em meus braços, levo-a até o quarto, apreciando seu corpo nu pressionado contra o meu.

Não me incomodo em acender as luzes do quarto dela ou chutar a porta atrás de mim. Eu a deito na cama, acariciando suas coxas abertas. Ela as abre ansiosa e olha para mim com tanta confiança e amor.

Sofro por ela me tocar, mas sei que, se o fizer, acabará rápido demais.

— Por favor. — Ela chora quando continuo olhando-a.

Sorrindo, deslizo meu dedo pelo seu estômago, antes de passar minha língua contra o interior de sua coxa novamente. O estômago dela sobe enquanto ela arqueia as costas e uso a oportunidade para tirar sua calcinha. Prende a respiração quando deslizo a língua mais alto.

Gemendo com o pulsar entre as minhas pernas, rapidamente tiro meu jeans.

Ela tem um gosto doce e o primeiro golpe da minha língua faz seu corpo inteiro estremecer. Eu a abro para mim, lambendo sua fenda e amando como ela grita meu nome.

— Aiden, por favor, preciso de você dentro de mim.

— Ainda não. — Eu gemo, imaginando quanto tempo durarei se ela continuar implorando.

— Por favor. — Ela pede fechando as pernas, embora arqueando sua boceta para mim. Rosnando, beijo seu corpo. Nunca vi nada tão perfeito na minha vida.

Provocando seu mamilo, passo a língua sobre ele antes de tomar sua boca em um beijo duro e punitivo.

— Preservativo. — Ela diz chegando até a gaveta da mesa de cabeceira.

— O que? — Eu rosno, perguntando por que os tem. Disse que não teve um namorado antes, a menos que conte aquele idiota com quem transou há um bom tempo e não quero pensar nele agora.

— Meu avô os mantém. — Diz, correndo para abri-lo. Sua expressão fica incerta e ela morde o lábio inferior. — Não sei como colocar. Nunca fiz isso antes.

Gemo, sentindo-me vazar com suas palavras.

— Mostrarei da próxima vez. Agora apenas quero estar dentro de você.

Ela sorri, assentindo. Afasto um pouco, ficando de joelhos e deslizo o preservativo no meu pau. Olho para cima para encontrar sua boca aberta, antes de olhar para mim com medo em seus olhos.

— Não me pergunte se encaixará. — Digo rapidamente, inclinando-me sobre ela.

— Mas...

— Confie em mim. — Sussurro, roçando meus lábios contra os dela. — Você foi feita para mim. Eu me encaixarei.

Ela ofega quando meu pau toca sua entrada, seus mamilos roçando meu peito. Um gemido gutural me escapa quando meus dedos deslizam em sua umidade, provando-a antes de alinhar meu pau. Ela tenciona brevemente, mas um rápido movimento da minha língua contra a dela a suaviza. Em um impulso, entro devagar e a respiração dela para.

— Oh, meu Deus. — Ela diz.

— Você está bem?

— Por favor, foda-me, preciso de você. — Ela apressa. Suas pernas apertam minha cintura, empurrando-me ainda mais

dentro dela. Eu gemo, fechando meus olhos com tamanho prazer. — Por favor.

Afasto uma mecha de cabelo do rosto dela e me movo para dentro e para fora, lentamente no início, até que seu corpo está ondulando sob mim. Suas unhas cravam nos músculos das minhas costas e com cada impulso, eu a observo. Eu vejo sua expressão cheia de prazer e empurro com *mais* força, *mais* forte.

Nossos olhos se fecham enquanto estico seus braços acima da cabeça, tocando seus seios com a boca. Chupo e lambo.

Suas unhas cravam nas minhas costas.

Eu entro com mais força, mais áspero, indo tão profundo dentro dela quanto seu corpo me permite. Ela grita a cada golpe, suor aparecendo em sua testa.

— Mais. — Ela move seus quadris no ritmo dos meus.

Gemo, sentindo meu clímax crescendo, deixando-me louco. Os seus pés cravam em minha bunda de repente, batendo-me tão forte dentro dela que meu clímax me rasga. Ela grita quando seu próprio orgasmo a ataca, suas paredes apertando com tanta força o meu pau, ordenhando-me, que juro que poderia gozar novamente.

Esmago minha boca contra a dela, abafando o som para que eu possa sentir o gosto. Seu corpo treme, sua boceta me aperta, fazendo meu pau agora semiduro se contrair, ficando mais duro.

Seus olhos se abrem quando os estremecimentos diminuem e um olhar tão terno e amoroso passa entre nós.

— Eu te amo. — Digo sem desviar o olhar.

Seu olhar segura o meu e seus olhos começam a se encher de lágrimas enquanto sua mão toca meus cabelos molhados.

— Eu também te amo, Aiden. — Ela me diz e relaxo sobre ela. Não percebi o quanto precisava ouvir essas palavras até que ela as disse. Nem percebi que estava com medo de que ela não se sentisse da mesma maneira.

— Pronta para aprender como colocar um preservativo?

Ela ri, brilhando de felicidade quando balança a cabeça. Nós não perdemos tempo, ambos determinados a memorizar cada parte do corpo do outro.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Bailey

Rendida, olho para o chão, sorrindo para mim mesma quando vejo mais três preservativos se juntarem ao primeiro.

A noite passada foi alucinante. Eu não sabia que sexo poderia ser assim. Acho que uma parte de mim nunca quis que fosse, não depois do que Owen fez comigo. Aiden provou mais e mais, no entanto, que o sexo poderia ser especial.

E o homem é especial.

Estava dolorida em todos os lugares certos.

A mão de Aiden no meu quadril, lentamente me aperta quando estendo a mão para colocar meu aparelho auditivo de volta. Minha respiração para e ele solta uma risada gutural. Desliza as mãos sobre meu estômago, vagando até que ele está segurando um seio. Movo minha bunda, sentindo que já está duro.

Ele se inclina para frente, beijando meu ombro.

— Como posso querê-la novamente? Não achei que meu pau voltaria a funcionar depois da última vez.

Sorrio.

— E se eu tiver outro orgasmo, tenho medo de morrer.

Ele beija meu ombro novamente. — A morte pelo orgasmo é o melhor tipo.

Um bocejo me escapa. — Deus, acho que poderia dormir o dia todo.

Ele ri contra meu ombro, seus dedos puxando e torcendo meu mamilo em deliciosa tortura. — Sou tão bom assim.

Eu rolo de costas e ele se move para me dar espaço. Meus seios estão nus e ele lambe os lábios enquanto os olha.

— Ou eu sou tão boa assim? — Provoco.

Nossos olhares se encontram e ele sorri. — Oh! Você é *boa*. Montou-me com força.

Sinto minhas bochechas vermelhas e ele ri baixinho, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Eu transei com você de todas as maneiras imagináveis, lambi e toquei cada centímetro do seu corpo e ainda consegue ficar tímida, ainda consegue corar.

Calor e desejo surgem dentro de mim. Inclino-me para beijá-lo, mas seu telefone toca em algum lugar no chão do quarto me assustando.

Ele franze a testa. — Eu não deveria ter colocado isso para tocar. Matarei se Maddox estiver ligando para me zoar.

Eu rio, puxando o cobertor para cobrir meus seios. Ele sorri antes de balançar a cabeça e pular da cama, gloriosamente nu. Um arrepio me percorre pela visão. Ele não tem vergonha de seu corpo, não tem razão para ter.

Mas vê-lo na luz da manhã... fico sem palavras.

— Ei mamãe. O que? Hum... sim. Eu já acabei. Sim, também te amo. — Diz ele, perdendo seu brilho feliz. Ele termina a ligação, olha para mim com tristeza nos olhos. — Era a minha mãe.

Eu me endireito. — Está tudo bem? Sunday está bem?

Ele senta no final da cama e rastejo para baixo com o lençol ainda sobre mim e o abraço por trás, descansando meu queixo em seu ombro.

— Sim. Ela finalmente recebeu uma resposta da funerária. Nós temos permissão para enterrar Casey.

— A mãe de Sunday? — Pergunto.

Nós apenas falamos sobre ela por alguns instantes. Ele se sente terrível por não estar lá. Ela sabia dos riscos de levar a gravidez de Sunday até o fim. Sabia que havia uma chance de não sobreviver para manter seu bebê. Mas fez porque a queria mais do que qualquer coisa.

Ele sente culpa por isso, por não estar lá quando mais precisava de alguém. — Sim.

— Isso é bom, certo? — Pergunto, beijando seu ombro.

— Parece o certo. Sunday nunca a conhecerá. E o pior de tudo é que apenas temos sua carteira de motorista provisória como foto. Não temos mais nada. Ela não tinha Facebook e nem sabemos se tinha algum amigo, porque o endereço em sua licença agora tem novos inquilinos. Ficou no hospital nos últimos dois meses de gravidez.

Isso deve ter sido difícil para ela. Não digo isso em voz alta, não querendo que ele fique pior do que está.

— Sunday saberá que a mãe dela a amava, Aiden. Sacrificou sua vida por ela. Não consigo pensar em nada mais bonito que isso. Ela deu sua vida. Agora você pode dizer adeus e dar a Sunday um lugar para visitar. Você não estará sozinho. Estarei com você a cada passo.

Sinto o peso de seu olhar, olhando para mim com tanta emoção que não consigo ler. Uma parte gosta de ter saído da linha. Ele provavelmente não me quer envolvida. Mas me surpreende quando me agarra e puxa para seu colo. Envolver meus braços em seu pescoço.

Eu não posso dizer se ele é louco ou não.

— Eu te amo muito, Bailey. Um pai solteiro não é algo que você provavelmente desejou ter em um relacionamento. Mas essas palavras... essas palavras era o que precisava ouvir. Eu te amo. E pode ser egoísta da minha parte precisar de você comigo, mas não me importo. Não acho que posso fazer isso sozinho.

Passo meus dedos pelos seus cabelos pretos e bagunçados.

— Acho que você está errado. Pode fazer qualquer coisa, Aiden Carter. Veja como está amadurecendo por Sunday. Nunca conheci um pai tão dedicado e amoroso. Dê a si mesmo algum crédito, isso é novo. — Digo a ele beijando o canto de sua boca antes de me afastar. — Mas se isso ajuda, também te amo.

— Eu tenho muita sorte em tê-la. — Diz ele.

Precisando aliviar o clima, encolho os ombros e inclino a cabeça. — Sim, você tem.

Ele ri e um grito me escapa enquanto fica de pé comigo em seus braços.

— Mamãe precisa que eu vá até lá, mas acho que tenho tempo para fodê-la se tomarmos um banho juntos.

Sorrio descansando minha testa contra a dele. — Você não me ouvirá reclamar.

*** **

Quando saímos do táxi, algo me ocorre.

— Por que você não dirige? — Pergunto pegando em sua mão estendida. Ele une nossos dedos e borboletas voam em meu estômago.

— Eu preciso fazer o meu teste de direção novamente. — Admite olhando para longe de mim.

Espera, novamente?

E que olhar era aquele em seu rosto?

— Você reprovou?

Seus olhos encontram os meus brevemente antes de desviar o olhar e ele amaldiçoa em voz baixa.

— Algo parecido.

— Não mesmo, desembucha, senhor.

— Você não pode ficar com raiva de mim. — Diz, mas sai quase como uma pergunta.

Sorrio.

— Ok. Eu não vou.

— Eu dei em cima do meu instrutor.

— Você é gay? — Eu grito bem alto.

Harlow, sua adorável tia, que conheci no dia anterior, aparece atrás de mim batendo no meu ombro quando ela passa.

— Nós sempre pensamos que sim.

Sorrio, mas volto o olhar para Aiden em busca de respostas.

— Tia Harlow, isso é injusto. Eu sou um maldito garanhão.

Ela se vira, andando para trás com um sorriso no rosto. — Ah, ser jovem e ingênua novamente.

Rindo, a vemos entrar na casa, sem se incomodar em bater. Eu cutuco Aiden com meu quadril quando chegamos à porta.

— Era uma instrutora e estava sempre usando saias justas. Eu a convidei para sair, inclinei-me para beijá-la e ela me deu um tapa. Seguro meu estômago de tanto rir, olho para ele através dos olhos cheios de lágrimas. — Épico! — Minha risada desaparece. — Quando é o seu próximo teste?

— Primeira semana do próximo mês. Tive que esperar cinco semanas desde que a lista de espera do centro de treinamento mais próximo, que fica a uma hora de distância, é longa.

Sua mãe passa pela porta aberta.

— Você está aqui. Vamos e contarei tudo. — Ela diz terminando nossa conversa. Lentamente, observa nossos corpos, suas sobrancelhas franzidas, como se não conseguisse descobrir algo. Então seus olhos se arregalam, caindo em nossas mãos unidas. Ela olha para cima, sorrindo para nós.

— Vocês estão finalmente juntos?

Olho para Aiden, sem saber como responder. Posso sentir um rubor subindo pelas minhas bochechas. Não estou preocupada se ela aprova ou não, porque a mãe dele é adorável.

As bochechas de Aiden ficam vermelhas. — Sim mamãe, mas não faça disso uma grande coisa.

— Que grande coisa? — Seu pai, Maverick, pergunta, descendo as escadas.

Teagan vira, os cabelos dela chicoteando pelo ar.— Eles estão juntos. Juntos como um *casal*.

Seu pai sorri, dando a seu filho um aceno antes de me olhar.

— Você pode querer tirar seu aparelho auditivo quando ele estiver por perto. Chora como uma menina.

Eu sorrio. — Anotado.

Os olhos de Teagan se voltam quando ela dá um tapinha no marido. — Maverick, você não pode dizer isso.

Ele olha para ela, a pele entre os olhos enrugando. — Por que não?

— É desrespeitoso.

Aiden geme, apertando minha mão. — Por favor, não mude de ideia.

— Mudar de ideia sobre o que?

Ele geme mais alto.

— Sempre que acho que uma situação não pode piorar, mas então vocês aparecem. — Diz.

Eu me lembro do homem na minha frente desde o dia em que todos estavam brigando fora da minha casa. Ele sorri para Aiden, mostrando seus dentes brancos.

— Eu faço tudo melhorar. Você precisa de um pouco do tio Max agora?

Ah! Então é o tio Max que ouvi Aiden e os outros falarem. Eu posso ver porque eles o chamam de louco.

Ele abre os braços, pronto para abraçá-lo, mas afasta quando Aiden diz: — Vamos lá, Bailey. Eu quero abraçar Sunday.

— Espera, eles estão juntos?

— Sim. — Sua mãe responde com orgulho, fazendo meu coração inchar.

— Sem sexo antes do casamento! — Grita seu tio.

Sua tia Harlow levanta os olhos do sofá onde ela está com Sunday. Ela geme, estreitando os olhos.

— Cruel, Max. Eu disse para enrolar um pouco mais. Queria mais tempo com minha linda sobrinha.

— Você armou para mim? — Aiden pergunta soando ofendido.

Eu viro a cabeça para o lado tentando esconder meu sorriso.

— Você nunca deixa ninguém segurá-la. — Ela murmura levantando-se. — Quer uma xícara de chá?

Quando percebo que ela está falando comigo, aceno.

— Adoraria um café, se você estiver oferecendo. Leite com dois cubos de açúcar.

Ela acena com a aprovação. — Eu precisaria de todo o café do mundo se tivesse que ouvi-lo o dia todo.

— Você me ama. — Aiden brinca tirando Sunday de seus braços. Ele sorri para ela, seu rosto cheio de amor. — Não é, Sunday? Todos me amam. Sou o favorito deles.

— Eu morava com Max e você me lembra muito dele. Ele também não era meu favorito. — Ela brinca, piscando para mim quando ele olha para longe.

— Ei! Eu me ofendo com isso, mulher. — Max grita enquanto entra. Ele assusta Sunday, que começa a chorar. — Cristo! Sinto muito.

— Ela precisa de uma mamadeira de qualquer maneira. — Teagan diz suavemente. — Eu farei uma.

Aiden olha para ele antes de entregá-la para mim. — Eu faço, mamãe. — Diz a ela, antes de olhar para mim. — Você pode trocá-la enquanto preparo uma? As coisas dela estão nessa caixa.

— Claro. — Digo a ele e sento em frente à lareira e puxo sua caixa para mim. Pego o tapete e o cobertor, os coloco no chão.

— Pare de chorar, menina, senão papai terá um derrame.

Ela se acalma, então percebo que a sala inteira está em silêncio. Olho para cima quando a deito, estremecendo quando todos os olhares estão em mim. A boca de Teagan abre e fecha antes que vire para seu marido, a expressão ofendida.

— Eu fiz algo errado? — Pergunto verificando Sunday para ter certeza.

— Ele a entregou a você de bom grado. — Teagan de repente deixa escapar.

Eu olho para cima, surpresa com o comentário dela. — Ele faz isso o tempo todo. Não deveria? — Eles acham que estou tentando ser a mãe dela?

Teagan deve sentir o medo em minhas palavras, porque ela se ajoelha ao meu lado, colocando a mão no meu ombro.

— Não. Nós apenas temos que lutar para segurá-la. Estou surpresa que ele me deixou ficar com ela o fim de semana inteiro. No fim de semana passado, ele veio e a pegou cedo.

— Sério? — Pergunto.

Harlow zomba.

— Perguntei se poderia levá-la a uma loja para bebês em Easton e ele me deu uma lista de coisas que poderiam acontecer. Passou trinta minutos dizendo não.

— Eu pensei que todo mundo a segurasse. — Murmuro, sentindo calor no meu peito.

Teagan afasta a mão e quando a olho, ela está sorrindo. — Não se preocupe, todos nós temos nosso tempo de carinho quando ele está no trabalho.

— E se ele for parecido com o tio, quando chegar aos dois anos, a entregará a um estranho. — Resmunga Maverick.

— Sim. — Max concorda.

— Você não sentou Liam ao lado de outra família no McDonalds, porque ele estava fazendo bagunça?

Max sorri.

— Lake acabou comigo quando voltou do banheiro com Hayden. — Ele diz, explicando o que Maverick quis dizer. — Continuei recebendo olhares engraçados das pessoas e estava de ressaca.

Teagan zomba.

— Ainda não consigo acreditar que você fez isso.

Ele encolhe os ombros.

— Não era como se fosse deixá-los. Além disso, todos continuaram olhando, então a mãe pediu a um dos atendentes para chamar o gerente por causa do barulho que ele estava fazendo. Não ajudou quando colocou a mão coberta de molho de tomate, por toda a blusa branca dela.

Maverick riu, concordando quando ele se lembrou.

— Foi isso ... o gerente saiu para conversar com a mulher, mas você rapidamente sentou Liam ao lado deles.

Max riu, seus olhos se iluminaram com diversão.

— Sim, então caminhou até o gerente e disse que o filho deles estava fazendo muito barulho.

— O que aconteceu? — Pergunto, impressionada pela loucura.

Ele se vira para mim, sorrindo.

— Ele foi até ela e as coisas esquentaram quando ela negou que Liam fosse dela. Mas Liam estava na idade em que gostava de chamar todas as mulheres de mãe, inclusive eu. O gerente o viu destruindo sua propriedade e pediu-lhe para sair. Ela não gostou da atitude dele, então saiu. O gerente foi pegar Liam, entrando em pânico e pensando que uma mulher abandonou o filho, quando Lake saiu e começou a gritar, dizendo que ele estava tentando sequestrar seu bebê.

— Impossível? — Respiro fundo, os olhos arregalados.

Teagan ri. — Sim. Ela ficou irritada com ele por semanas.

Aiden entra, mas para quando percebe que estamos todos rindo.

— O que está acontecendo?

Eu respondo enquanto troco Sunday. — Eles estavam apenas me contando algumas histórias.

Ele olha para os pais com cautela. — Nenhuma sobre mim, espero?

— E se estiver falando sobre a época que você teve uma diarreia no banheiro modelo da loja B&Q, então, não, nós não estávamos. — Diz, sorrindo para seu filho.

Olhando para ele, arregalo meus olhos, antes que a risada venha.

— Por favor, não me diga que você tinha dois anos.

Suas bochechas ficam vermelhas e seu tio responde por ele.

— Seis ou sete anos, não foi, Aiden?

Ele o olha antes de se virar para mim e explicar.

— Ele. — Rosna, apontando o polegar por cima do ombro para Max. — Deu-me comida mexicana que comprou em uma lanchonete do lado da loja. Sequer tinha licença de alimentação ou certificado de higiene, mas soubemos disso depois. Eu estava com fome. E de qualquer forma, dez minutos em busca de novos azulejos com meu pai, tio Max e tio Malik, eu precisava ir ao banheiro. Não podia ver onde estavam os banheiros, então vi os banheiros modelos.

— Ele até fechou a porta. — Tio Max ri.

Termino de abotoar o vestido da bebê enquanto rio. — Você me surpreende todos os dias.

Aiden geme.

— Eu perco meu cartão de homem quando se trata de você.
— Ele fica de mau humor enquanto se senta ao meu lado.

Eu pego Sunday e a mamadeira da mão dele sorrindo. — Você tem um para começar?

— Eu gosto dela! — Max explode rindo enquanto vai para cozinha.

— Eu amo sua família. — Digo a ele.

Ele me dá um olhar seco, mas então seus olhos se iluminam.

— Então, no próximo fim de semana você pode vir torcer na competição Família do Ano.

— O que é isso? — Pergunto.

Um sorriso preguiçoso se ergue nos cantos de sua boca. — Você verá, Bailey James. Você verá.

Balanço a cabeça sorrindo amplamente.

Deus, nunca me senti tão feliz.

E se ele me quiser na Família do Ano, então estarei lá, torcendo. Porque, quer saiba ou não, andaria no fogo por ele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Aiden

Eu pulo nas pontas dos meus pés, tonto de excitação. Espero o ano todo por este dia. O dia em que começamos a esfregar nos rostos dos irmãos Hayes que somos melhores que eles. A vitória do ano passado do lado deles foi uma. Nós cometemos um erro ao subestimá-los. Este ano será diferente. Chegamos cedo para ter certeza de que não acabariam com a nossa lista. Temos vinte minutos antes dos jogos começarem para garantir que eles não mudem nada.

— Filho, vou para a barraca de Teagan e Hope. Elas estão anunciando a nova horta de Madison e vendendo alguns arranjos.

— Tudo bem, mamãe. — Digo inclinando para beijar sua bochecha. Puxo Bailey contra o meu lado quando digo: — Lembre-se que ela precisa se alimentar em uma hora.

Mamãe revira os olhos, mas olha para Bailey quando responde. — Ele age como se eu não tivesse criado quatro filhos.

Bailey ri, mas continua quieta. Eu sei que ela está nervosa por estar conosco. É um evento da cidade e todo mundo aparece.

— Até mais, mamãe.

— Fique a salvo. Tente não entrar em brigas com os irmãos Hayes.

— Como se pudesse. — Eu zombo.

Ela me olhar por cima do ombro.

— Você disse isso no ano passado e depois eles venceram. Três de vocês acabaram no hospital. Não se meta em confusão, Aiden. Estou falando sério.

Merda, ela usou a voz de mãe. Engulo, assentindo. — Sim, mamãe!

Bailey se inclina para mim, sussurrando: — Você acabou de se mijar?

Eu limpo minha garganta. — Sim, apenas um pouco.

— Quem é a família do ano? — Maddox grita pulando entre nós para nos separar. Ele envolve o braço ao redor de nossos ombros, sorrindo como um homem louco. — Nós os destruiremos. Sinto muito pequenina, mas você precisa ser um Carter para participar. Tentamos colocar Beau no jogo. Ele naturalmente arrasou no ataque que fizemos enquanto acampamos, não muito tempo atrás.

— Não deu certo? — Pergunto surpresa e um pouco desapontada.

— Não. Até mesmo Landon tentou intimidá-lo, mas depois apenas pioraram dizendo que uma vez que Faith se casasse com Beau, não poderíamos usá-la também. — Responde Maddox.

— Quem cozinhará? Ela é a melhor.

Nós dois olhamos para Bailey e lambo meus lábios ao pensar em seus assados.

— Nós não somos casados. — Ela me lembra, seu rosto corado.

— Sim, mas quando Beau e Faith se casarem, vocês vão se amarrar.

Eu paro quando nem um pouco de receio ou medo passa por mim. Não é uma coisa simples. Quer dizer, faz sentido. Eu amo e não vejo isso mudando.

— Eu, eu... — Ela olha para mim por ajuda — Aiden?

Olho para ela. Encolho os ombros e digo: — O homem tem razão. Você quer estar com outra pessoa?

— Não!

Ouvindo isso, um sorriso se espalha pelo meu rosto.

— Bem então. Vamos esperar um pouco até Sunday começar a andar. Ela pode atirar merda nas pessoas.

— Não uma merda de verdade, certo? — Maddox pergunta, franzindo o nariz.

Eu me pergunto sobre ele às vezes.

— Não. Você sabe o que quero dizer. Quando eles descerem com a noiva.

— Florista é a palavra que você está procurando, a menininha que leva as flores. — Comenta Bailey soando engasgada, com os olhos redondos. Na verdade, ela parece meio pálida e tensa.

Provavelmente imaginando como será o casamento dela agora. Ouvi todas as mulheres enlouquecerem falando sobre seus casamentos.

— Ei, você vem? Vamos entrar? — Mark grita do outro lado do parque.

Eu protejo meus olhos do sol e aceno de volta para ele. Pego a mão de Bailey enquanto caminhamos até o resto deles.

Meus olhos são imediatamente atraídos para Lily. Ela parece pálida e está segurando seu estômago.

— Lily, você está bem?

Seus olhos encontram os meus, vejo a ansiedade e o medo neles. Dou um passo à frente, mas Maddox me corta, puxando-a em seus braços.

— O que aconteceu?

Ele olha para Mark, que amaldiçoa. — Eles colocaram uma maldita barraca de cerveja este ano. Nós fomos até lá e já há um grupo de rapazes bêbados e brincando.

Lily geme e Maddox a puxa para mais perto. — Vamos, podemos ir para casa.

— M... mas é a Família do Ano. — Diz ela, seu corpo tremendo. — Mas acho que não posso fazer nada hoje. Você se importa se eu não participar?

Ele olha para ela carinhosamente. — Não nos importamos se você quiser ir.

Ela agarra a mão dele, balançando a cabeça.

— Não. Não quero que vocês façam isso. Por favor, não, eu imploro. — Diz e o calor em sua voz até me deixa engasgado. Ela parece perto das lágrimas e sei que é porque acha que estragará algo para nós.

Ela não iria. Todos morreríamos por ela com um sorriso em nossos rostos. Isso é o quanto a amamos.

— Você pode ficar com Bailey, então ela não ficará sozinha. — Eu rapidamente digo, observando-a relaxar.

Ela sorri para Bailey, que sorri de volta. — Adoraria a companhia. Odeio ficar em grandes multidões.

— Eu também. — Lily sussurra, olhando para ela sob uma nova luz.

— Vamos, vamos entrar. Quanto mais rápido vencermos esses filhos da puta, mais rápido todos nós podemos ir para casa e comemorar. — Maddox diz a Lily.

Nós andamos para o pavilhão. Maddox chega até nós com Lily ainda em seus braços, pegando a folha atribuída e os nossos números ali. Nós estamos atrás dele esperando.

— Novas regras este ano, rapazes. Nomeamos para cada categoria. Você não pode mudar. — Diz o homem no comando.

Eu franzo a testa quando Maddox fica pálido.

— Hum, eles colocaram Charlotte no forno.

Charlotte começa a pular para cima e para baixo, batendo palmas. Ela pega seu número de Maddox alegremente.

— É melhor eu ir até a tenda então. — Ela grita animada. Afasta-se, mas para e se vira para nós com um sorriso brilhante. — Chutarei alguns traseiros!

Nos movemos rapidamente para o cara na tenda. Ele olha para cima, surpreso quando o ofuscamos. Engole profundamente e juro que o ouço choramingar.

— Você não pode fazer isso. — Maddox rosna.

— Ela matará pessoas. — Diz Mark.

— Eu não comerei isso, não faria os irmãos Hayes comerem seus bolos. — Digo.

Ele levanta as mãos.

— Pessoal, sinto muito, mas isso está fora de minhas mãos.

— Faça alguma coisa. — Jacob, o único irmão de Charlotte, sai gritando. — Ela me fará comê-los. Todos eles. E não posso dizer não.

O cara atrás da mesa estremece.

— Olha, sinto muito. E se isso faz você se sentir melhor, os outros que foram designados para o concurso provavelmente não serão melhores. Ela está contra Isaac Hayes, se isso ajudar.

— Isso não ajuda. — Landon responde.

— Sinto muito. — Ele grita, jogando as mãos para cima. Ele se afasta de nós, olhando para outra família que vem se inscrever.

— Eu não posso acreditar que coloquei até meu último centavo para contribuir nisso. Em vez de me vangloriar pela nossa vitória, vomitarei nos banheiros.

— Ficaré tudo bem. — Diz Lily, acariciando sua cabeça.

Todos nós voltamos para a primeira rodada. Eu pego o pedaço de papel, sorrindo quando vejo meu nome.

— Caramba, eles têm uma disputa nas bolas infláveis para a primeira rodada.

— Quem fará? — Maddox pergunta, seus olhos se iluminam. Eu sorrio.

— Eu, Hayden e Liam.

— Besteira! — Ele explode. — Por favor, diga-me que tenho algo como o trabalho pesado ou até mesmo a corrida de bicicleta?

— Você tem a corrida de ovo na colher. — Bailey diz feliz, olhando para a folha de papel.

— Ah, o pequenino Maddox precisa segurar uma colher e correr. — Zomba Isaac Hayes, se aproximando de nós com seus irmãos.

— Como você conseguiu isso? — Jaxon pergunta, sorrindo.

— Foda-se. — Maddox diz, indo para frente. Liam rapidamente pula na frente dele, bloqueando seu caminho para Isaac.

— Eu não sei por que você está sorrindo, Isaac. Você irá para a cozinha, como uma boa esposa. — Digo a ele sorrindo. Seus olhos se arregalam, os punhos fechados enquanto

ele dá um passo para frente. Eu também dou um, desafiando-o a dar o primeiro soco.

Bailey me puxa de volta e o encaro, não olho para longe quando Jaxon entra, empurrando-o de volta.

— Vamos, sua mãe não disse nada de brigas? — Sussurra, mas é o suficiente para Reid ouvir. Ele começa a rir.

— Ah! Mamãe dará uma surra se entrar em uma briga?

Aperto os dentes, deixando Bailey me puxar de volta.

Luke, o último trigêmeo, sorri.

— Eu não me importaria de ser espancado pela sua mãe. Ela é gostosa.

Avanço com meu punho já pronto. Posso ouvir os gemidos ao meu redor quando meu punho desce. E de repente, sou empurrado para trás, meu corpo contra outro enquanto eles me levam embora.

— Espere até depois. — Landon diz. — Você causa uma briga na frente das crianças e nunca seremos capazes de competir contra eles novamente.

Aponto para Luke, olhando. — Eu não esquecerei.

— Bem, eu sou inesquecível. — Luke insinua ainda sorrindo.

— Hum, Maddox... ele tem Luke na primeira rodada. — Diz Lily suavemente.

Maddox pula em seus pés. — Hoje será foda demais.

Eu reviro os olhos, seguindo atrás do restante enquanto eles se dirigem para pista de obstáculos inflável. Um homem idoso rechonchudo caminha até nós, um olhar aliviado em seu rosto.

— Você está aqui. Isso é ótimo. Precisamos abrir isso para o público em breve, então precisamos começar a corrida. — Explica ele antes de franzir a testa para a prancheta. — Espere, deveria haver outro grupo. — Ele olha por cima do ombro, balançando a cabeça mais uma vez. — Ótimo, vocês estão todos aqui. Certo, preciso de Aiden Carter e Luke Hayes para ir até a linha de partida ali. — Diz ele, apontando para onde o percurso começa.

Sorrio e esfrego minhas mãos juntas, antes de puxar Bailey em meus braços. — Você torcerá por mim?

Seu rosto se ilumina. — Claro. Divirta-se.

— Pronto para ser derrotado? — Luke diz, pulando para cima e para baixo.

Estreito meu olhar. — Continue se gabando, ajudará com a alegria mais tarde quando chutarmos tua bunda.

— Tenho certeza que Hayden está contra Reid, então você não tem nenhuma chance.

Seu sorriso aumenta quando Hayden caminha atrás dele e bate na parte de trás de sua cabeça. — No final disso, farei você comer sujeira, idiota. Quando vocês, filhos da puta, vão aprender? Chutei o traseiro de Eli no ano passado na trilha de bicicleta.

— Você chutou o pneu de trás. — Reid rosna.

Ela olha para ele, pisca sedutora enquanto aponta um dedo para seu peito. — Quem, eu?

— Sim, *você*. — Eli rosna, juntando-se ao grupo.

Hayden olha para ele, sorrindo. — E você furou meu pneu antes da corrida, mas ainda ganhei.

— Eu não sei o que está acontecendo, rapazes. — O homem rechonchudo começa, quando Hayden vira seu olhar feroz para ele, fazendo-me rir. — E senhoras, precisamos começar esta corrida.

Eu olho para longe das brigas entre Hayden e os irmãos Hayes, aperto Bailey para chamar sua atenção. Ela olha para mim maravilhada.

— Eu amo sua família.

— Eu amo *você*. Nos vemos no final?

Ela balança a cabeça, se aconchegando contra mim. — Estarei aqui.

Sorrio, gostando do som de suas palavras.

— Vejo você na linha de chegada. — Digo a ela e vou embora. Viro, andando para trás com meus braços no ar. — Serei o único que as pessoas estarão parabenizando.

— Foda-se, Carter, se apresse e venha até aqui. — Grita Luke da linha de partida.

Eu pisco para Bailey antes de me virar para Luke. — Pare de ser um idiota do caralho.

— Crianças presentes! — Grita o homem rechonchudo.

Eu faço uma careta. — Sinto muito.

Ele suspira, esfregando a barba. — Basta ficar em posição.

Luke está à minha direita enquanto passo para a pista de obstáculos inflável. Seguindo-o, há mais três competidores e atrás, os outros aguardam o sinal para ir.

O primeiro é bem fácil, nós apenas temos que subir a parede e descer um escorregador.

Meus olhos se fixam em Luke quando o cara gorducho grita para nós prepararmos. Todo mundo começa a gritar coisas encorajadoras para suas famílias.

— Aos seus lugares, vai!

Eu pulo, subindo até a metade da parede antes de agarrar a corda. Luke faz o mesmo, então vou mais rápido.

Eu não deixarei esse filho da puta vencer.

Chegando acima, não me incomodo em deslizar para baixo, não querendo perder tempo, então, em vez disso, pulo para dentro da floresta inflável, batendo nas árvores de plástico fora do caminho enquanto me movo entre elas. O percurso ficará menor em breve, permitindo que apenas dois passem.

Quero que meu oponente seja Luke, para dar a ele uma visão de primeira classe do meu momento de vitória. Apenas ele está atrás de mim agora, então no final, puxo os galhos das árvores para trás, deixando balançar livre uma vez que puxo com força o suficiente.

Eu o ouço xingar atrás de mim e começo a rir, indo em frente, mergulhando nos pequenos pinos rolantes. Rastejando

para fora, subo outra rampa, sorrindo como um homem louco quando vejo três grandes bolas infláveis para nós atropelarmos.

— Ouvi que sua mãe é boa na cama e adora dar de quatro.
— Insulta Luke quando bato na primeira bola, com os pés firmemente plantados. Hesito, batendo minha cabeça na seguinte.

— Foda-se você.

— Penso em vê-la mais tarde. — Diz ele, sorrindo para mim.

— Sim? Eu ouvi que Paisley é muito apertada. Tipo, realmente apertada. — Insulto, odiando usar Paisley em nossa disputa suja.

Ele tropeça gritando. — Idiota.

Estou sorrindo como um bobo quando chego ao próximo obstáculo. Minhas coxas já estão queimando, mas é o que eu ganho por não estar em melhor forma. Mas ter um bebê realmente cansa. Não posso nem mijar em paz, muito menos malhar.

Meus pés balançam no primeiro dos rolos rotativos. Um sorriso presunçoso curva os cantos da minha boca quando caio no segundo.

Então tudo acontece. Duas mãos me empurram para o lado e o horror me invade. Posso ver a grama e preparo meu corpo, pronto para a queda. Dói como uma cadela. Gemo, ouvindo Bailey gritar meu nome.

— Não fale nada sobre a porra da minha irmã, idiota —
Grita Luke, antes de continuar.

Minha cabeça se levanta e vejo sua saudação presunçosa, antes que ele saia correndo. Levanto, mais determinado do que nunca a ganhar isso. É pessoal agora. O filho da puta me bateu enquanto eu estava de costas.

Bundão.

Ele está à minha frente, seus irmãos correndo ao lado na grama, torcendo por ele. Corro sobre os anéis, empurro através dos tubos, salto através de mais bolas e desço outra rampa. Estou me aproximando dele que pode me ouvir, seu corpo inteiro ficando tenso. Sorrio sob a minha respiração enquanto empurramos os espetos na caverna e corremos para o outro lado.

Vendo a última parte, o labirinto, passo rapidamente pelos anéis infláveis dos pneus e no último segundo empurro Luke com toda a minha força, caindo no processo.

— Seu idiota. — Reid grita das linhas laterais, correndo para ajudar seu irmão. Eu me levanto, encolhendo os ombros e me movo pelo labirinto.

— Vai! — Grita.

Eu rio, ouvindo Maddox gritar: — Corre, Forest, corre.

— Você é um maldito idiota. — Luke rosna atrás de mim. Impulsiono-me para frente, rindo histericamente agora e pulo do labirinto sinalizando para Hayden ir. Ela vai e segundos depois, Luke sai correndo sinalizando para Reid ir.

Luke me empurra com o rosto vermelho. — Por que você me empurrou?

Eu o empurro de volta, minha própria raiva aumentando. —
Você me empurrou primeiro.

— Agora, garotas, acalmem-se. — Diz Maddox, rindo.

— Luke. — Jaxon diz. Luke olha para mim por mais tempo.

Sequer pisco o olhando de volta. — Corra.

Ele se joga para frente, mas Jaxon entra, agarrando-o pela cintura.

— Isso é o suficiente, vocês dois. — Ele diz. — Há crianças aqui. — Ele olha para Landon. — Segure seu primo, Landon ou eu o farei.

— Não me ameace. — Landon adverte, seu tom mortal.

— Você venceu. — Ouço gritos atrás de mim e me viro a tempo de pegar Bailey em meus braços. Sorrio para ela. — Você tinha alguma dúvida?

Ela balança a cabeça, rindo. — Não.

— Vamos, vamos assistir Hayden chutar alguns traseiros. — Digo vertiginosamente, uma descarga de adrenalina disparando em mim.

Não posso esperar para voltar para casa e foder minha namorada.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Bailey

Quem saberia que a Família do Ano poderia ser tão competitiva? Depois de assistir Mark correr em sua moto, Lily e eu saímos, deixando-os com os próximos desafios. Seguimos pelas pequenas barracas montadas, vendendo itens de artesanato e entramos para dar uma olhada em Teagan, Madison e Sunday. Nós não ficamos muito tempo pois elas estarem ocupadas, então fomos ver Charlotte.

— Acho que ela esqueceu que está cercada de pessoas. —
Murmuro para Lily.

Ela ri, prendendo o braço ao meu. — Ela provavelmente esqueceu. Adora cozinhar, embora o bolo pareça uma obra-prima até o final, é sempre desastroso para comer. É um dos seus hobbies favoritos.

— Seu favorito? — Pergunto, enquanto olho espantada, quando ela coloca flores minúsculas em um bolo de três camadas.

— Ela gosta de animais também, mas eles não duram muito em sua casa e é por isso que Faith parou de entregá-los. Landon pensou em dar algo simples para ela, mas seu peixinho morreu há algumas semanas.

— Quanto tempo ela teve o peixe?

Lily morde o lábio inferior enquanto pensa nisso. — Acho que foi de manhã ou na manhã anterior.

Eu rio. — Ela é incrível.

— Sim. Sabe, Charlotte foi maltratada como você e eu. — Diz Lily calmamente.

Eu me viro para encará-la. Quando não vejo pena, relaxo.

— Ela me contou sobre você na noite em que saí com eles para o bar. Ela não disse nada sobre ser maltratada.

Lily suspira.

— Ela não faria. Charlotte apenas vê o bem nas pessoas. Metade do tempo, acho que não percebeu que estava sendo intimidada. Ela tinha Maddox e Imogen na escola com ela. Imogen é nossa prima, que estava um ano acima dos dois.

Começo a ver Charlotte sob uma nova luz. Ser ridicularizada pelas suas costas... ou não entender que não estão simplesmente provocando... não sei se isso é pior do que ser confrontada ou não.

— Estou feliz por ela tê-los. — Sussurro.

— Eu também.

— Eu me pergunto o que os rapazes estão fazendo. — Digo.

Ela ri. — Preciso ir ao banheiro, mas depois, vamos encontrá-los.

— Venha, então. Eu vi alguns banheiros perto dos fundos.

Ela puxa meu braço para ir para o outro lado. — Eles têm um bloco de banheiro assim. Prefiro usá-los. Não gosto de ficar em espaços confinados.

— Tudo bem para mim. Vá na frente. Nunca estive aqui. — Digo a ela.

Posso ver o bloco de banheiro que ela estava falando alguns minutos antes. Lily me assusta de repente quando grita: — Paisley, é você?

A garota a poucos metros à nossa frente se vira. Ela é linda, mesmo nos jeans folgados e uma camiseta de manga longa, que parece grande demais para ela. Olho para os pés dela, vendo tênis sujos. E mesmo com tudo isso, ela ainda fica bem. Faz com que pareça moderno.

Seus cabelos são castanhos escuros no alto, mas caem em um marrom mais claro perto das pontas, terminando no meio das costas. Seus brilhantes olhos cor de avelã têm manchas de ouro neles, seus longos cílios negros fazendo-os estalarem. Os lábios cheios rosa destacam-se no rosto de pele clara.

Parecendo hesitante em seus pés, Lily e eu nos apressamos para frente. Lily pega o braço dela, firmando-a. — Paisley, você está bem?

— Oi, Lily. — Diz ela, com a voz trêmula. Força um sorriso enquanto nos olha. — Estou bem. Apenas preciso usar o banheiro.

Lily não parece convencida, nem eu. A garota está mentindo. Ela parece pronta para desmaiar.

— Nós também estamos indo nessa direção. Andaremos com você.

— Eu não vi você na corrida de ovos e colheres.

Lily estremece. — Como acabou?

Paisley ri. — Acabou numa guerra de ovos. Ambos, Maddox e Eli, estão cobertos.

Sorrio.

— Não posso acreditar que perdemos isso. — Digo, então olho para Paisley quando ela olha para mim. — Eu sou Bailey, a propósito. Sou a namorada de Aiden.

Ela curva os lábios, pensando. — Ah! Eu acho que Jaxon mencionou algo sobre você.

— Bem, olhe quem está aqui. — Uma voz de meus pesadelos diz.

Tudo ao meu redor para. Paro de ouvir crianças rindo e gritando, paro de ouvir os pais conversando ou gritando, paro de ouvir o barulho da multidão nas proximidades. Em vez disso, me concentro nas garotas na minha frente.

As quatro estão vestidas como se estivessem prontas para assaltar uma casa, optando por roupas pretas com um suéter com capuz. E se não estivesse tão petrificada, riria e perguntaria se elas também tinham os nomes nas costas.

Meu estômago revira quando Marie, a líder avança com as mãos soltas ao seu lado, mas sei que isso não significa nada. Ela está aqui para me machucar. Como fez mil vezes antes. Posso ver isso na curva de seu lábio, o olhar feroz em seus olhos.

— Não queremos nenhum problema. — Diz Lily gentilmente, pegando meu braço. Sua mão está fria e trêmula, odeio ter colocado ela nessa situação. Elas não podem machucá-la também. Algo que eu vi nos olhos dela me diz que foi machucada muitas vezes antes. Ela entende o significado da dor pura.

— O que é isso? — O cara diz, olhando para Marie com cautela.

Sua expressão fica falsa quando ela olha para ele, agitando seus cílios. — Eu disse, Jasper.

— Aiden não está aqui. — Diz olhando ao redor.

Ela passa o dedo no peito dele.

— Eu disse que você poderia receber o pagamento. Essas pequenas vadias são seu pagamento. Aquela. — Ela diz, apontando para mim. — É a namorada dele. Foda ela e isso o destruirá. — Meu estômago revira com suas palavras cruéis, então seu lábio superior se curva quando ela olha para Lily. — E essa aberração é a irmã dele. São protetores com ela. Mas é Bailey que você quer machucar. Lily é apenas um bônus.

— Um... — Paisley diz trêmula, olhando para as outras três garotas quando elas começam nos cercar.

— O que você está fazendo, Marie? — Pergunto, tentando manter a calma.

Ela olha para mim. — Cale a boca, sua pequena escória.

Eu dou um passo para trás, mas paro quando vejo Naomi se aproximar, balançando a cabeça.

— Eu não me inscrevi para isso. Ele fodeu minha mãe. Queria dar um soco nele, não foder sua namorada, que a propósito, não estaria disposta. — Jasper rosna. Ele é magro e extremamente alto, mas parece que mal saiu da escola.

— Isso importa? — Ela pergunta docemente, mas posso ver a dureza por trás de seus olhos.

Ele olha para si com incredulidade.

— Sim, importa. E não seria engraçado, vou para a escola com Colton e Theo Hayes. Não os quero como inimigos. Foda-se isso, estou fora.

Ele se afasta, mas ela para, puxando o braço dele. — Mas e a promessa que fizemos para você?

Ele puxa o braço dela, zombando. — Sim, nenhuma merda de orgia vale a pena fazer o que você quer que eu faça. Mentiu para mim sobre essa coisa toda. Disse que se aparecesse com você no meu braço, Aiden ficaria chateado. Queria que ele pagasse por foder minha mãe e acabar com o casamento deles, não estuprar alguém.

— Maricas. — Ela zomba, empurrando-o para longe. Ele se afasta, mas para e olha para trás. — E se você soubesse o que era, fugiria.

— Não quer mexer com essas famílias. Eu já ouvi falar dos Carter, não se importam com ninguém além da família. Eles mastigam pessoas como você. Eles a enterrarão viva por mexer com a irmã deles.

— Foda-se, você. Não sabe do que está falando. — Ela grita de volta, mas posso ver um pouco de dúvida nos olhos dela.

Ele ri como se fosse fazer sua vontade.

— Sim, diga isso a si mesma. Mas vigie suas costas. Ouvi dizer que os Hayes atacam quando você menos espera.

Uma vez que ele se afasta, seu desdém acaba e ela dá um passo mais perto. — Você tem sido uma pedra no meu sapato por anos.

— Eu nunca fiz nada para você, Marie, nunca. Você fez de sua missão me intimidar. — Digo encontrando coragem.

Ela sorri. — Você ainda não sabe, não é?

Meu rosto se contrai. — Sei o que?

As outras duas ao meu lado estão quietas, mas posso sentir o medo vindo delas em ondas. Conheço bem o sentimento, acostumada com isso durante toda a escola.

— Seu avô demitiu meu pai. Ele perdeu o emprego. Quase perdemos nossa casa.

— O que?

Meus avós teriam dito algo para mim. Ela ri como se fosse a piada mais engraçada do mundo.

— Sim, meu pai trabalhou para o seu avô. E se ele não o tivesse demitido depois da primeira vez que te batemos, teríamos parado. Nós não teríamos continuado. Mas você precisou estragar tudo. Quase perdemos nossa casa.

Minhas unhas cravam nas palmas das mãos até que possa sentir o sangue. — Você está me dizendo que fez todas essas coisas porque seu pai perdeu o emprego?

Ela grita. — Minha mãe o deixou! Ela nos deixou! Depois que descobriu que ele não tinha dinheiro, foi embora.

Eu dou um passo atrás. — Eu não sabia. Não tive nada a ver com isso.

— Sim? Então e agora? Meu pai começou novamente, começou seu próprio negócio usando os contatos que fez com o seu avô e agora foi preso. Seu maldito namorado chamou os cachorros para ele. Congelaram todas as suas contas, *minhas* contas. Nós não temos nada.

Ergo minhas mãos, sem entender uma palavra do que ela está dizendo. — Eu não fiz nada.

— Eu a arruinarei. — Ela zomba.

Eu vejo o movimento ao meu lado, ao lado de onde Lily está e vejo como Eva a agarra. Os olhos de Lily brilham e o seu olhar me assombrará para sempre. Ela grita e o som me rasga como um pedaço de vidro. Ela grita novamente, dessa vez caindo de joelhos, parecendo desesperada, apavorada. Dou um passo na direção dela, vendo o sangue escorrer de seu rosto. Paisley faz o mesmo, mas Amy me agarra pelos braços, puxando-os para trás de mim.

— Deixa-me ir. Eu preciso ajudá-la! — Eu grito, chutando minhas pernas. Ela grunhe, segurando-me mais apertado.

— Nós nunca superaremos isso. — Amy sussurra em meu ouvido e o medo me invade.

Ela me arrasta para trás enquanto grito por ajuda, mais por Lily do que por mim. Vê-la quebrada no chão, contorcendo-se em pura agonia enquanto agarra sua cabeça, está partindo meu coração. É como se estivesse revivendo algum tipo de pesadelo.

Eva empurra Paisley para o chão, chutando-a no estômago antes de se aproximar de mim. Sou arrastada para os banheiros, o cheiro de urina e sujeira batendo nas minhas narinas e assim que as outras três garotas pisam na minha frente, sou confortada por Paisley rastejando até Lily, colocando sua cabeça em seu colo. A última coisa que vejo é ela olhando para mim, terror brilhando em seus olhos.

Lily ficará bem, Paisley conseguirá ajuda.

A porta se fecha atrás das três garotas e Amy solta meus braços. Cambaleio para o lado, meu estômago revirando quando todas me circulam.

— Pare com isso! — Eu grito, segurando minhas mãos para cima.

— Não, isso é vingança, sua vadia. — Marie grita se aproximando. Observo o lugar, não encontrando outra saída além da porta que elas trancaram. Olho para lá e com apenas um segundo de sobra, me abaixo sob o braço de Eva, mergulhando na fechadura. Minha mão se estende, mas quando as pontas dos meus dedos tocam a fechadura, sou puxada para trás pelos meus cabelos. Meu couro cabeludo queima quando sou atirada para trás, batendo contra a fileira de pias.

Uma agarra minha camiseta, puxando-me para elas e ao fazê-lo, rasgam o tecido e perco o equilíbrio, caindo perto delas.

— Por favor, pare. — Imploro sabendo que não sobreviverei dessa vez. Posso ler em suas expressões. Elas vão me bater até a morte desta vez.

— Por favor, pare. — Marie imita, sua voz aguda. Ela me dá um soco no rosto enquanto Eva me segura. Eu grito, agarrando minha bochecha.

Tudo volta correndo para mim. O cuspe nos meus cabelos.

Minha cabeça jogada em um vaso sanitário.

Os pontapés.

As provocações.

Owen.

Minha família.

Tudo o que elas já fizeram voltou como uma onda, atingindo-me com força total. Meses atrás, não teria nada a perder. Meus avós eram intocáveis. Meu avô era basicamente uma celebridade no mundo dos negócios. Essas garotas não eram nada. Seriam como uma aranha esmagada debaixo de seu sapato e acho que elas sabem. Acho que é por isso que nunca foram atrás deles. Por que vieram para mim.

Elas tomaram muito de mim. Houve uma época em que acreditei que levaram meu espírito, minha alma, mas não o fizeram. Eu sei disso agora porque Aiden é dono dela. Ele a segura na palma da mão e cuida dela.

E por ele, não cairei sem lutar.

Subestimei o que poderiam fazer, mataram minha família. Nunca pensei que fossem tão longe. Não estava preparada. Estou agora.

Elas simplesmente não contavam com Aiden ou meu amor por ele. E por ele lutarei. Aiden me deu muito para lutar.

Sem pensar mais, empurro Eva para longe. Tenho uma fração de segundo para ver seus rostos surpresos antes de entrar em um banheiro.

Tento bater à porta atrás de mim, mas é aberta e me dá um tapa na cara.

— Venha aqui, sua puta boba. — Grita Naomi, Marie e Amy de pé atrás dela. Enquanto ela me agarra, eu a empurro, mas ela está esperando por isso. Esquiva dos meus braços estendidos e afunda seus dedos neles, puxando-me para fora do reservado. Caio para frente, perco meu equilíbrio e caio mais uma vez contra as piaas com um baque surdo.

Eu viro a cabeça, ainda me inclino e chuto Marie, que está vindo atrás de mim. Ela grunhe quando bato nela. Tremo com o brilho perigoso em seus olhos pouco antes dela me pegar.

Grito quando ela me agarra, minha camiseta rasga novamente, mostrando meu sutiã rosa claro. Ela me joga no chão e não consigo nem pensar na merda em que caí enquanto a umidade penetra no meu jeans. Tento ficar de pé quando meus olhos pousam na porta, ouvindo alguém batendo do outro lado.

Esperança.

Sou arrastada para trás quando elas ouvem.

— Vamos, precisamos fazer isso. — Diz Marie e posso ouvir o pânico em sua voz.

— Nós não deveríamos ter deixado as duas do lado de fora. — Amy diz enquanto ajuda a me virar, um sorriso de escárnio no rosto.

— Solte-me! — Grito, ainda brigando, arranhando seu rosto quando todas começam a me bater, seus golpes sinuosos e me sufocando.

Eu me viro, lutando para me libertar enquanto os golpes continuam chegando e consigo torcer meu corpo para trás, então estou deitada de barriga para baixo, quando algo duro bate nas minhas costas. Eu grito, minha coluna arqueando com a força, sentindo como se um bastão fosse batido em mim.

— Faça isso. — Grita Marie.

Elas não param de me socar, mesmo que meu corpo esteja fraco e cansado. Estou com medo de me deixar sentir tudo. Temo que, se eu deixar a dor entrar, elas vencerão. E enquanto estiver consciente, lutarei.

Vejo os pés de Marie se aproximando. Meus dedos se contorcem, querendo revidar, mas tudo dói e está começando a ficar nebuloso.

Seu pé sobe e sei que será ruim. Eu grito quando tento me mover, para evitar o que está prestes a acontecer.

Elas me chutam. Nem se revezam como faziam no passado. Em vez disso, me chutam de uma só vez; meus quadris, minhas costelas, meu rosto e minha mandíbula. Minhas mãos se

movem, segurando minha cabeça para tentar afastar o ataque delas. Perco meu aparelho e tudo fica em silêncio.

Não ouço suas provocações, suas ameaças ou suas promessas de me matar. Não ouço Marie rindo, dizendo-lhes para me chutar mais.

Não posso lutar contra elas. Nunca pude.

O silêncio é bem-vindo enquanto luto para ficar acordada, sacudindo a cada segundo quando uma delas me chuta. A dor é incapacitante. Não importa o quanto tente me calar, posso sentir isso. Posso sentir muito, imploro para elas me matarem.

Eu vejo pegadas enlameadas por todo o chão, papel higiênico enrolado e espalhado ou desfeito do suporte.

E é assim que morrerei. Em um banheiro sujo, deitada em mijo e sujeira.

Fecho meus olhos e me calo. Em vez disso, imagino Aiden e Sunday. Eu os imagino sentados na cama comigo, Aiden a pegando em seu colo.

Sorrio ao som de sua risada.

Seu sorriso é a última coisa que vejo antes que a escuridão me leve.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Taxon

(Sim, você leu certo)

Balanço a cabeça enquanto observo Wyatt discutir com Ashton Carter. Eles estão colocando elásticos em uma melancia. O que tiver maior quantidade antes de explodir será vencedor. Mas do jeito que estão agindo, você acha que eles estavam desarmando uma bomba.

Toda a competição é estúpida e não algo em que competiríamos se não fosse pelos Carter. Qualquer coisa para vencê-los, no entanto.

Por tanto tempo quanto me lembro, tivemos uma guerra com eles. Tudo de alguma forma se transformando em uma competição.

E não me importo. Eles são muito arrogantes para o seu próprio bem e precisam ser colocados em seu lugar.

Meus olhos se prendem na parte de trás da cabeça de Landon e meu olhar se estreita. Eu fui para a escola com Lily, então ele era apenas uma criança quando nos conhecemos. Mas aos dezenove anos, ele é uma força a ser considerada. Ninguém mexe com ele. E posso ver por quê. Pode lutar, eu o vi. Ele se segura quando está conosco, a menos que esteja lutando comigo, mas o Círculo em que está envolvido é uma má ideia e você

precisa saber o que está fazendo para se manter vivo. As pessoas que organizam as lutas são letais. E acho que ele nunca conheceu o chefe principal, apenas o lacaio que os organiza.

Cutuco Reid para chamar sua atenção.

— Sim?

— Pegarei uma cerveja. Você poderia não entrar em alguma briga?

Ele sorri para mim. — Quer que a gente espere até você voltar?

Eu reviro meus olhos, suspirando. Sou muito velho para isso. Dirijo uma empresa de mudança e a fazenda da minha mãe. Entrar em brigas, depois ser preso, é algo para o qual não tenho tempo.

— Apenas não cause confusão enquanto estiver fora.

— Vou com você. — Diz ele.

Encolho os ombros, sem me importar. Isaac nos ouve e se aproxima.

— Eu preciso de uma também. Preciso me livrar do gosto desse bolo. — Ele diz, ainda parecendo verde.

— Eu não posso acreditar que fizeram você comer. — Eu digo, rindo enquanto andamos.

Ele grunhe, segurando o estômago.

— Nós tínhamos que comer o dos outros. Juro que ela estava tentando matar a concorrência.

Eu rio baixinho. — Você não foi para a escola com ela?

Ele franze a testa. — Sim. A garota é louca. Ela está feliz sempre.

Minha mente vai para Lily, que é o oposto. Ela sempre tem tristeza nos olhos e no modo como se segura.

Eu balanço quando um garoto magro vem até nós. Os outros dois não notaram, muito ocupados assobiando para um grupo de meninas que passavam.

— Liguem-me. — Isaac grita.

Meus olhos não deixam o garoto na minha frente e quando os outros percebem que eu não estou andando, eles param, virando-se e olhando para o rapaz com as sobrancelhas arqueadas.

— Você quer algo? — Eu rosno.

Ele se desloca, torcendo as mãos nervosamente.

— Hum, sim, eu, eu. — Ele gagueja, me irritando para caramba.

Eu dou um passo à frente, curvando-me um pouco, então estamos no nível dos olhos.

— E se você continuar me irritando, o removerei mesmo. Agora, que porra é essa que você quer?

Isaac está ao lado dele, cruzando os braços sobre o peito enquanto Reid imita seu irmão, encarando o cara.

E se continuarem, ele se mijará. Esfrego a mão no meu rosto e me movo em torno dele, mas paro quando ele diz o nome dela.

— Paisley.

Agarro a parte da frente do moletom e puxo-o contra mim, então nossos rostos estão a um centímetro de distância um do outro.

— Por que porra está falando da minha irmã?

Porra, ela foi tomar as injeções há um tempo atrás. Deveria estar de volta agora.

— Marie e suas amigas.

E se elas a machucarem de alguma forma, as destruirei, garotas ou não.

— Onde estão?

— Eu não sabia. Aiden dormiu com minha mãe há alguns meses atrás. Ele disse a ela que ainda era menor de idade. — Diz ele, zombando. — Provavelmente para tirá-la da cama, ouvi os rumores. Meu pai a deixou. Eu queria me vingar.

Eu o sacudo, ficando mais em seu rosto.

— O que isso tem a ver com Paisley? Onde ela está?

— Ela estava com a namorada dele e a irmã. Acho que elas disseram que o nome dela era Lily? Elas farão algo ruim. Muito ruim.

Posso sentir os dois ao meu lado, tensos ainda mais.

— Onde está a nossa irmã, idiota? — Reid rosna, se aproximando.

O cara entra em pânico, parecendo pronto para se cagar e aponta para trás. — Elas estão nos blocos de banheiro.

Eu o deixo cair e ou ele cai no chão.

— Vá e encontre um dos Carter e diga o que você acabou de me dizer. — Digo, indo encontrar minha irmã.

E Lily

— Eu não sou louco. — Ele grita.

Eu não paro, mas Reid sim.

— Se não fizer isso, quebrarei todos os ossos da porra do teu corpo, então enviarei para sua mãe.

— Ok, ok. — Ele grita, sua voz treme.

— Chame os outros. — Eu grito para Isaac, mas quando olho para trás, ele já está em seu telefone.

Leva segundos para chegarmos aos banheiros. Uma pequena multidão se formou do lado de fora, mas depois vejo minha irmã no chão.

— Paisley. — Eu grito correndo até ela.

Ela olha para cima, seus ombros cedendo em alívio, posso ver que ela está prestes a ter um surto.

— Porra! Isaac, dê a medicação para Paisley. — Digo, assim que me abaixo para Lily, que está inconsciente deitada na grama.

Foda-se.

Seu corpo inteiro está se contorcendo no chão, como se estivesse lutando com alguém em seu sono. Eu me apressei ao ouvir o barulho vindo de dentro dos banheiros.

— O que aconteceu? — Pergunto a Paisley, jogando sua maleta médica para Isaac.

— Ela começou a gritar quando a garota a tocou. — A voz sai trêmula, alcançando-me. Eu pego a mão dela e levanto o queixo para que fique de frente para mim.

— Quem bateu em você?

Ela aponta para o banheiro, lágrimas escorrendo pelo rosto. — As quatro levaram Bailey para dentro. Ninguém fez nada.

Eu olho para o banheiro, ouvindo um grito seguido por um escárnio de desgosto, as pessoas apenas ficam de pé e ouvem, não fazendo nada sobre isso.

Malditas covardes.

Olho para Isaac e seu olhar encontra o meu. — Não a deixe.

Eu levanto e pego a maçaneta da porta, mas está trancada. Bato nela, pressionando o ouvido contra e ouço Marie dizer às outras para fazerem isso.

Porra!

Empurro a porta com o ombro, mas ela não se move.

— Lily! — Maddox Carter grita e neste momento, estou feliz por eles estarem aqui.

— Onde está Bailey? — Aiden pergunta, sua voz cheia de pânico e medo.

Isaac deve ter dito a ele porque, em segundos, está ao meu lado, gritando na porta.

— Não quer abrir. — Digo a ele, ainda tentando empurrá-la. — Recue.

Eu não dou a ele outro aviso quando dou um passo para trás e chuto a porta. Ele faz o mesmo, nós dois batemos a porta até que a madeira estilhaça e se abre.

A cena que encontramos me deixa mal do estômago. E não dou a mínima por elas serem garotas. Eu me aproximo, arrancando Marie pelos cabelos e arrastando-a para longe da mulher quebrada deitada no chão.

Carter do caralho e sua merda.

Mais de nós entramos no banheiro, Reid agarrando outra garota pela cintura e a arremessando para o outro lado.

— Chame a polícia! — Grita uma garota ao fundo. E rezo que seja para as garotas e não para nós.

Nós arrastamos as garotas para fora, deixando Aiden e Charlotte com Bailey. Marie me morde no braço e a deixo cair.

— Puta do caralho. — Digo, estendendo a mão para ela novamente. Enquanto ela luta, o capuz desliza pelos braços e ela encolhe os ombros. Percebo alguma coisa caindo no chão e vou pegá-la. Ela pega a janela para correr, pegando suas amigas no processo. Ninguém tenta impedi-las, porque depois de hoje, não irão longe. Mesmo que a polícia não lide com elas, nós iremos.

Clicando no telefone, sorrio quando vejo que não é protegido por senha. Clico nos arquivos e meu estômago revira.

Abro e encontro fotos e vídeos. Milhares deles. Clico em um vídeo aleatório, desligando o som quando chama muita atenção.

Isaac se aproxima de mim, Paisley em seus braços.

— Precisamos levá-la ao hospital. Seu nível de glicose está muito alto. — Ele me diz, mas depois olha para o que estou assistindo. — Elas disseram o que eu acho que disseram? Espere, estão realmente fazendo isso?

Eu olho para ele, sentindo minha mão apertar o telefone.

— Você quer dizer que elas incendiaram a casa de Bailey e ficaram rindo do som de gritos? Então, sim. — Faço uma pausa, passando a mão pelos meus cabelos. — Espere, o sobrenome de Bailey não é James?

Ele engole.

— Puta merda. Eu lembro daquele incêndio agora. Não matou um menino e seus pais?

Eu me lembro disso também. Não sabia que foi a Bailey do Aiden. Os jornais nunca mencionaram o nome dela, apenas que estava no hospital, mas me lembro deles falando sobre a morte do resto da família James. Tenho certeza de que minha mãe disse que costumava frequentar o mesmo grupo de artesanato que a mulher que morreu no incêndio.

— Sim.

— Porra!

— O que você fará? — Paisley pergunta, sua voz trêmula.

— Vamos segui-los para o hospital. Eles também precisam ver isso antes de entregar à polícia.

Coloco o telefone no bolso e pego Paisley do meu irmão. Antes de fazermos qualquer coisa, ela precisa ser

examinada. Sua medicação está funcionando cada vez menos ultimamente.

— Vamos, vamos embora. — Reid nos chama.

Passamos por uma família devastada, todos chorando ou amaldiçoando. Podemos não nos dar bem com os Carter, mas uma coisa que respeito é a lealdade deles à família.

Porque como nós, eles morreriam um pelo outro.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Aiden

Os avós de Bailey ligaram para o hospital, dando-lhes permissão para deixar eu e minha mãe em seu quarto. Eles estavam voltando de seu novo chalé e deveriam chegar a qualquer momento.

Não importa. Ela ainda não acordou.

Olho para a cama dela, sentindo-me vazio. E se não fosse pelo fato de poder senti-la, sequer a reconheceria. Seu rosto é um grande hematoma, com milhares de outras cores por cima.

Sua pálpebra esquerda está cortada, inchada, tão inacreditável que parece que uma bola de golfe foi colocada embaixo. Os médicos não sabem, nessa fase, se algum dano foi causado à sua visão. E não saberão até que o inchaço diminua e ela fique consciente.

Ela tem hematomas em todos os lugares.

— Filho, sente-se. — Diz papai, sua voz suave.

Puxo meus cabelos, de frente para ele. Eu sei que tenho lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Sei que estou parecendo e agindo como uma bagunça.

— Olhe para ela, papai. Porra, *olhe* para ela. Ela precisa fazer uma cirurgia em breve. Uma fodida *cirurgia*. Eu não deveria

tê-la levado comigo. Meu ego estúpido queria se exhibir. E isso pode tê-la matado.

— Você salvou a vida dela. — Diz uma voz suave.

Minha atenção vai para porta, encontrando Bella, a avó de Bailey.

— O que?

Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto ela corre para a cama da neta. — Ela tem sido uma prisioneira em sua própria mente, na própria casa, por anos. Desde o nosso retorno, vimos uma mudança nela. Ela brilha. Nós nunca a vimos tão feliz, nem mesmo quando seus pais e irmão estavam vivos. Ela tentou muito manter o que estava acontecendo escondido, mas pudemos ver a bagunça nela.

— Por que você não fez nada? — Pergunto, em seguida, faço uma careta, instantaneamente me sentindo culpado. Bailey não os culpou por nada, com razão, então eu não deveria. — Sinto muito.

Ela força um sorriso, enxugando as bochechas, mas é Abel, seu avô, que responde. — Nós tentamos, mas não tínhamos provas.

— Elas não podem se safar dessa vez. — Declaro, ficando ao lado da minha mãe que está sentada perto de Bailey. — Olhe para ela.

— Nós temos testemunhas agora. Acabamos de ser informados sobre quem é o pai da líder das garotas. Nós não sabíamos disso na época. Não tínhamos ideia.

Eu viro meu olhar em sua direção. — Sobre o que você está falando?

— O pai de Marie. Ele dirigiu meu departamento de contabilidade. Descobrimos que estava desviando fundos de nossas empresas, então o demiti. Conseguimos o dinheiro de volta, temos planos de contingência para quando coisas assim acontecem. Mas não foi até a jovem senhora do lado de fora na sala de espera nos dizer que descobrimos quem é sua filha. Ela nos disse que a mãe de Marie os deixou depois que foi demitido e ela descontou sua raiva em Bailey.

— Estamos levando-a para a cirurgia agora. — Um médico anuncia quando entra.

— Cirurgia? — Bella pergunta, em pânico.

— Vocês devem ser seus avós. — O médico se aproxima, apertando suas mãos. — Sua neta rompeu o baço. — Explica ele, antes de passar pelo procedimento mais uma vez.

Eu me sinto mal ouvindo isso. Eles vão cortá-la. Ela já está sofrendo muito.

Um gemido escapa da minha garganta e minha mãe levanta da cadeira e me puxa para seus braços.

— Oh, Aiden. — Ela sussurra, apertando minha cabeça contra seu ombro.

Eu me agarro a ela, um soluço irrompendo. — Mamãe.

— Estamos prontos. — Ouço dizer e me afasto da minha mãe, enxugando os olhos com a manga da minha camisa.

— Espere! — Todos param quando estão prestes a levá-la para fora da porta. Eu me inclino sobre o corpo dela quebrado e beijo sua cabeça, odiando o pensamento de que meus lábios nela poderiam causar dor. Mas não há pele nela que não esteja machucada. — Eu a verei daqui a pouco. Não me deixe, por favor. Acabei de encontrá-la. E se você for, leve-me junto. — Sussurro e ouço mamãe gritar enquanto escuta minhas palavras. Aperto meus olhos fechados. — Volte para mim. Aconteça o que acontecer, passaremos por isso. Eu prometo. Prometo a você o mundo se isso significar que voltará para mim. Enfrento a guerra por você. Eu te amo, Bailey James. Até a lua.

Afasto, acenando para o médico. Eu me viro para encontrar mamãe nos braços de papai e Bella nos de Abel. Isso dói. Eles têm a outra metade. A minha acabou de ser levada para cirurgia.

— Eu preciso de um pouco de ar fresco. — Digo a mamãe, que acena para mim.

— Esperarei aqui no caso de haver alguma novidade.

Inesperadamente, saio e desço o corredor, mas paro quando chego a sala de visitas. A sala está lotada com a maioria da minha família, mas não são eles que me chamam a atenção. São os Hayes.

Eu não sei o que acontece comigo. Minha mente registra que Jaxon me ajudou a voltar ao parque, mas a raiva que sinto dentro de mim precisa sair e quando meus olhos pousam nele, ele é o alvo.

— Que porra você está fazendo aqui? Veio para regozijar-se?

Seus olhos se arregalam de surpresa antes de se levantar.

— Entendo que você está sofrendo, mas veja como fala comigo. Eu sou o único que ajudou a tirá-la de lá.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto, não me incomodando em pedir desculpas, ele apenas ri.

— Estamos realmente esperando pela polícia. Eles disseram que viriam logo tomar nossa declaração.

— A polícia esteve aqui? — Pergunto, quando Faith e Beau se aproximam de mim.

— Sim, Aiden. Eles deram declarações, mas Jaxon estava com a irmã no andar de baixo.

— Paisley? — Landon pergunta, dando um passo à direita. Seu olhar busca e a encontra. — Você está bem?

Jaxon estreita os olhos para Landon. — Foda-se, Landon.

Landon se aproxima, seu punho pronto para lançar, mas Beau fica na frente dele, bloqueando seu caminho.

— Vá lá fora e refresque-se. Você tem estado uma bagunça furiosa desde que trouxeram a Lily.

— Lily? — Eu pergunto, meus olhos se arregalando de horror. *O que aconteceu com Lily?*

— Estou bem. — Diz Lily e viro encontrando-a sentada ao lado de Maddox, que está meio dormindo em seu ombro.

Quando meu olhar se fixa em Maddox, ele balança a cabeça em advertência.

Certo. Com os irmãos Hayes não há como derramar os problemas de Lily na frente deles. Mensagem clara, volto para Jaxon.

— Sairei. Estarei de volta daqui a pouco. — Grunhe Landon, empurrando Beau para longe dele.

Liam levanta, mas a mão de Hayden em seu peito o impede. — Deixe. Ele precisa se acalmar.

Ele acena e senta novamente. Jaxon suspira, tirando o celular do bolso.

— Eu não quero o seu número. Apenas porque você ajudou a salvar minha mulher não significa que somos melhores amigos. — Digo.

Um grunhido gutural escapa de sua garganta.

— Eu juro por Deus... seu ego poderia ficar maior? Esse não é meu telefone, idiota. É de Marie. E há merda aqui que a polícia precisa ver, se aparecerem.

Beau acena com a cabeça, lendo a mensagem com clareza e puxa seu próprio telefone, saindo.

— O que há com ele?

Paisley dá um passo à frente.

— Chamarei um táxi e irei para casa. Não posso assistir ou ouvir isso novamente. — Ela diz suavemente.

— Eu vou com você. — Diz Reid, parecendo tão pálido quanto sua irmã.

Meu estômago revira e o seguro, sabendo que será ruim. Nada incomoda esses irmãos, eu vi a merda que fizeram com caras que tentaram mexer com eles.

Ela coloca a mão no braço de Reid. — Não. Eu ficarei bem. Juro. Mamãe está esperando por mim e você precisa dar uma declaração. Posso dar a minha outro dia.

— Não podemos deixá-la sozinha. — Diz Reid, dando-lhe um olhar aguçado.

Ela suspira. — Por favor. Apenas preciso sair daqui. Eu odeio esse lugar e você sabe disso.

Vejo com espanto enquanto seus olhos suavizam em compreensão.

— Tudo bem, mas nos ligue quando o táxi chegar aqui e quando você chegar em casa.

— Sim. Acho que Wyatt está lá embaixo ainda recebendo tratamento, de qualquer maneira. Verei como ele está e verificarei se está pronto antes de ir.

— O que aconteceu com Wyatt? — Maddox pergunta com grande interesse.

Não parece que alguém responderá, mas então Ashton fala, soando entediado.

— Sua melancia explodiu e pedaços dela entraram em seus olhos.

— Ele precisou jogá-la fora. — Explica Paisley.

Eu riria, mas me sinto morto por dentro. E continuarei até que eu saiba que Bailey está bem e saiu da cirurgia.

Paisley sai e Jaxon senta. Eu franzo a testa, olhando para Beau, que volta antes de se virar para Jaxon.

— Você nos mostrará?

Ele olha para cima, seus olhos assombrados. — Não!

Minhas mãos se fecham em punhos. — O que você quer dizer com *não*?

— Não estou fazendo isso por ser um idiota, Aiden. Realmente não. Mas há merda aqui que você não deveria ver. Não apenas por você, mas pela sua garota. Assombrará vocês dois.

— Que porra é essa, Jaxon?

Reid se levanta, cruzando os braços.

— Olha, nós percebemos que você está sofrendo. Por favor, desista. Quando Jaxon diz que você não precisa assistir, realmente não precisa. Não é o Cartoon Network. O que está lá é realmente doente. E se quiser ouvir um garotinho gritar enquanto está sendo queimado vivo, faça isso. E se quiser assistir a um vídeo após outro da merda que fizeram com a sua garota, ver o prazer em seus rostos enquanto faziam isso, então vá em frente. E se você quer ouvir a virgindade dela sendo tomada, então toda a escola rindo dela enquanto é tocada, vá em frente. Mas estou dizendo, você não poderá esquecer isso. Nós temos tentado pelas últimas duas horas e nada está funcionando. Então, cale a boca e sente-se.

Cambaleio para trás, meus olhos se arregalando para o telefone. Agarro meu peito, sentindo-o apertar. Não consigo respirar. Tem tudo a ver com isso.

Tudo.

Beau me estabiliza, mas o empurro para longe de mim, olhando a sala até que meu olhar pousa em Hayden.

— Você!

— Eu? — Ela pergunta, apontando para o peito.

Eu me aproximo, puxando-a para cima.

— Você vem comigo. Preciso que você chute algumas bundas.

Seus olhos ficam duros. — Eu ficaria feliz.

— Eu vou também. — Diz Hope e mesmo que a garota não possa lutar, eu sei que ela faria isso por mim.

— Eu também, embora provavelmente terei minha bunda chutada. — Diz Charlotte, levantando-se.

— Excursão em família, então. — Ciara entra.

— Eu as pararia antes que pudessem bater de volta. Simplesmente não posso bater nelas. — Digo, embora queira desesperadamente estrangular cada uma. Mas temo que, se eu for sozinho, será exatamente o que farei.

Elas não podem fugir disso.

— Aiden, você não pode. — Diz Beau, tentando me bloquear.

Eu me junto a ele, empurrando-o, mas não se move.

— Porra, não me pare, Beau. Você ouviu o que elas fizeram.
— Digo, apontando para os irmãos Hayes antes de bater no meu peito. — Eu ouvi o que ela passou e ainda se safaram. Elas não se safarão disso. Não se sentarão em uma aconchegante cela de prisão sem sentir como é ser atropeladas.

Ele me empurra de volta, seu rosto vermelho de raiva.

— Eu sou um policial, Aiden. Você precisa se lembrar disso antes de dizer essa merda para mim.

— Nós ficamos sentados com um policial todo esse tempo e você não disse nada? — Isaac sussurra.

Beau e eu apontamos nossos olhares para ele. — Cala a boca!

Ele segura as mãos e se senta novamente. — Está bem então.

Estreito meus olhos para Beau. — Você a viu?

Ele parece intrigado com a minha pergunta. — Quem?

— Bailey.

Sua expressão muda, pena brilhando em seus olhos. — Não, eu não vi.

— Então você não entende. — Sussurro, sentindo as lágrimas encherem meus olhos. — Está toda machucada. Não há um centímetro de pele que não esteja preta e azul. Ela tem sorte, realmente muita sorte. Teve duas costelas fraturadas e um braço rompido. O resto, como disseram, é simples. Irá curar. Mas isso não muda o fato de que elas fizeram isso. Provavelmente a teriam deixada sozinha lá para morrer, se não tivesse pedido que Liam

investigasse ela e sua família. Queria destruí-la, tomar tudo o que ela mais ama. E olhe onde isso nos levou. — Eu rosno, sentindo-me inquieto. — E se não tivéssemos descoberto que o pai dela roubava dinheiro de sua nova empresa e seus impostos, então ele não teria sido preso e ela não teria feito o que fez. Preciso fazer alguma coisa.

Ele coloca a mão no meu ombro, fixando-me com um olhar nivelado. Eu não recuo ou encolho os ombros.

— Eu sei que isso é difícil, confie em mim. — Diz ele e seus olhos encontram brevemente Faith por cima do meu ombro. — Mas encontrar essas garotas não ajudará Bailey nem um pouco. Elas poderiam usar qualquer coisa que você fizer para sair das acusações ou obter uma sentença menor. Confie em mim. E acredite quando digo que não ajudará aquela garota deitada em uma cama de hospital. Isso não é culpa de ninguém, mas aconteceu. É simples assim. Elas escolheram reagir assim, não você.

— E você tem Sunday para pensar. — Diz Faith, chegando ao meu lado.

Esfrego meu rosto, me sentindo derrotado. — Elas não podem fugir com isso.

— E não irão. — Beau me garante.

— Qual é a porra da bunda que chutaremos? — Tio Max explode da porta.

Todos nós gememos, todos indo para seus lugares.

E as pessoas se perguntam por que sou assim.

*** *** ***

Quatro horas depois, a porta da sala de espera se abre. Eu voltei para ver Bailey depois da cirurgia e a essa altura, a polícia veio e foi colher mais depoimentos de todos envolvidos. Quando minha mãe disse que Harlow trouxe Sunday para me ver, voltei para a sala de espera.

Coloquei Sunday de volta em sua cadeirinha e olhei para cima para encontrar minha mãe sem fôlego. Ela escolheu ficar ao lado de Bailey para o caso de haver alguma novidade.

— Ela está acordada. Ela está acordada!

Corro até a porta, quase tropeçando em meus pés para chegar até ela. Não paro para mamãe, apenas grito um pedido para que alguém cuide de Sunday. Passo por ela e sigo pelo corredor para o quarto de Bailey.

Seus olhos encontram os meus quando entro e uma única lágrima rola pela sua bochecha machucada. Percebo que ela colocou seu aparelho auditivo novamente. Eu sei que eles estavam preocupados com mais danos em seus ouvidos, mas a maior parte do dano está em seu rosto e corpo.

— Bailey. — Falo com voz rouca.

Ando até ela e Bella se levanta da cadeira. — Nós daremos aos dois um momento.

Eu não lhes dou atenção. Apenas tenho olhos para minha mulher.

— Você está acordada. — Ela tenta abrir a boca, mas estremece de dor. Eu pego sua mão gentilmente, sem aplicar nenhuma pressão no caso de machucá-la. — Shh, o médico explicou que você pode não ser capaz de falar por um tempo por causa do inchaço na sua mandíbula. Deve desaparecer em alguns dias. — Ela pisca para mim, os olhos enchem de lágrimas e elas caem pelas suas bochechas. Quero afastá-las, mas o medo me impede. — Eles as pegaram, Bailey. Eles as pegaram.

Seu olho com a menor quantidade de inchaço aumenta um pouco, e seus dedos apertam minha mão. Sorrio, mas é forçado. — Encontramos evidências. Bem, Jaxon Hayes encontrou. Ele entregou para a polícia. — Explico, esfregando minha nuca. — Mas reabriram todas as investigações e descobriram há uma hora tudo o que fizeram com você. Eles sabem de tudo.

Seus olhos se contraem e posso dizer que ela está surpresa. Não tenho certeza se devo contar o resto até que esteja melhor. Mas sei que se fosse eu, gostaria de saber. Também conheço Bailey e notícias como essa... ela gostaria de saber logo. Nunca me perdoaria por esconder isso dela.

Sua mão se contrai na minha.

— Há outra coisa. — Digo observando enquanto ela fica mais concentrada. — Estão sendo acusadas do assassinato de seus pais e irmão. Encontraram um vídeo. Elas foram pegas tentando deixar a cidade há duas horas. A polícia as tem, amor. Acabou.

Seus olhos se fecham enquanto ela luta para controlar suas emoções. Não funciona. Seu rosto enruga em desespero quando um soluço sai de seu peito. O som animalesco que ela faz enquanto chora por seus pais, pela justiça a muito esperada, é minha ruína. Eu não posso mais me segurar. Ouvir os sons quebrados vindo de seu corpo é angustiante e isso rasga minha alma, então sigo em frente, fazendo de tudo para consolá-la sem machucá-la ainda mais.

Seguro a cabeça dela em minhas mãos, levando meus lábios para o ouvido dela. — Shh, acabou Bailey. Eu a entendo. Eu te amo. Eu te amo muito.

Suas mãos encontram minha cintura e usando toda sua força, ela se agarra a mim, absorvendo meu conforto enquanto tremores passam por seu corpo. Deixei a angústia sair dela, sabendo que precisa tirá-la. Também sei que isso deve machucá-la fisicamente. E por mais que tente se conter, os soluços surgem mais forte a cada minuto.

Ela coloca tudo para fora, fico ao seu lado. Agora é meu fardo para suportar e meu para destruir.

Nada e ninguém a machucará novamente.

Eu não permitirei.

Eles terão que me matar primeiro.

E um Carter é difícil de derrubar. Acredite em mim, muitas pessoas tentaram e falharam.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Bailey

Seis semanas depois

Minha mão procura Aiden quando todos começam a entrar no tribunal. Não demorará muito até que tragam Marie, Eva, Naomi e Amy das celas da prisão para o tribunal. Beau explicou todo o processo em detalhes, incluindo o que aconteceria durante o processo judicial; a evidência, os testemunhos e depois de hoje, a sentença.

Não tornou nada disso mais fácil de lidar. Nada poderia ter me preparado.

Vê-las novamente depois do ataque fez com que tudo voltasse. O banheiro, o pensamento de que morreria, o puro terror que senti. Lembranças de acordar na cama do hospital, ver meus avós e Teagan, a agonia que senti quando registrei o que aconteceu comigo e que cada centímetro do meu corpo doía.

Foi sufocante. Não conseguia respirar e odiei estar tão perto delas, mesmo que estivessem com os guardas. E se aqueles guardas eram para mantê-las seguras ou a nós, não foi dito. Eu sei que Aiden precisou ser contido por Maddox e Landon na primeira vez, enquanto seu pai o acalmava.

No breve olhar que dei, senti medo, depois raiva e finalmente, alívio ao vê-las onde pertenciam.

Observo a sala enquanto todos tomam seus lugares. Meu coração se enche de calor quando vejo os Carter e meus avós ao meu redor, todos aqui para mostrar seu amor e apoio. Fiquei chocada ao encontrar alguns dos irmãos Hayes. Depois que deram o seu testemunho, presumi que seria a última vez que os veria. Ainda não tive a chance de agradecer por me salvar naquele dia. Espero que hoje possa pegá-los antes que desapareçam.

Meus olhos enchem de lágrimas quando a lembrança de quão duras as últimas semanas foram volta. Ainda estou me recuperando, mas no começo foi incrivelmente difícil. Uma semana da minha permanência no hospital, descobri que, embora não tenha sofrido mais danos à minha audição, não era mais elegível para a operação devido ao inchaço interno e externo. Poderia esperar, levantar minhas esperanças mais uma vez ou viver com minha deficiência. Escolhi viver com meu aparelho auditivo. Não me incomoda mais e prefiro tê-lo a perder a audição, o que poderia acontecer se fosse adiante com o procedimento agora.

Aiden e sua família estiveram lá para mim desde o primeiro dia. A mãe dele não saiu do meu lado nos primeiros quatro dias, como continuou visitando todos os dias até eu ser liberada. Realmente gostei do meu tempo com ela, conhecendo-a melhor sem que seu filho impedisse a conversa quando ficava constrangedora. E de certa forma, parecia que minha mãe estava lá comigo. Ela me tratou como se fosse sua própria filha.

Aiden era autoritário às vezes, recusando-se a deixar o hospital completamente. Acho que as enfermeiras sentiram pena do que aconteceu comigo. No final, cederam e me deram meu

próprio quarto, para que ele pudesse ficar comigo sem perturbar ninguém ou deixar os outros pacientes desconfortáveis.

No momento em que saiu do seu desespero, os outros pacientes no meu andar o amaram. Nós até ouvimos as enfermeiras brigando sobre quem iria me atender, apenas para que pudessem vê-lo.

Era patético, mas ainda assim... não podia culpá-las.

Ele não estava de volta ao seu eu alegre e divertido, mas estava se curando também. Podia ver que o preço do que aconteceu estava brincando com sua mente, não importava o quanto tentasse compreender isso.

Meus avós me sufocaram como sempre. Dessa vez, indo mais longe do que nunca. Enquanto estava no hospital por duas semanas, reformaram completamente os quartos no andar de cima e mudaram Aiden para lá.

Sim, eles o mudaram. Parecia alegre e convencido com a coisa toda, dizendo que seria inútil manter seu apartamento ao lado quando não me deixaria novamente, de qualquer maneira. Não deixou espaço para discussão.

Não que quisesse discutir. Gosto de tê-lo e Sunday por lá. Foi pacífico.

Voltei para casa para o meu quarto com um novo acessório. Era como se Narnia tivesse pousado lá. Eles quebraram a parede, encaixando uma porta que dava ao quarto de hóspedes. Um quarto de hóspedes que agora é um berçário. Um berçário bonito, rosa brilhante, com milhares de fadas e estrelas penduradas em todo o lugar.

Sunday seria uma criança mimada. Quando Mary descobriu o que estavam fazendo, ela começou a contribuir, comprando tudo em que seus olhos pousavam. Então, não querendo ficar atrás, Maverick e Teagan começaram a comprar coisas, dando o toque deles. O quarto tinha tudo que uma criança precisaria até ela chegar à adolescência. Eles pensaram em tudo.

Eu não fiquei sozinha nenhuma vez quando voltei para casa, pelo que fiquei grata. Mesmo sabendo que aquelas garotas estavam na prisão aguardando julgamento, todo barulho me deixava nervosa.

Ainda estava processando tudo que me disseram. Não estava convencida de que algo seria feito e uma parte minha temia que elas continuassem impunes, mas então Beau começou a fazer algumas ligações. Ele fez o processo avançar, então voltei a uma rotina. Acontece que ele conhecia um juiz, que conhecia outro e juntos tivemos um encontro.

Os últimos dias foram emocionalmente desgastantes, não apenas para mim, mas para todos ao meu redor. Não dormi muito e comer só me fazia querer vomitar.

O pior dia foi quando começaram a examinar as provas, reproduzir os vídeos e mostrar as imagens ao júri. Assim que a risada maléfica de Marie ecoou pela sala, eu fugi. Sabia que o primeiro vídeo que eles mostrariam seria o dia em que mataram minha família. Ficar teria me quebrado novamente, eu mal estava aguentando. No fundo, sabia que elas começaram o fogo, mas uma parte minha nunca quis acreditar. A ideia que foi minha culpa me consumiu. Não passaram nem cinco segundos no vídeo

antes de correr. Eu sabia que nunca mais dormiria se assistisse. O tribunal pareceu entender e não questionou minhas razões para sair correndo.

Hoje não vou embora. Hoje, quero olhar em seus olhos e ver como suas vidas são tiradas delas, assim como roubaram a vida de meus pais e irmão. Quero assistir quando perceberem que suas famílias ricas não têm chance de livrá-las. Embora nenhuma de suas famílias esteja aqui, isso não significa que não receberam a melhor representação possível. Não tenho ideia de porque suas famílias não conseguiram, realmente não me importo. Elas merecem ficar lá sozinhas por tudo que fizeram. Talvez agora tenham uma ideia do que senti quando estava sozinha e com medo.

Aperto a mão de Aiden com mais força quando as vejo entrarem na sala. Sequer preciso procurar para saber que elas estão se aproximando das cadeiras do réu. Posso sentir o ódio e a raiva, rolando em ondas. Mas as ignoro, inclinando-me mais perto de Aiden, que também ficou tenso ao vê-las.

— Não demorará muito agora, amor. Eu prometo. — Ele sussurra.

— Estou com medo. — Admito. Minha avó ouve, pega minha mão livre na dela, agarrando como se minha vida dependesse disso.

— Não precisa ficar com medo, nós estamos com você.

Maddox se inclina para frente, apoiando os braços nas costas da minha cadeira.

— Quer que a anime? Eu poderia piscar para o juiz, ele precisa de um sorriso.

Mesmo com a dor angustiante dentro de mim, consigo sorrir. Ele tem feito muito isso. No começo, era pior porque ele não sabia como lidar com as emoções ou pelo menos eu imaginava. Usou a comédia como um escudo para mascarar o que realmente estava sentindo, que era raiva.

Agora, acho que ele gosta de enrolar Aiden.

— Cale a boca, Maddox. — Aiden sussurra com um suspiro resignado.

Maddox versus Aiden.

— Você não é mais divertido, Aiden. É uma pena. — Ele diz zombeteiramente, antes de sentir seu olhar em mim. — Ele está com ciúmes porque você acha que sou mais gostoso. — Ele sussurra alto. — Quando precisar de mim, ligue. — Ele faz uma pausa, e eu posso senti-lo sorrindo. — Ei, essa não é uma música?

Aiden rapidamente se vira em sua cadeira, batendo Maddox de volta. O advogado olha para nós com um olhar curioso. Começo a me preocupar em ser expulsa, mas depois de alguns momentos, ele se vira para frente da sala.

— E se você não calar a boca, o chutarei para fora. — Aiden diz, inclinando-se em sua cadeira.

Maddox suspira. — Você não iria

Aiden sorri. — Tente-me. — Diz ele, em seguida, sua atenção se fixa na porta na parte de trás da sala, aquela da qual o juiz está saindo agora. — Comporte-se.

Com o aviso, Maddox suspira, mas não antes de sussurrar: — Ligue para mim quando ele for embora.

Ergue as mãos em sinal de rendição quando Aiden vira seu olhar furioso para ele, silenciosamente avisando-o para não empurrar mais.

Meus lábios se curvam, mas toda a diversão desaparece quando o juiz se levanta. Afasto no meu assento e Aiden pega minha mão, beijando-a.

Sentindo meu olhar nele, olha para mim, sua expressão suavizando em compreensão. Meus olhos começam a encher de lágrimas. Estou tremendo, temo qual será o resultado. Mesmo com toda evidência, fiquei petrificada ao pensar que podem se safar com o que fizeram. Novamente. Aiden sabe disso, depois de me segurar em cada um dos meus pesadelos.

— O júri chegou a uma decisão?

O homem atuando como um porta-voz do júri, está arrumando a gravata enquanto assente.

— Chegamos a uma decisão unânime, meritíssimo.

É isso, esse é o momento que estava esperando. Vovó se inclina para mais perto, envolvendo um braço em minha cintura. Uma parte do meu coração se parte ao som de sua respiração. Às vezes, esqueço que não sou a única que os

perdeu. Meus avós perderam uma filha, um neto e um genro. E não foi até esse momento que percebi o quão egoísta fui.

Minha atenção volta para o juiz, ouvindo o resto das acusações que está listando, mesmo as acusações de anos anteriores, onde não havia provas suficientes para ir ao tribunal.

— Sobre a acusação, S.18 grave lesão corporal, o júri declara as rés culpadas ou inocentes?

Eu prendo a respiração, sentada na beirada do meu assento.

— Nós, o júri, declaramos as rés culpadas.

— O que?

— Não!

— Você não pode fazer isso!

Percebo que a voz de Marie não passa pela sala do tribunal e contra o meu bom senso, olho em sua direção. A frieza em seus olhos envia um arrepio pela minha espinha. Eu nunca entendi o ditado *que o olhar pode matar* até esse momento. É como se tudo o que faz alguém humano não existisse completamente. Há muita escuridão nela. Eu me aproximo de Aiden quando o juiz repreende os outros por falar no tribunal.

Ele lista outras ofensas, todas as quais são consideradas culpadas, mas não são elas que estão em pânico.

Quando se trata do que mais me interessa, aquela acusação que venho perdendo o sono, olho para ele, dando-lhe toda a minha atenção. Também sei que se eles as acharem culpadas desse crime, todas terão prisão perpétua. Nem importa tentar apelar, estavam tratando a ofensiva como uma coisa só,

assassinato. Elas serão automaticamente incriminadas a dezesseis anos por cada vida que tiraram. O máximo que podemos esperar com as menores acusações é de vinte a vinte e dois anos. Espero que concordem com meus pensamentos de quanto mais tempo melhor.

A pergunta sai suavemente da boca do juiz, mas meus olhos estão focados nos seus olhos. O suor começa a escorrer pelas minhas têmporas e na parte de trás do meu pescoço. Meu corpo inteiro tenciona enquanto seus lábios se separam.

Aperto a mão de Aiden com mais força.

Minha avó me aperta com mais força e mãos de conforto alcançam meus ombros.

Eu inalo, tentando não desmaiar.

— Nós, o júri, declaramos as rés... — Não consigo respirar. Eu suspiro, o desejo de fugir me invade. — Culpadas.

Volto para o meu lugar, meus olhos arregalam quando a surpresa dispara pelo meu sistema. Rugidos de alegria me cercam, mas tudo que posso fazer é olhar para o juiz.

— Não chore, amor. Você ganhou, você *ganhou*.

Olho para Aiden, sentindo-me completamente entorpecida. Apenas quando ele limpa sob meus olhos que percebo que estou chorando. Descanso minha testa contra a dele, segurando seus braços enquanto ele agarra meu rosto na palma de suas mãos.

— Acabou. — Sussurro com voz rouca.

— Sim. — Aiden concorda, puxando-me contra seu peito.

— Eu, portanto, sentencio vocês a vinte anos de prisão antes que sejam elegíveis de liberdade condicional.

Gritos são ouvidos em todo o tribunal e uma sensação de formigamento, a que passei pela escola, corre pela minha espinha. Eu não sei o que traz o sentimento, apenas sei que deveria ficar em alerta, como um sexto sentido.

Lentamente me viro para Marie, sabendo que sem dúvida é ela. Meu olhar alcança as outras duas, todas chorando enquanto os guardas começam a escoltá-las.

Mas Marie fica ali, observando-me, todo o seu corpo tremendo de raiva como nunca a vi antes.

Eu pisco quando isso acontece. Ela tenta pular onde está sentada para chegar até mim. Eu grito, mesmo que não esteja perto de nenhum de nós e esbarro em Aiden. Ele me agarra pela cintura e me coloca em sua cadeira, antes de ficar de pé protetoramente na minha frente, mesmo que ela não possa nos alcançar.

— Eu a matarei, sua idiota. Você morrerá por isso! — Ela grita enquanto os guardas de segurança a dominam.

Olhando Aiden, vejo com satisfação quando ele bate a cabeça dela na bancada de madeira diante dele, prendendo-a para que não possa atacar. Isso não significa que ela não tente brigar e gritar profusamente.

— Vamos sair daqui. — Vovô diz, pegando minha mão.

Aiden se move para o lado, andando atrás de mim enquanto saímos. Passamos por vovô e apertamos a mão do nosso

advogado antes de irmos diretamente para o lado de Marie. Apenas a irrita mais, cuspe voando de sua boca enquanto ela grita e amaldiçoa.

Nossos olhos se encontram e puro ódio rola dela. Não tenho dúvidas que me mataria se tivesse uma chance. Posso ver, sentir isso.

Seus olhos se estreitam. Paro e encontro seu olhar de frente, sabendo que esta será a última vez que a verei. Seus olhos brilham com raiva inegável, mas não sinto nada. Não querendo desperdiçar outro segundo perto do lixo, dou-lhe um sorriso brilhante antes de ir embora.

Ouçõ sua luta desesperada enquanto estou saindo, agora de costas para ela.

— Eu a matarei. Marque minhas palavras, matarei. — Grita ela.

Não olho para trás quando Aiden me leva para fora do tribunal e para o ar fresco. No segundo que o vento frio bate no meu rosto, sinto que posso respirar novamente.

Aiden anda atrás de mim enquanto nossas famílias começam a comemorar. Ele leva seus lábios para o meu ouvido, sua respiração quente. Eu tremo.

— Isso foi foda. — Ele sussurra.

— O que? — Pergunto, desejando que não tivéssemos que esperar mais três semanas antes de podermos fazer sexo. Ordens médicas e tudo isso.

— Sorrir para ela. Isso deve ter sido pior do que uma surra para ela, você sorrindo. — Ele diz, antes de rir e morder meu pescoço. — Foi muito sexy.

— Você está excitado agora, não está?

Sua risada vibra na minha espinha, fazendo-me sorrir. — Sim.

Quando estou prestes a dizer foda-se os *médicos*, vejo um grupo descendo as escadas à nossa frente. Aiden fica tenso, mas eu o ignoro. Ele não admitirá, mas é secretamente grato aos irmãos Hayes pelo que fizeram.

— Jaxon. — Eu o chamo, fazendo o pequeno grupo parar, meus amigos e os meus avós pararem.

— O que você está fazendo? — Aiden pergunta, um aviso em seu tom.

Eu olho por cima do ombro brevemente. — Algo que deveria ter feito semanas atrás: agradecer-lhes.

Eu me afasto e ele me deixa ir sabendo que isso é algo que preciso fazer.

— Oi. — Saúdo quando me aproximo de Jaxon. Um lampejo de confusão cruza sua expressão antes de ficar distante.

— Estou feliz por ter corrido bem. — Diz ele.

— Quero agradecer por me ajudar naquele dia no parque. Os outros me disseram que havia outras pessoas do lado de fora, não fazendo nada para pará-las.

Ele parece desconfortável por um momento, antes de encolher os ombros. — Não foi incômodo algum. Qualquer um teria feito o mesmo.

— Mas não fizeram. — Digo, antes de fazer algo que queria desde que descobri que ele e Aiden invadiram os banheiros. Eu dou um passo à frente, empurro as pontas dos pés e o abraço. Ele enrijece, mas não me importo. — Obrigada.

— Sim, estou me sentindo um pouco desconfortável com isso. — Sussurra Aiden atrás de mim, antes de sentir suas mãos na minha cintura. Ele me puxa de volta e reviro os olhos para Jaxon, como se dissesse: *o que posso fazer?*

— Aiden. — Digo, me deixando ser puxada para seus braços.

— Deixarei vocês celebrarem. — Diz Jaxon, antes de ir até seu irmão.

— Lembre-se, isso não nos faz amigos. — Aiden diz para ele.

Jaxon se vira, sorrindo. — Você está certo. Apenas nos odeie, porque eu *não* serei seu amigo. Vejo vocês na próxima Família do ano.

O corpo de Aiden fica tenso. — Nós teríamos vencido e você sabe disso.

Jaxon encolhe os ombros. — Qualquer coisa que disser.

— Você foi o único que desistiu. — Aponta Aiden.

— Sim, mas não teria sido divertido aniquilar ninguém além de você.

— Ah, você nos ama. — Diz Aiden.

— Em seus sonhos, Carter.

— Sempre. — Ele responde sarcasticamente, antes de virar as costas. Jaxon ri, alcançando o resto de seus irmãos.

Aiden me puxa contra ele gentilmente, sempre tão gentil, como se tivesse medo de me quebrar.

— Você é minha, nunca mais abraçará outro homem na minha frente novamente.

Eu levanto a sobrancelha para seu aviso, achando divertido. — E você é meu. Mas iria agradecê-lo de qualquer maneira. Ele me ajudou. Ajudou *você* a chegar a mim.

Ele franze a testa, um olhar irritado no rosto, porque sabe que estou certa. — Ainda não gosto disso.

— Então, você não quer saber o que tenho em mente para te agradecer?

Seus olhos se iluminam com malícia. — Oh, sim? E o que seria isso?

Encolho os ombros, um sorriso provocante curvando meus lábios.

— Bem, isso envolve você ficar nu. E eu ficar nua... — Digo parando.

Ele sorri. — Eu posso ficar interessado nisso.

— Claro que pode. — Digo a ele.

— Ainda não gosto de você tocando outros homens, no entanto.

Eu me levanto na ponta dos pés, dando-lhe um breve beijo. Ele tira a carranca do rosto e se aperta contra mim.

— Eu te amo, então não tem nada que se preocupar.

Ele me dá um olhar *duh*.

— Claro que sim. Eu sou muito sexy.

Sorrio balançando a cabeça. — Mas não é por isso que eu te amo.

— Bem, *duh*. Eu sou incrível. — Ele faz uma pausa, perdendo sua expressão brincalhona. — Mas você sabe, ninguém pode amá-la tanto quanto eu. Não acreditava que houvesse alguém para cada um. Realmente não. Mas você, Bailey James, foi feita para mim. Eu te amo e realmente acredito que nosso amor é eterno. — Diz ele suavemente. Fico tocada com suas palavras, cada vez fica mais difícil não amar o homem na minha frente.

— Ah, Aiden! Você realmente não tem ideia do quanto isso significa para mim. Você me ajudou a acreditar novamente, a amar, a confiar. Eu te amo.

Suas pupilas se dilatam, a luxúria queimando enquanto leva seus lábios para os meus. Um grunhido ressoa de seu peito enquanto ele aprofunda o beijo.

Meu corpo todo formiga, dos meus lábios aos meus dedos e pressiono mais contra ele. Não posso esperar para tê-lo. Para senti-lo dentro de mim. A única coisa que me impede é Aiden. Ele não me tocará sexualmente até que o médico me dê seu ok.

Nós nos afastamos, respirando com dificuldade e ele descansa a testa contra a minha.

— Eu te amo tanto, isso me deixa louco. — Ele diz.

— Idem.

— Vamos, vamos celebrar. Tio Mason organizou comidas e bebidas no restaurante. Hoje será um bom dia.

Olho para seu rosto. — Obrigada por ficar ao meu lado o tempo todo, por ser minha rocha. Não sei o que teria feito sem você.

Ele bufa. — Bailey, você é uma das pessoas mais fortes que conheço. Pessoas como você, que superam algo tão horrível, tão trágico e ainda caminham para o outro lado intacto, são admiráveis. Podem ter te derrotado, mas elas não a quebraram. Não quebraram sua alma. É preciso alguém muito forte para passar por isso. Então, mesmo que não estivesse aqui, você teria superado isso. — Ele diz ferozmente. — Sempre estarei aqui para você. Sempre. Então, nunca me agradeça.

Como tive tanta sorte?

Meus olhos enchem de lágrimas enquanto o puxo para perto em um abraço.

— Eu te amo, Aiden Carter.

— Pessoal, vamos. Estou com fome. — Diz Liam.

Nós nos separamos e uma risada aguada escapa quando vejo o beicinho de Liam.

— Vocês podem fazer os olhos de apaixonados um para o outro mais tarde. — Maddox grita. — Eu preciso de comida.

— E nós precisamos celebrar que essas cadelas ficarão na cadeia. — Hayden grita.

— Olha a língua, Hayden. — Diz Lake, sua mãe, mas suspira como se fosse uma batalha perdida.

— Pronta? — Aiden pergunta, um grande sorriso no rosto.

Olho para ele pelos meus cílios, passo o dedo pelo seu peito até sua calça. Ele engole, seu olhar queimando em mim.

— Você não sabe? Eu o seguiria a qualquer lugar. — Digo a ele com uma voz sensual. Mexo-me para frente, meus lábios distantes antes de me afastar. Ele balança para frente, como se uma corda invisível estivesse forçando-o e isso me faz sorrir interiormente.

Afasto-me, deixando que ele me observe enquanto eu vou. Sorrio quando o ouço correr para me alcançar.

— Isso é tão injusto. Você me deixou louco. — Ele lamenta.

A vida com Aiden nunca será chata, com certeza.

Mas não conseguiria imaginar minha vida sem ele, sem nenhum deles.

EPÍLOGO

Bailey

Três semanas depois

Sentando na cadeira que a gentil enfermeira me ofereceu, sorrio para Aiden antes de olhar para uma feliz Sunday em um berço hospitalar.

Suas pernas e pés enlouquecidos, o minúsculo celular pendurado acima dela a deixando excitada. Eu nem acho que ela percebeu ou sequer se importou onde está. É apenas um bebê feliz.

Olho de volta para Aiden quando ele começa a bufar e soprar mais uma vez.

— Ela está bem. — Lembro a ele. Embora estivesse bem antes que ele nos apressasse até aqui.

Ele se vira para mim, suas mãos ainda segurando seus cabelos.

— Ela não chorou por mais de um dia, Bailey. Os bebês devem chorar. Isso é o que mamãe ficava me dizendo quando sempre chorava nas primeiras semanas em que estava em casa.

Eu rio baixinho com a histeria em sua voz.

— Sunday está bem. Apenas porque ela não chorou, isso não significa que algo está errado.

Eu beliscaria os dedos dos pés para provar isso a ele, mas isso apenas o afastaria. E não quero ferir a pobre Sunday. Ela provavelmente já está traumatizada pelas reações do pai a tudo que faz.

O médico caminha pelo corredor, não parecendo muito satisfeito em ser conduzido mais uma vez ao leito de Sunday, especialmente quando há crianças doentes na enfermaria que realmente precisam de sua atenção.

— Sunday Carter?

Aiden vira, seus ombros cedendo em alívio.

— Você precisa olhá-la.

— Ela está bem, Sr. Carter.

Não feliz com essa resposta, Aiden rosna.

— Ela chorou quando saí do quarto. Chorou quando fui ao banheiro. Ela até chorou uma vez quando virei a TV para assistir futebol. Mas não chorou agora, senhor, em mais de vinte e quatro horas. Algo está terrivelmente errado com minha filha.

O médico suspira.

— Bem, se sua filha estivesse gritando no hospital com qualquer tipo de dor ou aflição, eu ficaria preocupado. Eles têm um jeito de avisar quando algo está acontecendo. Tudo o que Sunday está fazendo agora é mostrar que está feliz, que se sente amada.

Aiden parece inseguro, seus olhos voltando para ela. Eu posso ver os cantos de sua boca levantarem e seu peito estufar.

— Você realmente acha isso?

O médico balança a cabeça.

— Sim, Sr. Carter, eu sei. Agora, se não se importa, eu tenho outras crianças para ver.

Aiden acena para ele, não está mais o ouvindo. O pateta ainda está preso na felicidade de Sunday. Ele se inclina sobre o berço, passando o dedo pela bochecha rechonchuda. Os cabelos dela ficaram mais escuros ao longo das últimas semanas, sua personalidade aparecendo mais e mais.

E eu pensei que o dia em que ela sorriu pela primeira vez não poderia ser superado. Foi bonito. Como Aiden. Vê-lo orgulhosamente mostrar a todos me fez amá-lo ainda mais.

Mas o dia que ela riu? O dia em que ela riu eu lembrarei para sempre. Ele derramou suco de laranja em toda sua camiseta, em seguida, tropeçou na nova mesa que vovô colocou no corredor com o novo vaso de flores que ficava no topo. Sunday estava em sua cadeira e viu a coisa toda. Então ela riu. Seus olhos brilharam com admiração, como se estivesse ouvindo o som pela primeira vez. Então ele continuou fazendo tudo e qualquer coisa para fazê-la rir, gravando em seu telefone, enviando para todos, inclusive para mim, que estava na sala quando tudo aconteceu e depois mandou o vídeo para sua mãe e seu pai.

— Bailey? — Ele chama, sua voz alta e olho para longe vendo-o arrastar o dedo na bochecha de Sunday.

— Sinto muito, você disse alguma coisa?

Ele sorri.

— Sim, perguntei se você acha que o médico estava dizendo a verdade. — Ele sussurra, antes de se inclinar na cama. Olha ao redor, observando a enfermeira nas proximidades com cautela. — Parecia velho demais para fazer esse trabalho. E se ele esqueceu os sintomas de um bebê realmente doente?

E eu o perdi novamente.

— Aiden, você está fazendo-o perder tempo. Enquanto estão correndo atrás de você, poderiam estar tratando um bebê doente. E se fosse Sunday e alguns pais protetores estivessem ocupando todo o tempo dos médicos?

Ele estreita os olhos. — Eu não sou protetor.

— Aiden, no outro dia você a cercou com travesseiros e cobertores mesmo que ela estivesse amarrada e em segurança.

— Aquela coisa pula. — Ele murmura.

— Eu sei, você ainda estava pulando uma hora depois que eu a coloquei na cama.

Ele sorri, mas depois desaparece. — É um hábito, como levantar a perna quando você peida.

Eca.

Aperto meu rosto. — Isso é nojento. — Murmuro.

Ele ri, pegando o pequeno cardigã tricotado que Mary fez. — Vamos, vamos. Pedirei para mamãe verificá-la.

Eu gemo.

— Sua mãe dirá a mesma coisa.

Apenas então o telefone dele começa a tocar. Ele olha para baixo, com os olhos arregalados. — Meu Deus.

— O que? — Eu pergunto preocupada.

— Eu tenho poderes mágicos. — Ele me informa, segurando o telefone para que possa ver a tela. Reviro os olhos enquanto ele atende a mãe.

— Oi, mamãe. Como você sabia que estava no hospital? E quanto a Landon? O que?

Sua linguagem corporal muda, seu corpo inteiro fica tenso. Sua cabeça empurra para o lado e a tensão ao redor dele duplica. Ele deixa cair o braço segurando o celular ao lado e ainda consigo ouvir sua mãe na linha. Pegando-o com cuidado, levo-o ao ouvido.

— É Bailey, está tudo bem?

*** **

Aiden

É como se estivesse no piloto automático enquanto atravessava as portas do hospital para onde mamãe disse que Landon foi levado.

O corredor já está cheio de familiares, todos abraçados e chorando juntos. Eu não me importo. Apenas preciso ver por mim

mesmo. Para ver se mamãe estava certa. E se alguém machucou Landon, então não foi uma luta justa. Ele pegava três caras de cada vez e não suava nada. Para se machucar tanto quanto mamãe descreveu... temo pensar no que usaram nele.

Isso não está certo. Eles entenderam errado.

Dando mais dois passos, Bailey bem atrás de mim, carregando Sunday, me aproximo de mamãe, que está segurando Hayden. Eu me esforço para respirar com a visão dela chorando, parecendo vulnerável pela primeira vez em sua vida. Liam não está muito melhor. As palmas das mãos dele estão descansando na janela de vidro do quarto que está olhando dentro, dor clara em seu rosto. Eu posso ver que está lutando para se segurar. Não posso nem imaginar o que estão passando agora. Ele é o trigêmeo deles, o mais velho. Eram os únicos garotos que seus pais tinham, o que os tornava ainda mais próximos, mesmo que não tivessem a estranha coisa do vínculo triplo.

Raiva me invade quando passo ao lado de Liam e olho para o quarto. Médicos e enfermeiras correm, tentando estabilizá-lo. Max e Lake estão lá dentro, recusando-se a sair quando a enfermeira lhes pede.

Estou com muito medo de perguntar o que aconteceu, para cortar o silêncio, sabendo que as pessoas estão tão confusas tanto quanto eu.

Passos correndo pelo corredor me faz virar. O rosto do papai é uma máscara de dor.

— Onde ele está? — Pergunta e não acho que ele esteja perguntando sobre Landon.

Estou certo quando mamãe responde. — Ele não deixará o quarto. Nenhum deles irá.

Papai acena antes de entrar no quarto de Landon. O tio Max desmorona ao vê-lo. O corredor de repente se acalma, todos nós observamos quando meu tio cai nos braços de papai, seus soluços rompendo o silêncio.

Papai puxa Lake contra ele quando ela desmorona também, seu olhar nunca saindo de seu filho deitado na cama do hospital.

Eu posso ver daqui que é ruim. Seu estômago está cheio de sangue e seu rosto está deformado. Seu nariz está partido em mais de um lugar e sua mandíbula parece ter sido arrancada. Seu ouvido está rasgado.

Minha visão é obstruída quando uma enfermeira pisa na frente dele, mas minha atenção volta pelo corredor quando ouço mais passos.

Porra!

O rosto de Charlotte está vermelho de lágrimas quando ela voa pelo corredor.

— Não é verdade, é Hayden? — Ela grita, sua voz tremendo.

Hayden olha para cima dos ombros de mamãe, os olhos inchados e vermelhos. Ela balança a cabeça, sem dizer nada, então, de repente, ela e Liam suspiram.

Eu vejo quando compartilham um olhar de horror, antes que ela corra para seu irmão ao lado da janela.

— Não! — Ela soluça, assim que ouvimos as máquinas estridentes.

— O que aconteceu? — Max grita, com pânico em sua voz.

— Está fibrilando. Estamos perdendo ele. — Grita um médico.

— Não! — Lake grita. Eu fico olhando, colado no lugar enquanto ela cai no chão. Não parece real enquanto vejo a equipe médica se movimentar em um borrão de movimento.

— Precisamos que você saia. — Diz uma enfermeira gentilmente. Papai tenta, realmente tenta, mas é como se todos estivessem congelados no lugar.

Meus pulmões congelam enquanto os vejo prender sensores no peito dele e sinto Bailey chegar ao meu lado. Eu pego a mão dela e aperto, sentindo lágrimas se formando na parte de trás dos meus olhos e um nó na minha garganta.

Charlotte, parecendo desgrenhada, corre para a sala gritando com Landon.

— É melhor você acordar, Landon. Acorde! — Ela grita. Tio Myles, com uma expressão torturada, agarra-a pela cintura, puxando-a para fora do quarto. Mas ela chora, chuta e grita.

— Acorde Landon. Acorde! Não me deixe!

— Não. — Uma voz suave chora e viro a cabeça para o novo som, surpreso ao encontrar Paisley ali. Uma enfermeira corre para ela por trás, como se estivesse procurando por ela e minhas sobrancelhas se erguem.

— Não! — Ela soluça mais uma vez, antes de seus olhos fecharem e ela cair no chão.

Eu dou um passo em direção a ela quando percebo um corte em seu braço, mas mais enfermeiras correm para ajudar. Olho para cima e para baixo no corredor do hospital e sinto meu mundo implodir.

Meus joelhos ficam juntos quando os ouço gritar:

— Novamente.

— Ainda sem pulso. — Uma voz masculina explode.

Nós nunca vamos nos recuperar disso.

Quando olho ao redor, vendo minha família desmoronar e cair aos pedaços, prometo fazer pagar muito caro quem o pegou.

Maddox encontra meu olhar duro e acena com a cabeça, como se estivesse lendo minha mente, seu queixo duro e sua garganta trabalhando, lutando para não deixar suas emoções tomarem conta.

Mark encontra meu olhar em seguida, seu queixo se elevando, dizendo que ele também está dentro.

Quem quer que sejam os caras que fizeram isso, gostariam de nunca ter nascido quando acabarmos com eles.

Queremos retribuição, vingança, mesmo que isso signifique passar por cima de uma linha que nunca cruzamos.

E um Carter nunca faz ameaças que não mantém.

E nós sempre conseguimos o que queremos.

NOTA DO AUTOR

Aposto que você está se perguntando de quem é o próximo livro, certo? Aposto que você está me amaldiçoando por deixá-lo com um gancho do tamanho de uma montanha, tão traumático. Eu diria que sinto muito, mas não sinto. RIO MUITO. Realmente amo torturar todos vocês.

Quanto ao próximo livro da série... nunca contarei.

O que posso revelar e estou feliz em anunciar pela primeira vez, é que os irmãos Hayes terão sua própria série!

Sim, você ouviu direito.

E se gostou de conhecer Jaxon e o resto de seus irmãos selvagens, por favor, me conte deixando um comentário no Amazon, Goodreads, Nook ou Kobo. Gostarei de ler o que vocês acharam, como sempre.

O mesmo vale para Aiden. E se amou o livro dele tanto quanto amei escrever, por favor, deixe um comentário.

Quero agradecer a todos os leitores que leem meus livros e se apaixonam pelos personagens tanto quanto eu.

Seu apoio significa mais para mim do que você jamais saberá.

Por favor, continue lendo e continue compartilhando.

NEXT GENERATION
CARTER BROTHER #2

AIDEN

Vocês são incríveis.

Stephanie Farrant, muito obrigada por estar sempre lá quando preciso, por me guiar quando estou um pouco perdida.

Como sempre, você é demais.

Pode ser pequena, mas é poderosa.

**NEXT GENERATION
CARTER BROTHER #2**

AIDEN

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook! Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir. Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

AVISO 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam

dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente! Nós do PL somos contra e distribuimos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).